

DUNGEONS *and* DRAMA

Kristy Boyce

Author of *Hot British Boyfriend*



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





especial
de aniversário
tea & honey books
2024



ATENÇÃO!

Nosso grupo traduz voluntariamente livros sem previsão de lançamento no Brasil com o intuito de levar reconhecimento às obras para que futuramente sejam publicadas. O *THB* não aceita doações de nenhum tipo e proíbe que suas traduções sejam vendidas. Também deixamos claro que, caso os livros sejam comprados por editoras no Brasil, retiraremos de todos os nossos canais e proibiremos a circulação através de gds e grupos, descumprindo, bloquearemos o responsável. Nosso intuito é que os livros sejam reconhecidos no Brasil e fazer com que leitores que nunca comprariam as obras em inglês passem a conhecer. Nunca diga que leu o livro em português, alguns autores (e eles estão certos) não entendem o motivo de fazermos isso e o grupo pode ser prejudicado. Não distribua os livros em grupos abertos ou blogs. Além disso, nós do grupo sempre procuramos adquirir as obras dos autores que traduzimos e também reforçamos a importância de apoiá-los, se você tem condições, por favor adquira as obras também. **Todos os créditos aos autores e editoras.**

AVISO DE CONTEÚDO

POR THB

Tropes do livro:

☒ falta de comunicação

☒ namoro falso

Esta obra apresenta representatividade LGBT, incluindo personagens gays, embora com mínima aparição. Além disso, aborda temas sensíveis que podem atuar como gatilhos emocionais, tais como insegurança, problemas familiares e falta de comunicação. Leitores que possam ser afetados por esses temas são aconselhados a proceder com cautela.

Conteúdo

[Dedicatória](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

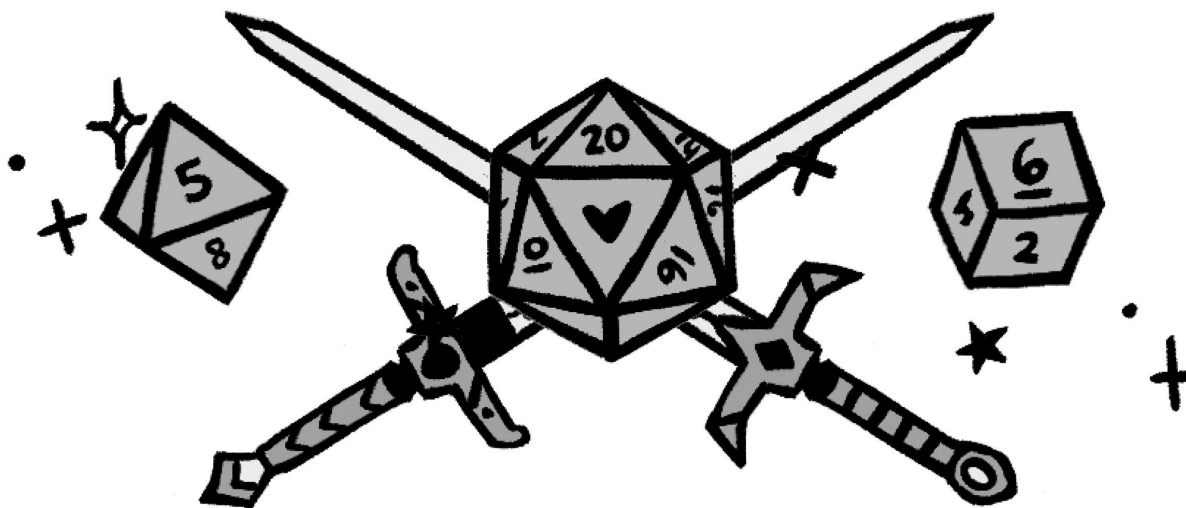
[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Seis Meses Depois](#)

[Agradecimentos](#)

MIKE, ESTE É SÓ PARA VOCÊ.

Capítulo Um



De todas as punições que meus pais poderiam ter escolhido, não posso acreditar que eles escolheram essa.

— Riley — mamãe diz do banco do motorista do nosso SUV —, eu não quero ver você de mau humor hoje. Você mesma causou isso e parte do acordo é que você terá uma boa atitude.

Afundo ainda mais em meu assento, a memória de mim mesma e de minha melhor amiga, Hoshiko, nesses mesmos assentos ainda forte em minha mente. Apenas alguns dias atrás, estávamos ouvindo a gravação original do elenco da Broadway de *Waitress*, rindo e debatendo se os atores iriam pedir autógrafos após o show. E agora...

— Tem certeza de que não podemos rever isso, mãe?

— Não. — Ela olha para mim e de volta para a pista. — Ainda não acho que você esteja entendendo a decisão perigosa que tomou na noite de sexta-feira. Como seu pai e eu devemos confiar em você sozinha em casa depois disso?

Ok, não foi a *melhor* decisão pegar o carro da mamãe sem a permissão dela enquanto ela estava fora da cidade a negócios. E sim, dirigi várias horas na estrada à noite para chegar a Columbus, com Hoshiko... e sem carteira de motorista. Mas não fomos paradas nem sofremos um acidente! Na verdade, você poderia argumentar que eu deveria ter dirigido mais rápido, porque então eu teria chegado em casa antes da mamãe e não receberia este sermão agora. Mas não acho que vou usar esse argumento com ela tão cedo.

— Mas trabalhar na *loja* do papai? — eu sussurro.

Ela aperta os lábios como se quisesse simpatizar, mas estivesse lutando contra isso.

— Seu pai sugeriu que você passasse as tardes com ele, já que estou muito ocupada no trabalho para ficar em casa depois da escola com você. Não é minha culpa que ele seja tão apegado a esta loja dele.

O tom de amargura quando ela menciona a loja do meu pai só aumenta minha frustração. Mamãe nunca gostou da loja. Esse foi um dos principais motivos do divórcio, e sempre estive firmemente do lado de mamãe em relação a tudo isso. Nunca me ocorreu que ela concordaria que eu trabalhasse lá como punição. Eu realmente imaginei que mamãe entenderia que meu amor pelo teatro musical superava minha tomada de decisão lógica (e as leis estaduais de trânsito). No que diz respeito a Sara Bareilles, não há nenhum limite que eu não esteja disposta a cruzar.

Estou prestes a discutir mais quando ela entra no estacionamento. Nós duas ficamos sentadas por um segundo, observando a loja. Não é uma visão particularmente agradável, apesar do céu azul e do clima ensolarado de setembro. A loja dele fica em um shopping decadente em Scottsville, minha cidade natal na zona rural de Ohio, que tem mais do que seu quinhão de praças degradadas. Algumas das outras vitrines aqui estão vazias, embora haja uma pizzaria local ao lado e algumas letras

tenham caído da sinalização. Não está me ajudando a ter um humor melhor.

— Seu pai está esperando — ela diz.

Não estive neste estacionamento desde que passamos por aqui há cinco anos, quando meu pai explorou o local pela primeira vez e eles ainda eram casados. Uma sensação sombria e profunda toma conta de mim quando meus pés atingem o concreto.

— Shannon. — Papai acena para ela enquanto ela pisa na calçada.

Ela acena de volta, embora mantenha uma distância maior do que o estritamente necessário.

— Ei, Joel.

Eles não poderiam ser mais diferentes. Mamãe está estilosa como sempre, com o cabelo loiro preso em um coque baixo, vestindo blusa, calças largas e saltos altos demais para a maioria das pessoas usarem. Papai, por outro lado, usa jeans mal ajustados e uma camiseta com o Deadpool montando um unicórnio. Para começar, não tenho ideia do que os uniu, mas certamente não foi uma semelhança de aparência – ou de interesses.

— E como está meu chuchu? — papai pergunta, seu grande sorriso reservado para mim.

Hesitante, vou até ele e lhe dou um abraço.

— Olá, pai.

— Pronta para o seu primeiro dia como a mais nova funcionária da Sword and Board Games?

Ele sorri amplamente com a ideia, como se eu estivesse me juntando a ele para um acampamento de verão, em vez de passar as próximas oito semanas trabalhando aqui como “liberdade condicional”, isolada de atividades extracurriculares e amigos. Só consigo fazer uma careta e olhar para a calçada de concreto rachada.

— Tem certeza que você está pronto para isso? — Mamãe pergunta ao papai, e aponta com o queixo para mim como se eu fosse uma criminosa condenada pronta para cavar para sair da prisão com uma colher enferrujada.

— Há anos venho tentando fazer com que Riley venha aqui. Eu esperava que não fosse necessária uma ficha criminal para que isso acontecesse, mas aceitarei o que puder.

Eu gemo.

— Ok, pela última vez, eu não roubei o carro da mamãe! Eu só... peguei emprestado por uma noite. Era mais como um passeio, não um roubo de carro ou algo assim.

— Você tem certeza disso? — papai pergunta com uma sobrancelha levantada.

Eu tenho, na verdade. Hoshiko pesquisou no Google quando estávamos na estrada e nos dirigimos ao show.

— Bem, você não fará nenhum passeio nos próximos dois meses, mocinha — diz mamãe balançando a cabeça. — Ou terá muita *diversão*.

— Estou optando por pensar nisso como um tipo distorcido de bênção — diz papai, tomando cuidado para olhar para mim e não para a mamãe. Eles quase nunca faziam contato visual. — Posso passar bons momentos com minha filha e você pode ampliar seus interesses enquanto estiver aqui.

Suspiro e curvo os ombros. Metade de mim quer se ajoelhar nesta calçada ao lado dos guardanapos e pontas de cigarro descartados e implorar que repensem isso, mas me seguro. A outra metade racional sabe que minha punição poderia ter sido pior. Mas a questão é que não quero passar mais tempo com o papai e não quero trabalhar na loja de jogos dele. Nos últimos cinco anos, passei fins de semana alternados no apartamento dele – assistindo TV, comendo pizza congelada e mal

conversando – e esse é todo o tempo de união que desejo. Ele deixou claras suas prioridades quando escolheu esta loja em vez de mamãe e eu. Ele não deveria ter permissão para ter sua parcela de presença e usufruir dela, mas está claro que o tempo para debater isso acabou.

— Bem... — Mamãe se balança para trás. — Tenha um bom primeiro turno. Estarei de volta às nove para buscá-la.

Dou tchau e tento manter uma expressão neutra enquanto sigo meu pai até a entrada. No grande esquema das coisas, oito semanas não são nada. Um pontinho no tempo. E, felizmente, os preparativos para o musical anual de primavera da nossa escola não começarão antes do final do outono, então – se eu me comportar da melhor maneira possível e reconquistar a confiança deles nos próximos meses – devo estar pronta para ganhar meu lugar como a diretora estudantil do show antes que a Starbucks pare de vender Latte de especiarias de abóbora.

— Aqui estamos! — Papai diz em voz alta, me fazendo pular.

Espio por cima do ombro dele. A loja está escura e silenciosa, embora seja maior do que eu imaginava. Parece um buraco na parede quando vista de fora, mas o interior é realmente espaçoso... ou seria se não estivesse absolutamente abarrotado de coisas. Há um caixa longo à esquerda que fica em uma plataforma, talvez para que os funcionários possam ver todo o andar. O restante do espaço é preenchido com estantes de madeira. Elas não parecem profissionais, então talvez o próprio pai as tenha construído. Reconheço vagamente alguns jogos, como Warhammer, do apartamento do meu pai. Há toneladas de manuais e estatuetas de D&D, caixas de Pokémon e cartas de Magic, e displays de pinceis e tintas em todas as cores para os modelos de jogos de mesa que papai adora colecionar.

Tento evocar um sorriso no rosto, mas estou lutando. Há anos que o meu pai me pede para vir a esta loja. Ele é obcecado por jogos. Jogos de

tabuleiro, role-playing games, videogames, não importa. Eu não me importo com uma rodada de Banco Imobiliário durante as férias, mas isso é até onde meu interesse vai. Com o passar dos anos, isso gerou muita frustração e decepção tanto para ele quanto para mim.

Papai me leva pela loja, apontando todos os produtos e me contando um pouco sobre cada um. Estou tonta com isso. Como vou aprender tudo isso? E se alguém chegar me pedindo um jogo de tabuleiro? Ele não vende exatamente Cara a Cara aqui.

— Ei, Joel? Qual destes você recomendaria para uma criança de 12 anos? — chama um homem magro de quase trinta anos do outro lado da loja. — Forbidden Island ou Ticket to Ride? — Ele mostra dois jogos de tabuleiro que nunca vi antes e gesticula para meu pai se juntar a ele e a uma mulher de meia-idade que está ao lado dele. Um garotinho, provavelmente com menos de cinco anos, está com ela. A mulher parece tão perplexa com as prateleiras quanto eu.

— Só um segundo, Riley — papai diz, e se aproxima. Enfia as mãos nos bolsos e sigo atrás. — Bem, Forbidden Island é ótimo se você gosta de jogo cooperativo, mas se procura algo mais competitivo, recomendo o outro. — A mulher assente, mas reconheço essa expressão. É a mesma que faço quando papai conta fatos sobre exércitos de 40 mil.

— Hum, o que você quer dizer com *cooperativo*? — ela pergunta.

Papai e o homem mais jovem trocam um leve olhar antes de papai dar uma explicação. Em sua concentração, ela solta a mão do filho e ele se afasta. Dou alguns passos em sua direção. Há mercadorias empilhadas precariamente nas prateleiras, e uma criança poderia fazer bastante bagunça aqui rapidamente. Não estou interessada em arrumar prateleiras no meu primeiro dia aqui.

— Pikachu! — ele grita e pega uma caixa de cartas que está no caixa.

Aproximo-me dele, sem saber o que devo fazer, mas sabendo que preciso fazer alguma coisa. Ele olha para mim.

— Você está brilhante.

Eu olho para mim mesma. O look do dia de hoje nem é um dos meus estilos mais ousados – eu buscava principalmente conforto depois de alguns dias difíceis. Estou vestindo jeans laranja com uma camisa de babados azul-cobalto, joias grossas e meus Vans xadrez roxos favoritos. Sei que meu estilo não é como o da maioria das pessoas, mas decidi há muito tempo que quero usar roupas que os outros notem. Nada de preto, bege, marrom ou azul marinho para mim. Eu não gosto de me misturar.

— Bem, obrigada. — Aponto para as cartas. — Você joga Pokémon?

— Não, mas eu assisto o desenho animado.

Eu sorrio e aceno com a cabeça. Eu também fazia isso quando era mais jovem. Você não cresce como filha de um jogador sério sem ser apresentada a muitos conteúdos.

— Meu favorito sempre foi a Jigglypuff.

Ele semicerra os olhos para mim.

— O que é Jigglypuff?

Eu finjo choque.

— Apenas o Pokémon mais fofo de todos os tempos! É rosa e redonda e adora cantar, mas sempre que canta faz as pessoas dormirem. E então ele fica mal-humorado e incha as bochechas assim. — Estufo as bochechas como se eu fosse um esquilo com muitas nozes na boca. Então bato nas bochechas com as mãos para que todo o ar saia. Eu sorrio para mim mesma, lembrando como eu fazia isso com papai quando era pequena. Foram tempos melhores entre nós.

O garotinho ri e chama minha atenção de volta.

— Você está inventando isso.

Na verdade não estou, mas não há tempo para discutir porque ele já está se afastando de novo. Lembro-me de uma tigela de doces que vi atrás do balcão.

— Você quer um pirulito?

Seus olhos brilham.

— Hum, sim!

— Com licença, tem problema se ele pegar um pirulito? — eu chamo a mãe dele.

Ela acena com gratidão.

— Isso seria ótimo.

Eu o levo até o caixa para pegar a tigela de doces, mas pulo quando alguém se aperta atrás de mim. É um garoto branco da minha escola – Nathan Wheeler. Ele está vestindo uma camiseta preta e jeans, seu cabelo escuro está balançando em direções diferentes, como se ele tivesse passado os dedos por ele muitas vezes, e seus grandes óculos pretos estão deslizando em seu nariz. Estudamos juntos desde o ensino fundamental, mas quase não o vejo por aí. Não acho que ele esteja envolvido em muita coisa – definitivamente não nos programas de música ou teatro onde passo todo o meu tempo.

Ele rapidamente pega um baralho lacrado de trás do balcão e o coloca no bolso de trás. Ele balança a cabeça quando vê que estou olhando, então pega um pirulito da tigela.

— Root beer é meu favorito. — Então ele sai em direção aos fundos da loja.

Estou pasma. Ele realmente foi atrás da caixa registradora sem perguntar? E pegou alguma coisa? Olho para papai, esperando que ele também tenha visto isso, mas ele ainda está com o cliente. Eu não posso acreditar que alguém roubou dele nos meus primeiros cinco minutos aqui.

— Só um segundo — digo ao menino e caminho em direção ao papai.

— E o meu pirulito?

— O quê? — Volto-me para o garoto, que está apontando para o balcão. — Ah, hum, claro. — Pego a tigela e a abaixo para ele, mantendo os olhos em papai e ao mesmo tempo me certificando de que Nathan ainda não saiu da loja.

O homem com papai gesticula para a mulher segui-lo até o caixa, e papai me indica uma porta nos fundos da loja. Eu franzo a testa e o sigo.

— Esta é a sala de jogos, onde realizamos eventos à noite e nos fins de semana e onde as pessoas podem vir brincar com os produtos — explica papai assim que estou perto o suficiente para ouvi-lo. Entramos em uma sala aberta cheia de grandes mesas e cadeiras. Uma gigantesca cabeça de dragão está montada na parede. — Temos muitos frequentadores que utilizam o espaço. — Ele aponta para dois homens parados perto de uma mesa no canto de trás.

— Você finalmente conseguiu uma nova namorada? — um deles diz e acena para mim. Ele tem cabelos grisalhos ralos e um moletom do estado de Ohio. Meus olhos se abrem em horror com suas palavras.

— Comporte-se, Fred. Esta é minha filha.

— É bom ver um novo rosto aqui. Estou acostumado a ficar olhando para esse velhote o tempo todo — diz o outro homem, e aponta para seu companheiro de mesa. Ele é mais baixo e redondo, com uma camisa velha do Batman.

Papai ri e abaixa a voz.

— Esses são Fred e Arthur. Ambos estão aposentados, então estão aqui quase todos os dias jogando Flames of War.

Balanço minha cabeça em confusão. Eu não consigo acompanhar os nomes de todos os jogos, principalmente quando estou distraída com o

que aconteceu com Nathan. Devo interromper o papai agora para contar a ele ou esperar para encontrar um lugar longe dos clientes?

— É um jogo de mesa onde eles reencenam batalhas de guerra — explica papai, completamente alheio à minha incerteza. Ele está claramente animado para exibir sua loja depois de eu tê-la evitado por tanto tempo. — Pessoalmente, não é o meu favorito. Eu sempre gostei de um pequeno elemento de fantasia aqui e ali. De qualquer forma, o espaço para os jogos de mesa fica nos fundos e temos um pequeno esquema de vendas. Está no sistema de honra. — Ele aponta para caixas abertas de salgadinhos e doces e uma geladeira com refrigerantes na parede dos fundos antes de voltar sua atenção para um grupo de garotos reunidos em torno de uma mesa. — Olha quem está aqui. Nathan, venha um segundo.

Meus olhos se arregalam – estou muito presa em meus pensamentos para notá-lo.

Ele trota.

— Está tudo bem?

— Melhor do que ok! — Papai exclama e dá um tapinha nas costas dele como se fossem velhos amigos. — Riley está se juntando a nós na loja. — Ele se vira para mim. — E tenho certeza que você já conhece Nathan da escola?

Minha boca se abre um pouco e olho do meu pai para Nathan. Ah não, isso ficou muito pior. Papai é amigo desse garoto idiota que rouba dele, e agora sou eu quem deve dar a notícia?

Estreito os olhos para Nathan, que está parado serenamente ao lado do meu pai, como se ele não se importasse com o mundo. Posso não me dar muito bem com papai, mas isso não significa que acho legal ver outras pessoas pegarem descaradamente seus produtos e prejudicarem seus negócios.

— Ei, na verdade, preciso falar com Curtis sobre a última remessa de Warhammer — papai nos diz. — Nathan, talvez você possa ajudar Riley a se instalar?

Papai vai para a frente antes que qualquer um de nós possa responder, parecendo estranhamente satisfeito consigo mesmo, e eu coloco a mão no quadril.

— Olha — eu sussurro. — Não sei o que está acontecendo entre você e meu pai, mas apenas me dê o que você pegou e talvez eu não conte a ele o que aconteceu.

Nathan pisca lentamente por trás dos óculos, olha para a mesa onde seus amigos estão nos ignorando e depois dá um tapinha no bolso da frente da calça jeans.

— Hmm, eu ainda tenho isso. Isso servirá? — Ele estende sua embalagem de pirulito para mim.

— Muito engraçado. Você sabe que estou falando daquelas cartas atrás do balcão.

Agora ele ri, e eu poderia ter ficado encantada com a maneira como ele joga a cabeça para trás se não fosse pelo fato de que a ação me faz sentir tão pequena quanto um dos modelos em miniatura com quem Fred e Arthur estão brincando do outro lado do recinto.

— Uau — ele continua. — Isso que eu chamo de uma maneira de tirar conclusões absolutamente bizarras sem fazer uma única pergunta. Você sabe que eu trabalho aqui, certo? E que comprei esses cartões com meu próprio dinheiro? Ou você realmente achou que eu os roubei na sua frente e depois *fiquei na loja*? Que tipo de ladrãozinho você me considera?

— Eu... bem... — Ele é um *funcionário*? Olho ao redor freneticamente, desesperada por qualquer coisa que me salve dessa conversa. — Um ladrão muito ruim, eu acho?

— O pior ladrão que já existiu nesta terra.

Reúno os fios desgastados da minha dignidade e aponto para ele.

— Agora, espere um segundo, não vire isso contra mim. Como eu deveria saber o que estava acontecendo? Não vi você sacando dinheiro. Eu entro e dois minutos depois você está andando atrás do balcão e pegando alguma coisa sem dizer uma palavra!

Ele descarta meu argumento como se não houvesse nada a ser explicado.

— Joel disse que você vai se juntar a nós na loja, por favor, me diga que ele quis dizer que você vai nos visitar pelos próximos cinco minutos antes de sair para sempre e não, você sabe, *trabalhar* aqui.

— Diga olá à sua mais nova colega. — Eu sorrio maldosamente e coloco as mãos ao lado do corpo.

— Sério? Mas você joga pelo menos, certo? Jogos de tabuleiro, mesa, cartas, alguma coisa?

— Nada.

Ele geme.

— Ugh, isso não. Claro que você não joga.

— Com licença?

— Você não pode trabalhar em uma loja de jogos e não jogar. Ou pior, desdenhar dos jogos — responde.

— Eu não desdenho.

Mas meu tom me denuncia. Não se trata dos jogos em si. Tenho certeza de que essas coisas podem ser divertidas; caso contrário, papai não teria condições de morar sozinho, mesmo que fosse em um apartamento pequeno. Mas sempre que penso nesta loja, penso no divórcio dos meus pais. Tenho certeza de que eles devem ter sido felizes em algum momento, mas o que me lembro é de papai colocando na cabeça que queria abrir sua própria loja e mamãe tentando dissuadi-lo

por causa das despesas e do comprometimento de tempo. Ele tinha um bom emprego em TI antes disso. Mas ele estava tão obcecado com a ideia que isso os separou. Eu sempre desejei que papai simplesmente desistisse dos jogos. Quanto eles poderiam importar? Mais do que mamãe? Mais que eu? A resposta foi bastante clara.

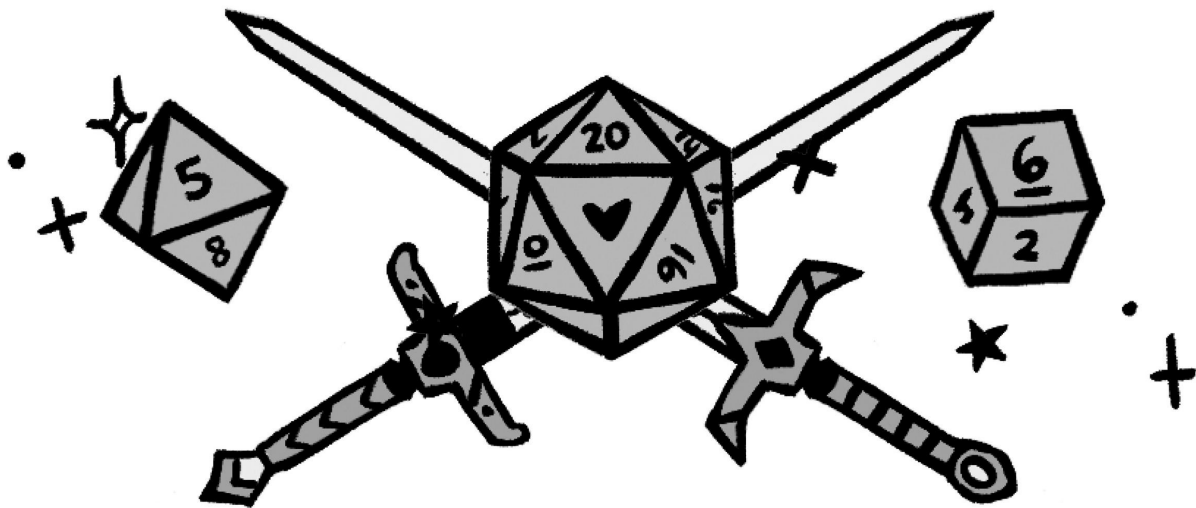
Eu olho para cima desafiadoramente.

— Não é minha praia. Acho que não herdei o gene.

— Ótimo. Bem, estou absolutamente emocionado por trabalharmos juntos, então.

Ele se afasta e tenho vontade de sair correndo pela porta da frente e entrar no trânsito em sentido contrário.

Capítulo Dois



Nunca fiquei tão feliz por estar de volta à escola. Mamãe não chegou ao ponto de tirar meu telefone, então passei a noite de domingo atualizando Hoshiko sobre tudo o que aconteceu na loja e lamentando que não ficaríamos na casa uma da outra até que meu período de liberdade condicional terminasse. Essa punição estúpida me deixa ainda mais grata por estar sentada ao lado dela no coral na segunda-feira.

— Sinto muito, Riley — ela diz pela centésima vez. — Eu deveria ter dissuadido você de ir ao teatro. De alguma forma.

Levanto uma sobrancelha e ela ri e brinca com as pontas de sua longa trança tipo rabo de peixe. Hoshiko é mestre em trançar seus longos cabelos negros e geralmente chega à escola com uma trança diferente a cada dia. Ela e eu não temos exatamente o mesmo estilo – na maioria dos dias ela usa calças de ioga e uma camiseta de um dos muitos acampamentos de dança e teatro que ela frequentou nos verões

passados –, mas gosto que cada uma de nós tenha sua própria maneira de expressar nossa criatividade.

Ela não deveria se culpar pelo que aconteceu. Nós duas sabemos que posso ser impulsiva, e nada nem ninguém iria me convencer a não pegar o carro da mamãe quando o de Hoshiko quebrasse. Não tínhamos gasto centenas de dólares e nos últimos dois meses conversado sobre ver a produção em turnê de *Waitress* só para deixar a oportunidade escapar por entre nossos dedos. E honestamente, mesmo depois de ter problemas com meus pais, meu castigo e aquele interlúdio horrível com Nathan ontem, eu faria isso de novo em um piscar de olhos. Nada se compara a conseguir autógrafos depois e ter o protagonista me desejando sorte com minha direção estudantil. Foi um sonho tornado realidade.

— Então, trabalhar apenas por dois meses, hein? — Hoshiko pergunta com um suspiro. — E você tem certeza de que poderá largar esse emprego quando o musical começar?

— Sim, absolutamente. Não há como eu perder isso.

Os ombros de Hoshiko relaxam.

— Bom. Eu não quero fazer isso sem você.

É gentil da parte dela dizer isso, mas de jeito nenhum eu a deixaria perder o musical, não importa o que estivesse acontecendo comigo. Hoshiko é a artista mais incrível. Seus pais escolheram o nome dela porque significa *criança estrela* em japonês, o que é perfeito para ela porque ela definitivamente será uma estrela. Na verdade, se ela não fosse minha melhor amiga desde a quarta série, eu provavelmente sentiria ciúmes ridículos dela. Ela é inteligente e linda, é uma cantora incrível e é uma dançarina ainda melhor. Ela tem aulas de balé, jazz e sapateado todas as semanas, e até teve aulas de dança da Broadway.

— Qual musical você acha que eles escolherão este ano? — Ela acena para os pôsteres musicais de anos anteriores que circundam as paredes creme da sala do coral. Eles datam de mais de quinze anos – tempo suficiente para que os mais velhos pareçam um pouco amarelados e antiquados.

— Não sei. É difícil dizer sem a Sra. Bordenkircher por perto. Mas com alguma sorte talvez eu possa ajudar na escolha.

Hoshiko e eu estamos envolvidas com o musical do ensino médio há dois anos, mas nosso amor pelo teatro remonta a quando nos conhecemos em um acampamento de verão de teatro, quando tínhamos nove anos de idade. Fiquei imediatamente atraída por sua alegria e pelo fato de nunca ter tido que diminuir o tom perto dela. Eu poderia ser tão exagerada quanto quisesse, e ela nunca ficava envergonhada ou irritada. Na verdade, vê-la arrasar em todas as apresentações e ao mesmo tempo ser a única garota nipo-americana em nosso grupo me ensinou o que significa ser verdadeiramente confiante no palco. Desde então, nunca nos separamos.

Agora que estou no terceiro ano, meu sonho é me tornar diretora estudantil do nosso musical. Bem, na verdade meu sonho é ser diretora de palco de musicais da Broadway vencedores do Tony Award, mas todos temos que começar de algum lugar. Infelizmente, a diretora do coral e de musicais de longa data da escola se aposentou, então agora tenho que provar meu valor novamente para alguém novo.

Franzo a testa e olho para a Srta. Sahni da minha cadeira nos degraus em camadas. Ela está sentada em frente a um piano, rindo e conversando com alguns outros alunos antes do início da aula. Ela é muito mais estilosa do que a maioria dos nossos professores, e suas joias brilhantes e botins vermelhos falam com a minha alma. Ela é muito jovem – acabou de sair da faculdade – e eu já tenho um sentimento de

que ela será super popular. Provavelmente seria uma boa ideia dizer a ela o quanto estou entusiasmada com a produção deste ano, mas faltam menos de duas semanas para o ano letivo e não quero sobrecarregá-la.

Os outros alunos com quem a senhorita Sahni estava falando voltam aos seus lugares nos degraus e eu me levanto decididamente.

— Tudo bem, vou dizer uma coisa antes de começarmos.

Mas antes que eu possa dar outro passo, alguém se move na minha frente e bloqueia meu caminho. Eu recuo quando vejo quem é. Paul – meu ex e a *última* pessoa que quero ver.

— Olá, Hoshiko. Riley, como você está? — Ele me faz a pergunta como se eu tivesse tido uma morte súbita na família.

Eu me irrita com seu tom. Consegui evitá-lo principalmente desde o Dia do Desastre – meu termo para o dia em junho, quando Paul terminou comigo depois de conseguir o papel principal na produção comunitária de *The Music Man* e eu não conseguir um papel. Estou furiosa desde então, principalmente por causa do tom condescendente dele quando me disse que não teria mais tempo para mim.

— O que você quer dizer? — eu pergunto.

— Eu só estava me perguntando como você tem estado desde, você sabe... tudo com a gente neste verão. Parece que você está me evitando.

Hum, *é claro* que tenho evitado ele. É apenas autopreservação evitar qualquer ferramenta que faça você limpar as bolhas de ranho enquanto diz que seus talentos poderiam ser melhor utilizados como parte da equipe de apoio do palco. Mas também, ele realmente acha que nosso rompimento equivale a um evento traumático real em minha vida? Tenho que conter o impulso de fingir vomitar aos pés dele.

— Eu estou bem. — Levanto o queixo e dou um largo sorriso.

— Sêrio? — Seus olhos se enchem de uma pena indutora de raiva. — Pensei em você no fim de semana e esperava que você não estivesse

muito chateada com tudo.

Hesito por um segundo antes de perceber do que ele provavelmente está falando. *The Music Man* teve seu último show no fim de semana. Sim, tenho certeza que ele pensou muito em mim enquanto estava sendo aplaudido de pé por seu papel principal e flertando com todas as atrizes de sua idade.

Hoshiko me dá uma cotovelada

— Tivemos um tempo maravilhoso na sexta-feira.

Eu concordo.

— Sim, incrível. Vimos *Waitress* na Columbus. E ganhamos autógrafos depois.

— Uau, legal. É um ótimo show, meus pais e eu o vimos em Nova York quando Jessie Mueller ainda estava se apresentando com o elenco original. Tenho certeza de que o elenco da turnê também foi bom.

Olho para Hoshiko – ela está tentando controlar seu aborrecimento, mas sério, o que eu vi nesse cara? Não me lembro dele ser assim quando estávamos juntos. Mas, sejamos realistas, eu sei exatamente o que vi nele. Ele é 100% material para ator principal. Ele se parece com Zac Efron durante seus antigos tempos de *High School Musical*, todo cabelo castanho ondulado e sorriso de dentes brancos. E, infelizmente, ele também é tão talentoso quanto Zac. Já posso imaginá-lo conquistando o mundo do teatro assim que se formar e se mudar para Nova York. O pensamento me faz cerrar os punhos.

— Escuta... — Ele olha para Hoshiko e se aproxima de mim como se quisesse tirá-la da conversa. — Nós estamos bem, certo? Nunca tivemos oportunidade de conversar. Espero que você ainda não esteja chateada com o rompimento... fazia sentido, dado o quão ocupado eu estaria. Com todos os ensaios, eu não teria tido tempo de sair de qualquer maneira.

— Sim. Não estou nem um pouco chateada. Na verdade, agora estou super ocupada.

Ele aperta os olhos em confusão.

— Sêrio? Com o quê?

— Tenho um emprego depois da escola — deixo escapar antes que possa pensar melhor.

— Aonde?

Eu silenciosamente me chuto. Eu deveria ter ido embora assim que ele apareceu. Não tenho nenhum interesse em explicar sobre meu novo emprego (ou por que tive que consegui-lo), mas também não suporto deixá-lo pensar que estou sozinha e lamentando por ele enquanto ele está vivendo sua melhor vida. Respiro fundo e jogo os ombros para trás.

— Sword and Board Games.

— Você está trabalhando na loja do seu pai? Mas você não gosta de jogar.

— Claro que gosto. — Dou um passo para longe dele. — Tenho muitos interesses sobre os quais nunca lhe contei.

Paul abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas é interrompido quando a Srta. Sahni bate palmas duas vezes, reunindo nosso grupo de coral. Com isso, começamos nosso aquecimento e estou salva de mais comentários de Paul.

Normalmente, a Srta. Sahni usa cada minuto disponível da aula para praticar o coral, já que só temos uma hora juntos, mas hoje ela nos interrompe dez minutos mais cedo. Ela se senta no banco do piano na frente da sala e examina nosso grupo.

— Ei, pessoal. — Ela espera mais alguns segundos até que façam silêncio completo. — Ouçam, antes de terminarmos, tenho algumas novidades que preciso compartilhar. Como vocês sabem, a Sra. Bordenkircher se aposentou como diretora musical no ano passado, e

parece que a fé da escola em nosso programa musical desapareceu com ela. Pelo que me disseram, a administração sente que o interesse pelo musical da primavera está diminuindo. Menos estudantes têm participado, há menos doações comunitárias e menos vendas de ingressos. — Ela examina a sala, com a cabeça inclinada e as sobrancelhas franzidas em simpatia. — Dada a falta de interesse, eles decidiram economizar dinheiro cortando o orçamento do musical. Então, embora ainda tenhamos coral, isso significa que o musical da primavera foi cancelado.

Há um suspiro simultâneo dos estudantes que só poderia ser produzido por cantores bem treinados e com pulmões fortes. A mão de Hoshiko agarra a minha e aperta com força, mas não consigo tirar os olhos do rosto da Srta. Sahni. Nenhum musical de primavera? Isso não é possível. Temos um musical na escola há quase vinte anos. Mesmo quando outras escolas de ensino médio começaram a abandonar seus musicais e atividades extracurriculares, a nossa permaneceu forte. Eles não podem simplesmente *cortar* isso do nada assim.

— Sinto muito por ter que dar esta notícia a vocês, especialmente quando estamos apenas a algumas semanas do início do ano letivo. Eu sei que isso é um choque enorme. Mas o dinheiro é sempre escasso nas artes, e uma coisa em que podemos concordar é que o espetáculo deve continuar de uma forma ou de outra. Então, em vez disso, mostraremos todos os seus talentos no recital do coral de inverno.

Assim que ela termina de falar, a sala explode em barulho enquanto todos se voltam uns para os outros.

— Isso é tão injusto! — A voz de Hoshiko está vacilante e eu sei que ela está tão com o coração partido quanto eu. Ela pode ser tímida e falar manso durante a vida cotidiana – é apenas no palco que seu verdadeiro

poder e confiança aparecem. Eu sei o quão importante esse show é para ela.

— Não podemos deixar isso assim — eu digo.

Ela balança a cabeça miseravelmente.

— Eu sei. É horrível.

Eu me viro para ela.

— Não, estou falando sério. Isso não pode ser o fim. Tem que haver algo que possamos fazer.

Ela semicerra os olhos para mim.

— Eu gostaria, mas parece bastante decisivo.

— As coisas são sempre decisivas até que você encontre uma maneira de contorná-las — murmuro, e olho para meus Vans xadrez. Hoshiko também estava disposta a desistir de *Waitress*, e eu encontrei uma maneira de nos levar ao show. Claro, pagarei por essa escolha pelas próximas oito semanas, mas a questão é que fiz alguma coisa. E vou fazer algo sobre isso também.

— Vocês acreditam nisso?

Não preciso olhar para cima para saber que é Paul novamente. Aposto que ele está especialmente feliz por ter se apresentado no *The Music Man* neste verão agora que todos nós perdemos nosso musical. Eu nem sequer reconheço sua pergunta.

— Vou falar com a senhorita Sahni — digo a Hoshiko.

— Você e o resto do coro — diz Paul, e aponta para o piano. Com certeza, muitos estudantes já a cercaram e parece que vários estão chorando. É compreensível, mas não é a maneira mais produtiva de usar a energia.

— Não vou desistir — digo, ainda olhando incisivamente para Hoshiko e não para Paul.

Paul se aproxima novamente, como se fôssemos uma pequena equipe.

— Escute, se você quer meu conselho, você deveria esperar um pouco com isso. Ninguém será influenciado por um bando de estudantes do ensino médio choramingando. Mas o dinheiro fala e é assim que você os influencia.

Franzo os lábios, frustrada pelo fato de Paul estar fazendo sentido. Reclamar com a senhorita Sahni não vai adiantar nada. Olhando ao redor da sala para os estudantes perturbados que me cercam, fica claro que ainda há muito interesse em nosso musical. Mas a Sra. Bordenkircher não estava escolhendo musicais nos quais estávamos particularmente interessados – no ano passado fizemos *Pirates of Penzance*, que não está exatamente repetindo em nossas listas de reprodução de musicais da Broadway – e ela era uma sargento totalmente treinada em relação aos ensaios. Apenas os mais dedicados de nós ficaram.

Mas tudo isso poderia ser mudado. Se escolhermos um musical divertido e mais moderno – algo que possa mostrar nossos talentos, reutilizar cenários e figurinos de anos anteriores – aposto que conseguiremos muito mais interesse. A senhorita Sahni seria uma professora muito mais popular para dirigi-lo, e eu ficaria feliz em assumir o cargo de diretora estudantil para ajudar também. E um musical mais popular significaria mais vendas de ingressos. Uma onda de excitação me enche. Isso é totalmente possível e não vou perder as esperanças nisso.

— Parece que você está tramando algo, Riley — Paul diz enquanto me estuda. — Quero ajudar, mas meu diretor de teatro comunitário me pediu para ministrar oficinas de atuação neste outono, então estou obviamente sobrecarregado.

Sim, *obviamente*. Reviro os olhos. Claro que Paul iria querer apagar minha excitação com seu ego transbordante.

— Felizmente não preciso de ajuda. — Eu ando ao redor dele, Hoshiko rapidamente ao meu lado, mas em vez de ir até a Srta. Sahni, vou para o outro lado da sala pelas portas duplas que dão para o corredor.

— Desculpe, mas ele é o pior — diz Hoshiko.

— Não se desculpe comigo... deveria ser o contrário. Não acredito que forcei você a sair com ele na primavera passada.

— Bem, se isso faz você se sentir melhor, ele era muito menos idiota quando vocês dois estavam namorando.

Eu rio.

— Isso me faz sentir excepcionalmente melhor. — Olho por cima do ombro para a senhorita Sahni. — Então, eu tenho uma ideia, mas acho que pode levar algum tempo para colocá-la em prática. Devo passar isso pela Srta. Sahni, de qualquer maneira?

— O sino vai tocar a qualquer segundo.

O coral é a última aula do dia, e provavelmente papai já está esperando lá fora para me levar até a loja. Parte da minha “condicional” significa não ter tempo extra depois da escola e nenhum amigo me levando para qualquer lugar. E mesmo que eu *realmente* odeie admitir, Paul provavelmente está certo. Falar com ela quando não estou preparada não vai ajudar em nada a causa. Preciso de detalhes e planos.

Com toda certeza, o sinal toca e toma a decisão por mim.

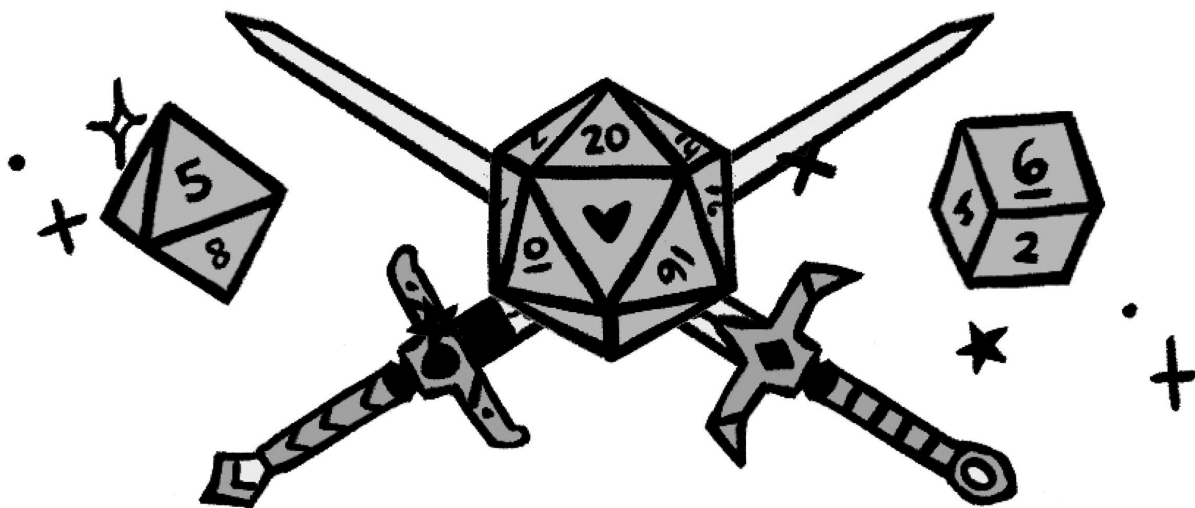
— Ok, vou começar a traçar um plano e depois falarei com ela. — Pego minha mochila e saímos para o corredor com a multidão. — Mas não vou desistir até que você esteja de volta ao palco, radiante sob as luzes.

— E você sendo aplaudida de pé por sua brilhante direção de palco.

Sorrimos uma para a outra e as visões da próxima primavera preenchem minha mente. De uma forma ou de outra, vou fazer com que

isso aconteça, para nós duas.

Capítulo Três



Papai está mais uma vez esperando por mim no estacionamento na tarde seguinte. Entro no carro dele.

— Tem certeza de que não posso deixar que Hoshiko me leve um dia desses?

Ele balança a cabeça.

— Não posso deixar. De qualquer forma, gosto de ir buscar você. Isso me faz pensar em como eu costumava levar você para a escola primária. Você se lembra de como dávamos as mãos e entrávamos juntos na escola?

Reviro os olhos.

— Não tenho mais seis anos, pai.

— Eu não tenho tanta certeza.

Para ser sincera, lembro-me disso. Tenho muitas lembranças felizes dos dias passados, mas elas parecem ter sido há muito tempo. Elas foram empurradas para os recônditos da minha mente pelos últimos

cinco anos de conversas afetadas e feriados e fins de semana separados. Se ele está insatisfeito com a forma como as coisas estão entre nós, ele é o único culpado.

— Riley? Olá?

— Desculpe, eu estava pensando no... meu trabalho de história.

— Alguma coisa interessante acontecendo na escola?

Faço uma careta, lembrando-me do anúncio da Srta. Sahni de ontem. Passei o último dia ruminando sobre isso e ainda não consegui controlar minhas emoções. Sem o musical... como será este ano letivo? Já estou perdendo muito do início do ano porque estou presa nessa loja chata, e agora o resto foi dizimado também. Normalmente todo o meu ano gira em torno do musical. Revendo os papéis e me preparando para as audições com Hoshiko, esperando ansiosamente o anúncio do elenco, comprando figurinos, ajudando nos cenários e depois nos ensaios que preenchem minha primavera da melhor maneira possível. E agora? Nada.

Lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos, mas olho pela janela e fecho a boca. De jeito nenhum vou compartilhar uma palavra sobre isso com papai. Ele pode ter assistido às minhas apresentações ao longo dos anos, mas não sabe nada sobre musicais e nunca tentou aprender. Os tópicos de conversa com ele se limitam a coberturas de pizza, pensamentos sobre meus deveres de casa e professores, e por que estou cansada e preciso de um tempo sozinha. Sem emoções e discussões sobre sonhos desfeitos, muito obrigado.

— É só escola — eu digo calmamente. — Não há nada a dizer.

Papai faz uma careta.

— Tudo bem. Bem, eu estava pensando que quando a loja estiver tranquila, você deveria estudar nosso estoque.

E aqui estamos. De volta ao seu assunto favorito, como sempre.

— Você vai precisar saber a diferença entre os Colonizadores de Catan e Carcassonne — diz ele, e liga a seta.

Levanto uma sobrancelha para ele.

— E quanto a Dungeons and Dragons contra Pathfinder?

— Já ouvi falar de Dungeons and Dragons — digo, encolhendo os ombros.

Ele bufa.

— Bem, espero que sim.

Entramos no estacionamento e eu o sigo para dentro, mas a escola ainda está em minha mente. Se quero ser levada a sério, preciso de um argumento convincente. Eu olho para a loja. Eu teria muito tempo para montar um plano se não estivesse aqui todas as malditas noites. Em vez disso, quase não tenho tempo livre entre a escola, o dever de casa e o horário de trabalho.

Nathan está à minha esquerda, olhando para um jogo de tabuleiro. Seu cabelo escuro precisa desesperadamente de um corte e, como sempre, ele está vestindo uma camiseta de gamer, dessa vez com um videogame que não conheço. Reviro os olhos para sua nova presença em minha vida. Por que ele está na loja quando não tem horário de trabalho hoje? E de alguma forma ele até chegou antes de mim e do papai aqui.

— Ei, Nathan, você tem um segundo? — Papai chama.

Nathan levanta os olhos do jogo, seus olhos se voltam para mim antes de focar em papai.

— Claro. E aí?

— Eu sei que você não está na escala hoje, mas uma remessa de novos jogos chegou mais cedo e eu gostaria de tirá-los do chão. Você se importa em orientar Riley nesse processo antes do jogo começar? A menos que aquela aula de Álgebra Dois já esteja te dando um chute no traseiro e você precise de tempo para fazer o dever de casa?

Eu aperto os olhos em confusão. Papai sabe o horário das aulas de *Nathan*? Nem tenho certeza se ele conhece minha grade de horários, mas isso exigiria que tivéssemos conversas reais. Eu não deveria estar surpresa por ele ser mais próximo de Nathan, dado o quanto eles têm em comum.

— Sim, eu posso fazer isso. Não tem problema — responde Nathan. Talvez seja minha imaginação, mas ele parece irritado antes de substituir sua carranca por uma expressão educadamente neutra.

— Ótimo! — Papai dá um tapinha nas costas dele e olha entre nós. — Isso é fantástico. Vocês dois finalmente terão a chance de se conhecer melhor.

Que sorte.

Olhamos um para o outro com expressão alguma e a voz de papai falha.

— Er... bem, estarei no telefone com os distribuidores se vocês precisarem de alguma coisa.

Papai sai e ficamos em silêncio por mais um segundo. O pavor me enche. Já estava frustrada e agora tenho que trabalhar diretamente com Nathan? Esta noite passou de levemente irritante para absolutamente miserável.

Ele vira a cabeça para a esquerda e eu o sigo até o almoxarifado. É uma bagunça caótica. Há pilhas de caixas por toda parte, junto com pacotes de dados, recipientes de tinta e toneladas de papelão encostados nas paredes. Meus olhos se arregalam.

— Ninguém organiza isto?

Ele olha para mim.

— Claro que organizamos isso. É bastante... — Ele olha de volta e acena com a mão. — Há um método para a loucura. Você descobrirá eventualmente.

Eu dou de ombros.

— Prefiro não ficar aqui tempo suficiente para descobrir.

— Então por que você aceitou o emprego?

Seu tom é muito áspero para que eu possa lhe dar uma resposta real.

— Meus pais queriam que eu fizesse isso — respondo friamente.

— Se você não quer estar aqui, então deveria procurar outra coisa.

Alguns de nós realmente gostamos daqui. E poderia aproveitar as horas em vez delas serem desperdiçadas com você.

Eu me irrita.

— Você está trabalhando agora, não está? Se você está desesperado por mais dinheiro, fale com meu pai.

Ele vira as costas para mim e pega uma caixa do topo da pilha mais próxima.

— Acho que você não aprecia o quão incrível é trabalhar em um lugar como este. A maneira como você está de mau humor faz parecer que é uma punição ou algo assim.

Meus olhos vão para a parte de trás de sua cabeça. Nathan é mais observador do que eu imaginava, mas não há nenhuma maneira de eu admitir minha punição quando ele já é tão crítico.

— Primeiro, por que você está me analisando? Em segundo lugar, a única punição real aqui é trabalhar com você.

— Acredite, eu estava tentando ignorar você, mas suas roupas são tão chamativas que você poderia muito bem estar andando por aí com um megafone para anunciar sua presença.

Ele olha para minha roupa com uma expressão de desgosto. Hoje estou vestindo uma saia plissada vermelha com um colete oversized de bolinhas rosa e vermelho sobre uma camisa de botões azul brilhante. Não é de bom gosto, mas ainda estou bonita.

— Pelo menos tenho um ponto de vista sobre minhas roupas. Você provavelmente só possui camisas do Homem-Aranha.

Nathan faz uma careta para mim por cima do ombro, e eu correspondo seus olhos estreitados com um sorriso desafiador. Ele me entrega um estilete.

— Aqui. Precisamos começar abrindo. Cuidado, isso é muito afiado.

— Qual é a ponta?

Seus olhos se arregalam um pouco antes que ele perceba que estou brincando.

— Isso foi um teste, e agora sei exatamente o quão estúpida você pensa que sou.

Ele apenas grunhe.

Trabalhamos em silêncio, desmontando as caixas, abrindo-as e levando o conteúdo para a frente da loja. Os jogos individualmente não são particularmente pesados, mas quando você começa a empilhá-los, o peso aumenta. Talvez todo esse trabalho pesado ajude quando eu estiver (espero) construindo e movendo cenários para o musical que estará de volta ao cronograma. Em seguida, Nathan começa a reorganizar as prateleiras, empilhando os jogos antigos e abrindo espaço para coisas novas.

Só então, a porta toca com um novo cliente. Nós dois nos viramos e encontramos um homem de meia-idade com uma camiseta do Capitão América entrando, seguido por um cara branco e rechonchudo chamado Lucas, da minha escola. Meu Deus, todo mundo vem à loja diariamente? Lucas e seu pai também estiveram aqui ontem.

Lucas acena para Nathan.

— Achei que você tivesse folga hoje à noite. Você não vai perder D&D, vai?

— Eu estarei lá. Só estou ajudando Joel com o estoque.

Lucas me acolhe com um largo sorriso. Seu cabelo loiro desgrenhado e sua expressão aberta são acolhedores, um pouco como os de um golden retriever fofo.

— Então é verdade — diz ele. — A filha pródiga realmente voltou ao ninho.

— O quê?

— Oh, nada. Nathan e eu estávamos nos perguntando se você já tinha ido à loja e agora você está aqui. Estou feliz por não termos assustado você ainda. — Ele estende a mão para mim e eu a aperto. — Eu queria me apresentar. Meu nome é Lucas Greenwald.

— Olá, Lucas. Eu sou Riley. Embora eu conheça você da escola.

— Eu sei. Mas nunca conversamos.

— Eu não estava pensando se você viria até a loja — diz Nathan. — Lucas estava se perguntando.

Lucas sorri para Nathan.

— Quero conversar mais, Riley, mas preciso me preparar para o jogo. Venha para os fundos e vou apresentá-la a todos. — Ele sai e Nathan e eu continuamos trabalhando em silêncio por mais dez minutos. Quero que isso seja feito o mais rápido possível para que eu possa voltar ao planejamento musical. Por fim, os últimos produtos estão nas prateleiras.

— Deixei um saco de M&M de amendoim atrás do balcão — diz Nathan enquanto se afasta. — Se eu for procurar mais tarde, não chame a polícia.

Reviro os olhos.

— Ahah muito engraçado.

A próxima hora e meia corre bem. Muitas pessoas entram, mas todas vão direto para a liga Warhammer. Papai está correndo na sala dos fundos. Posso ouvi-los rindo e conversando com ele. É estranho

vivenciar esse lado da vida dele. De alguma forma, ao longo dos anos, tive a impressão de que ele estava sozinho. Talvez eu só quisesse acreditar que ele estava sofrendo. Que ele se arrependeu de ter deixado a mamãe e eu. Mas está se tornando aparente que, na verdade, ele é o oposto de solitário. Ele tem amigos em todos os lugares que eu vou, o que significa que todo fim de semana que ele passou comigo foi um fim de semana que ele teve que desistir de ver todos eles. Eu me pergunto se ele estava tão irritado com aqueles fins de semana quanto eu.

Um homem branco de meia-idade me empurra um jogo de tabuleiro.

— Eu preciso devolver isso. Está faltando uma parte.

Olho para o jogo de tabuleiro e volto para ele. Duvido que estivesse faltando alguma peça quando ele comprou. O mais provável é que ele tenha perdido e esteja tentando fingir que foi assim. Eu exponho o meu melhor sorriso de atendimento ao cliente.

— Sinto muito, senhor, mas não podemos aceitar mercadorias que já foram abertas.

Ele franze a testa para mim.

— Como eu poderia saber que faltava uma peça, a menos que eu a abrisse?

— Posso oferecer crédito na loja. — Pelo menos, acho que posso... É difícil manter todas as regras corretas.

— Eu quero meu dinheiro de volta.

— Sinto muito, acho que não posso fazer isso.

— Talvez você não possa, mas alguém pode. Onde está seu gerente?

Tento manter meu sorriso no lugar enquanto olho para a sala dos fundos. Eu esperava não ter que chamar o papai hoje à noite, mas parece que fui iludida.

— Apenas espere aqui, senhor, e eu vou chamá-lo.

Corro pelas prateleiras de mercadorias e entro na sala dos fundos. Assim que entro, pelo menos dez rostos se voltam em minha direção. Há apenas duas outras mulheres na sala e ambas são muito mais velhas que eu.

Papai olha.

— Riley? O que está acontecendo?

— Tem um cliente na frente que quer o retorno da mercadoria aberta. Ele suspira e larga o iPad.

— Sempre tem. Eu cuidarei disso. — Ele olha para Nathan, que está sentado no canto de trás com seus amigos. Nathan deve ser seu braço direito, porque ele chega antes que papai possa dizer alguma coisa. — Desculpe continuar fazendo isso com você, mas você se importa em rodar este jogo por alguns minutos enquanto eu trato de algo?

— Claro. — Nathan pega o iPad e Lucas me leva até a mesa de jogo. Eu provavelmente deveria seguir o papai em vez de ficar aqui atrás, mas gostaria de evitar esse cliente em questão, se possível.

— No momento ideal! Agora você pode conhecer todo mundo — diz Lucas quando me aproximo. — Este é John Turner. — Um garoto branco e magro, com cabelo castanho curto e camisa pólo olha para cima apenas o tempo suficiente para acenar com a cabeça. Lucas aponta ao lado dele para um garoto latino com olhos e pele castanhos claros. — E este é Anthony Santos. Pessoal, esta é Riley, filha de Joel.

— Minha noite ficou ainda melhor. É um prazer conhecer você, Riley — diz Anthony. Ele me dá um sorriso. — Fico feliz em lhe mostrar o local, se você quiser.

Na verdade, ele pisca para mim, mas está tão despreocupado e relaxado que só consigo rir. Este é certamente um grupo interessante de meninos.

— Já fiz o tour, mas obrigada pela oferta.

John suspira.

— Eu estava no meio de um lançamento de bola de fogo.

— Tudo bem, role seu dano — Lucas responde e olha para mim. — Desculpe. John é obstinado quando se trata de jogos.

— Estamos em uma *loja de jogos* — John responde enquanto folheia simultaneamente uma página do livro grosso à sua frente. — O que você espera que eu faça? Flertar com todas as garotas que aparecem como Anthony? Você deveria estar espreitando naquele bar estranho na rua, em vez de ficar sentado aqui conosco.

— Tem que ter dezoito anos ou mais. Já verifiquei — diz Anthony rindo. Ele se inclina para trás e cruza as pernas sobre a mesa. — E isso se chama charme, muito obrigado.

— Só estou dizendo que você poderia ter uma conversa educada — Lucas diz a John, ambos ignorando Anthony enquanto ele abre outro sorriso em minha direção. — Obviamente você não deveria flertar com alguém, a menos que você tenha terminado com Jordan e não tenha mencionado isso.

John bufa.

— Improvável. Jordan é perfeito. Ele nunca me daria um olhar torto por levar a nossa campanha a sério. Podemos continuar com isso agora?

— Espera aí. — Anthony se senta, sua atenção de repente focada no outro lado da sala. Eu giro, meio que esperando que aquele cliente irritado volte aqui. Em vez disso, uma garota branca e esbelta entra. Ela é deslumbrante. Ela tem longos cabelos ruivos – embora pareçam tingidos – e usa uma blusa de renda roxa e brincos de asas de libélula. Não vi muitas pessoas que se destacassem como ela.

— Vejo que ela se dignou a aparecer hoje — Lucas murmura.

— Atrasada como sempre — acrescenta John.

Toda a expressão de Nathan muda quando ele a vê. Seu corpo se ergue, seu sorriso se ilumina e ele para no meio da instrução para cumprimentá-la.

— Quem é ela? — eu sussurro para os caras.

— *Essa* é Sophia. Ela estuda na North com Jordan — Lucas diz em tom calmo.

Ah, isso explicaria por que nunca a vi na escola. Temos duas escolas de ensino médio na região – Central Scottsville High School, onde frequentam todos os que moram na cidade, e North Scottsville, para as áreas rurais vizinhas – e não nos misturamos muito, exceto em partidas esportivas ocasionais.

— Ela é bonita — respondo a Lucas.

— Você não é a única que pensa assim.

Ela sussurra no ouvido de Nathan e depois vem até nós.

— Oi, rapazes, felizes em me ver?

Todos eles acenam sem entusiasmo.

— Eu ficaria mais feliz se você estivesse aqui às cinco horas quando nosso jogo começou, em vez das seis e meia — diz Lucas.

Sophia funga.

— Você sabe que tenho dificuldade em chegar aqui. — Ela se senta e é aí que percebo que ela é uma jogadora como todos eles. Ela faz parte do grupo de D&D.

Ela me olha com cautela.

— Acho que não nos conhecemos.

— Não nos conhecemos. — Eu aceno. — Eu sou Riley. Trabalho aqui.

— Trabalha? Acho que perdi muita coisa.

— Sim, seria útil se você participasse mais do que a cada quatro sessões — responde Lucas. — Isso está atrapalhando a campanha.

— Apenas finja que estou dormindo na taverna ou algo assim. — Ela volta seu foco para mim. — Então, se você trabalha aqui, por que está na sala dos fundos? Você vai entrar no nosso jogo ou algo assim?

— Você definitivamente deveria participar — diz Anthony, e dá um tapinha na cadeira vazia ao lado dele.

— Eu estava apresentando Riley para todo mundo — diz Lucas. — Ela é filha de Joel, então ela estará muito aqui.

— Sim, praticamente todas as noites. — Faço uma careta de um jeito que espero que seja engraçado. — Vocês todos vão ficar cansados de mim. Alguns mais do que outros. — Aponto na direção de Nathan.

— Eh, não se preocupe com ele. Ele vai ficar confortável com você eventualmente — diz Lucas.

— O que está acontecendo entre você e Nathan? — pergunta Sophia. Seu tom é mais desconfiado do que curioso.

— Apenas algumas brigas no local de trabalho — respondo com um encolher de ombros. — Espero que você esteja certo sobre ele, Lucas. Caso contrário, precisarei ativar meu charme só para não brigarmos um com o outro como ajudantes de palco sobrecarregados.

Digo isso como uma piada, mas os olhos de Sophia se estreitam perigosamente em minha direção antes de se voltarem para Nathan. Talvez eu esteja inventando as coisas, mas ela quase parece... ciumenta. Dou um meio sorriso diante do ridículo da ideia, mas a expressão dela só fica mais sombria.

— Vou ver se Nathan precisa de alguma coisa — ela diz ao grupo, e volta até ele. Ele dá a ela um sorriso sentimental assim que a vê, e ela se aproxima para ler o que está no iPad. Tão perto que o peito dela está pressionado contra o braço dele. Ele começa a tagarelar, tão diferente de como agiu perto de mim antes, e ela encontra meu olhar com o queixo ligeiramente saliente.

Dou um passo para trás. Hum, o que aconteceu? Ela poderia muito bem ter feito xixi em Nathan para marcar seu território. Não que eu esteja farejando – ela é bem-vinda com ele e tudo mais neste lugar –, mas isso ainda era muito estranho. Felizmente, papai me chama para a frente e sou poupada de qualquer outra interação.

Passo o resto da noite na caixa registradora, cantarolando a trilha sonora de *Waitress* e tomando notas de todos os musicais em que consigo pensar. Por mais que eu ame teatro musical, há muitas variáveis que não considere ao montar uma produção, como o número de protagonistas masculinos versus femininos, o nível de dança exigido, as taxas de licenciamento de cada um... A lista continua infinitamente. Uma pessoa mais fraca pode desistir, mas estou determinada a resolver isso.

A loja fecha às nove, mas só é às oito e cinquenta que as pessoas comecem a sair da sala dos fundos. Lucas, John e Anthony saem todos amontoados.

— Mas a regra escrita significa que deve funcionar contra os kobolds — diz John. — Com base na descrição do feitiço...

— *Riley!* — Lucas chama. Tenho a impressão de que ele está menos animado em me ver e mais animado em se afastar de John. — Você teve um bom final de noite?

— Sim, muito quieto. Exatamente como eu gosto.

— Sua noite parece melhor do que ver Nathan olhando para Sophia o tempo todo. — Anthony revira os olhos e se encosta no balcão. — Eu deveria ter ficado aqui.

Lucas aponta atrás dele para Nathan, que está na porta da sala dos fundos e colado ao lado de Sophia.

— Ele tem que desistir.

— É constrangedor — diz John com naturalidade. — E isso está arruinando o jogo.

Nathan é uma bola maníaca de energia ao lado dela, bagunçando suas roupas, ficando muito perto, sorrindo e balançando a cabeça comicadamente. Na verdade, preciso estudar isso caso algum dia eu esteja orientando um ator sobre como se comportar como um tolo apaixonado. Sophia, por outro lado, é exatamente o oposto. Ela fica olhando para a porta e verificando o telefone enquanto ele fala.

— É tão na cara assim, hein? — eu pergunto.

Todos eles acenam com a cabeça em uníssono.

— Quando isso começou?

Lucas e Anthony trocam um olhar.

— Início do ano — diz Anthony. — Sophia entrou em busca de dados e Nathan ficou imediatamente fisgado.

— Foi difícil julgá-lo no início — acrescenta Lucas. — Não há muitas garotas da nossa idade que frequentam aqui.

— Uh, não, foi fácil julgá-lo e continuo fazendo isso — diz John sem hesitação. — Ele está agindo como um idiota.

— Nathan a convidou para D&D quando começamos nossa última campanha, há quatro meses, e foi aí que tudo começou — diz Lucas. — Eu gostaria que ele aceitasse que isso nunca vai acontecer e seguisse em frente, em vez de se torturar.

— E o resto de nós — acrescenta John.

— Vocês acham que ela está *tão* fora do alcance dele? — eu pergunto.

— É assim que ela é. Sophia só quer o que não pode ter. É por isso que... — Nathan e Sophia caminham até nós e Lucas muda de frase no meio — acho que o clérigo meio-orc seria o melhor advogado — diz ele com um floreio.

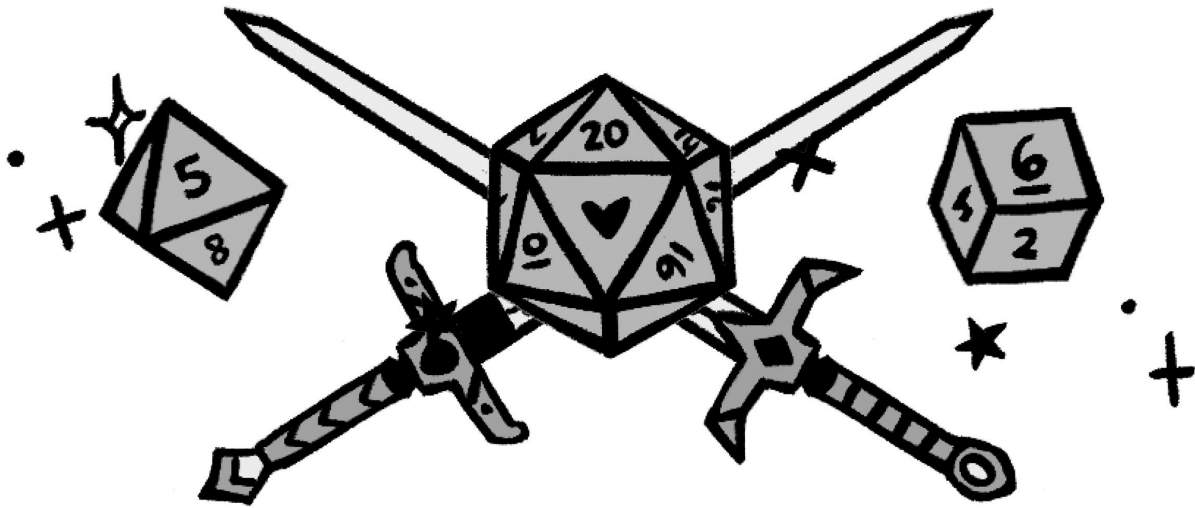
Anthony assente vigorosamente.

— Não posso argumentar contra isso.

— Você é o pior — John murmura.

Abafo uma risada. Nota mental: se eu conseguir colocar esse musical de volta no rumo certo, definitivamente não vou pedir a esses caras que façam testes para papéis. Eles são atores horríveis.

Capítulo Quatro



Quinta à noite, recebo uma folga da loja porque mamãe e eu vamos ter uma noite de garotas. Fiquei preocupada que ela pudesse cancelar como outra forma de punição, mas nós duas as amamos demais para desistir delas. Eu gostaria que pudéssemos fazer isso todas as noites – tantos doces, os pijamas mais macios e um musical que certamente me faria rir e chorar.

Ela sai da cozinha com uma tigela grande de pipoca amanteigada.

— O que devemos assistir esta noite? Talvez *West Side Story*?

Eu gemo. Não me interpretem mal, adoro o filme original de *West Side Story*. Mamãe me deixou assistir quando eu tinha onze anos e era fissurada por histórias de amor, mas infelizmente não recebi o memorando de que era uma releitura de *Romeu e Julieta*, então o final parecia que alguém estava cortando meu coração com uma faca cega. Depois que terminou, lembro-me claramente de sair para o nosso pátio

para poder chorar sozinha na chuva. Uma pequena parte de mim adorava o quão dramática eu estava sendo, mesmo naquela época.

— Acho que não estou preparada para a turbulência emocional de hoje. Que tal um programa confortável?

— *Minha Bela Dama?*

— Perfeito.

Mamãe pega o controle remoto para colocar o filme.

— Então, você não falou muito sobre trabalhar na loja. Como tá indo? Eu dou de ombros.

— Bem, eu acho.

— É bom por dentro? Já faz uma eternidade desde que estive lá.

— Parece que papai projetou e administra.

Ela ri levemente.

— Riley.

— Tudo bem. Ele parece ter um negócio bastante estável. Mas não é tão bonito por dentro como seria se você tivesse feito o interior.

— Bem, obrigada. — Ela mexe no controle remoto. — Tenho certeza de que é ótimo para seu pai ter tanto tempo extra com você agora. Ele pode ver você logo depois da escola e ouvir sobre o seu dia...

O tom da mamãe é estranho, seus olhos baixos, e levo um segundo para descobrir o que está acontecendo. Acho que ela está com um pouco de ciúme do meu novo acordo com papai, o que é *altamente* irônico, já que foi ela quem insistiu no castigo. Acho que faz sentido, no entanto. Mamãe e eu sempre nos demos bem, e seu negócio de design de interiores é muito mais importante para mim do que jogos. Não é exatamente uma cenografia de teatro, mas ela tem que pensar na estética da cor e da iluminação dos espaços e eu aprendi muito acompanhando-a nos locais de trabalho. E não é só isso – nós realmente gostamos de sair. Ela adora se arrumar e brincar com a maquiagem e a

cor do cabelo. Não é incomum eu chegar em casa e descobrir que de repente ela é ruiva em vez de loira. Passamos muitas noites divertidas, assistindo a musicais antigos e experimentando delineado de gatinho.

— Mãe, você sabe que eu ficaria muito mais feliz se estivesse trabalhando com você. E não é como se papai e eu estivéssemos conversando francamente enquanto verificamos os clientes. É apenas um trabalho.

Ela me dá um pequeno sorriso.

— Eu simplesmente odeio pensar que estou perdendo alguma coisa da sua vida. Mas é uma temporada movimentada para mim, então estou indo para todo lado para me encontrar com empreiteiros. Ter você trabalhando na loja do seu pai faz mais sentido. Afinal, deveria ser uma *punição*.

Eu bufo.

— Uau, legal. Não vou repetir isso para o papai.

— Por favor, não diga. — Ela fecha os olhos e gira os ombros para trás. — Sinto muito, eu não deveria ter dito isso. Isso foi mesquinho. Mas toda essa situação parece tão estranha, eu nunca tive que punir você antes. E eu quero que você tenha um bom relacionamento com seu pai, claro que quero, mas...

Ela para e eu estendo a mão para apertar a sua, sem saber o que dizer, mesmo sabendo o que ela quer dizer. Principalmente desde o divórcio, mamãe e eu temos sido mais amigas do que mãe e filha. É uma bagunça, mas a ideia de ser feliz perto do papai parece desleal para ela. Não que eu esteja esperando me divertir muito nas próximas semanas na loja.

— Não vamos mais falar sobre papai ou sobre a loja. — Pego um cobertor e coloco sobre nossas pernas. — Obrigada por não cancelar esta noite.

Ela clica no botão play e pega um punhado de pipoca.

— Eu preciso dessas noites tanto quanto você.

Cantamos “*Wouldn’t it be lovely?*” junto com Audrey Hepburn e depois caio de volta no sofá rindo dos nossos sotaques horríveis. Assim que a cena continua, pego meu telefone e faço algumas anotações sobre o musical. Talvez esta fosse uma boa escolha para propor à senhorita Sahni. Não é moderno, mas é querido, o que pode ajudar na venda de ingressos. Deveríamos ter algumas fantasias utilizáveis de anos anteriores que reduziriam os custos. Não tenho certeza se...

— O que está acontecendo? Você nunca fica entediada quando assistimos musicais.

Eu me assusto e desligo meu telefone. Com tudo o que está acontecendo, percebo que nunca contei a ela o que aconteceu no coral esta semana.

— Mãe, a escola quer se livrar do nosso musical de primavera! Eu sei que eles ameaçaram isso durante anos, mas a Sra. Bordenkircher sempre foi capaz de fazer isso acontecer. Mas agora temos a senhorita Sahni, e ela é muito legal e parece que ela realmente quer fazer isso, mas pode ser tarde demais e todo mundo está tão chateado...

— Uau, espere, você está falando tão rápido que mal consigo entender você. É oficial, então, eles estão definitivamente cortando o musical?

— A senhorita Sahni fez com que tudo parecesse bastante oficial.

Mamãe afunda de volta no sofá.

— Isso é horrível. Que perda para a escola. Você guardou isso o dia todo para não estragar a nossa noite? Estou surpresa que você não tenha gritado sobre isso assim que entrou no carro.

Uma pontada de culpa me atinge quando percebo que não disse nada sobre isso a ela, embora ela sempre tenha sido minha maior defensora do teatro. Agora que passo a maior parte das noites com meu pai, as

coisas estão começando a falhar. Mas depois da conversa que acabamos de ter, não vou contar isso a ela.

— Mas não vou perder as esperanças — digo, ignorando a pergunta dela sobre quando recebi a notícia. — Vou conversar mais com a senhorita Sahni sobre isso. Acho que se ela e eu trabalharmos juntas, poderemos bolar um plano para convencer a administração de que...

— Riley. — A voz da mamãe perdeu o tom suave e triste de um momento antes. — Apesar de tudo isso — ela acena para o filme e a pipoca —, você ainda está em apuros. Você esqueceu que ainda está de castigo por suas últimas escolhas relacionadas ao teatro?

— Não...

— Sinto muito por esses cortes no orçamento. É estúpido da parte deles e tirará uma grande oportunidade do corpo discente. No entanto, não cabe a você consertar isso. Neste momento, você precisa se concentrar em reconquistar nossa confiança, e então poderá pensar no musical.

Eu cerro os dentes em aborrecimento.

— Mas se eu não fizer algo agora, não *haverá* musical!

— Bem, talvez isso não seja a pior coisa do mundo. — Ela aperta a ponta do nariz em frustração. — Sei que antes parecia relutante em relação à loja do seu pai, mas na verdade acho que é uma coisa boa para você. Você ficou obcecada demais por teatro ultimamente. Quero dizer, você dirigiu até Columbus sem carteira só para ver uma produção em turnê da Broadway! Você poderia ter sido presa ou matado você e Hoshiko. Você parece perder todo o bom senso quando se trata de teatro. Sem o musical, você terá tempo na próxima primavera para explorar outras atividades extracurriculares, ingressar em clubes, o que for. E sempre há a produção de teatro comunitário no próximo verão.

Próximo verão?! Faltam nove meses! E a produção do teatro comunitário não é igual à produção do nosso ensino médio. Esses elencos estão cheios de estranhos e pessoas com o dobro da minha idade ou mais. Quero estar com meus amigos no palco da nossa escola. E, o mais importante, quero concorrer a diretora estudantil este ano. Seria minha primeira vez como diretora, e preciso de experiência se quiser ser levada a sério depois do ensino médio.

Começo a discutir, mas seus lábios formam uma linha firme, e percebo que qualquer discussão só prejudicará ainda mais minhas chances. De repente, a voz de Audrey Hepburn não é tão mágica para meus ouvidos. Mas não me importo com o que mamãe diz – não vou deixar isso passar. Eu amo demais musicais para deixar nossa produção escolar escapar por entre meus dedos. Mamãe não disse explicitamente que eu não poderia pesquisar possíveis musicais em meu tempo livre. Ou ter uma conversa casual com minha professora de coral sobre o futuro. Quando minha liberdade condicional terminar, definitivamente estarei de volta às boas graças de meus pais e então poderei obter permissão. Eu sorrio e pego um punhado de pipoca. Ninguém precisa saber de nada até lá.



Quando papai e eu chegamos à loja de jogos na tarde de sexta-feira, ele imediatamente começa uma conversa com alguém sobre doar para um leilão sem fins lucrativos. Talvez esta seja a norma quando você possui uma pequena empresa, mas papai é constantemente solicitado a doar para leilões, organizações ou grupos de jovens, e ele sempre diz sim. Não sei por que ele concorda em patrocinar tantas coisas, mas ele claramente tem uma reputação porque as pessoas continuam pedindo a ele.

Nathan não está em lugar nenhum, mas Lucas está circulando pelos jogos de tabuleiro.

— O que você vai jogar hoje à noite? — Pergunto-lhe.

— D&D novamente. Jogamos duas vezes por semana. — Lucas dá de ombros. — É um pouco intenso, mas eu adoro.

— Então, posso esperar ver Sophia novamente?

— Provavelmente não. Ela quase nunca aparece. — Ele revira os olhos. — Além de toda aquela coisa do Nathan, é uma verdadeira chatice, porque torna difícil mexer o jogo quando os jogadores estão indo e vindo. Eu gostaria de ter pelo menos quatro pessoas confiáveis. — Seus olhos brilham em minha direção. — Na verdade, você deveria se juntar a nós! Você gostaria? É muito divertido.

— Mas não estou aqui para me divertir. — Abro bem os braços. — Estou aqui para trabalhar.

— Aposto que seu pai não faria você trabalhar se você estivesse jogando conosco.

Hmm, bem, essa é uma proposta interessante.

Antes que eu tenha tempo de pensar sobre isso, um sorriso familiar na entrada me faz engolir um grito primitivo.

É Paul.

E ele não está sozinho.

Ele entra na loja, bonito e presunçoso, de mãos dadas com Lainey Lewis. O grito silencioso se intensifica. *Lainey*? Ela atuou ao lado dele em *The Music Man*. Lainey é tudo o que você deseja em uma protagonista. Linda, alta, com rosto expressivo e uma voz linda. Até a aliteração do nome dela parece ter sido feita para uma marquise da Broadway. Eu não a conheço porque ela mora na cidade vizinha, mas imediatamente notei que ela estava olhando para Paul na audição meses antes. Não admira

que ele tenha sido tão rápido em me chutar para o escanteio depois que a lista do elenco saiu.

— Com licença — digo a Lucas, e me escondo atrás de uma prateleira antes que eles possam me ver. Lucas me dá uma expressão confusa e sai para a sala de jogos dos fundos.

Por que Paul e Lainey estão aqui? Eu sei que ele não dá a mínima para jogos, e não consigo imaginar que Lainey passe seu tempo pintando modelos de mesa. Mas Paul sabe que trabalho aqui agora, depois que eu estupidamente deixei escapar isso na sala do coral. Ele realmente viria aqui, de mãos dadas e olhos amorosos com Lainey, só para esfregar isso? Paul pode ser um idiota pomposo, mas nunca pensei que ele fosse cruel.

— Riley?

Eu reprimo uma série de palavrões. Eu deveria ter mantido meus olhos circulando pela loja da mesma forma que meus pensamentos circulam pela minha mente.

Eu me endireito e encontro Paul e Lainey na minha frente, Paul com um olhar incerto no rosto.

— Você está ocupada?

Balanço a cabeça e tento agir como se fosse uma surpresa agradável vê-los de repente na minha frente. O que eu posso fazer totalmente. Eu sou uma atriz. Isto é como uma peça.

— Ah, ei! Não, apenas olhando os produtos aqui. Você sabe, um pequeno inventário.

Ele sorri indulgentemente.

— Ah, certo. Bem, Lainey precisa de um presente para o irmão mais novo dela, então sugeri este lugar, pois sei que você está trabalhando aqui agora. — Ele gesticula para ela. — Você se lembra de Lainey, certo?

A garota que foi escalada para o papel que eu queria desesperadamente? A garota que obviamente flertou com você quando

soube que estávamos juntos? Ah, sim, Paul, eu me lembro de Lainey.

Eu viro meu sorriso completo para ela.

— Definitivamente! Bom te ver.

Ela acena.

— Eu não tenho a menor ideia de tudo isso! É meio idiota, você não acha? — Ela abaixa a voz e se inclina em minha direção. — Tipo, por que os homens adultos ainda brincam com essas coisas? — Ela sorri como se estivéssemos contando uma piada interna. — Mas preciso de algo para a festa de sábado, então aqui estou eu.

— Sim. Cá está você.

Estou fervendo. O que eu sei que é totalmente hipócrita porque também não sou uma grande fã de jogos, mas ela não tem ideia de que meu pai é dono desta loja? E mesmo que Paul não tenha mencionado isso, parece que ela deveria começar supondo que eu poderia gostar de jogar se estou trabalhando aqui. Não sei, talvez ela esteja apenas alheia, mas de qualquer forma eu a detesto ainda mais do que antes.

— Você está pensando em jogos de tabuleiro? Porque temos muito aqui. — Aponto para a prateleira atrás dela e ela pega aleatoriamente uma caixa de jogo.

— *Sessenta dólares?* — ela troca um olhar com Paul. — Por papelão? Eu definitivamente não posso permitir isso.

Rezo aos deuses do teatro para que eu não perca a paciência. *Esta é apenas mais uma cena*, repito para mim mesma.

— Que tal um jogo de cartas? Magia parece ser popular.

Ela franze a testa e acena com a cabeça.

— Sim, isso pode funcionar. Acho que já vi algumas dessas cartas em nossa casa antes.

Eu a levo para aquele corredor. Por alguns momentos, ela e Paul ficam juntos, as cabeças inclinadas um para o outro enquanto examinam as

opções. Talvez eu possa recuar lentamente e desaparecer no éter? Mas então ele se afasta e se vira para mim.

— Então, como você está, Riley?

— O quê? — por favor, me diga que ele não está tentando falar sobre nosso rompimento novamente.

— Na loja? É horrível ou você está gostando daqui?

— Ah. Hum, poderia ser pior.

Ele me dá um de seus sorrisos. Seus sorrisos patenteados, charmosos, que me faziam querer beijá-lo. Por um momento sou inundada por lembranças de nós dois juntos. Decorando falas, harmonizando com “It’s De-Lovely”, comendo casquinhas de sorvete e tentando comê-las antes que derretessem em nossas mãos. E o olhar que ele me dava enquanto eu lambia minha casquinha de sorvete, como se ele estivesse a dois segundos de arrancá-la da minha mão e me beijar até que nenhum de nós pudesse respirar.

Respiro fundo. Eu consigo fazer isso. Talvez ele esteja tentando ser amigável e normal novamente. Se sim, posso tentar também. Tornaria a vida mais fácil se eu tivesse uma relação decente com Paul, já que nos vemos no coral e na escola.

— *The Music Man* acabou indo bem? Me desculpe, não pude ir a um show.

Ele se anima.

— Foi incrível. Nossa diretora conhece o assunto, mas também colabora com o elenco. Eu amo ela. E Lainey absolutamente arrasou.

Concordo com a cabeça e me concentro em não deixar meu sorriso escapar. Estou feliz por ele – ou, pelo menos, *quero estar feliz*. Ele merecia o papel principal. E talvez Lainey merecesse seu papel também. Mas tudo que consigo pensar é o quanto queria estar ali com eles. Eu poderia ter passado meu verão ensaiando e me apresentando, e a dor de

perder é ainda pior sabendo que há uma boa chance de eu também não participar de uma produção nesta primavera. Tudo que eu quero é revisar as falas e memorizar os bloqueios de palco e brincar com o elenco. Sinto falta de estar no meu lugar favorito no mundo: o palco.

Paul deve notar alguma mudança na minha expressão porque ele inclina a cabeça preocupado e me dá um tapinha no braço.

— Isso é demais? Virmos aqui juntos? — ele olha por cima do ombro para Lainey, que ainda está ocupada analisando os diferentes pacotes de cards de Magic. — Eu não estava tentando esfregar isso nem nada, trazendo-a aqui. Não se preocupe, Riley. Você é ótima. Você encontrará outra pessoa, mesmo que demore um pouco.

Eu recuo. Quaisquer sentimentos de tristeza ou nostalgia que eu estava nutrindo fogem com suas palavras e a justa indignação toma seu lugar.

— Eu sei que vou encontrar alguém. Eu já o encontrei. — As palavras saem antes que eu possa pensar, e quase coloco a mão na boca.

— Você encontrou? — ele franze a testa. — Eu não sabia que você estava namorando alguém também. — Seu rosto está cético e isso me corrói.

— É recente.

— Quem é?

— Apenas alguém. Não importa.

Sua carranca se aprofunda e então seus lábios se retorcem em um pequeno sorriso.

— Ah, certo. Claro.

Espere... ele está insinuando que estou inventando isso? Que eu sou uma garota boba e patética que não tem namorado e está fabricando relacionamentos aleatórios só para salvar a aparência?

Quero dizer, ok, sim, é exatamente isso que estou fazendo, mas ele não tem permissão para pensar isso. Por que é tão difícil para ele acreditar que eu poderia ter um novo namorado?

— Você está insinuando que ele não é real?

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Só estou dizendo... de qualquer forma, está tudo bem.

Minhas mãos se fecham em punhos.

— Ele é real.

Lainey se vira para olhar para nós.

— O que você está falando? Quem é real?

— Meu namorado.

— Ah, você tem um novo namorado? Eu o conheço?

Eu tenho que me impedir de revirar os olhos. Como vou saber quem Lainey conhece se nunca nos falamos antes?

— Não sei. Eu duvido. Ele não é um garoto de teatro.

Paul ainda parece cético, mas também um pouco desconcertado. Essa constatação me faz querer fazer uma dança da vitória.

— Qual o nome dele? — ela pergunta.

— Eu já perguntei a ela, mas ela não disse.

Olho entre Lainey e Paul, meu coração disparado e minha mente tão vazia quanto um teatro da Broadway em uma noite de segunda-feira. Preciso dizer algo ou eles não vão acreditar em mim. Quais nomes? Hum... Joel? Ahh, NÃO, esse é o nome do meu pai! Quais são os outros nomes? *Por que não consigo pensar nos nomes dos meninos adolescentes humanos?!* Um vem até mim e eu praticamente grito.

— Nathan!

Paul pisca em estado de choque.

— Nathan? Espere... — Ele olha ao redor da loja. — Você não está falando sobre Nathan Wheeler, está? Ele trabalha aqui, não é?

Você está brincando comigo? Eu tinha certeza de que Paul não iria saber quem é Nathan. Honestamente, não tenho certeza se alguém na escola sabe quem ele é. Ele é basicamente um fantasma lá.

— Como você sabe disso? — eu pergunto.

— Ele sentou na minha frente na história do ano passado. Fizemos um projeto juntos.

Claro que seria a minha sorte.

— É ele? — Lainey sussurra e eu me viro. Nathan apareceu de repente, a porta do almoxarifado balançando atrás dele enquanto ele caminha em minha direção.

— Ei, seu pai quer você lá atrás para ajudar.

Ele não poderia parecer menos romântico ou interessado em mim mesmo se tentasse. Gotas de suor brotam na minha testa. Olho novamente para Paul, que agora parece extremamente cético.

— Certo — respondo fracamente.

Por que esta é a minha vida? Respiro fundo e caminho em direção a Nathan, estampando um sorriso sedutor no rosto.

— Muito obrigada por me contar — digo com a voz mais sensual que consigo reunir. — Eu estarei lá.

— Hum, ok?

Ele me encara como se eu tivesse perdido a cabeça, o que claramente perdi.

Parece que eu deveria fazer algo mais – algo que fará com que isso pareça legítimo e não a coisa mais ridícula do mundo – mas não é como se eu pudesse me jogar em seus braços e beijá-lo. Até a ideia de tentar segurar a mão dele é demais. Ele é capaz de me empurrar como se eu fosse um cachorro raivoso. Mas eu tenho que fazer *alguma coisa*.

Meu cérebro sai do meu corpo completamente e eu me inclino para frente e o beijo no braço. Exceto que eu não consigo me fazer mover

meus lábios para que seja mais como se eu pressionasse minha boca fechada em sua camisa e me afastasse.

Estou surpresa que todo o meu corpo não murche e entre em combustão espontânea, terminando em uma camada de poeira devido ao constrangimento.

Ele olha para mim, boquiaberto, e eu fecho os olhos com força.

— Por favor, aja naturalmente — eu sussurro.

— Você acabou de...

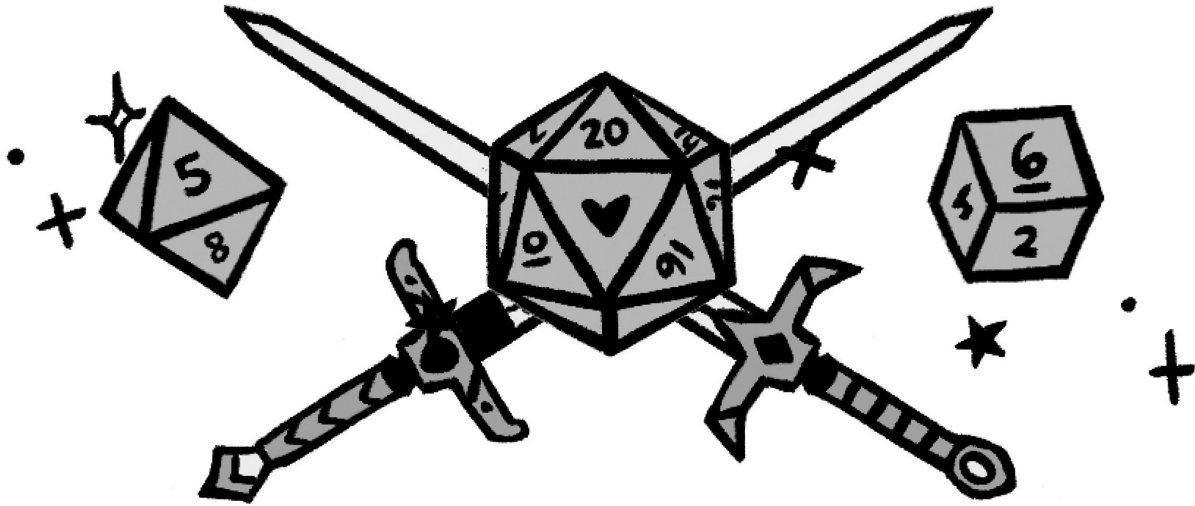
Eu giro.

— Lainey, parece que você encontrou o que precisava, certo? Ótimo! Curtis pode cobrar você na frente. Eu preciso... — Eu imito entrar no almoxarifado e colocar as coisas nas prateleiras. Agora todo mundo olha boquiaberto para mim.

— Então... sim. — Eu me afasto alguns passos. — É bom ver vocês dois. E vejo você na escola amanhã, Paul! Ou, eu acho, nós dois nos veremos. — Agarro o braço de Nathan e o arrasto fisicamente atrás de mim em direção ao almoxarifado. A porta se fecha atrás dele e ele arranca o braço do meu alcance.

— *Riley*, você perdeu a cabeça?

Capítulo Cinco



— Okay, okay, não surte. Está tudo bem. Eu sei que foi estranho, mas...

— Você beijou ou não meu *braço*?

Deixo cair minha cabeça em minhas mãos, minhas bochechas explodindo de calor.

— Desculpe. Eu não deveria ter feito isso. É que Paul chegou com a nova namorada dele, a garota que contracenou com ele na peça em que não participei, e eles estavam agindo de forma tão fofa e...

— Não.

— O quê? — Eu olho para cima.

— Eu sei o que você vai dizer a seguir. E a resposta é não.

Eu olho para ele, meu constrangimento deixado de lado por sua reação.

— Você não pode dizer não ainda. Eu não perguntei nada a você

— Tudo bem, vamos ouvir então.

Eu engulo.

— Tudo bem... então... — Estou tendo dificuldade em pensar em como explicar as coisas. — Então, Paul e Lainey vieram e então Paul estava agindo com pena do fato de eu não estar namorando ninguém, e ele teve a coragem de me dizer que eu encontraria alguém eventualmente. Quer dizer, sério? Claro que vou encontrar outra pessoa. Alguém melhor que ele. Eu sou a droga de um bom partido.

Nathan levanta uma sobrancelha, mas eu continuo.

— E não sei o que deu em mim, mas deixei escapar que já estava namorando alguém novo. Eu simplesmente não podia deixá-lo levar vantagem. Mas então perguntaram quem era, e eu não tinha um nome em mente, e o seu foi o primeiro em que pensei e...

— Não.

— Nathan! Você tem que parar de dizer isso!

— E você precisa parar de dizer meu nome quando as pessoas perguntarem com quem você está namorando. — Ele olha para o teto e depois tira os óculos e esfrega os olhos. — Por que você achou que poderia me envolver nisso? Caso você não tenha notado, não sou um grande fã seu.

Eu suspiro.

— Tá, calma aí, não há necessidade de ser rude.

— Só estou dizendo a verdade. Algo que você talvez queira tentar algum dia.

— Sim, sim, é fácil para você dizer. Você não estava na frente da sua ex fazendo papel de bobo. — Paro e olho para ele. — Na verdade, espere um minuto...

— Não.

— Eu não sou um cachorro e não estamos em uma aula de treinamento de obediência, então você pode parar de dizer isso. — Eu

levanto a mão para impedi-lo de fugir. — *Fica*. — Faço uma pausa por um momento. — Bom trabalho, amigo!

Eu rio e ele praticamente rosna para mim, o que só me incentiva a fazer mais piadas sobre obediência canina, mas seguro a língua.

— Isso pode funcionar para nós dois — digo em vez disso.

— Estou confiante de que não importa o que você esteja pensando agora, não vai funcionar para mim. Então vamos arrumar o estoque e vou tentar esquecer que tudo isso aconteceu.

— Arrumaremos o estoque em um segundo. Primeiro, vamos falar sobre Sophia.

Seus olhos se estreitam.

— *Definitivamente* não. — Ele se vira e começa a abrir caixas. Engulo minha irritação e continuo falando.

— Todo mundo sabe que você gosta da Sophia. Até *Sophia* sabe que você gosta da Sophia, e ainda assim nada aconteceu entre vocês dois.

— Estou ignorando você.

— Improvável ou você não estaria dizendo “Estou ignorando você”. — Eu ando atrás dele. — Lucas me disse que Sophia só quer o que não pode ter. E o problema com você...

— Não tenho problemas.

— ... é que você deixou muito claro que a quer. Você precisa jogar duro para conseguir. Você precisa fazê-la vir até você.

Ele continua desempacotando em silêncio, então eu continuo.

— E se eu sou uma boa julgadora de caráter, o que sou totalmente, então fica claro que ela também é do tipo ciumenta. Você deveria tê-la visto quando mencionei casualmente que passaríamos muito tempo juntos aqui. Ela ficou totalmente selvagem com a ideia. E então ela começou... a se *pressionar* contra você. — Eu estremeço.

Ele para e lentamente se vira.

— Foi o que aconteceu? Eu não consegui compreender.

— Foi por minha causa. — Eu sorrio e coloco as mãos nos quadris. — Eu não queria que isso acontecesse, mas funcionou de qualquer maneira. Então, é isso que proponho... — Faço uma pausa, esperando que ele diga não novamente, mas ele apenas me estuda com olhos cautelosos. — Você fica tranquilo com Paul. Se ele perguntar, você pode dizer que estamos namorando e se ele nos ver juntos na escola, então podemos fingir que somos mais que amigos.

— Quando nos tornamos amigos?

Reviro os olhos.

— Certo. Mais do que colegas de trabalho mutuamente irritados. E em troca, farei o mesmo com você na loja.

— E o que exatamente isso significa?

— Vou deixar Sophia com ciúmes. Eu vou... eu não sei... — Tenho que conter um arrepio de repulsa. — Vou flertar com você.

Ele solta uma risada.

— Você vai *flertar* comigo? — ele repete em tom incrédulo.

— Quero dizer, não o tempo todo. Mas quando ela estiver por perto, posso flertar e isso a deixará com ciúmes o suficiente para começar a prestar mais atenção em você. O que você diz? Não é um mau negócio. E você vai me poupar da vergonha de ter que admitir para meu ex que inventei um namorado falso.

— Nada disso vai funcionar do jeito que você pensa.

— Você não acha que eu consigo fazer isso?

— Hum, não. Você se viu lá atrás.

— Mas você pode?

Ele dá de ombros e se vira.

— Eu me sairia bem. Sou bom em interpretar personagens. É toda a minha experiência de RPG.

— *Com licença*, tenho muita experiência em atuação. Não terei problemas em fazer isso.

Ele olha por cima do ombro.

— Uh-huh. — Ele gesticula para as caixas dos modelos Warhammer.
— Vamos, temos que colocar isso no chão.

Suspiro, pego uma pilha e o sigo. Não passou despercebido que ele ainda não deu uma resposta direta. Mas posso ser determinada – alguns podem até dizer teimosa – e não vou deixar isso passar. Isso poderia funcionar. Isso resolveria ambos os nossos problemas. Simplesmente *não consigo* explicar ao Paul que inventei um namorado. Não serei capaz de suportar a expressão em seu rosto ou a pena cortante em sua voz. Eu tenho que convencer Nathan.

Trabalhamos em silêncio por alguns minutos e eu o deixo em paz, esperando que ele esteja pensando sobre isso e vendo como isso pode funcionar bem.

— Vou buscar o resto — ele murmura, e volta para o almoxarifado. Um minuto depois, Lucas coloca a cabeça para fora da sala de jogos dos fundos.

— Você já viu Nathan?

— Sim, ele está no almoxarifado. Devemos terminar em breve. — Coloquei outra caixa na prateleira.

— Você pensou mais sobre entrar no jogo? A oferta ainda permanece.

Trinta minutos atrás eu não tinha muita certeza, mas agora hesito. Entrar no D&D? Não é algo em que eu tenha um interesse inerente, mas faria sentido se Nathan concordasse com esse esquema, já que isso nos daria um motivo para estarmos juntos na presença de Sophia. E gosto da ideia de fazer uma pausa no meu turno, presumindo que papai concordaria com isso. Ele sempre quis que eu me envolvesse na loja –

mostrar algum interesse em D&D poderia ser uma ótima maneira de convencê-lo a me dar uma folga.

— Bem, eu teria que falar com o papai — digo a Lucas. — Não tenho certeza se ele vai querer me deixar sair mais cedo.

Lucas balança a cabeça.

— Você não conhece seu pai muito bem. — Ele volta para a sala de jogos. — Ei, Joel?

Um momento depois, papai se junta a Lucas na porta.

— E aí? — Ele me vê. — Riley, está tudo bem aí na frente?

— Sim, estou terminando de arrumar o estoque.

— Joel, você não acha que seria uma boa ideia ter Riley se juntando à nossa campanha de D&D?

Papai quase cai no batente da porta em estado de choque.

— Nós realmente precisaríamos de outra jogadora confiável e seria ótimo conhecê-la. — Lucas está praticamente piscando os olhos para o papai – exagerando um pouco, na minha opinião. — Além disso, ela não sabe nada sobre D&D e esta seria a melhor maneira para ela aprender. Isso a tornaria uma vendedora melhor.

— Não sei.... — Papai olha para mim. — Essa ideia foi sua? Achei que você não tinha interesse em jogar?

— Hum... — Olho entre Lucas, papai e a porta do almoxarifado por onde Nathan sairá a qualquer momento. Ainda estou em conflito. Ter uma folga do trabalho seria incrível e Lucas e os outros caras parecem legais o suficiente, mas eu gostaria de poder usar meu tempo para me preparar musicalmente. Tenho quase certeza de que Nathan vai odiar a ideia, o que me faz querer fazer ainda mais. Eu dou de ombros. — Quer dizer, seria bom tentar algo novo enquanto estou aqui?

Não pareço particularmente confiante, mas Lucas acena encorajadoramente.

— Bem... — Papai franze a testa. — É bom ter duas pessoas no caixa numa sexta-feira à noite... mas Curtis tem lidado com isso sozinho há meses, então não vejo por que ele não pode continuar fazendo isso. E eu *adoraria* que você se envolvesse mais aqui. — Ele sorri. — Tudo bem, parece um bom plano.

— Incrível! — Lucas cumprimenta meu pai e eles me chamam para a sala dos fundos, aparentemente esquecendo que ainda estou estocando as prateleiras.

— Você vai adorar, Riley — papai diz. — Não sei por que não pensei nisso antes, mas D&D é perfeito para você. Pense nisso como uma prática de atuação.

— Atuação?

— Sim. Você interpretará seu próprio personagem, decidindo como eles vão falar, o que vão vestir, quem vão matar. Está tudo nas suas mãos! — Ele sorri para mim. — Tenho um bom pressentimento sobre isso.

— O que está acontecendo?

Me viro e encontro Nathan, com o rosto quase invisível atrás de uma pilha de cinco jogos de tabuleiro.

— Riley vai entrar no seu jogo de D&D! — Papai exclama. — Solta isso. Eu cuidarei do resto para que todos vocês possam começar.

Nathan me lança um olhar mortal enquanto seguimos papai e Lucas para a outra sala.

— Sério? — ele sussurra. — Eu saio por cinco minutos e você entra no meu jogo? Eu nunca concordei com esse seu plano.

— Eu não me *intrometi* em nada. Se você está procurando alguém para reclamar, vá atrás do Lucas. Foi ideia dele.

Como que para defender meu ponto de vista, Lucas corre até a mesa onde os outros caras estão esperando.

— Ei, adivinha só? Riley vai começar a jogar com a gente!

John mal olha para cima antes de retornar ao seu Manual do Jogador de D&D, mas Anthony vira a cabeça em minha direção.

— O quê? Excelente!

O rosto de Nathan se contorce de aborrecimento e isso me traz um prazer perverso. Puxo uma cadeira.

— Sim. Achei que seria uma maneira divertida de praticar minha atuação. — Eu sorrio para a mesa.

Papai dá um sorriso maior do que eu já vi há algum tempo.

— Ótimo! Divirtam-se!

Nathan olha por cima do ombro enquanto papai se retira antes de dizer baixinho: — Posso falar com você?

— Claro. — Eu giro e sorrio docemente para ele. — O que você precisa?

— Em particular — ele rosna.

Eu balanço minhas sobrancelhas sugestivamente para ele.

— Hum, sim. Vamos fazer isso. Em *particular*.

Nathan sai furioso e eu me levanto.

— Já voltamos.

Eu o sigo até o canto da sala onde ficam os banheiros. Estamos parcialmente escondidos por uma tela que papai ergueu na frente das portas do banheiro, mas não é nada particular.

— Que jeito de ser dramático ainda agora — eu digo.

Ele olha para mim e suspira. (Novamente, dramaticamente. Quem disse que as crianças do drama são sempre as mais dramáticas?)

— Riley, o que você está fazendo? Você está no meu grupo de D&D agora? Sério? Você odeia D&D. Por favor, não estrague o jogo para mim. Você pode achar que é estúpido, mas eu adoro isso.

— Eu não vou estragar tudo. E não foi ideia minha. Lucas e papai ficaram entusiasmados com isso, e eu não queria recusar,

principalmente se você concordar com minha proposta. Além disso, saio do trabalho durante os jogos.

Ele revira os olhos.

— Claro que essa é a sua motivação.

— Se você não quiser seguir meu plano, tudo bem. Obviamente não posso obrigá-lo... embora permaneça firme na crença de que funcionaria. Sophia estaria comendo na sua mão se percebesse que você não está mais interessado. Mas de qualquer forma. Você sabe o que faz. Vamos apenas tentar terminar o jogo esta noite sem nos matarmos.

Nathan dá um pequeno passo em minha direção.

— Eu não disse que não estava interessado no plano. — Sua voz perdeu o tom agudo que tinha há pouco.

— Ah. — Eu pisco surpresa. Depois de quão bravo ele estava, percebi que isso estava definitivamente fora de questão. — Bem, ótimo. Achei que você tivesse odiado a ideia.

Ele dá de ombros e se aproxima ainda mais. Ele está definitivamente dentro da bolha invisível de espaço pessoal ao meu redor e meu coração bate forte com sua proximidade.

— Pensei sobre isso no almoxarifado e decidi que você tinha razão. Além disso... — Ele estende a mão e lentamente afasta meu cabelo do rosto. Meus braços ficam arrepiados quando ele desliza o polegar pela curva do meu queixo até embalar meu rosto em sua mão. — Achei que seria divertido conhecer você melhor.

Uh.... *o quê?* Eu pensei que ele gostava de Sophia? Tento engolir, mas minha garganta está muito seca.

— Eu... hum... — eu sufoco.

Ao ouvir minhas palavras (ou a falta delas), ele sorri e dá um passo para trás.

— Isso foi o que eu pensei. — Sua voz ficou monótona. — Eu te falei, você não vai aguentar nem um minuto nessa coisa de flerte falso.

— Espera, o quê? — O horror voa através de mim e eu coloco meus braços sobre o peito. — Você estava... isso foi... — Eu olho para ele em estado de choque. — Você estava apenas *fingindo*?

— Claro. — Ele está rindo agora, mas é uma risada irritante e arrogante que me dá vontade de empurrá-lo para o banheiro mais próximo. E posso garantir que os banheiros públicos daqui não são limpos todos os dias. — Isso é o que você me pediu para fazer. Deveríamos estar flertando de forma falsa, não é?

Eu jogo minhas mãos para o alto.

— Bem, isso não conta agora! Você tem que me avisar, preciso estar preparada. Eu pensei que talvez você...

Ele ri novamente.

— É, não. Eu acho que não.

— Ah meu Deus, você é horrível. *Por que* eu tive que deixar escapar seu nome? — Fecho os olhos com frustração. E constrangimento. Não posso acreditar que pensei que ele pudesse estar falando sério por um segundo... sou uma idiota. Embora eu deva dizer que Nathan é um ator melhor do que eu imaginava. Talvez ele esteja disposto a fazer um teste para o musical da primavera assim que eu o trouxer de volta, isto é, se eu não matá-lo antes disso.

Respiro longa e calmamente e o olho diretamente nos olhos.

— Eu sou uma profissional. Não literalmente, porque não ganhei nenhum dinheiro com minhas apresentações teatrais, mas mesmo assim me considero uma. Se você consegue fazer esse flerte falso, eu também consigo. E só precisamos continuar assim tempo suficiente para que Sophia se interesse e para que Paul acredite que eu não estava

mentindo. Então terminamos e voltamos a ignorar um ao outro alegremente.

— Se eu tivesse uma TARDIS para poder viajar para o futuro agora.

— Adorável. — Reviro os olhos. — Então, estamos bem? Você não vai me denunciar para Paul na segunda-feira?

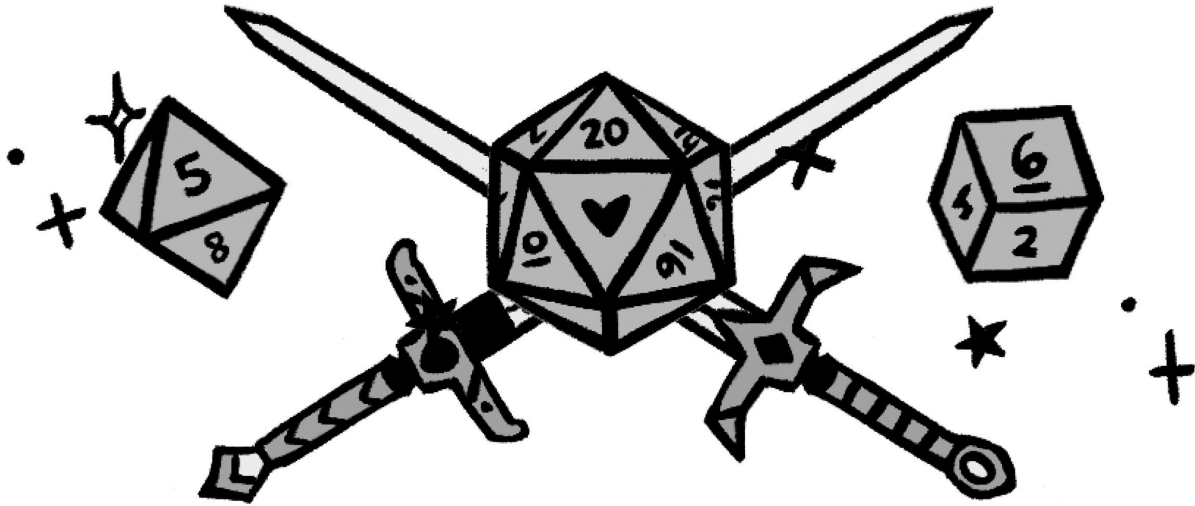
Nós nos encaramos. Seus lábios estão pressionados em uma linha fina, mas ele não parece mais zangado. É mais como se ele estivesse me avaliando.

— Tudo certo. Se você conseguir continuar isso.

— Não se preocupe com isso.

Ele levanta uma sobrancelha e depois volta para seus amigos, deixando-me segui-lo. É melhor Sophia acordar e notá-lo imediatamente, porque não vou aguentar muito mais de Nathan Wheeler.

Capítulo Seis



Lucas, Anthony e John nos encaram com expectativa quando Nathan e eu voltamos para a mesa.

— Pronta para jogar — digo com uma voz falsamente alegre. — O que vem primeiro?

Lucas olha entre Nathan e eu.

— O que está acontecendo? Sobre o que vocês dois estavam conversando lá atrás?

— Nada. Apenas uma questão de trabalho — responde Nathan.

— Uma questão de trabalho? — Anthony levanta as sobrancelhas. — Uma questão secreta de trabalho?

— Riley, primeiro você precisa fazer seu personagem — Nathan diz, ignorando-o. — Aqui está sua ficha de personagem para preencher.

Ele desliza um papel para mim com um olhar duro. Ainda estou conhecendo suas expressões, mas acho que ele está tentando me dizer que não quer falar sobre nosso acordo com seus amigos. O que é bom

para mim, embora eles definitivamente vão descobrir isso assim que Sophia chegar e eu tiver que usar charme.

A ideia faz meu estômago revirar um pouco. Estive tão concentrada em tentar me livrar dessa confusão com Paul que não tive dois segundos para pensar nas consequências de Nathan dizer sim. Ainda posso sentir a carícia de seu polegar em meu queixo. Apesar de toda a minha conversa, serei realmente capaz de fazer isso? Não tenho certeza se sei o que fazer perto de Sophia. Piscar meus cílios para ele e dizer coisas picantes? Tocar ele? Beijá-lo em outro lugar que não seja o braço? Talvez precisemos de mais algumas discussões privadas sobre isso.

— Riley? Você ainda está aqui?

Balanço a cabeça para clarear os pensamentos e aceno para Lucas. Examino a mesa, imediatamente impressionada, apesar da expressão acolhedora de Lucas. Ele tem uma divisória tripla na frente dele para bloquear nossa visão do que ele está olhando. Há pilhas de livros sobre a mesa: *Manual do Jogador de D&D*, *Guia do Mestre*, *Manual dos Monstros* e *Guia para Tudo de Xanathar*. Todo mundo tem dados – os sofisticados que papai vende na loja, não os habituais dados brancos e pretos de seis lados que mamãe e eu usamos no Banco Imobiliário – junto com iPads, cadernos e estatuetas colocados em uma grade no meio da mesa.

Pego o papel de Nathan. Há muitas caixas com rótulos como *Destreza*, *Inteligência* e *Carisma*. Minha imaginação explode com todos os personagens possíveis que eu poderia fazer. Toda a diversão que eu poderia ter atuando – não, *interpretando papéis*.

— Posso escolher todas essas características? Porque eu definitivamente quero alta Inteligência, Sabedoria e Carisma. E talvez Destreza só porque sim.

— Ok, vá devagar — diz Nathan, suspirando. — A primeira coisa que você precisa fazer é escolher qual raça e classe você deseja pertencer. —

Ele abre um livro e me mostra as opções. — E você não pode simplesmente escolher as pontuações mais altas em tudo. Depende do tipo de personagem que você está interpretando. Se você for um lutador, provavelmente vai escolher Força e Constituição como seus atributos mais elevados. Mas se você quiser ser um mago, então você escolhe a Inteligência.

— Você não pode interpretar um bruxo — diz John. — Eu já sou o mago da equipe.

Agora, Lucas suspira.

— Tudo bem se ela quiser ser um bruxo. Talvez algumas pessoas queiram interpretar bruxos que fazem mais do que lançar Bola de Fogo.

— Mas não seria útil. Temos um paladino, um ladino, um ranger e um mago. Não precisamos de um segundo mago. Acho que você deveria ser um clérigo.

— Um clérigo? — Eu leio a descrição. — Eu tenho que servir uma divindade e curar pessoas? Não sei, isso não parece muito divertido.

— *De qualquer forma* — continua Nathan —, dê uma olhada neles e veja qual você acha que quer jogar.

Folheio o *Livro do Jogador*, lendo alguns termos que não entendo, como *tiefling* e *halfling*, e outros que reconheço, como *mago* e *feiticeiro*. Então meu olhar se depara com uma classe específica de personagem. Eu aponto para ela.

— Isso é o que eu penso que é?

Nathan olha para ele e desanima antes de concordar.

— Sim. Bardos cantam e contam histórias juntos. Eles pontuam mais em Carisma e Destreza e podem fazer magia relacionada à música que tocam.

— Ter um bardo seria ainda menos útil do que ter um segundo mago — intervém John.

Mas é tarde demais, já estou sorrindo.

— Esse! Eu definitivamente quero ser um bardo.

John geme e Nathan e Lucas trocam olhares.

— Não estou surpreso — Nathan murmura.

Minhas preocupações sobre o acordo com Nathan e sobre jogar este jogo desaparecem à medida que leio mais sobre bardos. Eu posso cantar! E eu vou pegar instrumentos musicais e meu personagem poderá dançar e se apresentar! Papai estava certo quando disse que isso seria uma boa prática para mim.

— Posso ter um violão como instrumento? Sempre quis aprender a tocar violão.

— Chama-se alaúde, mas claro. Mas você não escolheu sua raça. Tem tudo isso...

— Eu quero ser humano.

— Um bardo humano. Então você quer interpretar um personagem que seja o mais próximo possível de você na vida real?

Eu dou de ombros.

— É perfeito demais para não tentar.

— Tudo bem — diz ele com mais um suspiro. — Isso foi bastante fácil.

Preencho a ficha de personagem e rapidamente mando uma mensagem para Hoshiko para avisar que entrei no jogo. Sinto falta dela e gostaria que ela pudesse ficar aqui todas as noites comigo como os caras fazem. Se ao menos eu pudesse ver a expressão dela quando ela perceber que estou me tornando uma jogadora de D&D. Mas deixo de fora meu novo acordo com Nathan. Isso é algo que definitivamente precisa ser explicado pessoalmente.

Estou inventando uma história torturante para meu personagem (algo relacionado ao fato de ter sido abandonado na floresta e

sobrevivendo através do meu canto), quando Lucas nos chama a atenção.

— Vamos indo. Então, como sempre, vocês três deixaram Sophia para trás em uma taverna para dormir depois de sua última noite de libertinagem.

Nathan geme.

— Você tem que fazer isso? Não tem como Sophia ficar para trás para ajudar crianças órfãs, pelo menos uma vez?

— Não. Quando você é o Mestre, você pode fazer com que Sophia faça isso. Para mim ela está dormindo para se livrar da ressaca inoportuna. Agora, quando paramos da última vez, o grupo decidiu ir caçar uma espada mágica da qual você ouviu falar na cidade. Circulam rumores de que a espada está escondida no cofre de um antigo rei. Seu reino ficava na costa oriental. Você vai viajar para lá imediatamente ou explorar mais esta área?

Os caras se entreolham em busca de confirmação.

— Devíamos seguir em frente — responde John, com a voz um pouco mais baixa e mais autoritária do que o normal. Acho que essa é a voz que ele usa para seu personagem. — Não podemos esperar derrotar a hidra de outra forma.

— Mas um dia de caminhada pelas florestas não seria uma má ideia — responde Nathan. — E tenho certeza de que Spruce apreciaria o tempo na natureza antes de pegarmos as estradas.

Anthony olha furioso para Nathan.

— Não use minhas afinidades com ranger como desculpa para ficar por aqui para que Sophia possa acompanhar rapidamente o grupo na próxima vez. Se ela não quisesse que seu personagem fosse deixado para trás, então ela viria para a sessão.

Eu olho entre eles, a excitação crescendo em mim. Não tenho muita certeza do que está acontecendo, mas estou cercada por pessoas interpretando personagens, fazendo vozes e seguindo enredos, e já adoro isso. É como se a improvisação encontrasse o teatro de escolha da sua própria aventura. Por que há anos não realizamos esses jogos entre os ensaios musicais? Mal posso esperar para contar tudo a Hoshiko.

— Vamos continuar no personagem, por favor — responde Lucas. — Então está decidido que vocês continuarão a missão. Ao fazer isso, vocês se deparam com uma jovem na beira da estrada. — Ele me dá um pequeno sorriso de encorajamento.

Me sento direito e tento canalizar meu melhor bardo.

— Bom dia, senhores! Para onde vocês vão nesta bela manhã? Posso lhes oferecer uma música em troca de moedas?

Anthony ri levemente e todos os outros trocam olhares.

— Uh, que voz é essa? — Nathan deixa escapar.

— Estou entrando no personagem!

Ele olha para os outros caras fingindo confusão.

— Sinto muito, estamos em um romance de Charles Dickens? Bom dia, chefe! Precisa limpar sua chaminé? — Ele faz a mímica de tirar o chapéu para mim.

Eu me arrepio e reviro os olhos. Honestamente, eu estava tirando a voz do pai de Eliza na versão cinematográfica de *My Fair Lady*. Adoro fazer um sotaque presunçoso.

— Achei que essa fosse minha personagem e poderia interpretá-la como quisesse?

Lucas acena com seriedade.

— Ela é.

— Eu acho que é realmente ótimo, Riley — diz John. — Estou feliz que você esteja entrando nisso. Ou você tem um nome de personagem que

deveríamos usar?

Considero por um segundo e depois estendo as mãos.

— Eu sou Elphaba — anuncio, pensando na famosa personagem principal de Wicked.

— Bom dia para você, Elphaba — responde John. — Eu sou Vafir, um mago de evocação.

— Sou um ranger anão chamado Spruce Wayne. — Anthony se curva profundamente e sorri. — Mas não deixe o termo ‘anão’ confundir você. Posso ser de baixa estatura, mas sou maior que a vida no coração. E outras coisas.

Nathan e John gemem. Eu rio e aceno com aprovação.

— Uau, é bom saber. E eu adoro o nome. — Me viro para Nathan, que diz: — Sou um paladino meio elfo. Eu sou Sole Dado.

Eu olho para ele.

— Sole Dado? Que tipo de nome é esse?

— Um nome incrível, muito obrigado. E não é Soldado, é Sole Dado. — Ele aponta para onde escreveu o nome de seu personagem. — Nome Sole, sobrenome Dado. Como paladino, sou um guerreiro da divindade do sol. Sol, Sole, entendeu? Mas eu também luto e protejo o partido, então sou um soldado: Sole Dado. — Ele sorri amplamente, muito satisfeito consigo mesmo.

— Ah... legal. — Ainda não sei realmente o que são paladinos, mas pelo menos posso apreciar a atenção aos detalhes.

Lucas limpa a garganta para chamar nossa atenção.

— Todos vocês percebem que essa garota é simpática e pode agregar nova energia ao grupo. Vocês precisam decidir se vão convidá-la para se juntar ao seu grupo.

John – Vafir – se volta para mim com um olhar perspicaz.

— Não precisamos de uma música agora, Elphaba, mas precisaríamos de ajuda com uma missão. Você está pronta para isso?

— Haverá canto e dança? — Eu pergunto.

— Estou sempre pronto para ouvir uma música — Anthony responde.
— E estou ansioso para sair desta cidade e ficar longe das multidões. Seu canto pode me fazer companhia à noite. — Ele me dá um sorriso.

— Não estou convencido — diz Nathan, com a voz mais dura do que o normal. — Quanto menor for o nosso grupo, mais furtivos poderemos ser. Um bardo poderia anunciar nossa presença para outras pessoas se ela estivesse cantando o tempo todo. — Ele corta os olhos para mim. — Particularmente alguém que não parece reconhecer a gravidade da missão em que estamos. Isto não é um jogo.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Tudo na vida não é um jogo?

Lucas e Anthony riem.

— Talvez para você, mas não para mim.

— Seja razoável, Sole — diz John. — Um bardo pode ser útil quando chegarmos à cidade antiga. A espada provavelmente está trancada a sete chaves e seus poderes podem nos ajudar com isso. Especialmente porque não podemos contar com o nosso ladino para fazer isso.

Nathan franze a testa, mas não cede. Bem, tudo bem. Olho para minha ficha de personagem – farei com que ele ceda.

Viro-me para Lucas.

— Eu gostaria de usar meus poderes de persuasão para convencer Nathan. Quero dizer, Sole Dado.

Seus olhos se arregalam.

— Hum... você pode tentar usar um de seus feitiços nele.

— Tente acalmar as emoções dele — diz Anthony com uma piscadela e aponta para um feitiço no livro.

Nathan balança a cabeça.

— Espere aí, você não deveria lançar feitiços nos membros do seu próprio grupo.

— Bom, *não* sou membro do grupo ainda porque você está sendo teimoso. Então vou usar um feitiço. Como eu faço isso? — Levanto o queixo desafiadoramente, feliz por Sophia não estar aqui esta noite, então não tenho que fingir que gosto de Nathan quando ele está sendo chato.

— Tecnicamente, você falaria e faria gestos para lançar o feitiço, mas também não há problema em apenas dizer que você está lançando o feitiço — explica Lucas.

— Na verdade... tenho uma ideia melhor — respondo.

Nathan estende a mão para Lucas como se dissesse: *Anda, cara*.

Lucas o ignora.

— Vá em frente, Elphaba.

Limpo a garganta e me levanto, me virando ligeiramente para Nathan. O medo brilha em suas feições e isso me faz sorrir. Ah sim, já estou gostando muito disso. Limpo a garganta e começo a cantar a primeira estrofe de “Say My Name”. Não a música do Destiny's Child – a música que estou cantando é aquela que Beetlejuice canta para Lydia Deetz no show da Broadway. Ouvi a trilha sonora o suficiente para memorizá-la.

Todos na sala dos fundos param e giram para olhar para mim. Eu projeto um pouco mais e me afasto da mesa para poder balançar e fazer movimentos coordenados com as mãos na direção de Nathan. Eu até faço a voz rouca e levemente assustadora que o ator usa. Todo o rosto de Nathan fica vermelho e ele desliza lentamente para baixo da mesa, o que torna tudo glorioso.

Estou tentada a continuar, mas a música é um dueto e sem Hoshiko – minha eterna parceira de dueto – simplesmente não é tão divertido,

então termino e sento com um floreio. Para minha surpresa, vários estranhos atrás começam a bater palmas de alegria junto com Anthony, John e Lucas (possivelmente por causa da mortificação de Nathan). Fred e Arthur, os aposentados que meu pai me apresentou no meu primeiro dia, pedem bis. E papai deve ter escapado pela porta da sala dos fundos enquanto eu cantava, porque ele está batendo palmas e seus olhos parecem um pouco úmidos. Eu não achei que ele se importaria.

— Isso, é *assim* que você interpreta um bardo, pessoal! — Lucas grita para toda a sala.

— Você realmente não precisa cantar — Nathan sussurra.

— Ah, eu sei que não preciso. Mas eu quero.

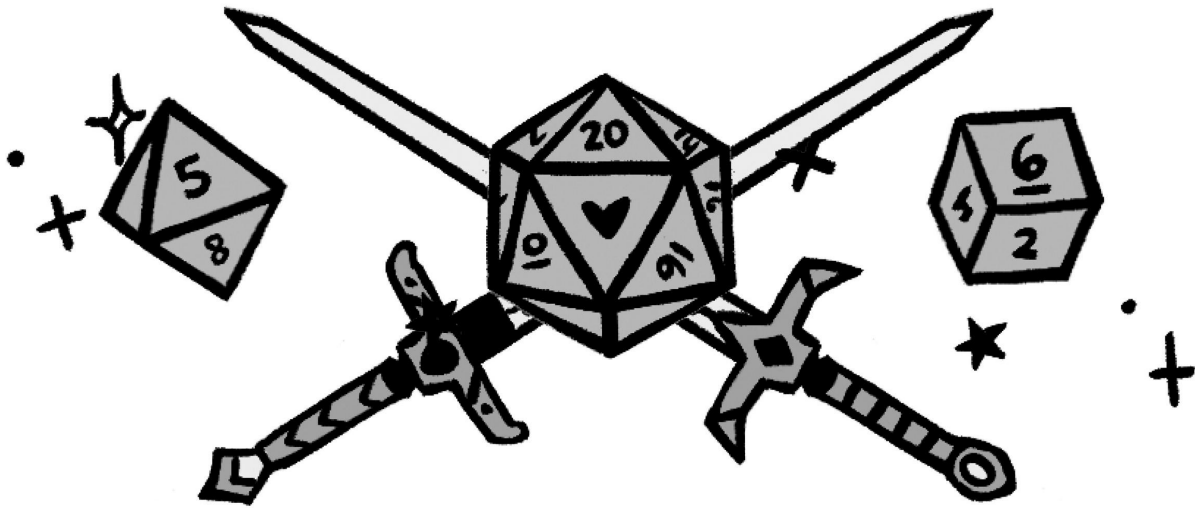
— Bem, boa sorte tentando me persuadir com meu bônus. — Ele se senta e pega um dos dados. — Rolando um teste de proteção de Carisma.

O dado resulta em cinco. Seus olhos se arregalam e os outros caras caem na gargalhada. Acho que isso significa que ele não conseguiu o número que precisava.

— A música de Elphaba convenceu Sole e agora ela está oficialmente no grupo — Lucas anuncia. Os outros caras gritam e eu sorrio para Nathan.

Papai estava certo. Isso é divertido.

Capítulo Sete



Eu respiro fundo e aperto as alças da minha mochila. É segunda-feira à tarde, depois do último sinal, e passei o fim de semana inteiro me preparando para falar com a Srta. Sahni depois do coral de hoje. Eu estava na casa do meu pai no fim de semana, o que não foi melhor do que todos os fins de semana anteriores juntos, mas significou que eu teria bastante tempo sozinha no meu quarto para me arrumar.

Hoshiko acena para mim da porta do coral – ela tem que ir para as aulas de dança, então não terei seu apoio moral – e eu aceno de volta. Ela imita mensagens de texto e eu aceno. Assim que isso acabar, contarei a ela como foi, embora ela só veja as mensagens mais tarde hoje à noite, quando estiver fora da aula.

— Senhorita Sahni? — Pergunto enquanto ela entra em seu pequeno escritório logo ao lado da sala do coral. Minha voz rouca e minhas bochechas esquentam. Tenho que parecer mais confiante. Eu tento de novo. — Senhorita Sahni, você tem um minuto?

Seu escritório é como um armário glorificado com uma grande janela de vidro que dá para a sala do coral. É claro que ela não teve muito tempo para decorá-lo. Ela tem algumas fotos emolduradas que devem ser de sua grande família do sul da Ásia e uma dela fantasiada, abraçando outra garota. Elas estão no palco como se tivessem terminado uma apresentação pouco antes de a foto ser tirada. Me dá um pouco de confiança lembrar que ela também é uma artista. Ela estará do nosso lado.

— Riley, sente-se. Algo está errado? Você está se sentindo bem com seu solo?

Sento-me e me forço a sorrir.

— Sim, absolutamente. Obrigada novamente pela oportunidade.

— Merecida. Você tem uma voz adorável para cantar. — Ela me olha de cima a baixo. — Em que posso ajudar?

— Eu queria falar sobre o musical da primavera. — Seu rosto cai e eu pressiono antes que ela possa interromper. — É muito importante para mim, para Hoshiko e para muitos de nós. Não podemos deixar a escola desfinanciar isso.

— Eu sei o quanto isso é difícil para todos. Vários estudantes já me disseram, sinto muito.

Ela parece sinceramente solidária, mas dessa forma, quando todos sabem que o resultado é inevitável e tudo o que resta é lamentar a injustiça de tudo isso. Não estou pronta para lamentar. Estou pronta para a ação.

— Ainda há tempo para mudar a opinião do governo.

Seus olhos se arregalam.

— Não acho que isso seja possível.

— Você mencionou que eles estão querendo economizar dinheiro e optaram por cortar o musical por causa da diminuição do interesse.

Bem, tenho certeza de que podemos mostrar a eles o quão popular o musical pode ser. É tudo uma questão de escolher o musical certo para atrair o interesse e ter um novo diretor que todos possam apoiar. — Faço um gesto para ela. — E esse é você. E eu ficaria feliz em ajudar de todas as maneiras que puder – eu poderia realizar testes e ensaios, ajudar com os cenários e montar os figurinos, o que for preciso.

Uma pequena voz em minha mente me lembra que mamãe e papai podem ter algo a dizer sobre essas promessas. Na verdade, mamãe me disse que não posso fazer nada disso até que meu castigo termine. Mas espero que tudo isso esteja no passado quando a Srta. Sahni precisar de mim. E, de qualquer forma, não posso me preocupar com isso agora. Esta é definitivamente uma situação melhor para pedir perdão do que permissão.

A expressão da senhorita Sahni suaviza com minhas palavras. Ela se inclina sobre a mesa em minha direção.

— Ah, Riley, isso é muito fofo. Mas acho que você está se adiantando. Convencer a administração a reverter o curso é... — ela balança a cabeça — bem, isso seria uma tarefa gigantesca. Eu nem saberia por onde começar.

— Eu sei. — Eu sorrio e pego meu telefone. — Estou pesquisando possíveis musicais que poderíamos fazer e tomando notas. Eu sei que provavelmente deveríamos considerar algo de baixo orçamento, como *You're a Good Man, Charlie Brown*, mas... não sei, na minha opinião é mais importante escolher um musical que deixe os alunos entusiasmados, para que possamos ter mais adesão. Na verdade, aposto que as pessoas adorariam fazer algo novo como *Six* ou *Hadestown*, mas não acho que conseguiremos licenciamento e depois tem a questão do elenco e...

A senhorita Sahni ri levemente e eu paro.

— Eu amo sua paixão. Se você quiser ter sucesso nas artes, vai precisar de muito disso. E este é um bom começo. — Ela aponta para meu telefone e sorri gentilmente, mas meus ombros caem. O tom dela não é o que eu esperava. — Mas é um *monte* de trabalho. E mesmo que eu concordasse em dirigir o musical, você precisaria convencer o resto da administração, a produção musical, sem mencionar o resto do corpo discente e da comunidade. Precisaríamos de pessoas no palco, claro, mas também precisamos de mais pessoas atrás do palco e na plateia comprando ingressos. — Ela passa a mão pelos longos cabelos negros, parecendo mais cansada do que deveria em seus vinte e poucos anos. — Você está realmente falando sério sobre isso? *Realmente* sério?

Eu tinha parado de respirar no final, antecipando que ela me diria para desistir, mas me animei com a pergunta dela.

— Sim. Incrivelmente sério. Farei o que for preciso para convencer quem for preciso. Por favor, senhorita Sahni. Eu preciso disso. A escola toda precisa disso.

Ela me observa por um momento e depois suspira.

— Concordo que é uma tragédia cortar as artes desta forma. E sempre quis dirigir um musical... fiz teatro durante todo o ensino médio e a faculdade. — A alegria me inunda e eu pulo na cadeira, não consigo evitar, mas ela levanta a mão para me impedir. — Não fique muito animada. Só estou concordando que o musical vale o trabalho, não que isso vá realmente acontecer. Falarei com o Diretor Holloway sobre a possibilidade de agendar uma reunião para discutirmos mais o assunto. Mas já fui levada ao limite, então, se você estiver tão séria quanto parece, precisará ser você quem vai reunir todos os detalhes para convencê-lo e aos outros. Algumas anotações em seu telefone não serão suficientes – você precisará de uma apresentação séria se quiser impressionar a todos. Vou marcar para o próximo mês, depois do retorno ao calendário.

Também estou supervisionando esse comitê e não consigo pensar em assumir mais nada até que isso fique para trás.

Minha euforia de um segundo atrás se dissipa. Uma grande apresentação com administradores? Isso parece imensamente intimidante.

— Não estou dizendo para perder a esperança — diz ela calmamente.
— Não é impossível, será apenas uma batalha difícil.

Concordo com a cabeça e tento parecer mais confiante do que me sinto.

— Obrigada. Vou continuar trabalhando.

Saio da escola, minha mente girando. A boa notícia é que ela não disse não. E ela parecia estar do meu lado. Eu não vou desistir. Pego meu telefone e começo a enviar mensagens de texto para Hoshiko para contar tudo a ela.

A resposta dela vem imediatamente. *Isso vai acontecer! Vou ajudá-la no que puder. Você acha que sua mãe vai me deixar ir na sua casa algum dia?*

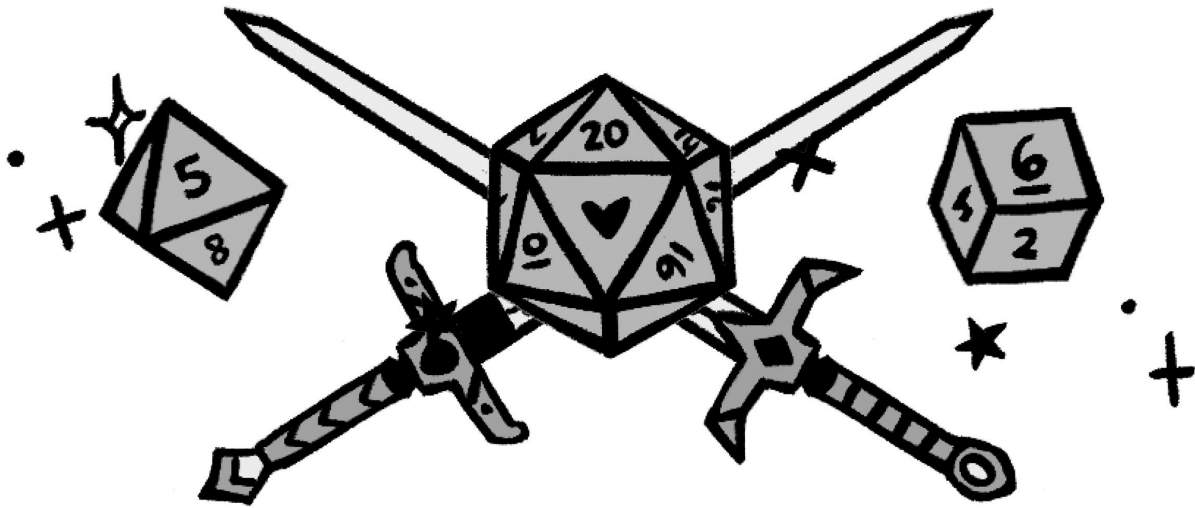
Eu franzo meus lábios. *Não, ainda estou de castigo*

☹ *E o seu pai? Ele se importaria?*

Devo trabalhar no sábado de manhã porque ele vai chegar tarde. Você poderia chegar lá assim que abrir? Podemos trabalhar juntas antes que ele chegue

😊😊 *Eu estarei lá!*

Capítulo Oito



Quando Nathan entra na loja na sexta-feira à noite para o jogo de D&D, ele vem direto até mim, pega meu braço e me puxa para o canto dos fundos. Está frio para meados de setembro, e ele está vestindo um moletom azul-marinho enorme com o capuz puxado para cima para proteger o rosto, como se estivesse se escondendo. Seus olhos se arregalam por trás dos óculos pretos.

— Eu não posso fazer isso. O acordo está cancelado. — Ele tenta se afastar, mas eu o puxo de volta para mim.

— Espere um minuto, o que está acontecendo? Por que você está surtando?

Não consigo parar de olhar para o corredor onde estive com Paul e Lainey na semana passada e fiz papel de boba. O rosto de pena de Paul ainda está muito vívido. Não quero que essa coisa com Nathan fracasse até que eu tenha convencido Paul de que ele estava completamente

errado a meu respeito, e até agora não houve nenhuma oportunidade para Paul nos ver juntos.

— Eu não estou surtando.

— Você definitivamente está. Acalme-se.

Ele suspira e empurra o gorro para trás. Seu cabelo está desganhado agora, mas ele não percebe.

— Ela está lá fora. Eu a vi entrando no estacionamento quando eu estava vindo.

— Okay.

— Ela vai desvendar isso. Ou ela vai ficar chateada por eu estar saindo com você e então perderei a pequena chance que ainda tenho com ela.

Coloquei minhas mãos nos quadris.

— Bem, esta é uma mudança interessante. Você não estava dizendo que eu seria aquela que nunca conseguiria fazer isso?

— Riley...

— Bem bem. Ouça, não há nada com que se preocupar. Nada disso vai acontecer. As pessoas conversam e flertam o tempo todo. Mesmo que ela fique irritada, ela só ficará irritada comigo, e não me importo com o que ela pensa.

A campainha toca quando a porta se abre e Nathan gira ansiosamente em direção a ela como um dos cães de Pavlov procurando uma guloseima.

— Não. — Eu pego seu braço e o viro fisicamente para que ele fique de costas para a porta. — Não há necessidade de procurá-la assim que ela entrar pela porta. Sem acenar. Nada de correr para o lado dela. — Eu estreito meus olhos para ele.

— Não vou ser rude com ela.

— Isso não é ser rude. Você apenas a está tratando como trataria qualquer outra pessoa. Se você fizer isso, ela pensará que você está perdendo o interesse. Ela precisa se esforçar para chamar *sua* atenção pelo menos uma vez.

— Como se isso fosse acontecer.

Seu olhar se desvia de mim, como se estivesse procurando por ela inconscientemente.

— Nathan. — Coloco minha mão em seu peito e ele salta ligeiramente. Seus olhos se fixam nos meus. — Confie em mim, vai funcionar. Apenas tente hoje à noite e se isso explodir na nossa cara, o acordo estará cancelado.

— Você está aqui para outro jogo! — Anthony chama e eu rapidamente tiro minha mão do peito de Nathan. — Olha, Nathan, Riley já é uma jogadora melhor que Sophia.

Nathan revira os olhos.

Eu dou uma voltinha.

— Gosto de pensar que adicionei um elemento de entretenimento ao jogo.

— Sim, você adicionou. Você é minha nova parte favorita das noites de D&D. — Ele me dá um de seus sorrisos largos e encantadores. — Particularmente quando você está envergonhando Nathan. Essa é a melhor parte.

Dou uma olhada furtiva em Nathan, que agora está olhando carrancudo para nós dois. É divertido trollá-lo, mas como vamos realizar esse estratagema quando não conseguimos parar de olhar feio um para o outro por dois segundos?

Seguimos Anthony até a sala de jogos. Fred e Arthur me acenam para o canto onde sempre jogam. Nos tornamos amigáveis ultimamente. Acho que começaram a pensar em mim como outra neta.

— Tenho uma coisa para você — diz Fred, e estende um pequeno saco cheio de tomates. — Do meu jardim. Não sei por que planto tanto quando sou só eu em casa, mas preciso fazer algo na minha aposentadoria. Você os pega. Você sabe que seu pai não come nada a não ser que seja frito ou coberto com queijo.

— Ou ambos — acrescenta Arthur.

— É. Então você e sua mãe podem usar isso? — Fred pergunta. Ele tem um rosto gentil com muitas linhas de sorriso ao redor dos olhos e da boca.

Eu aceno imediatamente.

— Tenho certeza que mamãe ficará emocionada. Não temos jardim.

— Não tenho comida para suborná-la — diz Arthur —, mas é melhor você planejar cantar novamente esta noite.

Eu rio.

— Vocês não se importam que eu interrompa seus jogos?

— Importar? Ouvir você me lembra minha sobrinha. Ela é mais velha, mas estive no coral durante toda a escola.

— Então verei se consigo encaixar outra música.

Agradeço a Fred pelos tomates e vou em direção à mesa de D&D.

— Ei — Arthur chama atrás de mim. — Diga-me se aqueles meninos não estiverem tratando você bem! Mostraremos a eles uma ou duas coisas.

Eu faço um sinal de positivo para ele, felizmente surpresa que os aposentados tenham decidido fazer amizade comigo. E agora, se Nathan me irritar demais, posso mandar Fred e Arthur para ele. Rio da ideia, mas sei que preciso ativar o charme antes que Sophia chegue à mesa. Respiro fundo. Ok, *hora do show*.

Ando até o lado de Nathan e sorrio para ele. Um sorriso verdadeiro que alcança meus olhos, não os exasperados ou sarcásticos que lhe dei

até agora. Por apenas um flash, ele parece confuso. Então ele engole e sorri de volta para mim.

Meu estômago dá uma pequena reviravolta. Ele é muito mais fofo e menos irritante quando não está carrancudo.

— Você deveria fazer isso com mais frequência — eu sussurro.

— Fazer o que?

— Sorrir. Isso torna mais fácil para mim olhar para seu rosto. Caso contrário, é muito doloroso.

Seus olhos se estreitam. Ele está tendo que se esforçar para manter aquela expressão agradável e não consigo evitar – meu sorriso se alarga.

— Essa é realmente a sua ideia de flertar? — ele sussurra.

— Insultando você levemente e observando você tentar esconder seu aborrecimento? Na verdade, sim. Pode não funcionar para todos, mas com você é uma combinação matadora. — Eu levanto meu queixo desafiadoramente. — Estamos juntos, não estamos? E estou estudando suas expressões como se não conseguisse tirar os olhos de você. — Eu aceno. — Sim, isso vai funcionar muito bem.

— Até que alguém nos ouça.

Eu me inclino.

— Então vou apenas sussurrar os insultos no seu ouvido.

Alguém funga atrás de nós e nos viramos em uníssono para encontrar Sophia.

— E aí? — ela pergunta.

— Que bom que você se juntou a nós — diz Lucas com uma voz que soa exatamente o oposto. — Temos uma nova jogadora em nossa equipe. Riley se juntou.

— O quê? Por que? — ela pergunta.

Eu cerro os dentes. Que forma de ser acolhedora.

— Porque precisamos de jogadores confiáveis e Riley queria.

— Como eu disse, fico muito aqui agora. Eu gostaria de fazer amizades melhores com todos. — Olho ao redor do grupo, deixando meus olhos permanecerem em Nathan por mais um segundo do que o necessário. Os olhos de Sophia brilham. Bom. Pelo menos ela aprende rápido.

John chega à mesa em seguida, carregando uma sacola plástica semelhante à que acabei de receber. Eu aponto para ele.

— Ah, você ganhou tomates também?

Ele olha para mim confuso.

— Isso é uma nova piada interna? Eu não consigo acompanhar.

— Não, eles são de verdade. — Eu seguro um tomate para mostrar a mesa e os outros olham ao redor com sorrisos maliciosos. — Mas eles não estão podres, então é melhor ninguém jogá-los em mim quando eu cantar.

— Hum, está bem. Bem, bom trabalho comendo de forma saudável ou algo assim, mas Jordan e eu estávamos comprando tecido. — John abre a sacola para mostrar ao grupo. — Pele falsa para forrar minha nova capa.

— Uau, vocês dois estão falando sério sobre a experiência imersiva — diz Nathan, e puxa uma cadeira da mesa.

Esta conversa está além de mim. Eu sei que John está namorando Jordan, mas não tenho ideia do que é essa experiência e não consigo acompanhar muita coisa. Agora preciso me concentrar em que esta noite seja um sucesso com Sophia.

Corro até a cadeira ao lado de Nathan antes que Sophia chegue lá. Sophia dá uma volta e se senta em frente a ele. Sorrio para ele novamente e tento conter um arrepio de nervosismo. Ainda não consigo acreditar na posição em que me meti. Eu deveria ter corrido para a sala dos fundos assim que Paul e Lainey entraram. Ou dado a Paul qualquer nome estranho que veio à minha cabeça em vez do de Nathan. Ou, é

claro, ter sido uma pessoa madura e ignorar completamente seus comentários. Mas sejamos realistas.

— Então, Sophia, que tipo de personagem você interpreta? — eu pergunto a ela.

— Eu sou um meio-elfo ladino.

— Legal legal. — Não sei por que perguntei. É óbvio que não tenho ideia do que é um ladino.

— Os ladinos são ágeis e furtivos. — Seu tom se tornou paternalista, e ela lança um olhar para Nathan como se eles estivessem por dentro da piada. Para meu alívio, Nathan não diz nada para incentivá-la. Eu não acho que poderia fingir que estou a fim dele se ele estivesse sendo ativamente um idiota comigo. — Podemos entrar e sair de lugares sem sermos detectados e temos alto Carisma e Persuasão — continua ela. — Sou como uma espiã do grupo.

— Hora de começar — diz Lucas com uma voz mais autoritária do que o normal. Ele nos lembra que ainda estamos viajando para encontrar a antiga civilização onde uma espada mágica está supostamente escondida. — Ao examinar a área, você vê algumas ruínas de pedra à sua esquerda. À sua direita está uma estrada bem movimentada. Há rastros recentes de rodas de carroças na lama.

— Parece que nessa direção pode ter uma cidade. Poderíamos reabastecer nossos alimentos e negociar armas — diz John ao grupo.

— Nossa, acabamos de vir de uma cidade — responde Sophia. Ela se vira para Lucas. — Estou mais interessada nas ruínas. De que tipo são?

Ele parece descontente e um pouco desconcertado.

— Hum... elas são... ruínas de anões. Situadas na base de um penhasco rochoso gigante.

Ela se senta.

— Elas são? Ok, eu quero ir para lá.

John suspira.

— Não precisamos explorar mais ruínas. Precisamos de comida e de reunir mais informações sobre esta espada.

— Mas eles são ruínas de anões, então pode haver joias. Certo, Spruce?

Anthony balança a cabeça.

— Não sei, não sou esse tipo de anão.

Ela pisca os olhos para Nathan.

— O que você me diz, Sole? Você está animado para a aventura, certo?

Tento chamar a atenção de Nathan, mas é tarde demais. Ele concorda.

— Sim. Vamos explorar.

Os outros caras trocam olhares.

— Certo. Callista, você vai primeiro.

— Claro. — Sophia se senta, claramente feliz por conseguir o que quer, e eu decido que realmente não entendo o que Nathan vê nela. Ela é bonita, claro, e conhece D&D, mas não parece se importar em fazer o que é melhor para o grupo.

Cutuco o pé de Nathan debaixo da mesa e levanto as sobrancelhas para ele.

— Recomponha-se — eu sussurro. Ele faz uma careta.

— Callista — diz Lucas —, conforme você se aproxima das ruínas, você ouve um barulho e então uma pedra voa em direção a um dos prédios, quebrando-o.

Ela franze a testa.

— Eu faço uma verificação furtiva. — Ela rola e geme.

— Três ogros saem das ruínas e avistam você. Um levanta o braço, pronto para atirar uma pedra em sua direção.

Com isso, os ombros de John caem e Anthony se derrama na cadeira.

— Eu sabia que deveríamos ter ido para a cidade.

— O que você quer fazer depois? — Lucas pergunta a ela.

— Eu corro de volta para o grupo!

— Não tão furtiva agora — murmuro baixinho. — Há algo que eu possa fazer? Posso acalmá-los para dormir cantando ou algo assim? — eu pergunto.

Lucas balança a cabeça.

— Primeiro é a rodada dos ogros. — Ele olha para algo atrás da tela de papel e depois volta para o grupo. — Tudo bem, todos os três ogros estão atacando o grupo. os dois primeiros em direção a Elphaba e Callista, o último em direção a Spruce Wayne.

Nathan se senta, ajustando os óculos e levantando as mangas do moletom.

— Vou usar minha reação de proteção para proteger Elphaba.

A mesa inteira congela. Os caras ficam boquiabertos para ele, depois para mim e de volta para ele. Pela expressão de choque deles, presumo que isso deve ser como se Nathan dissesse que se tornaria um dançarino de salão profissional. Ou experimentar lacrosse.

— *O quê?* — Lucas pergunta.

— Eu protegerei Riley. — Ele se vira e me dá um sorriso pequeno e nervoso.

Ai sim. Coloco minha mão em seu braço.

— Obrigada, Nath... ah, Sole.

— Você está brincando comigo, Nathan? — Sophia pergunta incrédula. — Você deveria ser meu paladino. Você me protege.

— Na verdade, não sou *seu* paladino. Eu deveria proteger o grupo, especialmente nosso jogador mais valioso.

— Você não está me protegendo — John resmunga para si mesmo.

Lucas lança seus dados.

— O primeiro ogro ataca Elphaba em desvantagem e... ele erra. — Ele me dá um pequeno sorriso. — O próximo ogro ataca Callista e... é um golpe crítico.

Sophia joga as mãos para o alto.

— Ótimo, agora vou tirar uma soneca. É melhor alguém me proteger da próxima vez. — Ela se vira para Nathan. — Você tem troco que eu possa usar para uma Coca Diet?

— Desculpe, usei minhas últimas moedas nisso. — Ele segura um pacote de M&M's. Sophia se levanta da mesa, mas não sem olhar demoradamente para Nathan. Lucas passa para o personagem de Anthony.

— Qual é a sua cor favorita? — Nathan me pergunta em um tom abafado. Seus olhos percorrem meu corpo. — Ou é uma pergunta boba, dado o que você está vestindo esta noite?

Eu olho para baixo conscientemente. O clima frio do outono significa que posso usar um dos meus suéteres favoritos – bolinhas arco-íris – junto com meus jeans vermelhos brilhantes. Não vejo por que preciso me limitar a usar uma cor quando posso usar todas.

— Primeiro, você foi muito bem. Você está pegando o jeito — eu sussurro. — E segundo, você não tem mais permissão para tirar sarro das minhas roupas. Você tem que ser legal agora.

— Acho que já estabelecemos que insultos leves são aceitáveis se forem proferidos da maneira certa. É por isso que estou olhando para seus jeans vermelhos muito brilhantes, como se não conseguisse desviar os olhos. — Para provar seu ponto de vista, ele arrasta seu olhar lentamente até meu rosto e levanta as sobrancelhas. — Ela ainda está prestando atenção?

Olho por cima do ombro e a pego nos olhando do outro lado do cômodo.

— Sim.

— Perfeito. Talvez você não estivesse completamente errada sobre isso. — Ele se inclina um pouco mais para perto. Os caras ainda estão conversando. algo sobre um feitiço de bruxo. e presumo que seja rude ignorá-los, mas é difícil dividir minha atenção entre o jogo, monitorar Sophia e conversar com Nathan. Especialmente quando seus óculos escorregaram pelo nariz novamente.

— Você ainda não me disse sua cor favorita.

Estendo a mão e gentilmente deslizo seus óculos de volta para a ponta do nariz. Ele pisca surpreso. É estranhamente íntimo ter minhas mãos tão perto do rosto dele.

— Seus óculos fazem muito isso. Você provavelmente deveria reajustá-los. E se eu tivesse que escolher, acho que escolheria o vermelho. É tão vibrante.

Seu olhar volta para meu jeans vermelho e eu cruzo as pernas, tentando desesperadamente parecer indiferente. É tão estranho ter Nathan me olhando desse jeito, mas preciso lembrar por que estamos fazendo isso. E que fui eu quem o convenceu.

— Vermelho também é minha cor favorita. — Ele sorri e escolhe dois M&M vermelhos para mim.

— Uh, *alô*? Sole e Elphaba? Vocês dois ainda estão com a gente? — Lucas nos olha boquiaberto do outro lado da mesa.

— Sim — eu digo rapidamente. — Pronta para lutar. Ou cantar. Tudo o que o grupo precisar.

Anthony solta uma risada.



Às 8h45, papai se aproxima e coloca a mão no meu ombro.

— Foi ótima cantando mais cedo. Se você continuar assim, vou precisar construir um pequeno palco aqui para você.

Meus olhos saltam e eu me viro para olhar para ele.

— Você ouviu?

Claro, eu sabia que qualquer um que estivesse jogando na sala dos fundos iria me ouvir, mas eu não tinha visto meu pai aqui como da última vez.

— Eu entrei assim que percebi. — Sua mão aperta meu ombro. — Eu nunca perco a chance de ouvir você cantar. Sua mãe vai ficar com ciúmes por estar perdendo.

Sinto uma vibração no meu peito ao saber que papai estava ouvindo. Ele nunca deixou de apoiar ativamente meu teatro e canto no passado. Ele comparecia aos meus recitais e shows, lembrando até de trazer flores algumas vezes, mas parecia estar ali apenas por obrigação. Ele sempre se sentava no fundo, em vez de no centro da frente, como mamãe, e escapava assim que dava os parabéns após a apresentação. Achei que sempre foi muito chato para ele. Tenho que admitir, é bom saber que ele estava ouvindo. Só espero que ele tenha voltado ao caixa antes de perceber qualquer flerte entre Nathan e eu.

— Odeio interromper uma ótima sessão — continua papai. — Mas é hora de fechar a noite. Riley, você se importa em ajudar com o registro?

— Hum, claro — eu digo, e me levanto.

Nathan olha entre Sophia e eu, claramente dividido entre ficar para falar com ela antes que ela vá embora e deixá-la com mais ciúmes. Depois de um momento, ele se levanta e caminha até a frente comigo. Olho por cima do ombro.

— Ela está olhando para você — eu digo em um tom de *eu te avisei*.

Ele balança a cabeça e me segue atrás do balcão da caixa registradora.

— Tudo bem, vá em frente e se gabe. Você estava certa. Não posso acreditar que isso está indo bem.

— De nada.

— Eu estava pensando que deveríamos conversar um pouco mais sobre isso, no entanto. Talvez...

— Temos companhia chegando — eu interrompo. Aceno em direção aos fundos da loja, onde Lucas está marchando em nossa direção. Claramente, Sophia não é a única a notar algo diferente entre nós esta noite.

— Qual é o plano? — pergunto a Nathan. — Vamos contar aos outros sobre isso?

Ele hesita e então Lucas vem até nós.

— O que está acontecendo com vocês dois esta noite?

Nathan dá de ombros para ele.

— Uh... ouça...

Mas Nathan está muito ocupado com Lucas para perceber que Sophia está vindo em nossa direção agora. Se eu não o impedir, ela vai ouvir tudo e não há como voltar atrás.

— Só estou me divertindo no jogo — eu digo. Deito minha cabeça no ombro de Nathan. — E seu personagem paladino é muito fofo.

— Você não sabe disso — argumenta Lucas, e se inclina sobre o balcão. — Talvez ele tenha um dente podre.

— Quem tem dente podre? — pergunta Sofia.

— O paladino de Nathan — Lucas responde exasperado.

— Não, ele não tem. Minha personagem nunca namoraria alguém com dente podre.

Nathan gira em direção a ela.

— Eu não sabia que nossos personagens estavam namorando.

— Talvez não agora — diz Sophia com uma piscadela. — Mas ela sempre quis.

Nathan se afasta de mim e tenho que me segurar antes de cair. *Sério, cara?* Eu engulo meu aborrecimento. Que beleza perder a compostura diante da menor demonstração de interesse.

— Nathan, se você já tiver acabado, você pode me acompanhar até o meu carro? — pergunta Sophia. — Não quero ficar sozinha depois de escurecer.

Nathan mal olha para trás enquanto sai correndo pela porta com ela. Eu suspiro. Se ele me abandonar toda vez que ela lhe der um pouco de atenção, ela perceberá que não há motivo para ter ciúmes e que tudo isso será em vão. Preciso que Nathan siga esse plano até convencermos Paul de que estou comprometida.

John e Anthony aparecem um de cada lado de Lucas, os três olhando atentamente para mim.

— Você está interessada no Nathan agora? — John pergunta. — Porque isso é muita mudança para o nosso grupo. Como vamos derrotar a hidra com todo esse drama acontecendo?

— Eu... — Olho pela porta de vidro para o estacionamento escuro, mas não consigo ver Nathan ou Sophia. Ele vai manter seus amigos no escuro ou não? — Desculpe, pessoal, papai quer trancar, então preciso contar esse registro. Falaremos sobre isso mais tarde.

— De jeito nenhum — Anthony responde. — Vocês dois estavam definitivamente flertando esta noite, e foi super desconfortável assistir. — Ele inclina a cabeça para mim. — Vou lhe dar um conselho: não se apaixone por um cara que está envolvido com outra pessoa. Se você está querendo flertar com alguém, estou aqui e não estou preso a nenhuma garota ruiva. — Ele levanta as sobrancelhas maliciosamente.

Eu balanço minha cabeça.

— Vou manter isso em mente.

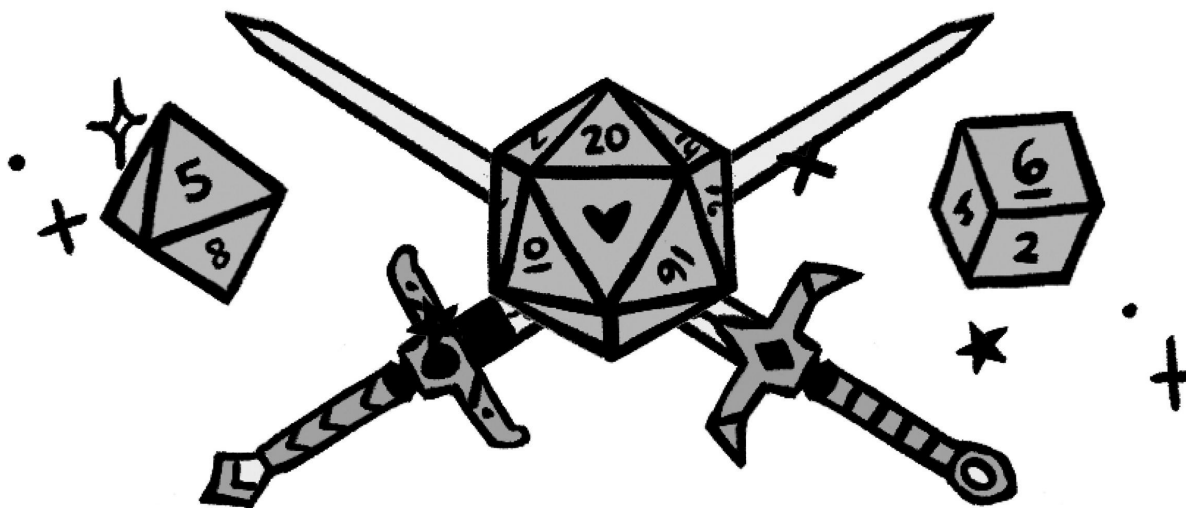
Papai sai do almoxarifado e faz uma pausa quando vê nós quatro reunidos em volta do balcão.

— Riley nunca vai terminar se todos vocês continuarem conversando. Hora de sair, rapazes. — Ele aponta para a porta da frente.

Lucas faz uma careta, obviamente querendo discutir, mas sabendo que não pode.

— Conversaremos mais tarde — ele sussurra enquanto sai. Os outros seguem atrás dele, parecendo ao mesmo tempo intrigados e descontentes.

Capítulo Nove



Mamãe me deixa na loja no sábado cedo com um aceno apressado. Ela e seu parceiro de design de interiores vão a um mercado de pulgas no interior em busca de tesouros. Nathan deve ter uma chave porque ele é o único lá dentro quando eu entro.

Sento-me ao lado dele no balcão da frente, onde ele pinta modelos de jogos de mesa. A loja está silenciosa esta manhã, mas estou trabalhando aqui há duas semanas e sei que começará a aumentar ao meio-dia. É por isso que papai manda os alunos do ensino médio cobrirem as horas da manhã – para que ele possa dormir até tarde.

Pego meu laptop. Hoshiko deve chegar logo, mas até ela chegar, vou trabalhar no meu trabalho de história.

— Obrigado novamente por ontem à noite — diz Nathan.

— De nada.

— Você acha que correu bem? Não estou imaginando isso, certo?

— Ela praticamente virou a mesa quando você ajudou meu personagem em vez do dela. E ela pediu para você andar com ela até o carro dela. — Arqueio uma sobrancelha. — Isso deve ser um bom sinal.

— Ela me beijou na bochecha antes de entrar no carro. — Seus olhos estão grudados na sua pintura, mas posso ouvir a excitação em sua voz.

— Bem, não é um beijo estranho no braço, mas acho que é um progresso.

Ele ri, e tenho que admitir que o som me enche de emoção pelo sucesso. Nathan não ri muito, ou pelo menos não ri perto de mim. Posso dizer que ele mantém um círculo muito fechado de pessoas ao seu redor e é difícil invadir. Mas de alguma forma, posso estar entrando.

Ele larga o pincel e se vira de frente para mim.

— Então. Você realmente pensou que eu era um ladrão naquele primeiro dia, né? Apenas andando por aí e roubando na frente da filha do dono?

Meus olhos se arregalam. Ele ainda está pensando nisso?

— Você tem que admitir que foi uma maneira estranha de conhecer você. E eu não percebi então que você sabia que eu era filha do papai. Como você adivinhou? Somos parecidos ou algo assim?

— Quero dizer, um pouco ao redor dos olhos, mas eu conheço você há anos. Desde que comecei a vir por aqui.

Esse conhecimento causa um arrepio no meu estômago.

— Você me conhece? Como?

— Não se preocupe, não estou apaixonado por você nem nada. Seu pai às vezes nos mostra fotos suas no telefone dele. E ele gosta de falar sobre seus recitais e outras coisas.

Ele *fala*? Avanço na minha cadeira e dou a Nathan um olhar incrédulo.

— Você está falando sério? Papai nunca fala *comigo* sobre minhas performances.

— Ah, sim, ouvi muito sobre suas habilidades de canto e atuação nos últimos anos. — Ele revira os olhos, mas de uma forma alegre e provocadora para mostrar que não está realmente irritado. — Todos os frequentadores sabem disso. Provavelmente poderíamos listar seus papéis anteriores no teatro se nos esforçássemos. Por que você acha que os mais velhos gostam tanto de ouvir você cantar durante o D&D?

Eu fico olhando, sem me importar que minha boca esteja aberta. Estou lutando para compreender qualquer coisa que ele está dizendo. Papai fala sobre mim? E mostra fotos às pessoas? De repente, minha garganta está apertada. Eu não tinha ideia de que ele se importava o suficiente para fazer isso.

Nathan esfrega a nuca, parecendo desconfortável.

— Não consigo me lembrar da maioria dos seus papéis, então não me pergunte sobre eles. Mas acho que no ano passado foi... — Ele fecha os olhos com força por um segundo. — Uh...Edith ou algo assim? Naquele musical de piratas?

Minha mão vai até minha boca.

— Sim — eu sussurro. — *Piratas de Penzance*.

Ele parece satisfeito.

— Minha tia se chama Edith, então essa foi mais fácil de lembrar do que a maioria. De qualquer forma... — Ele balança a cabeça como se não tivesse certeza do que mais dizer. — Eu teria reconhecido você de qualquer maneira. Você sabe como se destacar na escola. — Ele acena para meu suéter verde neon enorme.

Tento me livrar dos pensamentos sobre papai. Preciso processar essa nova informação, mas posso dizer que Nathan está tentando diminuir a tensão desta conversa. Sento-me e aponto para sua camiseta preta com o Homem-Aranha jogando dados.

— É melhor que isso: eu *sabia* que você tinha uma tonelada de camisas do Homem-Aranha. O que isso deveria significar?

— Se você não é legal o suficiente para saber, então não vou te contar. Eu bufo e gesticulo ao nosso redor.

— Ah, sim, nós dois estamos passando o sábado de uma forma *super* legal.

— Fale por você mesma. Não há outro lugar onde eu preferiria estar agora. — Ele fica parado, como se percebesse como seu comentário poderia ser interpretado, como um elogio para mim, mas não o retira.

Ficamos sentados por alguns momentos em silêncio e meus pensamentos voltam para o que estávamos conversando.

— Então você deve ficar muito na loja? Para o papai falar tanto com você.

— Sim. Nós brincamos sobre eu ter comprado uma cama para o quarto dos fundos.

— E seus pais não se importam?

Sua expressão escurece.

— Não. Eles não se importam. — Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele pigarreia e se levanta, apontando para um bilhete no balcão. — Seu pai quer que façamos um inventário das pinturas da *Games Workshop* esta manhã.

Agora é minha vez de distraí-lo de quaisquer emoções que estejam subjacentes às suas palavras. É bom estar de bem com Nathan esta manhã, e não quero comprometer isso trazendo à tona qualquer coisa que possa perturbá-lo.

— Para verificar se alguém está roubando? — eu pergunto com uma sobrancelha erguida.

Ele ri.

— Exatamente. Você não pode confiar em ninguém por aqui.

— Ah, *isso* eu sei muito bem.

À medida que começamos a trabalhar, tenho o prazer de perceber que não preciso mais procurar produtos como fazia algumas semanas atrás. Posso não saber jogar todos esses jogos, mas pelo menos aprendi o suficiente para reconhecer seus nomes e caixas.

Eu dou uma cotovelada nele.

— Ei, acho que é um pouco tarde para isso, mas sinto muito por acusar você de roubo. Não foi pessoal.

— Eh, foi minha culpa. Eu poderia ter dito algo para você quando te vi atrás do balcão, só achei que seria divertido mexer com você. — Ele ajusta os óculos timidamente. — Mas tinha imaginado que você não tentaria me delatar imediatamente para seu pai.

— Bem, agora você sabe que não deve me testar.

— Eu não sabia que você era uma seguidora de regras.

Eu ri.

— Ah, acredite em mim, definitivamente não sou. É por isso que estou aqui com você no sábado de manhã.

— Espere, eu sabia que havia mais nesta história. Por que você está trabalhando aqui? De verdade? — Ele deve perceber minha hesitação porque balança a cabeça. — Como seu namorado de mentira, mereço respostas reais.

Franzo os lábios, me perguntando se há uma maneira de sair dessa, mas ele parece muito atento.

— Certo. — Eu suspiro. — Então, minha melhor amiga, Hoshiko, e eu tínhamos ingressos para ver *Waitress* em Columbus e estávamos ambas muito animadas. Estávamos esperando meses pelo show.

— Esse é o título do show? O que vem a seguir “*Cook*”? Ou, espere, talvez “*Butcher*”? Na verdade, esse promete...

Eu gemo.

— Lembre-me de mostrar *Sweeney Todd* a você, então. Você já terminou?

— Nunca. Mas estou intrigado, então, por favor, continue.

— Então, no dia do show, o carro de Hoshiko quebrou. Mamãe não podia me levar, mas precisávamos encontrar um jeito de chegar lá.

— Você pediu ao seu pai?

Eu pisco. Embora ele more perto, nunca me passou pela cabeça perguntar a ele.

— Não, não fiz isso — respondo lentamente. — Eu dirigi. No carro da minha mãe. Sem contar para ela. E, hum... ainda não tenho minha carteira de motorista..

Ele cai para trás como se alguém o tivesse empurrado.

— Você está falando sério?

— Quando eles descobriram, fiquei de castigo e agora estou aqui quase todos os dias porque eles não confiam em mim sozinha em casa.

Ele joga a cabeça para trás para rir.

— Ok, isso faz muito mais sentido. Honestamente, estou quase impressionado. Valeu a pena?

— Sim. Totalmente — eu digo com uma risada.

— Legal.

A porta se abre e por um momento fico chateada porque um cliente está nos interrompendo. Então percebo que é Hoshiko.

— Eba, você veio!

— Oi! — Ela olha em volta, abaixando a cabeça timidamente quando vê Nathan. — Sou a única cliente aqui?

— Sim, as manhãs são lentas. Você conhece Nathan da escola. — Faço um gesto para ele e os dois dão um pequeno aceno.

— Tudo bem se Hoshiko e eu ficarmos um pouco no estoque? Íamos trabalhar em algumas coisas antes do papai chegar.

— Claro, vou pintar meus modelos.

Eu hesito. Eu me sinto um pouco culpada por deixá-lo sozinho agora que não estamos fazendo comentários sarcásticos um para o outro constantemente.

— Não se preocupe — ele diz —, estou bem aqui sozinho. E tenho certeza de que não tenho nenhum interesse no que quer que vocês estejam trabalhando.

Reviro os olhos e levo Hoshiko até o almoxarifado. Ainda está incrivelmente bagunçado, mas papai tem uma pequena mesa e algumas cadeiras dobráveis enfiadas em um canto. Eu puxo as cadeiras para o centro e empurro uma pilha de caixas de papelão quebradas para o lado para que tenhamos algum espaço.

Hoshiko examina a sala com ceticismo. Hoje seu cabelo está trançado para imitar uma coroa e ela está vestindo uma camisa de mangas compridas da Noviça Rebelde do nosso musical do primeiro ano. Eu realmente espero que ganhemos uma nova camisa de musical este ano também.

Ela me entrega uma caneca com alguma coisa e eu tomo um gole. Chocolate quente.

— Hmm, obrigada.

— Achei que precisaríamos de algo quente para nossa reunião matinal, mas sou pobre demais para comprar café com leite de abóbora e especiarias para nós duas.

— Chocolate quente de casa é perfeito. — Pego um caderno e sento ao lado dela. — Estamos prontas?

— Ah, acho que não. *Primeiro*, preciso saber mais sobre o que está acontecendo com Nathan. Você me disse como ele é chato, mas depois se juntou ao grupo de D&D dele e agora vocês dois parecem terrivelmente conversadores. O que está acontecendo?

Eu suspiro. Parte de mim não consegue acreditar que ela percebeu, e parte de mim ficaria triste se ela não tivesse notado. Essa é a melhor (e a pior) coisa de ter uma melhor amiga: elas conhecem você muito, *muito* bem.

Rabisco uma flor no caderno e evito contato visual. Todo esse esquema é bastante embaraçoso quando tenho que dizê-lo em voz alta.

— Que tal nos concentrarmos no teatro por enquanto e eu te conto mais tarde?

Ela levanta uma sobrancelha.

— É, acho que não. Isso é ainda melhor do que eu pensava originalmente. Você gosta dele agora? Ou você está recebendo vibrações dele? Preciso saber tudo. — Ela apoia o queixo nos punhos como se estivesse se preparando para assistir a um filme.

Dou outro suspiro.

— Não esqueça que você é minha melhor amiga, o que significa que você não pode me julgar com muita severidade. Ou de qualquer forma. Eu estava desesperada, Hoshiko!

— Pare de enrolar.

— Certo. — Eu começo a contar meu acordo com Nathan.

Ela cai de volta na cadeira.

— AiMeuDeus.

Canto os próximos versos da música *Legalmente Loira* sem pestanejar. É uma regra não escrita que uma de nós não pode dizer “aimeudeus” sem que a outra cante o resto.

— Você está em um daqueles relacionamentos falsos como nos filmes? — ela pergunta.

— Não é um relacionamento. Não é como se estivéssemos namorando oficialmente. Se estivéssemos, ele não poderia flertar com Sophia sem me trair.

— Essa frase é muito estranha. — Ela olha para mim, piscando lentamente, um sorriso se espalhando por seu rosto. — Então, vocês dois estão namorando agora? Apenas de fachada, é claro. — Ela pisca.

— Não! Tudo foi totalmente inocente. Estou apenas pensando nisso como uma prática de atuação.

Ela ri.

— Mmm, sim, você é muito dedicada ao seu ofício. E felizmente não há possibilidade de mais coisas acontecerem, já que os atores nunca se apaixonam. — Ela levanta uma sobrancelha acusadora.

— Shhh, essas paredes podem ser finas! — eu sussurro. — Podemos, por favor, passar para coisas mais importantes agora? A senhorita Sahni não foi particularmente tranquilizadora sobre nossas possibilidades de trazer de volta o musical, mas ela confirmou um encontro com o diretor Holloway em três semanas, assim que ela terminar a preparação para o baile.

Há tanta coisa para fazer antes disso que meu cérebro congela quando penso nisso. Ainda não fiz *nada*.

Hoshiko finge respirar lenta e profundamente e depois aponta para minha caneca de viagem.

— Primeiro, beba mais cacau. Então começaremos trabalhando em uma linha do tempo. Quando o pedido de licença vai vencer, audições, lista de elenco, cronograma de ensaios, possíveis datas de show. — Ela conta os itens nos dedos. — Depois de ter tudo planejado, aposto que você se sentirá muito melhor.

Tomo um gole profundo do meu chocolate quente e sorrio para ela por cima da caneca. Graças a Deus pelas melhores amigas.



Às onze e quarenta e cinco, coloco a cabeça na frente para ver como estão as coisas. Papai estará aqui em breve e não quero ser pega na parte de trás com Hoshiko. Felizmente ela estava certa – ter um cronograma provisório me acalmou.

Nathan ainda está sentado no balcão pintando.

— Tudo terminado?

— Bom, estamos fazendo uma pequena pausa pelo menos. Está tudo bem aí?

— Quietos como sempre.

A porta se abre e Lucas entra com seu pai, que acena para nós e se dirige para a sala de jogos dos fundos. Lucas corre até Nathan e eu.

— Tudo bem, não tentem me distrair. O que aconteceu na última... — Ele faz uma pausa no meio da frase enquanto Hoshiko chega ao meu lado.

— Achei que poderia estar perdendo toda a diversão — ela sussurra.

— Ah, oi, Hoshiko. Eu sou, er, Lucas. Se você ainda não sabia disso. — Suas bochechas ficam adoravelmente vermelhas.

— Eu sabia. Olá, Lucas.

Hoshiko está calma, mas quieta, e eu a observo furtivamente. É incrível como ela pode ser diferente em ambientes diferentes. Ela é incrivelmente poderosa e confiante quando está dançando ou atuando, mas muitas vezes foge da atenção na vida cotidiana. Na verdade, várias vezes os colegas de classe não a reconheceram no palco porque ela não se parece em nada com a humildade de sempre.

— Você estava dizendo? — Nathan pergunta a Lucas com um sorriso.

— Eu... — Ele vacila. A aparição de Hoshiko sugou todo o trovão de Lucas. — O que estava acontecendo com vocês ontem à noite? Vocês dois...

— Não — diz Nathan.

Solto um suspiro. Estou muito feliz que Nathan não queira mentir para seus amigos sobre isso.

— *Definitivamente* não — acrescento. — Estamos apenas tentando deixar Sophia com ciúmes. E acho que está funcionando.

Lucas olha boquiaberto para nós.

— Espere, então isso foi tudo uma atuação? Você está falando sério?

Compartilho um olhar com Nathan e rapidamente explico o acordo novamente, repassando os detalhes sobre Paul.

— Não é a coisa mais maluca que você já ouviu? — Hoshiko pergunta a Lucas quando termino. — Como se isso não fosse explodir na cara deles.

Nathan e eu reviramos os olhos. Não é grande coisa.

Lucas acena enfaticamente para ela, claramente animado por ela estar falando com ele.

— Né? Isso é exatamente o que eu estava pensando! Cara, mesmo que funcione, ela vai perder o interesse assim que perceber que 'tem' você. E quem quer estar com alguém se você tem que enganá-lo para que goste de você? Você está se preparando para o fracasso.

— Você não sabe disso — argumenta Nathan. — Acho que assim que Sophia e eu começarmos a conversar mais, ela vai perceber o quanto temos em comum e o resto será história. Esta será uma história de origem engraçada que contaremos a todos quando estivermos velhos e grisalhos.

Nós três gememos em uníssono.

— Isso foi triste — diz Lucas. — Tipo, estou legitimamente deprimido ouvindo você dizer isso.

— Estou muito feliz por ter seu apoio.

— Sou um amigo solidário que acha que você merece algo melhor do que Sophia. Não acredito que você concordou com isso, Riley. Achei que

você tivesse a compreendido melhor.

Secretamente, concordo com Lucas, mas não posso arriscar que Nathan desista do acordo antes que Paul esteja totalmente convencido. Eu levanto minhas mãos em rendição.

— Sou uma jogadora neutra aqui.

— E eu sou a observadora casual que está chateada por não poder ver essa loucura se desenrolar em primeira mão — acrescenta Hoshiko.

— Você *pode* vir e ver isso implodir — diz Lucas imediatamente. — Vou até trazer pipoca. Venha para o nosso próximo jogo, você é sempre bem-vinda.

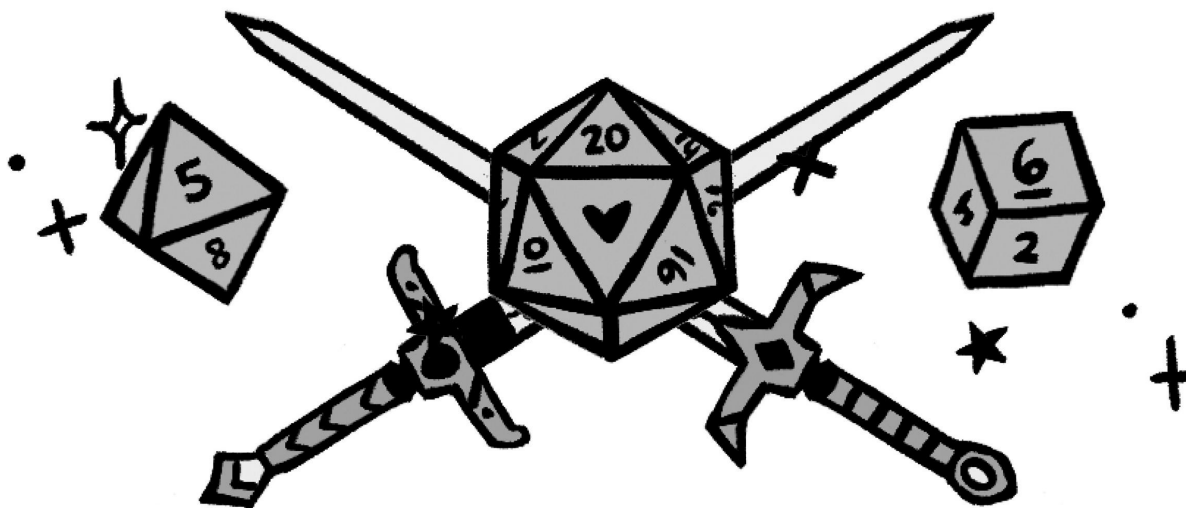
— Sim! — eu exclamo. — Hoshiko, venha, por favor? Você poderia até fazer um personagem – poderíamos ser bardos juntas! — Eu me viro para os caras. — Tudo bem, certo? Não é como se tivéssemos muitas pessoas.

Nathan balança a cabeça.

— Na verdade, nós temos...

— *Nunca* temos muitas pessoas. — Lucas lança um olhar penetrante para Nathan. — Considere-se a mais nova membro da equipe.

Capítulo Dez



Eu deveria ter prestado mais atenção. Se tivesse, talvez tivesse visto Paul vindo em minha direção no refeitório durante o almoço de segunda-feira. Eu poderia ter me virado casualmente sem que ele percebesse que eu o estava evitando. Ou até mesmo correr para o banheiro, se necessário. Em vez disso, estou enterrada no meu telefone quando o escuto.

— Riley?

Minha cabeça se levanta e quase gemo alto. Por que ele ainda está falando comigo? Não há mais nada a dizer.

— Ah, ei.

Procuro Hoshiko, então teria uma desculpa para fugir, mas lembro que ela ficou para trás para conversar com nossa professora de francês sobre o próximo teste.

— Então... estive pensando sobre o que aconteceu na loja do seu pai e quero esclarecer as coisas.

Ele desliza as mãos nos bolsos, parecendo relaxado e seguro de si.

Meu estômago dá um nó, mas forço uma expressão calma no meu rosto.

— Não há nada para esclarecer. Está perfeitamente claro agora.

O que estou dizendo? Tenho que parar de deixar escapar coisas mortificantes perto dele.

— Escute, eu deveria ter lhe dado mais tempo após o rompimento para... você sabe, se sentir melhor ou algo assim, em vez de levar Lainey lá comigo. Isso não foi legal.

Ele está certo, não foi legal, mas isso não significa que eu queira falar sobre isso. Além disso, nunca saberei quais são seus motivos. Ele está realmente preocupado com meus sentimentos ou está apenas tentando limpar a própria consciência? Provavelmente o último. Estou tentada a repreendê-lo, mas não quero brigar no meio do refeitório.

— Não se preocupe com isso.

— É? Maneiro. E vamos esquecer toda aquela coisa do Nathan.

Ele pisca e depois finge fechar os lábios e jogar fora a chave. É como se ele tivesse jogado um balde de água fria em mim. Tenho que me impedir de pegar aquela chave imaginária e enfiá-la em algum outro lugar na pessoa dele.

— Que coisa do Nathan? — Minha voz é pouco mais que um sussurro.

Ele se inclina como se estivéssemos compartilhando segredos.

— Você sabe... onde você fingiu que ele era seu namorado? Não se preocupe, não direi nada sobre isso.

A raiva percorre meu corpo tão rápido que fico surpresa que meu vestido floral favorito não pegue fogo e me deixe nua como se eu estivesse em um dos meus pesadelos clássicos. Eu não me importo que ele esteja 100% correto. Ele não deveria simplesmente presumir isso.

Se antes houvesse a menor possibilidade de eu contar a verdade, ele simplesmente explodiu isso em pedacinhos. Nunca vou confessar tudo agora. Não quando ele está agindo como se estivesse me fazendo um grande favor ou guardando um segredo vergonhoso para mim. Eu estou fincando meus calcanhares até que as solas dos meus sapatos derretam com o magma no centro da terra.

— Eu não estava fingindo.

Ele zomba.

— Riley, pare com isso. Era bastante óbvio.

Meus nervos se agitam e olho ao redor do refeitório, embora não tenha ideia de onde Nathan possa estar agora ou a que horas ele almoça. De repente, estou desesperada por ele ao meu lado. Se ele estivesse aqui, poderíamos arrancar essa expressão do rosto de Paul. Isso é tudo que quero no mundo: ver Paul perceber que está errado.

E então vejo Nathan caminhando em minha direção, parecendo surgir do nada. Seu rosto exibe um pequeno sorriso tranquilizador, como se ele soubesse exatamente o que estou pensando e dissesse: *Nós vamos dar um jeito nisso.*

— Ei. — Sua voz é calorosa. — Eu estava procurando por você.

Estou tão grata que não penso; Eu apenas envolvo meus braços em volta de sua barriga e o puxo com força. Ele enrijece por um breve momento antes de retribuir o gesto. Respiro fundo. A camiseta dele cheira bem.

Eu me afasto e Nathan mantém o braço em volta da minha cintura. Ele olha para Paul.

— E aí, cara?

O olhar de Paul oscila entre nós.

— Eu... — Ele para, franzindo as sobrancelhas enquanto nos observa.

— Uhn, só estava conversando com Riley.

— Sim, posso ver.

Os dedos de Nathan pressionam suavemente a pele da minha cintura. Meu coração bate mais rápido e me distraio com o fato de ele estar me tocando. Nossos corpos se pressionam juntos, então posso sentir a costura áspera de sua calça jeans através do meu vestido.

Eu me viro para Nathan. Seus olhos são de um verde brilhante atrás dos seus óculos.

— Estávamos falando sobre você. — Viro-me para Paul e sorrio. — Não estávamos?

Paul parece tão abalado com essa reviravolta que ficou boquiaberto. Quero mergulhar neste momento como se fosse o banho de espuma mais luxuoso do mundo. *É glorioso.*

— Hum, bem... — Paul arrasta os pés.

— Estávamos conversando sobre você e eu namorando — continuo, sem querer deixar Paul fora de perigo ainda.

— Não me diga — Nathan responde. — Esse é o meu tópico favorito de conversa.

Ele se aproxima e sua mão se move levemente, deixando cinco pontos quentes onde antes estavam as pontas dos dedos.

— Meu também.

Ele se vira para Paul.

— Você está bem? Você parece meio enjoado. — A voz de Nathan é uniforme e calma, quase tingida de preocupação, mas também há um toque de desafio. Sua atuação é algo lindo de se ver. Digno do Tony, com certeza.

Paul balança a cabeça.

— Estou bem. Apenas... você sabe, me atualizando com Riley. Estou feliz por vocês.

Ele dá um passo para trás, mas seus olhos estão alternando entre nós como se fôssemos um enigma que ele não consegue resolver.

— Obrigado. Embora você não possa estar tão feliz quanto eu. — Nathan aperta meu lado novamente. — Eu ia pegar uma pizza. Você quer uma fatia, bebê?

Bebê? Ok, precisamos trabalhar nos apelidos, mas estou muito grata para me importar agora. Eu aceno ansiosamente.

— Sim, estou morrendo de fome. Até mais tarde, Paul.

Não esperamos que ele responda. Nathan me solta, mas só para poder deslizar a mão na minha. Nossos dedos se entrelaçam e isso parece estranho. A última pessoa a segurar minha mão foi Paul e sua mão era larga e macia. A mão de Nathan é fria e fina, seus dedos são mais longos que os de Paul.

Caminhamos em direção à cantina de pizzaria, sem dizer uma palavra até que tenhamos colocado uma boa distância entre nós e Paul.

— Ok, tenho que admitir, foi muito divertido. — Nathan ri. — Tudo bem?

Meu coração está prestes a saltar do peito, mas da mesma forma que acontece quando a cortina acaba de cair depois de um show e eu sei que acertei na performance.

— Isso foi incrível. Você é incrível. *Obrigada.*

— Sem problemas. — Seu aperto em minha mão afrouxa. — Você quer parar de dar as mãos? Ou isso parecerá suspeito se Paul ainda estiver observando?

Olho ao redor. Não consigo vê-lo, mas não vou correr nenhum risco depois do que acabamos de fazer.

— Vamos continuar um pouco mais. Se você não se importa.

— Eu não me importo. Na verdade, não estou mais na segunda série, sei que você não tem piolhos. — Ele aponta à nossa frente. — Eu ia

pegar uma fatia de pizza. Você quer uma?

Eu concordo.

— Claro. — Ainda estou muito pasma para pensar com clareza.

Ele olha para mim, seu rosto preocupado.

— Então... está tudo bem em ter vindo assim? Eu vi Paul conversando com você e percebi que era meu chamado à ação.

— Foi perfeito. — Balanço a cabeça, todo o meu corpo fica tenso quando me lembro do que Paul disse. — Ele acabou de me acusar de inventar tudo com você.

Nathan suspira sarcasticamente.

— Ele é mais inteligente do que parece.

— Não importa se ele está certo ou não. É o princípio da coisa — digo baixinho. — Você não pode simplesmente acusar alguém disso! A menos que todo o propósito seja fazer a pessoa aceitar a derrota e admitir que é um idiota total. E o jeito que ele fez isso também... como se ele fosse um cara tão legal, me dando aval. Eca. — Viro-me para encarar Nathan, fazendo-o parar. — Você vai continuar comigo, certo? Por um tempo?

— Estou aqui, não estou?

— Você está. Este é um bom ponto. *Como* você está aqui?

— Temos o mesmo horário de almoço, Riley — ele responde, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Nós temos?

— Sim. Almoçamos no mesmo horário pelos últimos dois anos. Eu sento ali.

Ele aponta para o refeitório e encontro Anthony, John e Lucas olhando abertamente para nós.

Fico boquiaberta para ele e volto para a mesa.

— Huh.

Não acredito que nunca os notei antes. Hoshiko e eu tendemos a estar em nosso próprio mundo quando estamos juntas.

Chegamos ao balcão e cada um pega uma fatia de pizza. Então nos entreolhamos, como se percebêssemos ao mesmo tempo que não sabemos o que fazer a seguir. Flertar na loja de jogos é uma coisa, mas estar na escola é algo totalmente diferente. Eu não tinha pensado nas implicações. Precisamos comer na mesma mesa agora? Deveríamos andar pelos corredores de mãos dadas? Trocar olhares de saudade e nos beijar quando os professores não estão por perto? Pelo menos não temos aulas juntos, então não precisamos nos preocupar em como isso vai funcionar.

— Na verdade, vamos sentar aqui por um segundo. — Ele aponta para o final de uma longa mesa vazia. — Eu queria conversar sobre uma coisa antes, mas fomos interrompidos na loja.

Nós dois sentamos e eu pego minha pizza.

— Então, se continuarmos com isso por um tempo, talvez devêssemos conversar sobre as... hum, regras de tudo isso. Tipo, o que está certo e o que não está certo fazer.

Eu balanço minha cabeça.

— O que você quer dizer?

— Como quando ficamos de mãos dadas. E quando eu coloquei meu braço em volta da sua cintura. Nunca conversamos sobre se esse tipo de coisa era legal ou não.

Eu me inclino para trás, surpresa com sua consideração.

— Nathan, se eu não te conhecesse melhor, pensaria que você estava sendo atencioso.

Ele revira os olhos.

— Ah, não se preocupe, você ainda me irrita, mas eu não sou um idiota. Não quero fazer nada que possa deixar você desconfortável.

— Você não fez isso.

Ele parece aliviado.

— E no futuro? Se continuarmos fazendo isso, poderão surgir coisas – coisas que não planejamos. Devíamos saber onde está a linha. Ou ter um código ou algo assim para sabermos quando a outra pessoa não se sentir confortável.

Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Tipo... uma palavra segura?

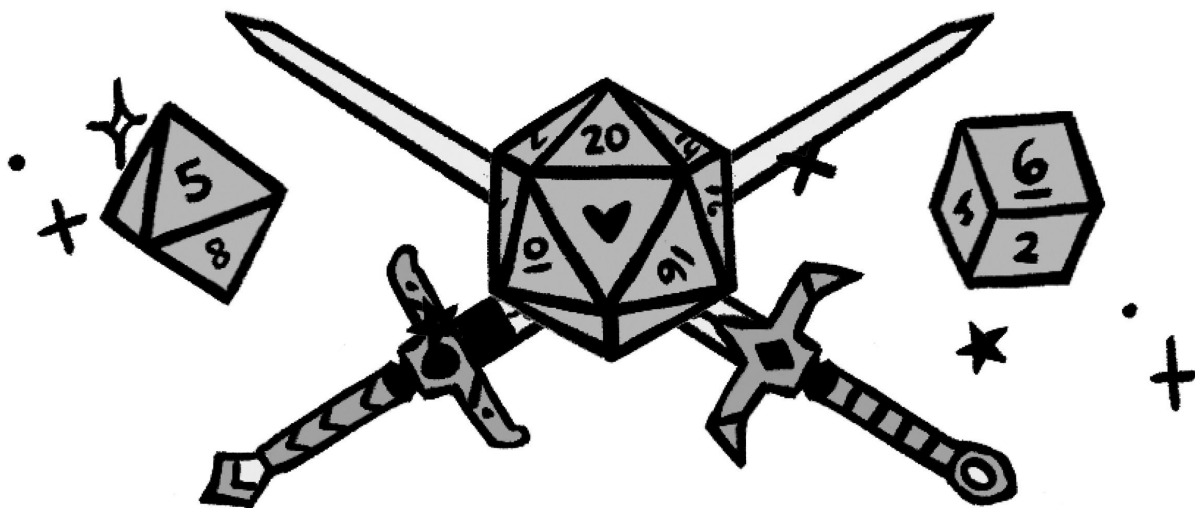
Ele engasga com o pedaço de pizza. Nossos olhos se cruzam e começamos a rir.

— Uau, isso cresceu rapidamente — diz ele, e solta outra risada. — Nem uma palavra, isso seria muito óbvio. E estranho.

— Que tal nos beliscarmos? — eu sorrio e estendo a mão e belisco seu antebraço.

— Ai! Não tão forte! — Ele esfrega o braço. — Já estou me arrependendo disso, mas tudo bem. Contanto que você não aperte com força suficiente para tirar sangue.

Capítulo Onze



Para minha surpresa, mamãe está no estacionamento na terça-feira para me buscar, parecendo ter acabado de sair de uma sessão de fotos de outono. Seu cabelo agora está com um tom avermelhado e ela só usa maquiagem e roupas com “paleta quente de outono” até dezembro. Se ela pudesse andar por aí segurando uma abóbora, ela o faria.

— Onde está o papai? — pergunto enquanto entro no SUV.

— Ele ficou preso na loja e perguntou se eu poderia passar por aqui. Como foi a escola?

— Foi boa. — Faço uma pausa e sorrio com a música enchendo o carro. — Voltou a ouvir isso de novo?

— O tempo não diminui a qualidade.

Mamãe e eu passamos uns bons seis meses ouvindo a trilha sonora de *Hamilton* quando eu estava no ensino fundamental. Na verdade, quase sempre temos uma trilha sonora tocando quando dirigimos para algum lugar. Tento lembrar se fizemos isso quando Papai estava no carro

conosco, mas acho que não. Sempre foi uma coisa especial que guardamos para nós duas.

Saber disso me dá uma pontada de culpa, o que é estranho. Nunca me senti culpada por deixar meu pai de fora antes.

Olho para mamãe.

— Você sabia que papai tem contado às pessoas da loja sobre minhas apresentações no teatro?

Ela levanta uma sobrancelha.

— Como eu poderia saber disso?

— Certo. É só que... não é estranho? Achei que ele não se importava.

— Bem — ela hesita — ele não ama teatro como nós, mas ele ama você. Talvez ele quisesse mostrar um pouco sua filha talentosa. Eu sei que eu faço.

Ela dá um tapinha na minha perna com carinho.

Respiro fundo, pensando em como ele está feliz na loja. Você pensaria que eu não estou lá como punição, pelo jeito que ele sorri para mim e se agita me verificando e perguntando como eu estou. Não é que ele fique infeliz quando fico com ele nos fins de semana, mas sempre há uma tensão subjacente, como se não soubéssemos como estar perto um do outro. Estar na loja com ele é a primeira vez que estamos juntos fazendo algo que ele realmente gosta e conhece.

— Talvez você devesse perguntar a ele — continua mamãe. — Você deveria ter um bom relacionamento com seu pai. Eu sei que nem sempre facilitamos as coisas para você desde o divórcio... que eu não facilitei as coisas. É difícil compartilhar você. — Ela olha e me dá um sorriso. — Mas talvez desta vez na loja você tenha a chance de conhecê-lo melhor.

— Okay. Talvez eu conheça.

— Mas não vou desistir de nossas noites de cinema musical. E teremos outra nesta quinta-feira. Talvez repetir *Hamilton* seja

necessário?

— Sim! — Concordo e aumento o volume. Cantamos junto *“Wait for It”* e então penso em outra coisa que queria mencionar. — Entããã, o evento de início de ano é no primeiro fim de semana de outubro.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Que fato interessante e aleatório para mencionar do nada.

— Mãe — eu imploro. — Você acha que ainda há alguma maneira de eu ir? Eu sei que estou em apuros, mas você não gostaria de me privar de uma tradição americana tão consagrada pelo tempo, não é?

Ela balança a cabeça e geme.

— Você pode fazer melhor do que isso.

— Hoshiko e eu sempre andamos juntas. É apenas uma noite.

— Eu não sei, Riley. Você deveria estar aprendendo uma lição com essa punição. Se lhe dermos tudo o que você deseja, então qual é o sentido?

— Mas estou aprendendo minha lição. Eu já aprendi. — Inclino minha cabeça em seu braço, o que talvez seja perigoso já que ela está dirigindo, mas preciso bajulá-la. — Você vai pelo menos pensar sobre isso?

Ela fica em silêncio por alguns momentos e acho que a perdi, mas então ela rapidamente beija o topo da minha cabeça.

— Veremos. Não tenha muitas esperanças.

Eu sorrio e me sento direito.

— Eu prometo.



Quando entro na loja, Sophia está parada no caixa, no meio do que parece ser uma conversa íntima com Nathan.

Eu estalo minha língua. Ele é claramente inútil sem mim. Viro os ombros para trás e caminho para trás do balcão.

— Olá, Sophia. Nathan.

— Ei. — Ele mal olha na minha direção e então olha duas vezes. — Ah, quero dizer, *ei*.

Meu Deus, ele não está convencendo assim de jeito nenhum.

— O que vocês estão conversando? — eu pergunto.

— Só coisas de jogador. — Sophia me olha de cima a baixo. — Essa roupa é realmente algo.

— Obrigada — digo, mesmo sabendo que não foi um elogio. — Você está bem também.

Nós duas nos destacaríamos na multidão. Parece que Sophia está prestes a viver sua melhor vida caseira em um vestido florido esvoaçante com corte baixo o suficiente para atrair todos os olhares para seu peito. Enquanto isso, estou usando minha calça xadrez preta e branca favorita, um suéter laranja grosso e brincos amarelos de carinha sorridente. Elegante e recatada, não sou.

Olho significativamente para Nathan, esperando que ele me elogie. Em vez disso, seus olhos permanecem em Sophia. Eu solto um suspiro. Ele claramente esqueceu completamente o plano na presença do vestido dela.

Coloco a mão em seu braço.

— O almoço foi divertido hoje.

Digo isso para lembrá-lo de que estou ali, mas também é a verdade. Os caras começaram a sentar comigo e com Hoshiko, e no começo eu não tinha certeza se ela gostaria de adicionar mais alguém ao nosso duo, mas ela tem estado legal com tudo. Esta tarde todos nós entramos em um debate estranhamente histérico sobre se Pop-Tarts gelados são melhores do que os descongelados. Mantenho a convicção de que o

gelado é superior em açúcar porque mais açúcar é sempre *melhor*, mas Lucas e Anthony discordam veementemente. Algo sobre conseguir mais recheio nos descongelados. Estávamos praticamente em território de luta por comida no final do almoço.

— Time Congelado para sempre — ele responde, e me cumprimenta.

— E para sempre — eu rio. — Se eu tivesse um carro, correria até a loja e pegaria algumas caixas só para que pudéssemos comê-las lentamente durante o jogo para trolhar os outros.

— Devíamos fazer isso! Eu sei dirigir.

Eu pisco de surpresa. Eu só estava brincando, mas ele parece totalmente sério.

— Hum, quero dizer, duvido que meu pai me deixe ir, mas adoro o seu entusiasmo.

Olho para Sophia, que está franzindo a testa, claramente confusa com a nossa piada interna. Quase me sinto mal pela maneira como estou tentando excluí-la – e pelo fato de que estamos tentando deixá-la com ciúmes, em primeiro lugar – mas então me lembro de como ela tem sido desdenhosa com Nathan (e comigo) e minha simpatia desaparece.

Nathan olha a hora em seu telefone.

— O jogo vai começar em breve, mas há um supermercado na rua. Aposto que conseguiremos. Quer?

— Claro, se conseguirmos que papai concorde. Eu quero o de morango.

— É melhor você compartilhar. — Ele pega suas chaves. — Vou falar com seu pai.

Ele corre para o almoxarifado e Sophia e eu nos olhamos desconfortavelmente. Depois de um momento ela vai embora sem dizer mais uma palavra. Vou até Fred e Arthur e converso por alguns minutos sobre seus filhos e netos.

Nathan volta parecendo triunfante. Eu o sigo porta afora em vez de fazer perguntas.

— Temos que comprar refrigerante diet para a loja. Não me deixe esquecer.

— Não acredito que você fez meu pai concordar com isso — digo enquanto clico no cinto de segurança e tento encontrar um lugar confortável para colocar meus pés, onde eles não fiquem diretamente em cima de sacolas de fast-food descartadas. Pelo menos o carro não cheira mal. — Achei que não tinha permissão para andar com ninguém além dele e da mamãe.

— Bem, você pode não querer mencionar isso para sua mãe apenas por segurança. Mas seu pai confia em mim implicitamente.

— Sim, claramente. E papai quer refrigerante diet? Ele odeia essas coisas.

— Eu sei — Nathan diz com um encolher de ombros. — Mas o médico dele disse para ele começar a se exercitar e cortar o açúcar, e isso é o mais próximo que ele chegou. Pelo menos ele está tentando ser mais saudável.

Mordo o lábio e aceno com a cabeça. Eu não sabia nada sobre isso. Papai está sob ordens do médico para mudar sua dieta? E ele está contando isso a Nathan, entre todas as pessoas? Talvez a melhor pergunta seja por que ele não está me contando. Acho que mamãe está certa sobre tentar construir um relacionamento melhor com ele.

Nathan liga o carro e uma música toca meus tímpanos, me assustando. Ele desliga rapidamente, mas ouvi o suficiente para reconhecer a música.

— Você ouve músicas antigas? — eu pergunto com um sorriso.

— Não exatamente.

Eu zombo.

— Hum, tenho certeza que era Michael Jackson que estava tocando nos alto-falantes.

— Ah sim?

Ele aumenta o volume e sai do estacionamento. A música começa a tocar novamente e é “Beat It” por Michael Jackson... mas também não é. Aperto os olhos e ouço a letra. Ele está dizendo “*eat it*”? Que tipo de música estranha é essa?

Nathan ri quando vê minha expressão confusa.

— É Weird Al Yankovic. Ele fazia músicas de paródia até um tempo atrás. O pai de Lucas nos apresentou sua música quando éramos crianças.

— E você ainda está ouvindo agora. Muito legal.

— Achei que você já tivesse percebido que sou o *mais* legal.

— Bem... — Dou um tapinha em seu painel. — É muito legal ter seu próprio carro. Eu gostaria de ter um, mas não acho que isso vá acontecer agora.

Seu sorriso desaparece.

— Você precisa do seu próprio carro quando seus pais não estão por perto para levá-lo a algum lugar. Tirei minha licença no momento em que pude.

Pisco, surpresa com sua mudança de tom. Nathan nunca age dessa maneira perto de seus amigos de D&D. Ele nunca é melancólico ou amargo – mas nunca menciona seus pais ou a vida doméstica. Eu me pergunto se é possível que eu esteja vendo um lado dele que a maioria das pessoas não conhece. Isso me deixa ainda mais curiosa, mas não tenho certeza se deveria ser eu quem deveria fazer perguntas. Talvez ele devesse ser aquele que escolhe compartilhar.

— Acho que eu deveria ter tirado minha licença também, hein? — Eu pergunto levemente em vez disso.

Ele ri.

— Isso provavelmente teria lhe poupado alguns problemas.

— E poupar você de muitos problemas. — Faço um gesto ao redor do carro. — Imagine como sua vida seria fácil se eu não tivesse sido pega na volta para casa depois de *Waitress*. Você estaria saindo com seus amigos em vez de flertar falsamente e comprar Pop-Tarts gelados.

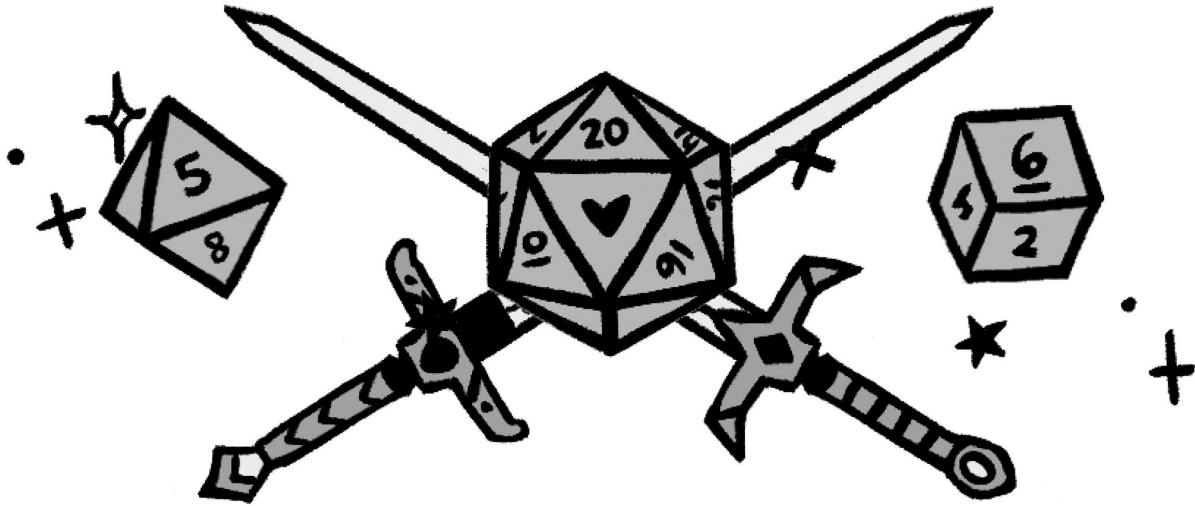
— Na verdade... esta linha do tempo está tendo certo apreço para mim.

Ele desvia o olhar da estrada por tempo suficiente para que nossos olhos se encontrem, mas é tempo suficiente para meu estômago dar um pulo como se estivéssemos em uma montanha-russa que acabou de cair.

Nós nos separamos no supermercado – ele correndo para pegar o refrigerante enquanto eu pego os Pop-Tarts – e então corremos de volta para o carro e para a loja de jogos. Provavelmente não saímos há mais de quinze minutos, mas me sinto diferente quando volto pela porta da Sword and Board Games, com o de morango na mão. Sorrio para Nathan, e ele sorri de volta sem a menor animosidade.

Acho que somos amigos de verdade agora.

Capítulo Doze



Eu entrelaço meu braço com o dele enquanto voltamos para a loja.

— Aqui vamos nós. E lembre-se, você não vai pensar nela. Você está muito ocupado conversando comigo.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Você não quis dizer zoando você por causa de suas calças?

— Você ama minhas calças — eu digo, sem perder o ritmo. — Elas são incríveis.

— Eu poderia jogar xadrez com elas.

Eu sorrio para ele.

— Quem disse que a moda não pode ser prática? — Abro a porta da sala dos fundos e vamos para a mesa de D&D, os outros nos olhando enquanto nos aproximamos. Nathan sacode a sacola de compras para eles. — Adivinha o que temos?

— Eu não entendo. Qual é a surpresa com Pop-Tarts? — Sophia diz fazendo beicinho enquanto Nathan tira uma caixa e balança no ar.

— Espere, vocês trouxeram Pop-Tarts? Legal! — Exclama Anthony.

— Você percebe que tipo eles têm, certo? — John pergunta a ele e depois olha para mim em busca de confirmação. Eu sorrio maliciosamente.

— Todos os gelados que você puder comer — respondo.

Anthony geme.

— Nathan? — A voz de Sophia é baixa e luto contra a vontade de olhar em sua direção. — Acabei de terminar o primeiro livro da Roda do Tempo e adorei. Principalmente o final.

— Uau, que legal que você leu — ele responde. — O que você achou daquela última cena de luta com Ba'alzamon?

Mordo o lábio, sem saber se devo chamar sua atenção de volta para mim ou deixá-los falar. Depois de um momento, tiro meu braço do dele e me afasto deles. Não quero me distrair de uma conversa real, já que esse é o objetivo deste acordo. Embora esse namoro falso seja tão complicado que é difícil mantê-lo correto.

Felizmente Hoshiko entra naquele momento, olhando em volta nervosamente, e eu corro até ela.

— Você veio!

À nossa esquerda, um grupo de rapazes de meia-idade explode em gargalhadas durante o jogo de tabuleiro e ela pula.

— No que você está me metendo? — ela sussurra.

— Vamos nos divertir muito juntas!

Eu a chamo para a mesa. Lucas se endireita e John e Anthony parecem mais despertos também.

— Oi — ela diz com um pequeno aceno.

— Que bom que você veio — diz Lucas, praticamente vibrando de excitação, e a apresenta a todos os outros. Sophia mal olha, ela está muito ocupada conversando sobre livros com Nathan.

— Então... como tudo isso funciona? — Hoshiko pergunta, olhando para mim em busca de ajuda.

Hesito e depois balanço a cabeça.

— Lucas é o especialista. Ele vai te ajudar a criar um personagem.

Ela se senta e ele aproxima a cadeira dela.

— Eu sei em que classe você deveria estar — acrescento. — Um bardo!

— Claro. — Ela se vira para Lucas. — Eu quero ser igual a Riley.

— Legal! Talvez possamos cantar duetos!

— Isso é uma coisa real em D&D? — ela pergunta. — Por que não estamos jogando isso?

— Hum, não, isso não é uma coisa comum. Mas eu quero dizer...

— Agora temos dois bardos? — John interrompe. — Isso está ficando ridículo. Por que estamos acrescentando tanto à nossa equipe quando nada está contribuindo?

— Cara, cala a boca — diz Anthony, e sorri para Hoshiko e para mim. — Isso está muito melhor do que antes.

John revira os olhos e dá de ombros.

Percebo que estive ignorando Nathan, então me viro. Ele parece perfeitamente feliz conversando com Sophia. Esta é uma linha tão estranha de se andar. Devo interromper a conversa deles e começar a flertar? Mas o objetivo é ajudá-lo a falar com ela. E se ele quiser que eu fique longe para que eles possam conversar mais?

Hoshiko rapidamente constrói seu personagem com a ajuda de Lucas e então voltamos à missão. Caminhamos até a costa leste para encontrar a espada do paladino de Nathan, mas agora descobrimos que ela é guardada por um troll. Não é novidade que isso leva a outra batalha.

— O que posso fazer? Os bardos não apenas cantam e contam histórias? — Hoshiko pergunta a Lucas.

— Você poderia usar sua habilidade de inspiração para me *buffar* — diz Anthony, e aproxima sua cadeira dela. Acho que ele está flertando com ela, já que estou muito envolvida com Nathan para retribuir. aguardo a reação de Lucas.

Hoshiko franze a testa.

— *Buffar* você?

— Anthony, calma — Lucas diz, e olha para Anthony.

Aí está. Lucas está claramente interessado em Hoshiko.

— Ele quer dizer que sua habilidade fortalecerá o ataque dele — explico a ela. — Esta é oficialmente minha parte favorita do jogo. Apenas observe. — Me viro para Lucas. — Vou usar minha habilidade de inspiração para fortalecer Sole.

— E o que você vai cantar para nós desta vez? — Lucas pergunta.

— Estou com vontade de um clássico. — Eu me viro para Nathan. — Parece bom?

Em vez de encarar ou se esgueirar para baixo da mesa como no nosso primeiro jogo juntos, Nathan concorda.

— Estou preparado para ser devidamente inspirado.

Eu dou a ele um sorriso brincalhão e então começo a cantar “People Will Say We're in Love” de *Oklahoma!* Alguns caras do outro lado da sala riem – eles estão se acostumando com meu canto – e Nathan passa a mão na boca para disfarçar o riso. Eu estava esperando pela minha chance de cantar essa.

Não posso acreditar que posso começar a cantar e realmente fazer com que isso seja útil para a campanha. E a reação de Nathan é completamente diferente da de antes. Claro, isso pode ser porque o personagem dele fica mais forte depois que uso minhas incríveis habilidades de canto para inspirá-lo. Ou talvez ele esteja apenas fingindo que gosta disso para o ciúme de Sophia. De qualquer forma, vou aceitar

o que conseguir. Eu chamo Hoshiko para se juntar a mim e ela assume o papel de Curly, nós duas tentando um pouco de harmonia enquanto terminamos o refrão.

Lucas bate palmas mais do que um Mestre provavelmente deveria.

— Incrível.

Na minha visão periférica, vejo papai voltar para a loja. Acho que ele estava me ouvindo novamente. Ele deve ter um sexto sentido para quando vou cantar. Ou seus ouvidos estão sintonizados com minha voz. Ainda é difícil conciliar isso com a forma como ele agiu no passado.

— Bravo, bravo! — Fred grita. Ele se tornou um fã particular meu. Tenho quase certeza de que Sophia revira os olhos, mas não presto muita atenção.

— Viu! — Eu digo a Hoshiko. — Vamos nos divertir muito.

Assim que John começa seu turno, Sophia desliza a mão pelo braço de Nathan.

— Preciso de alguns dados novos para o jogo. Você pode me ajudar a procurar?

— Claro.

Eles se levantam e desaparecem pela porta da frente. O grupo se volta para mim assim que eles saem.

— Ainda não entendo por que você está *ajudando* Nathan a se aproximar de Sophia — Anthony pergunta.

— Estamos apenas... fazendo favor um ao outro.

John balança a cabeça.

— Se você está fazendo um favor a ele, então deveria mantê-la longe dele. Ele vai te agradecer mais tarde.

— Você sabe que ela vai voltar com novos dados que Nathan comprou para ela, certo? — Lucas pergunta.

— Ela paga de volta?

— Ah *não*. Ela está sempre usando ele para conseguir coisas. A única razão pela qual ela lhe deu atenção para início de conversa é o desconto de funcionário e a disposição de gastar dinheiro sempre que ela estivesse por perto. Ela provavelmente está preocupada que você tire a conta bancária dela.

— Você está falando sério? — A repulsa ferve em mim, e eu espio por cima do ombro para verificar se eles não voltaram. Ela está usando Nathan para gastar dinheiro? Não que ele tenha muito, pelo que posso dizer, mas isso é ainda pior. — Eu não sabia que ela fazia isso. Isso é horrível.

Anthony balança a cabeça lentamente, como se eu fosse uma criança que não consegue entender conceitos difíceis.

— Uh-huh. É por isso que a última coisa que queremos é que os dois se aproximem.

Mordo meu lábio, a preocupação me atormentando. De repente, vejo meu plano com Nathan sob uma luz totalmente nova. Não quero dar a ela mais oportunidades de tirar vantagem dele.

— Talvez eu devesse interrompê-los...

— Por favor. — Lucas me incentiva. — Caso contrário, ela manterá Nathan lá a noite toda e nunca conseguiremos fazer nada.

Engulo meu nervosismo e caminho até a vitrine de dados sofisticados que papai tem perto das caixas registradoras.

— Ei, precisamos de vocês para o jogo.

— Só um segundo, estamos decidindo entre esses dois — diz Sophia por cima do ombro.

Vou até o outro lado de Nathan e o puxo.

— Não compre esses dados para ela — eu sussurro.

Ele pisca surpreso.

— Por que não? Eu não me importo.

Uma ideia me ocorre de repente.

— Na verdade, você deveria me comprar algo em vez disso.

— Sem chance. Você tem seu próprio desconto para funcionários.

— Eu te pago mais tarde, mas se você realmente quer que ela pense que eu tomei o lugar dela como sua nova paixão, então você não pode comprar nada para ela.

Tenho apenas meia certeza de que o que estou dizendo faz sentido. Não tenho tempo para analisar; Só sei que não posso deixá-lo comprar nada para ela esta noite. Caso contrário, vai pesar muito na minha consciência.

Ele balança a cabeça lentamente, então não devo estar dizendo um disparate total.

— Inteligente. — Ele olha de volta para a enorme tela onde Sophia finge olhar os dados, mas na verdade está nos observando. — Que tipo você quer?

— Não importa. Surpreenda-me.

Dou-lhe um sorriso sedutor, beijo-o na bochecha e volto para a sala de jogos antes que possa compreender completamente o que fiz.

Levo as pontas dos dedos aos lábios. Acabei de beijar Nathan. Quero dizer, não beijei, beijei ele, mas meus lábios estavam em sua pele. Não acredito que acabei de fazer isso.

Lucas e Hoshiko estão conversando quando volto para a mesa. Lucas está falando animadamente, com uma expressão de adoração no rosto. É muito fofo, na verdade. Mas não tenho tempo para pensar neles. Ainda estou presa ao fato de ter beijado Nathan. Meu coração acelera com o pensamento.

Eles param e esperam ansiosamente por um relatório meu.

— Missão cumprida — digo à mesa, sentando-me. — Eu acho.

Nathan e Sophia estão de volta quando Anthony termina seu próximo turno.

— Lamentamos que tenha demorado tanto tempo. Foi difícil escolher — diz Nathan enquanto se senta.

— O que você comprou? — Anthony pergunta a Sophia.

Ela dá de ombros.

— Decidi não comprar nada. A loja é muito cara de qualquer maneira. Vou fazer o pedido on-line.

Nunca pensei que seria leal a esta loja, mas cerro os punhos ao ouvir as palavras.

— Aqui. — Nathan deixa cair uma bolsinha de tecido na minha frente. Eu a pego e tiro um conjunto de sete dados. Um pequeno suspiro me escapa quando os observo. Nunca pensei nos dados como algo que pudesse ser bonito ou pessoal, mas estes são. Eu os pego, um por um, virando-os para que as facetas se destaquem e brilhem na luz do teto. Eles têm redemoinhos de tons de jóias de cores vivas – azul cobalto, verde jade, verde-amarelado, marrom – todas as minhas cores favoritas no mundo, com números dourados brilhantes impressos nas laterais. Balanço minha cabeça suavemente. — Eles são...

Nathan ri.

— Eles são *você*.

Eu o olho em estado de choque. Ele tem razão. Eles são eu. Eles também poderiam estar carimbados com as letras do meu nome em vez de números. Lucas agora está descrevendo o antigo cofre onde a espada está guardada, mas estou muito distraída para ouvir tudo. Meu coração bate mais rápido sabendo que Nathan escolheu isso. Achei que ele pegaria a coisa mais barata possível por causa do estratagema.

— Eles são... uau. Como pequenas pedras preciosas.

— Eles deixaram você mais animada para jogar? — Nathan sussurra.

Eu aceno fervorosamente.

— Então eles já fizeram seu trabalho.

Ainda não tenho certeza do que dizer, então estudo os dados novamente. Já convivi com papai o suficiente para saber que aquele grande e em forma de bola se chama d20. E, claro, reconheço os dados normais de seis faces. Mas não conheço os outros.

— Honestamente, ainda não tenho certeza do que tudo isso faz.

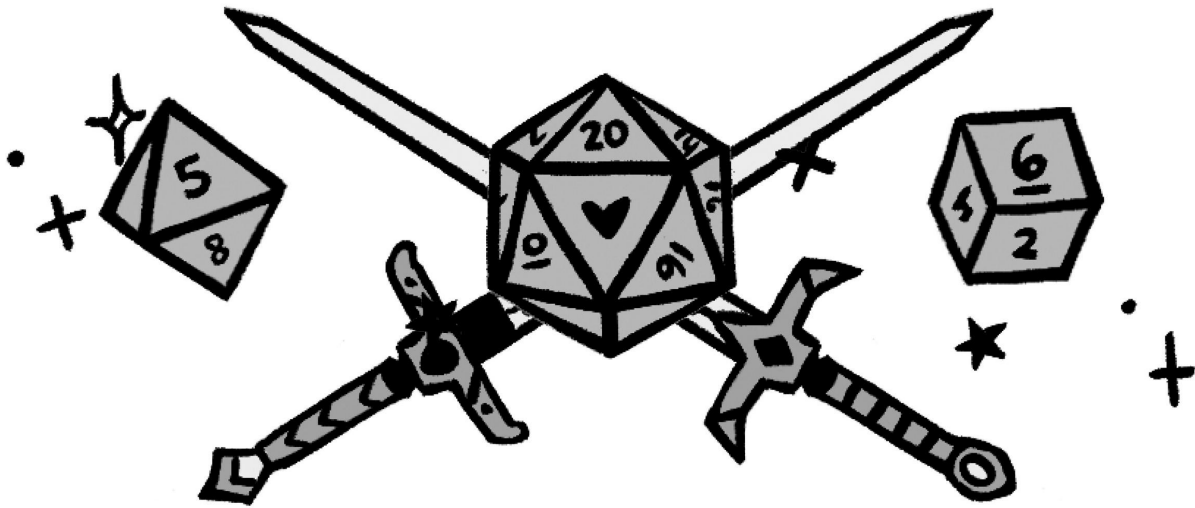
Ele se aproxima, de modo que nossos ombros se tocam, e pega o d20.

— Você usa este mais para testes de habilidade, iniciativa, muitas coisas. Este é um d4. Você o usa para magias de baixo nível. E esses outros vão depender da situação. Você vai descobrir se ficar por aqui. E, enquanto isso, vou ajudá-la.

— Obrigada — eu sussurro, e impulsivamente coloco minha cabeça em seu ombro. Faz parte do ato, claro, mas neste momento não estou fazendo isso por conta da Sophia.

Estou fazendo isso porque gosto de sentir minha cabeça no ombro de Nathan.

Capítulo Treze



Eu espero depois do coral na quinta-feira para falar com a senhorita Sahni novamente. Ela está em sua estante de partitura na frente da sala, mas me chama enquanto o resto da turma sai.

— Tenho feito um bom progresso em meus planos para o musical e queria contá-los para você — digo a ela.

Ela assente.

— Claro, eu adoraria saber no que você está trabalhando.

— Então, decidi por três musicais em potencial que funcionariam melhor e retirei as taxas de licenciamento, uma lista de possíveis figurinos e cenários e o que precisaríamos para os números em grupos. Também escrevi um orçamento possível para cada um, mas não tinha certeza sobre alguns números, então acho que precisarei de ajuda para ajustá-los.

Entrego a ela um pacote grampeado que imprimi em casa ontem à noite.

— Isso é realmente impressionante, Riley — diz ela, folheando as páginas. — Eu não esperava que você fizesse tanto.

— Você acha que será o suficiente para convencê-los? — eu pergunto. Seus ombros caem.

— Eu não quero que você tenha muitas esperanças. Isso é ótimo e posso dizer quanto trabalho você teve, mas...

Espero impacientemente, me perguntando o que estou perdendo. Preciso adicionar mais detalhes? Um ensaio pessoal sobre a importância do teatro os influenciaria?

— Você é apenas uma pessoa — ela diz finalmente, com a voz resignada.

Franzo a testa.

— Eu não entendo.

— É verdade que o orçamento é uma grande preocupação, mas a razão pela qual eles escolheram cortar o musical em vez de outra coisa foi devido ao menor interesse do corpo discente e da comunidade. Eu sei que você está entusiasmada, mas eles querem que todos compartilhem esse entusiasmo. E, infelizmente, isso não é algo que você possa controlar.

Pisco, tentando processar isso. Ela está perdendo a esperança. Não posso deixar isso acontecer – preciso de pelo menos um adulto na escola ao meu lado.

— Ok... ok, podemos fazer isso funcionar. Vou descobrir alguma coisa. Ela ri.

— Você um dia será uma grande diretora de teatro, já posso dizer. A crença inabalável e a resiliência a levarão longe.

— Obrigada. Eu vou inventar alguma coisa. Não cancele a reunião com o diretor Holloway.

— Não, claro que não farei isso. Se alguém pode descobrir uma solução, é você.

Suspiro profundamente e saio em direção ao estacionamento. Nada está indo como eu esperava com o musical, mas a senhorita Sahni está certa sobre uma coisa: estou determinada.

Infelizmente, também estou sem ideias.

Para minha surpresa, Nathan também está caminhando em direção à porta e estou grata por vê-lo. Chego ao lado dele e cutuco seu ombro.

— Ei, namorado — eu sussurro.

Ele pula e olha ao nosso redor.

— Ei. Paul está aqui?

— Não. Ou, pelo menos, não o vi. — Abro as portas duplas do estacionamento. — Você estava saindo do seu armário agora há pouco? Nunca percebi que os nossos estão no mesmo corredor.

— Sim, parece que você estava completamente alheia a mim antes de contar a Paul que estávamos namorando. Não admira que ele não tenha acreditado em você.

Eu faço uma careta. Nathan semicerra os olhos diante da luz solar repentina e examina a área.

— Quem você está procurando?

— Lucas. Ele vai comigo até a loja alguns dias, mas acho que já foi embora. Não consigo acompanhá-lo. Ele tem estado estranho nos últimos dias.

— O que você quer dizer com estranho?

— Apenas... distante. Acho que ele está com a cabeça em outro lugar. Ele levanta uma sobrancelha para mim.

— Ele gosta totalmente da Hoshiko, não é?

Nathan ri.

— Sim. Ele acha que está mantendo isso em segredo, mas é óbvio.

— Bem, não acho que você tenha muito espaço para julgar nesse departamento.

— *Touché.*

Nós sorrimos um para o outro. Olho para o estacionamento em busca do carro do meu pai, mas não o vejo. Eu sei que deveria ir até lá e esperar por ele. Não é como se eu não veria Nathan novamente em 5,8 minutos na loja, mas é bom conversar com ele sem ninguém por perto – principalmente Sophia.

Me encosto na divisória alta que separa a calçada principal do pátio. Algumas garotas do coral saem pela porta da frente e acenam para mim, mas seus olhos permanecem em Nathan.

— Acho que as pessoas estão começando a nos notar juntos. Espero que você esteja bem com isso. — Aceno por detrás dele.

— Sim, claro — diz ele. — Os rumores sobre nós serão uma grande atualização em relação ao que as pessoas estão dizendo sobre mim agora.

Eu me endireito, alarmada.

— O quê?

— Nada. Ninguém sabe que eu frequento a escola. Incluindo você.

Eu rio e empurro seu braço.

— Eu não acho que isso seja minha culpa. Talvez se você realmente se envolvesse, esse não seria o caso.

Ele dá de ombros.

— Exceto que eu não me importo com essas pessoas. Sem ofensa, eu sei que você gosta dessas coisas, mas daqui a dez anos, vou me lembrar do nome de algum deles? Será que vou me importar em estar no time júnior do colégio, blá, blá? Nem um pouco.

— Você vai se lembrar de Lucas. E Anthony e John.

— Claro, mas não será porque fizemos biologia juntos.

— E talvez você se lembre do meu nome?

Ele olha para a entrada da escola por um momento e depois se aproxima tanto que respiro rápido, surpresa. De repente, toda a minha visão é assumida por Nathan. Seu cabelo escuro e desgrenhado, seus olhos verdes brilhantes, seus óculos de aros largos. Meu coração bate forte, embora eu diga ao meu corpo para não reagir assim com ele. Sua cabeça se inclina ligeiramente e eu juro que ele está prestes a me beijar. Eu deveria me afastar – eu deveria beliscá-lo para que ele soubesse não ir longe demais – mas isso não parece muito longe. Parece exatamente o que eu quero. A constatação me deixa tonta e me inclino com mais força contra a parede.

Suas palmas pressionam contra a parede de cada lado de mim e ele se inclina um pouco mais perto. Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso, como se ele estivesse lendo meus pensamentos.

— Talvez eu me lembre. — Sua voz é um sussurro. — Mas sem promessas.

Meu queixo cai em choque e seus olhos brilham de alegria.

— O que você está fazendo? — eu sussurro de volta.

— Estou seguindo suas instruções. Seu ex está vindo.

Ah.

Certo.

Claro que é por isso que de repente ele está fingindo que quer me beijar. Que outro motivo haveria? E o mais importante, por que a presença dele está deixando meu corpo acelerado?

Eu mudo para procurar Paul, mas Nathan coloca um dedo sob meu queixo e vira meu rosto para ele.

— Mantenha seus olhos em mim. Finja que estou dizendo algo romântico.

Seu rosto — sua *boca* — ainda está chocantemente próximo do meu. Tenho que engolir antes de pensar em algo inteligível para dizer.

— Tipo como você tem uma caixa fechada de Pop-Tarts de morango no seu carro com meu nome nela?

— A caixa está aberta e meio comida, mas eles são seus se você quiser.

— Estou literalmente desmaiando.

Uma buzina soa e nós dois viramos ao mesmo tempo. Papai acena com a mão pela janela para nós. Nathan salta para longe de mim como se papai tivesse puxado uma espingarda de cano serrado do banco de trás. Agora meu coração está voando por um motivo totalmente diferente. Quanto disso papai viu?

Ele coloca a cabeça para fora da janela.

— Nathan, você está tendo problemas com o carro?

Nathan balança a cabeça. Suas bochechas parecem muito mais vermelhas do que alguns segundos atrás.

— Não, está tudo bem — ele grita.

— Vemos você na loja, então. Riley, vamos embora.

Nathan e eu trocamos um olhar nervoso antes de eu ir embora. Os olhos de papai são penetrantes e sua expressão é perspicaz quando subo no banco do passageiro.

— *Então...* parece que você e Nathan são amigos agora?

— Sim. — Eu mexo no cinto de segurança em vez de fazer contato visual. — Eu acho.

— Você acha? Hum.

Ele ri sozinho e eu me afundo um pouco mais no banco. Claramente, ele viu algo e eu realmente não quero falar sobre isso com ele. Mal consigo resolver isso na minha cabeça. O que estava acontecendo lá atrás? Quando foi que passei de odiar Nathan para tolerá-lo e ficar

desapontada por ele não ter me beijado? Não deveria haver nenhum beijo. Não deveria haver nada real – apenas atuação suficiente para manter a fachada.

Fecho os olhos com força e desejo que papai me deixe na casa da mamãe em vez de me levar à loja. Preciso de tempo para processar tudo antes de estar com Nathan novamente. Se eu dissesse ao papai que não estava me sentindo bem, ele provavelmente concordaria em me levar para casa, mas também ligaria para a mamãe.

Para seu crédito, papai não está reclamando de mim e Nathan ou fazendo perguntas incisivas como mamãe provavelmente faria. Talvez agora seja a hora de abordar outros tópicos antes que ele tenha alguma ideia.

— Pai?

Minha voz está baixa e um pouco trêmula. Estou surpresa com o quão nervosa estou para falar com ele sobre algo sério.

Ele desliga o rádio.

— O que houve?

— Você... você tem contado às pessoas da loja sobre minhas apresentações teatrais?

— Bem, sim. Eu não deveria?

— Não. Quer dizer, eu não me importo. É só que Nathan mencionou algo e fiquei surpresa. — Brinco com a ponta do meu suéter.

— Você nunca fica mais feliz do que quando está se apresentando — diz papai. — E você é muito talentosa. É claro que vou contar pra todo mundo.

Meu coração bate forte com suas palavras, mas também estou confusa e um pouco amarga. Se era assim que ele se sentia, por que não me disse essas coisas antes? Quase pergunto, mas tenho medo de brigar.

— Você tem um papel favorito meu? — eu pergunto em vez disso.

Ele mexe no rádio.

— Isso é como me perguntar sobre minha campanha favorita de D&D – eu amo todas elas. Mas se eu tivesse que escolher... acho que diria quando você interpretou aquela garotinha em *Mary Poppins* na sétima série. Você foi simplesmente perfeita.

Eu engulo em seco. Eu estava tão nervosa para interpretar Jane Banks naquele show. Foi minha primeira atuação em um papel principal e eu estava com medo de esquecer minhas falas ou perder acidentalmente meu sotaque britânico no meio de uma cena. Mamãe trouxe um buquê de flores tão grande depois disso que eu mal conseguia segurá-los, e todo mundo vinha me parabenizar ou me dar abraços que... bem, não tenho certeza se me lembro de papai estar lá. Ele veio falar comigo depois? Ou talvez ele só fale com outras pessoas sobre mim.

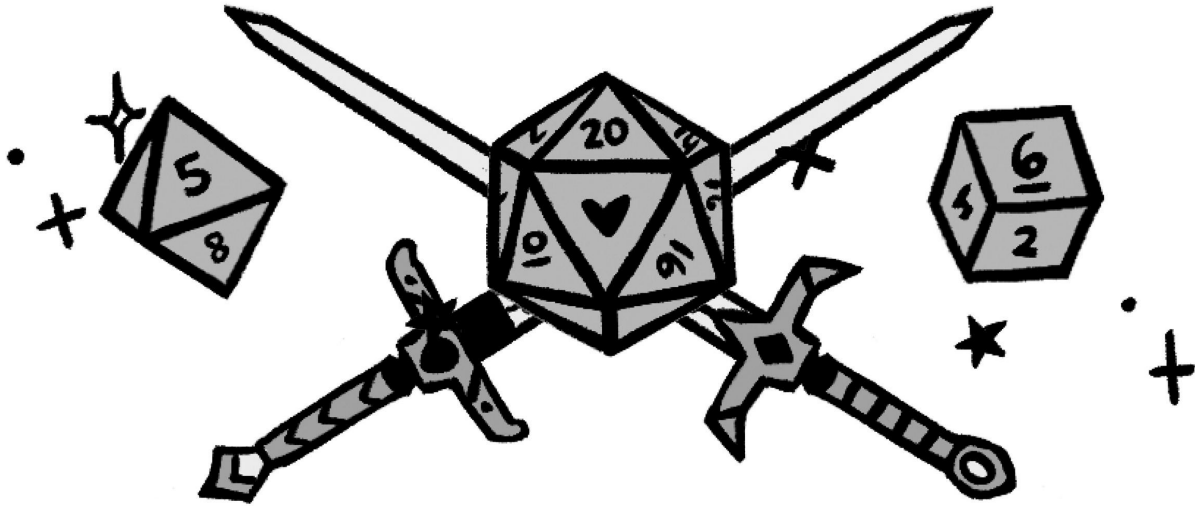
Eu penso em contar a ele sobre o cancelamento do musical este ano e meus planos de trazê-lo de volta. Mamãe não ficou satisfeita quando contei a ela, mas me pergunto se papai me apoiaria mais, já que ele acabou de dizer o quanto adora meus papéis no teatro. Mas não posso descartar a possibilidade de ele se virar contra mim e contar para mamãe. Eles não se falam muito, mas falaram sobre o incidente da *Waitress*, então poderia acontecer novamente.

Mordo o interior da minha bochecha, deliberando.

— Riley — papai diz, me tirando dos meus pensamentos. — Eu só quero que você saiba o quanto estou feliz por você estar trabalhando na loja. Adoro poder ver mais você durante a semana e os clientes também adoram. Fred e Arthur não param de elogiar você! Acho que eles gostam mais de você do que de mim. — Ele ri enquanto entra no estacionamento. — Quem sabe, talvez depois dessas oito semanas você decida que gosta tanto da loja que vai querer continuar.

Qualquer pensamento de confessar sobre o musical desaparece. Porque se eu convencer a escola a trazer de volta o musical, e eu puder voltar ao teatro após o período probatório, não terei como trabalhar meio período e também ser aluna diretora do espetáculo. Mais importante ainda, não há como eu querer. Mas papai está sorrindo para mim com uma esperança tão velada que não consigo dizer nada disso.

Capítulo Quatorze



Minutos depois, estamos entrando na loja e, de alguma forma, Nathan chegou aqui antes de nós novamente. Papai olha entre Nathan e eu com um pouco de interesse demais.

— Vou trabalhar na folha de pagamento lá atrás. Me chamem se precisarem de mim — diz ele, lançando um último olhar por cima do ombro.

Sento-me atrás do balcão, ao lado de Nathan, e digo a mim mesma para relaxar. Há muitas emoções dentro de mim agora entre aquela conversa com papai e o que aconteceu com Nathan fora da escola. Está tudo bem, lembro a mim mesma. É apenas Nathan. É só a loja.

— Como você sempre chega aqui tão rápido? — pergunto a ele.

Ele olha para mim por cima dos óculos.

— Isso é segredo.

Eu bufo.

— Você é desagradável.

— Você já se esqueceu? Você só pode me insultar se usar aquela voz calma que tem quando finge flertar comigo.

Meu coração dispara. Eu uso uma voz especial? Decido ignorar esse comentário e, em vez disso, pego meu dever de casa de inglês.

— Sophia mandou uma mensagem dizendo que ela pretende passar aqui hoje à noite.

Eu olho para cima.

— Mas não é uma noite de D&D.

— Eu sei.

Ele encolhe os ombros, mas posso dizer pela sua expressão que está satisfeito.

— Oh. Legal.

Eu luto para controlar meu tom. Eles estão trocando mensagens de texto? Qualquer que seja esse sentimento estranho que estou tendo perto de Nathan, posso deixar isso de lado. Mas é difícil esquecer como ela agiu da última vez – tentando usá-lo para obter coisas grátis. O que me lembra... Tiro vinte e cinco dólares e deslizo-os sobre o balcão para ele. É muito mais dinheiro do que eu pagaria pelos dados, mas eles são inegavelmente lindos, então posso entender o preço.

— Pelos dados.

Ele franze a testa e empurra o dinheiro de volta para mim.

— Não, não foi nada de mais. Fique com seu dinheiro.

— Você não precisa comprar coisas para mim. Vou lhe dar esse dinheiro mesmo que tenha que enfiá-lo na sua boca e fechá-la com fita adesiva. — Eu entrego para ele.

— Uau, acalme-se. Eu aceito a droga do dinheiro. — Ele estende a mão e faz uma pausa. — Espera, você pintou as unhas para combinar com os dados?

Fecho os punhos, envergonhada. Eu tive a ideia ontem à noite. Eu tenho todas as cores polidas que estão nos dados e estava curiosa para saber se poderia girá-las junto nas minhas unhas da mesma forma que fazem com os dados. Definitivamente não parecem um trabalho profissional, mas acho que fiz um trabalho decente.

— Deixe-me ver.

Ele estende a mão, com a palma para cima.

Hesito e coloco minha mão na dele, ignorando o fato de que meu coração acelera com seu toque. Meu coração aceleraria, não importa quem estivesse segurando minha mão.

— Você fez um ótimo trabalho. Talvez você devesse me ajudar a pintar meus modelos de Warhammer algum dia.

— O esmalte antigo estava lascando.

— Ei, pessoal, preciso de ajuda com... — A voz do papai se interrompe quando ele vê Nathan segurando minha mão. Ele olha entre nós dois e afastamos nossas mãos.

— Para os fundos. — Papai aponta para o escritório/almoxarifado. — Agora.

Ele chama Curtis na sala dos fundos para vigiar a caixa registradora.

Nathan e eu trocamos um olhar horrorizado antes de segui-lo. Meus pensamentos giram a mil quilômetros por minuto tentando decidir o que vamos dizer a ele. Tecnicamente, não acho que tenha quebrado nenhuma regra do meu castigo. Meus pais apenas disseram que eu precisava de um emprego depois da escola, não que eu não pudesse fazer amigos ou namorar alguém nesse emprego.

Não que Nathan e eu estejamos namorando.

Papai aponta para algumas cadeiras dobráveis.

— Sentem-se.

Nós dois sentamos e colocamos as mãos no colo.

Ele anda na nossa frente.

— Devo dizer que já tive minhas suspeitas assim que todos vocês começaram a jogar D&D juntos. Na minha experiência, esse jogo une as pessoas como nada mais. E então eu vi o que estava acontecendo entre vocês dois na escola hoje, e agora... — Ele balança a cabeça. — Eu gostaria que vocês tivessem me contado em vez de me fazer descobrir dessa maneira.

— Pai...

Ele levanta a mão.

— Este trabalho deveria ser um castigo, Riley. E este é um local de trabalho. Não é exatamente apropriado ter funcionários namorando.

Meus olhos se voltam para Nathan, mas ele está olhando para suas mãos.

— *Mas não posso negar o quanto estou feliz com a ideia de vocês dois ficarem juntos. Não consigo pensar em um casal melhor.*

As palavras me sacodem e, em minha visão periférica, Nathan se endireita. Papai apoia as mãos na barriga redonda com uma expressão tão alegre que mal consigo compreender.

— Riley, sempre foi um dos meus maiores sonhos que você viesse a jogar. E agora, ver você fazendo amigos e jogando aqui...

Ah meu Deus, seus olhos estão realmente brilhando com lágrimas. Ele está prestes a chorar porque estou saindo com Nathan?

— E, Nathan... — papai continua.

Nathan congela.

— Eu vi você crescer na loja nos últimos anos e sei que posso confiar em você para qualquer coisa. Incluindo a vida da minha filha.

— Pai, não!

Ele ri e levanta a mão novamente para me impedir. Ele claramente está gostando de brincar com a gente, mas estou tão sobrecarregada de

estresse que meu corpo está dando nós. Não tenho ideia de como Nathan está conseguindo se controlar. Estou surpresa que ele ainda esteja ereto na cadeira, mas provavelmente está em estado de choque demais para responder.

— Me desculpe, me desculpe! — Papai continua. — Eu sei que não vou levar você até o altar ou algo assim, estou apenas animado! Embora eu não tenha certeza se sua mãe sentirá o mesmo, Riley. Vou ver se consigo fazê-la vir aqui.

— Ai meu Deus — eu sussurro, e cubro meu rosto com as mãos. Eu espio Nathan através deles. Ele está tão pálido que você pensaria que ele doou sangue suficiente para cuidar do estado de Ohio inteiro. — Pai, por favor, você precisa se acalmar. Realmente não é assim. Nathan e eu somos apenas amigos.

Papai levanta as mãos em sinal de rendição.

— Ok, tudo bem, como vocês estiverem chamando isso hoje em dia. — Ele pisca como se estivéssemos todos rindo de uma grande piada. — Tudo bem, acho que já torturei vocês o suficiente. Voltem lá. Apenas sejam profissionais com os clientes. — Ele nos acena em direção à porta.

Cuidadosamente, eu me levanto. Estou tão abalada que mal consigo andar. Nós dois voltamos para o caixa em silêncio. Estou aliviada por ele não ter apenas nos criticado, mas me sinto estranhamente... *culpada* por toda a conversa. Não é nenhum segredo que papai gosta muito de Nathan, e agora Nathan e eu nos sentimos como mais uma parte da minha vida que deixa papai orgulhoso e ao mesmo tempo é uma grande mentira.

— O que acabou de acontecer? — Nathan sussurra depois de um momento.

Eu balanço minha cabeça.

— Seu pai estava a cerca de dois segundos de garantir uma igreja para o nosso casamento.

Nós nos encaramos com um olhar perplexo, e então uma risada maníaca borbulha dentro de mim.

— Não, não, uma igreja seria muito convencional. Ele vai querer o casamento aqui. E faremos a recepção na sala dos fundos.

— Ah, bom ponto. — Os ombros de Nathan relaxam ligeiramente sua posição perto de suas orelhas. — Refrigerantes e batatas fritas como aperitivos. E podemos afastar as mesas de jogo para dançar. — Ele sorri e a visão me faz rir novamente.

— Ah, vamos dançar? Não achei que você estaria disposto a isso. Qual música devemos escolher para nossa primeira dança?

Ele nem hesita.

— Qualquer coisa de *Weird Al*, é claro.

— Obviamente. Ah, e um bolo Pop-Tart! — Eu bato palmas de excitação. — Podemos empilhá-los em uma pirâmide, como as pessoas fazem com as cartas de baralho.

— Você é um maldito gênio.

Eu me curvo e nós dois simultaneamente rimos e balançamos a cabeça com o quão ridícula essa situação se tornou. É fácil afastar a culpa de decepcionar papai quando estou rindo com Nathan.

— Você está bem? — pergunto a ele. — Parecia que você estava prestes a desmaiar.

O sorriso desaparece de seu rosto.

— Eu não gosto de mentir para o seu pai.

— Eu também não. Embora eu *tenha* contado a verdade a ele: que somos apenas amigos. A menos que ainda sejamos colegas de trabalho mutuamente irritados.

Isso levanta o canto de sua boca em outro pequeno sorriso.

— Se estamos discutindo bolos de casamento Pop-Tart, então acho que oficialmente ultrapassamos isso.

Uma emoção irracional passa por mim com suas palavras.

— Poderíamos voltar e contar a verdade... a história completa?

Nathan estremece.

— Uau, isso seria embaraçoso. Ei, Sr. Morris? A garota que eu gosto não está interessada em mim, então sua filha está flertando comigo com pena para chamar a atenção dela. — Ele faz uma careta e passa a mão pelos cabelos. — Isso soa ainda mais patético em voz alta do que na minha cabeça.

Não posso deixar de rir.

— Não é... não é a melhor ideia.

Ele olha para mim.

— Não finja que sua parte nisso também não é embaraçosa. Você é a única pessoa que não pode me julgar.

— Eu não estou julgando você. Eu preciso de você.

Seus olhos brilham para mim e eu me chuto mentalmente. Não posso deixar escapar coisas assim perto dele.

— Você sabe o que eu quero dizer. Preciso que você jogue a condescendência de Paul de volta na cara dele. — Eu mexo nas unhas para evitar fazer contato visual. — Então não vamos contar tudo ao meu pai?

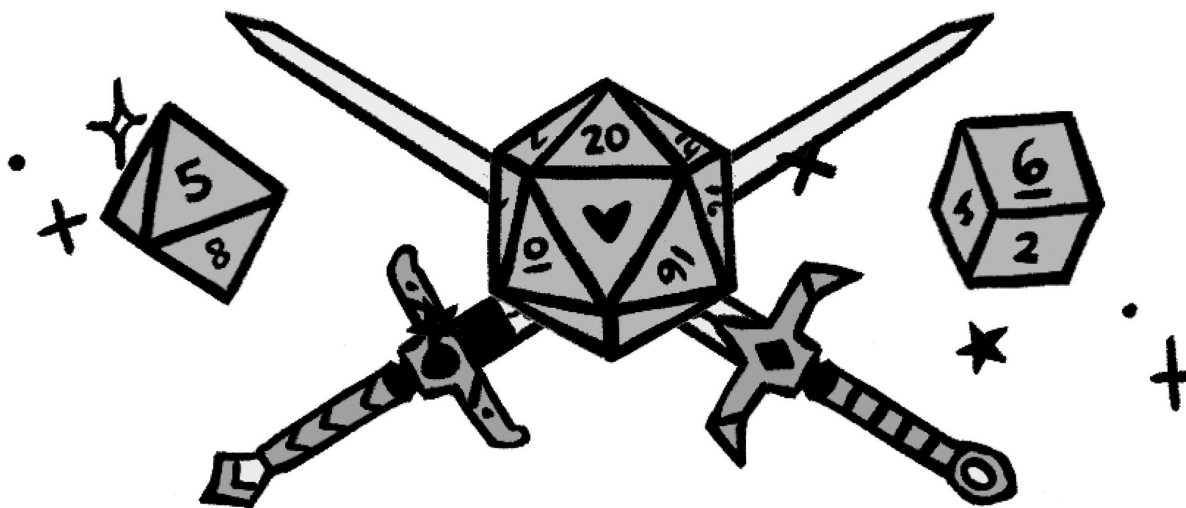
— A não ser que você queira. Não quero causar problemas entre vocês dois.

— Está bem. E... estamos bem? Ainda parceiros de crime e de flerte?

— Sim. Se você acha que pode lidar com isso — diz ele com um pequeno sorriso travesso.

— Eu posso — respondo com confiança, embora aquele sorriso esteja derretendo minhas entranhas em uma gosma.

Capítulo Quinze



— Como foi? — Hoshiko pergunta enquanto me sento à mesa do refeitório na sexta-feira.

Ela está vestindo uma camisa velha do Teatro Infantil da Columbus e seu cabelo está preso em tranças francesas duplas. Estou um pouco mais sutil do que o normal, com um vestido xadrez preto e cinza e botins. Está menos colorido que o costumeiro, mas não resisto a um momento outonal.

— Bem, tenho mais cinco nomes, então já é alguma coisa — respondo.
— *Todos* querem que escolhamos um musical diferente se isso acontecer este ano – mas eu os convenci a fazer o teste, não importa o que aconteça.

Eu folheio os nomes novamente. Com esses cinco, e as quatro pessoas que Hoshiko conseguiu convencer, tenho quase quarenta alunos que dizem que estariam interessados em fazer um teste para um papel de palestrante ou estar no refrão de um futuro musical. Tenho apresentado

a ideia a todos que vi na última semana, na esperança de poder mostrar à administração que temos muita adesão do corpo discente este ano. Eu tenho duas semanas e meia até a grande apresentação e ainda não tenho certeza se terei o suficiente para convencê-los.

— Você está indo muito bem — diz Hoshiko.

— Mas nem todo mundo que assina esta lista vai fazer o teste. — Eu balanço minha cabeça. — Não sei se isso será suficiente.

— Você só pode fazer até certo ponto, Riley. Não se culpe por isso.

— Só fazer o que até certo ponto? — Lucas pergunta enquanto se senta à nossa mesa.

— Estou tentando angariar apoio para o musical.

Dou de ombros e roubo uma batata frita de Hoshiko.

— Ela precisa convencer o diretor Holloway de que há interesse suficiente para manter o musical este ano — explica Hoshiko a ele.

— Por que você não monta um show ou algo assim? — ele diz enquanto mergulha um nugget de frango no ketchup.

— Um show? O que você quer dizer?

Ele acena seu nugget para mim.

— Você sabe, como vocês fazem na loja. Você poderia reunir as pessoas dessa lista e cantar alguma coisa na frente do diretor? Talvez isso mostre quanto interesse existe?

Hoshiko engasga.

— Lucas, isso é brilhante! — Ela se vira para mim. — Você poderia escolher uma música, ou talvez até mais de uma, e montar uma performance. Aposto que a senhorita Sahni nos deixaria usar alguns dos trajes antigos do teatro. — Ela pega minha lista e a examina, apontando para os nomes. — Você tem gente suficiente aqui para escalar alguns como protagonistas e mais para o refrão. Isso seria incrível, Riley!

Olho entre Lucas, Hoshiko e Anthony, que saiu do grupo de garotas com quem ele estava conversando para se sentar à nossa mesa.

— Você acha que tenho tempo?

— Absolutamente. Você tem três semanas. Você pode fazer qualquer coisa em três semanas.

Olho novamente para a lista de interesses, meu coração batendo rapidamente. Isso seria uma tarefa *enorme* e eu teria que encontrar tempo para ficar depois das aulas para ensaiar sem que meus pais percebessem... mas poderia ser realmente incrível se conseguirmos. Na verdade, quanto mais penso nisso, percebo que não há melhor maneira de convencer a administração a manter o musical. Uma coisa é falar hipoteticamente de teatro. E uma coisa totalmente diferente é experimentar. *Sentir*. É isso que precisamos fazer.

Eu grito e Hoshiko começa a dançar em sua cadeira. Lucas se curva sobre seus nuggets e batatas fritas.

— Minhas noites são muito ocupadas para acrescentar qualquer outra coisa — diz Nathan a John enquanto eles se aproximam da mesa.

— Mas obrigado pela oferta.

— Eu juro que você vai se divertir — argumenta John.

— O que está acontecendo aqui? — Nathan pergunta e se senta ao meu lado. — Eu vi dança.

— Lucas teve a grande ideia de que deveríamos montar uma apresentação para convencer o diretor a manter o musical — explico. — Do que vocês dois estão conversando?

— Estou fazendo um último esforço para convencer Nathan a se juntar ao meu grupo RPGV — diz John. Ele meticulosamente tira um sanduíche de sua lancheira TMNT e dá uma mordida. — Eu esperava que ele fizesse isso, já que os outros me recusaram.

Hoshiko semicerra os olhos para mim, confusa.

— O que é RPGV mesmo?

— RPG ao vivo — diz John.

— Ah, certo! — eu sorrio. — As pessoas não se fantasiam para isso?

— Sim. É um pouco como D&D, mas na vida real.

— Espere — diz Hoshiko. — Então, você carrega espadas e usa armadura?

— Bem, tentamos torná-lo o mais realista possível, mas todos temos um orçamento bastante rígido. — Ele dá de ombros. — Eu adoro.

— Desculpe mudar de assunto, mas temos algo extremamente importante que precisamos discutir — anuncia Lucas. Ele coloca as palmas das mãos sobre a mesa e se inclina para frente. — Tive uma epifania: precisamos apresentar Monty Python às meninas.

— É uma excelente ideia — diz Anthony.

Nathan acena à minha esquerda, onde ele se senta todos os dias agora.

— É obrigatório assistir.

— Na verdade — digo — já sabemos sobre Monty Python. Somos geeks de teatro certificadas e foram eles que inspiraram *Spamalot*.

Os caras trocam olhares.

—Você viu a série? — Nathan pergunta.

— Bem, não — admite Hoshiko.

— E vocês viram algum dos filmes do Monty Python?

— Não exatamente — eu digo com os olhos semicerrados.

— Isso foi o que eu pensei. Temos que começar pelo *Santo Graal* — diz Lucas, sem perder o ritmo. — Se elas virem apenas um filme, então deveria ser esse.

— Mas esse é o melhor — argumenta Anthony. — Será uma descida a partir daí.

John suspira.

— Sacrilégio! Tudo o que eles fizeram é um clássico!

— Quantos anos *têm* esses filmes? — eu pergunto.

— Com licença — responde Nathan — você não estava apenas exaltando as virtudes de *Olá, Dolly!* e Barbra Streisand ontem no trabalho?

— Esse filme é um clássico — protesto.

— *De qualquer forma*. Eu voto no Santo Graal — continua Nathan. — Quem mais?

John e Lucas levantam as mãos. Anthony bufa, mas faz o mesmo.

— Podemos participar da votação? — eu pergunto.

— Ah, claro, claro — responde Nathan. — Não gostaríamos de deixar vocês de fora. Vá em frente e conte-nos os outros filmes do Monty Python que vocês querem colocar em exibição e nós votaremos.

Ele apoia o queixo na mão e inocentemente pisca os olhos para mim. Eu empurro seu braço e ele gargalha em triunfo. Quero ficar irritada, mas em vez disso fico vermelha de calor e desvio o olhar dele.

— Não se preocupe, vocês duas vão adorar — diz Lucas.

— Tem canto e dança?

— Um pouco. E há os cavaleiros que dizem 'Ni!' — Nathan diz.

— Ni! Ni! — John diz e ri.

Hoshiko e eu nos olhamos exasperadas. Esses meninos são tão idiotas.

— Se vamos aguentar isso, vocês precisam assistir a um de nossos filmes — diz ela.

Isso tira o sorriso de seus rostos, e adoro ver isso.

— Sim, Hoshiko! — Eu bato meu queixo. — Algo como *Oklahoma!* ou ... *Olá, Dolly!*

— *Grease* pode ser uma boa.

— Ah, sim, eles vão adorar. — Agora é minha vez de gargalhar. — Ooooooh, eu já sei. Vocês já viram *A Noviça Rebelde*?

Nathan franze a testa.

— Aquele com a senhora girando na montanha e todas as freiras?

— Esse mesmo. Você não viu? Agora *isso* é sacrilégio. Como você sobreviveu tanto tempo no mundo?

Nathan bufa e come uma batata frita.

— Ah, numa boa.

— Isso é discutível.

Lucas limpa a garganta.

— Você não está de castigo ainda?

Meu olhar se volta para Nathan rapidamente. Dado o que papai disse ontem no almoxarifado, parece que ele abriria uma exceção para quase tudo se isso significasse que Nathan e eu passaríamos algum tempo juntos.

— Ele pode abrir uma exceção para isso — digo casualmente. — Eu deveria ficar com ele no próximo fim de semana. Talvez eu pudesse perguntar se poderíamos assistir na casa dele? Está tudo bem que o espaço seja apertado?

Todo mundo concorda.

— Eu adoraria ver a casa de Joel — diz John. — Ouvi dizer que ele tem algumas peças incríveis de Warhammer 40K.

— Sim, definitivamente pergunte a ele — Lucas diz com um sorriso ansioso, seus olhos indo para Hoshiko.

De repente, Nathan está a centímetros de mim.

— Ele está vindo para cá — ele sussurra. Viro-me para ele no momento em que ele enrola os dedos nos meus e puxa minha mão para perto de sua boca. Seus olhos encontram os meus e ele inclina a cabeça como se pedisse permissão. Eu aceno levemente. Não sei o que está

acontecendo comigo, mas quando ele me olha daquele jeito, ele pode muito bem ser um ímã me puxando para ele. Ele pressiona os lábios na minha pele e meu corpo explode com a pressão suave. Eu sei que é estúpido – o gesto é tão inócuo – o beijo mais leve no topo da minha mão. Não significa nada. Mas não é isso que meu corpo pensa – nem meu peito tenso ou os arrepios elétricos que percorrem minha espinha e pernas. Eu tenho que me controlar.

Fico grata pelo coro de gemidos ao redor da mesa porque me dá uma desculpa para desviar o olhar. Anthony e John balançam a cabeça em desgosto. Eu não queria contar a eles como Paul influenciou meu acordo com Nathan, mas era impossível manter isso em segredo quando meu ex almoçava conosco. Tenho certeza de que o respeito deles por mim caiu um pouco, mas, honestamente, isso é justo.

Nathan não solta minha mão enquanto olha ao redor da mesa.

— Vocês vão nos entregar.

— Vai parecer que estamos irritados com a fofura de vocês — diz Hoshiko. Seus olhos estão brilhando de uma forma travessa que não é um bom presságio para mim. Os meninos podem não conseguir ler minhas expressões, mas acho que Hoshiko descobriu o que está acontecendo no meu cérebro.

— Essa coisa toda é tão estúpida — diz Lucas.

— Sério, qual é o problema com vocês dois? Até onde vai tudo isso? — Anthony pergunta. — Vocês vão para o baile juntos agora também?

Olho para Nathan surpresa. Definitivamente não conversamos sobre isso... embora eu duvide muito que precisemos. Faltam apenas duas semanas para o baile e mamãe não disse mais nada sobre me deixar ir. Estou prestes a dizer isso quando Nathan balança a cabeça com veemência e solta minha mão.

— O baile de boas vindas é uma função escolar extracurricular? Com roupas desconfortáveis, fotos ruins e músicas piores? Então de jeito nenhum. Apenas diga a Paul que você precisa trabalhar.

Anthony bufa.

— Boa sorte para conseguir que Nathan faça qualquer coisa relacionada à escola que não seja absolutamente obrigatória.

— Você vai com alguém? — pergunto a Anthony para mudar de assunto e tirar minha mente da dor da resposta de Nathan. Talvez eu não tivesse permissão para ir, mas ele não precisava ficar tão horrorizado com a ideia.

— Sim, perguntei a Kenzie Hunter na semana passada — ele responde com indiferença.

Eu não deveria ficar surpresa com isso. Na verdade, eu provavelmente deveria ter dito o nome de Anthony durante aquele encontro fatídico com Paul. Anthony é um namorado, ele teria adorado e apostado que não teríamos toda essa estranheza que estou sentindo com Nathan.

— Estou fora. Essa é a minha noite de RPG ao vivo e não vou perdê-la — responde John.

— Sua mãe suavizou em relação ao baile? — Hoshiko me pergunta.
Eu balanço minha cabeça.

— Bem... ela não disse absolutamente não, mas quando ela diz 'veremos', geralmente significa que um não virá em breve.

Todo o seu corpo desinfla.

— Você tem que trabalhar nela, então. O que farei sem você lá? Nunca perdemos a chance de nos vestir bem e sair para dançar.

— Eu irei — eu digo, mas minha atenção está voltada para outro lugar. — E você, Lucas? — Eu pergunto. — Algum interesse em bailes escolares?

— Ah, eu não sei. Talvez.

Seus olhos se voltam para Hoshiko por tempo suficiente para me fazer sorrir astutamente. Ela aperta minha perna debaixo da mesa e eu me levanto.

— Vamos ao banheiro.

— Divirtam-se falando sobre nós! — Anthony grita enquanto saímos correndo. Eu praticamente grito.

— O que está acontecendo? — pergunto assim que estamos longe o suficiente deles. — Definitivamente estou sentindo vibrações entre você e Lucas!

Suas bochechas estão rosadas.

— Ele ainda não me convidou, mas acho que quer. Talvez ele esteja apenas com medo?

— Ah meu Deus, isso é muito fofo. Você quer ir com ele?

Abrimos a porta do banheiro e ficamos diante dos espelhos. Ela morde o lábio e acena com a cabeça.

— Sim, acho que sim.

Eu grito novamente. Honestamente, estou um pouco surpresa. Lucas é um cara legal, mas não é alguém que eu teria visto com Hoshiko. No ano passado, ela falou sobre encontrar um dançarino alto e gostoso para que pudessem se apresentar juntos e fazer todas as danças virais do TikTok. Não consigo imaginar Lucas fazendo coreografias complexas, mas se ela está feliz, então estou totalmente a favor.

— Estou louca? — ela pergunta.

— Não! Se você gosta dele, então você deveria fazer isso! Acho que você se divertiria.

Ela verifica o cabelo e olha para o teto.

— Sim? Só que nem sei se ele vai me perguntar. Não resta muito tempo.

Eu rio.

— Você sempre pode convidar ele se estiver preocupada. Mas ele definitivamente quer perguntar a você. Ele está claramente enamorado por ti.

— Ooh, bom uso de *enamorado*. E você? — Ela se vira para mim com uma sobrancelha arqueada.

— O quê? Não há nada acontecendo.

— Ah, é mesmo, senhorita que quase caiu quando Nathan beijou a mão dela?

— Hoshiko! — Eu me curvo para ter certeza de que não há ninguém dentro das cabines. Quando tenho certeza de que estamos sozinhas, coloco o rosto nas mãos. — Eu realmente sou tão óbvia?

— Você veste suas emoções em seu rosto. Embora eu não ache que Nathan tenha aprendido a lê-las ainda.

— Pelo menos eu tenho isso — eu gemo. — Ugh, eu não sei o que está acontecendo. Não consigo acompanhar minhas próprias reações. Nós nos odiamos... somos amigos... flertamos... é tudo falso... não tenho ideia. — Começo a rir do ridículo e ela faz o mesmo.

— Ele provavelmente está apenas escondendo o que sente. Se você pressioná-lo, ele irá ao baile com você. Estou certa disso.

— Se minha mãe me deixar ir. E de qualquer forma, já o pressionei o suficiente. Eu só comecei isso com ele para provar algo a Paul e fizemos isso. Não precisa continuar.

— Não vejo você dizendo isso a Nathan.

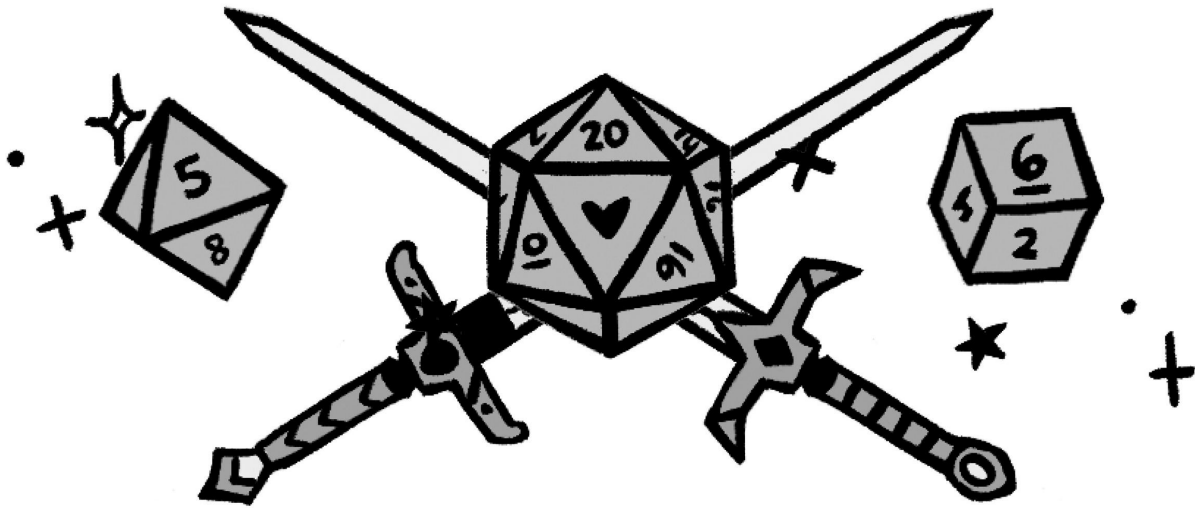
Fecho os olhos com vergonha.

— Eu só... eu não sei. Promete que não vai contar nada para Lucas

— Jamais! — Ela parece escandalizada com a ideia. — E se Nathan for teimoso demais para convidar, então você estará lá comigo. — Ela liga seu braço ao meu. — Sua mãe vai deixar você ir, e vamos dançar até suar a maquiagem. Você acha que há alguma maneira de eu ir sem você?

Ela sorri para mim e eu sorrio de volta, tentando afastar a leve decepção que estou sentindo. Trinta minutos atrás, o baile de boas vindas não estava em minha mente, mas agora estou magoada com a reação de Nathan à ideia. As coisas deveriam ser tão diferentes este ano. A certa altura, imaginei ir ao baile com Paul. Teria sido a primeira vez que fui a um baile com um namorado de verdade, e eu estava ansiosa por ter minha pessoa ao meu lado – alguém que me entendeu e gostou de mim e me deu arrepios quando segurou minha mão. Mas não adianta mais pensar nessa possibilidade. Mesmo que eu pudesse comparecer, eu nunca iria com Paul. E Nathan... bem, ele não é meu namorado de qualquer maneira, então não importa.

Capítulo Dezesseis



— Tudo bem, pessoal, acalmem-se! — Eu chamo os alunos que estão no palco. — Precisamos começar, não temos muito tempo.

Afasto-me e coloco as mãos nos quadris, esperando não ter que gritar novamente. Na minha frente estão vinte e cinco estudantes que concordaram em fazer parte desta prévia musical. Depois que o Lucas me deu a ideia na sexta, passei o fim de semana mandando mensagens para todo mundo e me organizando. Felizmente, a senhorita Sahni ficou entusiasmada com o plano e concordou em reservar o auditório para nós pelas próximas duas semanas, embora não tenha tempo para ajudar nos ensaios. Só fazemos isso dois dias por semana durante quarenta e cinco minutos, o que não é muito, mas continuo positiva.

Depois de muito debate interno, finalmente escolhi *“Big Bright Beautiful World”* e *“Story of My Life”* de *Shrek: o Musical* como nossas músicas para a prévia musical. Elas podem apresentar muitas pessoas diferentes cantando; há dança mínima, o que tornará mais fácil ensaiar,

dado o nosso tempo limitado; e há pequenas funções para os habitantes da cidade, para que possamos incluir todos. Quero que a administração veja todo o talento e entusiasmo que temos. Infelizmente, nem todo mundo está animado com minha escolha.

— *Shrek*, sério? — Kelly diz novamente. — Quero dizer, eu não me importaria de interpretar Fiona, mas você não escolheu uma de suas músicas. Não podemos fazer '*Defying Gravity*' ao invés?

Balanço a cabeça veementemente.

— Não, essa música é um dueto e será melhor se pudermos mostrar o máximo de talento possível. Como já expliquei.

— E se fizéssemos algo de *Dear Evan Hansen*? — Jeremy pergunta lá atrás.

— Pessoal, ouçam. Você querem ter um musical este ano?

Todos eles acenam com a cabeça.

— Então precisamos trabalhar juntos. Isto não é sobre um de nós; é sobre todos nós. E só porque estamos fazendo *Shrek* para esta performance não significa que estamos fazendo isso para o show em si. Mas se não conseguirmos fazer isso, talvez não mereçamos ter um musical este ano.

Estreito os olhos e os examino. Algumas pessoas parecem mal-humoradas, mas ninguém revida. Já participei de muitos musicais e ajudei a organizar alguns ensaios no passado, mas nunca estive no comando antes. Eu rolo meus ombros e dou um ar de confiança.

— Ok, por uma questão de simplicidade, fui em frente e lancei as partes principais. — Começo a chamar nomes. Hoshiko será a Mamãe Ogro na chamada, o que significa que ela dará início à nossa apresentação, junto com Terrance interpretando Papai Ogro. A maioria dos alunos interpretará criaturas de contos de fadas na segunda música,

e todos os outros estarão no refrão como moradores da cidade que têm medo de Shrek.

Capto o olhar de Paul enquanto digo o último dos nomes para o refrão. Seus olhos estão arregalados e ele está se esforçando para parecer mais alto. Ele não precisa dizer nada para eu saber exatamente o que está pensando. Ele quer saber se eu o coloquei como protagonista. Eu me perguntei se ele estaria muito ocupado ou importante para aparecer hoje, mas eu deveria saber que Paul nunca perderia uma oportunidade de se apresentar.

Eu me forço a sorrir e fazer contato visual com ele.

— E, Paul, você canta como Shrek.

Algumas garotas, que claramente ainda estão encantadas com sua beleza, gritam e o aplaudem. Ele sorri indulgentemente e inclina ligeiramente a cabeça em minha direção. Vou ficar com dor de cabeça de tanto apertar a mandíbula.

Tudo isso é prática para o futuro, lembro a mim mesma. Se vou dirigir qualquer coisa, desde teatro escolar até uma produção profissional, estarei trabalhando com uma série de pessoas, algumas das quais serão desagradáveis. Mas preciso permanecer profissional, não importa o que aconteça. E a verdade é que preciso de Paul aqui. Ele é o melhor artista masculino que temos na escola e quero ter certeza de que o diretor veja o que temos a oferecer. Então, sim, eu dei a ele Shrek. Mas contra a minha vontade.

— Ok, pessoal, acho que a primeira coisa que devemos fazer é ouvir a gravação das músicas do elenco para sabermos o que pretendemos fazer.

— Eu examino o palco. — Depois disso, ensaiaremos cada música como um grupo completo para que todos saibam quais partes estão cantando. Depois nos dividiremos em grupos menores para praticar. Quando voltarmos na quarta-feira, trabalharemos em blocos, e Hoshiko

gentilmente concordou em montar uma coreografia simples para as pessoas da cidade e criaturas de contos de fadas.

Pego uma pilha de papéis com letras impressas, pois não espero que todos tenham as músicas memorizadas. Um momento depois, Paul está ao meu lado.

— Aqui, vou ajudar a distribuir.

Ele estende a mão e fica ao meu lado como se tivesse se tornado meu assistente de direção junto com o ator principal. Eu preferiria que Hoshiko me ajudasse, mas todo mundo está nos observando e eu não quero fazer cena, então sorrio educadamente e entrego a ele metade da pilha.

— Eu os rotulei por função — explico e aponto para o topo da página. Passei a noite passada preparando-os para que cada pessoa tivesse apenas as letras de que precisava.

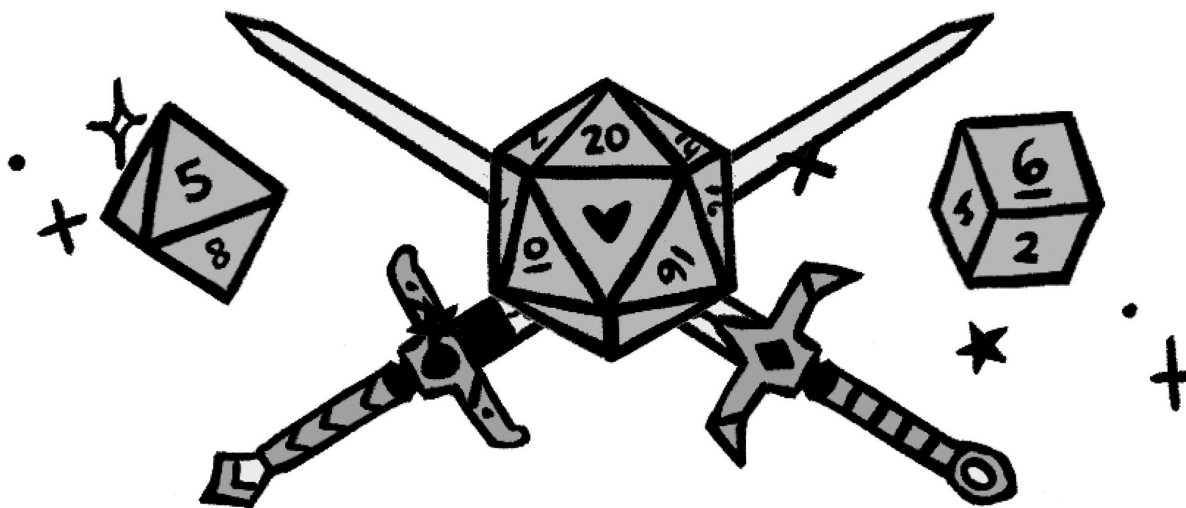
— A propósito, você está fazendo um ótimo trabalho — diz Paul calmamente. — Não deixe ninguém fazer você se questionar. Eles não sabem o quão difícil isso é.

Ele se vira para distribuir os papéis e eu olho para suas costas, estreitando os olhos com suas palavras. Quem está me fazendo duvidar de mim mesma? As pessoas estão dizendo que não posso fazer isso? Ou estou deixando as palavras de Paul me afetarem demais, como de costume?

Respiro fundo. Não sei onde está a cabeça de Paul, e isso não importa. A única coisa importante é reunir todos para produzir a melhor chamada possível. Eu gostaria de não ter que lidar com ele junto com todo o resto, no entanto. Talvez eu devesse tentar convencer Nathan a ficar depois e bancar o namorado solidário durante os ensaios. A ideia me inunda com uma alegria vertiginosa, mas eu a afasto. Isso seria

muito divertido, mas ter Nathan ao meu lado me distrairia ainda mais do que Paul.

Capítulo Dezessete



Os próximos dias passam bem, provavelmente porque estou me tornando uma mentirosa habilidosa. Para ter uma desculpa para ficar depois da escola para os ensaios, contei aos meus pais que a Srta. Sahni havia convocado um treino adicional do coral para se preparar para o recital de inverno. Eles não questionaram, e eu vou ficar para um tipo de ensaio de canto que é apoiado pela Srta. Sahni, mas não há dúvida de que estou abusando da sorte com isso. Espero que tudo valha a pena no final. E, porque não tenho vergonha, ainda estou importunando-os para que me dêem uma resposta final sobre o baile de boas vindas. Eles não dirão sim, mas estão se protegendo o suficiente para considerar isso secretamente.

Nathan vai julgar um torneio Pokémon na sala de jogos na quinta-feira, então não o vejo durante a maior parte do meu turno. Tenho certeza de que ele está ocupado, mas provavelmente está com Sophia, que chegou no meio do torneio e foi direto para a sala dos fundos. Eu

quero ir também, mas não tenho como, já que papai precisa de mim no caixa. Talvez seja bom dar um tempo para eles conversarem para que ele possa conhecê-la melhor e conquistá-la.

Ou, você sabe, para que ele perceba que ela é péssima e desista. De qualquer jeito.

Finalmente o torneio termina e os jogadores começam a sair lentamente da sala dos fundos. Muitos param para conversar com papai. Ele parece conhecer quase todo mundo pelo nome. Percebi que alguns deles não compram nada, mas chegam carregando sacolas e caixas de suprimentos para jogos. É uma estratégia de negócios estranha incentivar as pessoas a usar o espaço sem exigir que gastem dinheiro na loja, mas certamente cria um ambiente jovial.

Muitos jogadores se despedem de mim e um deles brinca que eu deveria estar lá cantando músicas para lhes dar sorte. É estranho que muitos deles soubessem de mim muito antes de eu aparecer nesta loja, mas agradeço que todos tenham sido legais.

Nathan entra pela porta da sala de jogos sozinho e agitado.

— O que está errado? — eu pergunto. Meus pensamentos imediatamente saltam para Sophia. Talvez eles tenham discutido?

— Lucas mandou uma mensagem dizendo que precisava deixar o dever de casa em dia, mas eu não sei. Não é típico dele ignorar Pokémon desse jeito.

— Desculpe. Talvez ele realmente tivesse muito dever? — Eu franzo a testa. — Ou ele está com Hoshiko...

— E não me contou? Você acha?

— Eu não tenho certeza. Ela também não me disse nada sobre isso. — Eu dou de ombros. — Embora eu deva dizer que estou surpresa que você esteja pensando em Lucas com Sophia por perto. — Tento dar um

pequeno sorriso inocente, como se não estivesse cavando em busca de terra.

Ele dá de ombros.

— É legal que ela tenha vindo para participar.

— Onde ela está? Não a vi saindo?

— Ela foi ao banheiro, mas voltará em um segundo.

— Legal.

Suspiro. Acho que as coisas ainda estão indo bem entre eles. E então meu telefone toca com uma ligação da mamãe.

— Um momento. — Eu atendo o telefone. — Ei mãe. Você já está a caminho? — Na maioria dos dias, mamãe me pega na loja depois que termino meu turno.

— Estou presa aqui na casa dos Davidson. Os armários da cozinha foram instalados de cabeça para baixo e o marido está tendo um ataque. Vou sair tarde da noite.

— Ugh, sinto muito. Vou pedir ao papai, então.

— Ok. E, já que estou com você... seu pai me ligou hoje.

— Sim?

A esperança borbulha em mim. Talvez papai tenha ligado para ela para dizer que acha que eu deveria ter permissão para ir ao baile?

— Ele me disse que você está namorando um dos garotos que trabalha na loja? Alguém chamado Nathan?

Eu grito. Nathan se vira para mim preocupado, mas eu aceno para ele e caminho para o outro lado da loja.

— Não! Não estamos namorando.

— Ele parecia bastante certo. Tem certeza de que não há nada para me contar?

— Sinto muito que papai ligou e disse isso, mas Nathan e eu somos apenas amigos.

— Ele também me disse que você diria isso.

Dou um grande suspiro.

— Eu juro que não estamos namorando de verdade.

Há um momento de silêncio ao telefone e presumo que ela está deliberando.

— Eu acredito em você. — Ela ri. — Mas Joel está apaixonado pelo cara.

— Sim, eu sei. É exagerado. — Reviro os olhos.

— Ele quer que Nathan comece a levar você até a loja depois da escola. Ele disse que é um desperdício de gasolina ele ir buscar você quando esse garoto está dirigindo para o mesmo lugar – o que eu acho que é verdade – mas eu não sei, Riley. Você induziu seu pai a fazer isso?

Tropeço e me apoio na prateleira mais próxima. Papai quer que eu vá com Nathan? Um arrepio de alegria percorre meu corpo com a ideia de mais oportunidades para sair e tirar sarro de suas escolhas musicais, embora eu esteja surpresa que meu pai tenha sugerido isso. Achei que ele gostava do tempo extra juntos. Não consigo imaginar que alguns quilômetros por dia consumiriam tanta gasolina.

— Eu definitivamente não pedi a ele — digo a ela com fervor. — Eu não tinha ideia de que ele estava pensando nisso.

— Então seu pai está bancando o casamenteiro agora — ela responde secamente. — Mas é claro que bastou eu concordar em você trabalhar aí para que ele pudesse ficar de olho em você e, em vez disso, ele tenta arranjar um funcionário para namorar contigo.

Eu hesito. Não quero explicar por que papai pensa que estamos namorando, mas também não quero jogar papai em maus lençóis e fingir que essa situação está na cabeça dele. Admito que, no passado, se mamãe fazia um comentário irritado ou passivo-agressivo sobre papai, eu sempre concordava rapidamente com ela... mas isso não parece mais

certo. E certamente não posso culpar papai por suas suposições, dada a forma como Nathan e eu estamos agindo um com o outro.

— Em defesa do papai, Nathan é um cara muito legal. Posso ver por que ele ficaria feliz se eu estivesse namorando com ele.

Ela funga.

— E se fizermos um teste esta noite? Eu poderia pedir ao Nathan para me levar para casa e veremos como vai ser? Se você ainda se sentir confortável depois desta noite, poderíamos conversar sobre ele me trazer aqui depois da escola também.

Tento não parecer desesperada ou muito animada com a ideia. Se ela souber o quanto eu quero ir com Nathan, então ela definitivamente não vai concordar. Claro, supondo que Nathan concorde com isso.

— Posso confiar nele? Os adolescentes são notoriamente maus motoristas.

— Ele é muito responsável.

Embora ele de alguma forma chegue à loja antes de papai e de mim todos os dias, o que provavelmente envolve algum nível de excesso de velocidade. Mas ele chega aqui inteiro.

Vozes gritam ao fundo do seu lado.

— Eu preciso ir. — Ela suspira. — Tudo bem, você pode ir com Nathan esta noite se seu pai achar que está tudo bem. Não gosto da ideia, mas você fez um bom trabalho na loja até agora. Talvez seja hora de começar a lhe dar mais flexibilidade.

— Sim? Ótimo!

— Mas *fique segura*. E certifique-se de estar em casa o mais tardar às nove e meia.

— Ok. Obrigada, mãe! Vejo você à noite!

Eu encerro a ligação. Meu pulso acelera com a ideia de passar mais tempo com Nathan, mas então me lembro que Sophia ainda está

conversando com ele. Eu pressiono meus lábios. Não sei se ele aceitará isso se isso significar deixá-la.

Embora, por outro lado, eu deveria estar flertando com ele e fiz um trabalho horrível hoje. Esta pode ser a maneira perfeita de mostrar a ela que ainda estou no jogo.

Respiro fundo e volto para Nathan.

— Ei.

Tanto Sophia quanto Nathan param de falar e se voltam para mim. Sophia não parece muito satisfeita por eu estar interrompendo, mas não consigo ler a expressão de Nathan.

— Desculpe, era minha mãe. Ela não pode me levar para casa hoje e mencionou que talvez você pudesse me levar. Se estiver tudo bem?

Ele pisca. Ele provavelmente está tentando descobrir se isso é real ou outra maneira estranha de flertar com ele.

— Acho que papai mencionou algo para ela — acrescento. Eu dou a ele um olhar significativo para, com sorte, entender o que papai disse a mamãe.

Os olhos de Nathan se arregalam. Mesmo assim, ele hesita, e não quero admitir que dói. Para começar, preciso fazer um trabalho melhor para me lembrar por que estamos fazendo isso. Concordei em flertar com Nathan para ajudá-lo a conseguir Sophia, não a mim.

Eu balanço minha cabeça.

— Na verdade, deixa pr...

— Eu posso fazer isso — ele interrompe. Ele se vira para Sophia. — Desculpe, talvez possamos deixar o sorvete para a próxima vez?

Seus olhos se estreitam ligeiramente, mas ela sorri.

— Claro. Mal posso esperar.

Ela sai sem olhar para trás. Depois que ela vai embora, Nathan olha para mim com uma expressão cínica.

— Bem, isso certamente chamou a atenção dela.

— Sinto muito se estraguei algo aí... isso não faz parte do flerte. Mamãe não pode vir hoje à noite e eu a convenci que não haveria problema se você me deixasse. A menos que seja demais? Tenho certeza de que papai pode fazer isso.

— Sinceramente? É claro que te levo se precisar de uma carona.

— Perfeito, obrigada.

Vamos para a sala dos fundos para contar ao papai. Ele está conversando com o pai de Lucas e alguns caras mais velhos que chegam depois do trabalho. Todos acenam e dizem olá como se eu fosse da família.

Papai acena com a cabeça quando perguntamos sobre voltarmos juntos.

— Claro. Estou feliz que sua mãe falou com você.

Eu o estudo. Ele está com o rosto vermelho e sua expressão está contraída como se estivesse com dor.

— Você está bem, pai?

Ele me acena.

— Estou bem. Tentei pegar muitas caixas de uma vez, então vou fazer uma pausa. Eu estou ficando velho.

Nathan e eu nos entreolhamos.

— Você quer que ajudemos com isso? — ele pergunta.

— Não, não. Vocês dois podem ir embora. Eu consigo.

— Mas a loja ainda não está fechada — digo. — Ainda precisamos limpar a sala dos fundos e tudo mais.

— Está tudo bem. Não há muito o que fazer, eu posso cuidar disso.

Alguns dos caras sorriem. Não sei quem papai está tentando enganar. Ele está claramente usando isso como uma forma de unir Nathan e eu, e

é tudo tão embaraçoso que quero derreter no chão. Mas Nathan não hesita.

— Obrigado, Joel. Vejo você amanhã.

— Sim. — Papai aponta o dedo para ele. — Dirija com cuidado.

— Sim, senhor.

Hesito em deixar papai se ele estiver com dor, especialmente agora que sei que seu médico está preocupado com sua saúde, mas ele me manda embora. Pegamos nossas mochilas no balcão da frente e seguimos para o carro de Nathan. O sol se pôs há horas, então a única luz vem das vitrines das lojas e da luz bruxuleante da rua.

— Senhor? — eu pergunto a ele com uma sobrancelha levantada.

— Nunca é demais ser educado.

— A menos que você esteja falando comigo?

Nathan vai até o lado do passageiro, abre a porta para mim e faz uma profunda reverência curvando a cintura.

— Senhora.

Eu gemo.

— Eu deveria ter pedido ao papai para me levar.

Coloco minha mochila no banco de trás, que está coberto de moletons, recibos antigos e sacolas de fast-food.

Ele sobe no banco do motorista, ainda sorrindo, e liga uma paródia de Madonna.

— Ok, para onde?

Dou-lhe instruções para chegar à minha casa e ele sai do estacionamento com uma expressão pensativa no rosto. Seu olhar se volta para mim e de volta para a estrada.

— O quê?

— Quando sua mãe espera você em casa?

— Hum... — Olho para o relógio em seu painel, que marca oito e quarenta e cinco. — Não antes das nove e meia. Por que?

Ele sorri, mas passa a mão na boca para encobrir.

— Tenho uma ideia para um pequeno desvio. Se você estiver disposta a isso.

Um núcleo de excitação se aloja em meu peito e, de repente, não há nada que eu prefira fazer do que aprender o que o faz sorrir daquele jeito.

— Claro. Embora eu deva lhe dizer que mamãe está considerando isso como um teste. Se eu chegar em casa na hora certa, ela pode me deixar ir com você até a loja depois da escola. Supondo que você não se importe de me levar.

— Claro que não me importo, Riley. — Sua voz é calma. — Vou levar você para casa antes do toque de recolher.

Ele vira à direita quando deveria virar à esquerda e pisca para mim. Uma faísca de eletricidade percorre minha espinha. Pressiono as costas no assento e me concentro na janela. Eu não conheço esta estrada, mas a maioria das estradas rurais em Ohio parecem iguais. Colinas onduladas, campos de milho ou soja, casas ocasionais afastadas da estrada. Somos o único carro aqui.

Isso me faz perceber que estou sozinha com Nathan... próxima... no escuro. A eletricidade passa por mim novamente. É uma sensação muito diferente de nossos outros momentos juntos. Claro, constantemente juntos, mas estamos sempre rodeados de outras pessoas. Acho que nunca estive sozinha assim com ele. Passo as palmas das mãos pelas pernas e respiro.

Ele apoia o cotovelo esquerdo na porta do motorista, um pequeno sorriso brincando em seus lábios enquanto dirige. Ele parece tão contente que é difícil tirar meus olhos dele.

— Por que você está olhando para mim? — ele pergunta sem tirar os olhos da estrada.

Volto minha atenção para o para-brisa.

— Você parece muito... feliz.

— Esta é uma das minhas coisas favoritas: dirigir à noite com minhas estranhas paródias dos anos oitenta. Às vezes, se não consigo dormir, entro no carro e dirijo por horas. — O canto de sua boca se levanta. — É por isso que a maior parte do meu dinheiro vai para a gasolina.

— Eu imagino.

Ele acelera em uma pequena subida na estrada e então descemos do outro lado tão rápido que meu estômago sobe até a garganta. Eu grito de surpresa e nós dois rimos.

— Esta estrada é muito divertida de dirigir. Não se preocupe, eu conheço cada centímetro dela.

— Eu não estou preocupada. — Eu engulo. — Então, é isso que você queria me mostrar? A estrada?

— Não. Estaremos lá em breve. Você nunca esteve aqui antes, não é?

— Ah não. — Eu balanço minha cabeça. — Estranhamente, eu não dirijo muito.

— Bom — ele diz com uma risada. — Será muito mais divertido se você nunca viu antes.

Eu franzo a testa, ainda sem ter ideia do que ele está falando. Mas estou bem esperando.

— Então, como você pode sair dirigindo no meio da noite? Seus pais não surtam?

Ele ri de novo, mas desta vez o som é vazio.

— Eles não sabem. Meus pais não ficam muito por perto. — Ele se senta na posição relaxada em que estava. Sua mão direita segura o volante com força suficiente para que os nós dos dedos fiquem brancos.

— Papai é enfermeiro no hospital local e trabalha muitos turnos noturnos. Mamãe era caixa de banco, mas foi demitida há alguns anos, então conseguiu um emprego de segundo turno na fábrica nos arredores da cidade. Ela foi promovida a gerente de turno no ano passado, o que parece ser importante. — Ele dá de ombros. — É um bom dinheiro e benefícios. Mas, especialmente agora que posso cuidar de mim mesmo, eles tendem a trabalhar ou dormir quando estou em casa.

— Então... você tem que cozinhar para si mesmo e coisas assim também?

— Sim. — Ele sorri. — Não tenha a impressão errada: é principalmente cereal, pipoca de micro-ondas e pizza congelada. Ou fast-food. — Ele acena vagamente para as embalagens espalhadas pelo carro.

Fico sentada por um segundo, deixando a informação penetrar. O fato de ele estar na loja de jogos todas as noites faz muito mais sentido.

— Estou surpresa que você goste de dirigir sozinho à noite, então. Eu acho que seria muito solitário.

— Prefiro ter outra pessoa no carro, mas meus amigos não podem sair de casa às três da manhã. — Ele sorri para mim. — E não é de todo ruim. Eu posso fazer coisas assim.

Ele aumenta o volume e grita o refrão de “Smells Like Nirvana” de Weird Al a plenos pulmões. Tapo os ouvidos com as mãos enquanto caio na gargalhada. Nathan Noturno é diferente do Nathan Diurno. E eu gosto.

Eventualmente, ele abaixa o volume da música.

— Provavelmente terei perdido toda minha audição até os trinta anos, mas adoro isso.

— Se eu puder adicionar um pouco de *Les Mis* na mistura, então você terá uma parceira de música.

— Me mande uma mensagem com os títulos e eu os terei prontos na próxima vez.

Próxima vez. As palavras enviam um choque através de mim. Espero que haja uma próxima vez.

— Então... é por isso que você gosta tanto de estar na loja de jogos? Porque senão você estaria sozinho em casa?

Mordo o interior da minha bochecha, esperando que ele não se deixe intimidar pela pergunta. Mas ele acena com facilidade.

— Sim. É uma segunda casa para mim. Ou realmente, é como uma primeira casa. Durmo na minha casa, mas lá não faço muito mais que isso. Sou muito grato ao seu pai por me deixar participar dos jogos todas as noites, embora eu não tenha dinheiro para comprar muita coisa. Ele não precisava fazer isso, mas acho que ele vê isso como um serviço comunitário. — Ele ri levemente. — E ele é um bom amigo do pai de Lucas, então fazia sentido que todos nós fiquemos lá juntos.

Fico em silêncio por um momento, olhando para a noite e pensando na loja. Sempre pensei que papai a tinha porque isso o deixava feliz. Nunca me ocorreu como a loja impactava seus clientes ou a comunidade externa. Eu agora posso ver que sim: como papai trata todos que entram pela porta como amigos, em vez de usuários de cartões de crédito ambulantes. Uma pequena parte de mim gostaria que ele tivesse se esforçado tanto em nosso relacionamento, mas sei que isso não é totalmente justo.

Nathan liga a seta e entra em uma estrada estreita. Este é o tipo de estrada onde dois carros podem tecnicamente passar um pelo outro, mas será apertado. Felizmente, está tranquila.

— Certo, você está pronta? Apresento-vos... a *Casa de Férias*.

Ele diminui a velocidade e para o lado, depois inclina o banco para trás para que eu tenha uma boa visão pela janela do lado do motorista.

Eu suspiro. O que é que...

Cada centímetro quadrado do grande jardim da frente desta casa está coberto com decorações de Halloween. Não de uma forma bonita ou de bom gosto, mas mais como se o proprietário estivesse determinado a esconder cada folha de grama com uma decoração. Existem abóboras falsas da minha altura, fantasmas infláveis e um número ridículo de esqueletos. Enormes aranhas peludas rastejam pelo quintal e sobem pela casa.

Mas a parte que me faz tremer de horror são os manequins.

Tantos. Manequins.

Alguns estavam vestidos como múmias e vampiros, outros como piratas e cavaleiros, junto com princesas, bruxas e um Elmo seriamente confuso.

Eu começo a rir.

— *Nathan*, onde você me trouxe?

Fico na frente dele para ver melhor, esticando o pescoço para a direita e para a esquerda para ver tudo. É bizarro e histérico.

— Uau... como você acha que foi o processo de pensamento aqui? — eu pergunto. — Um recorde mundial de manequim?

— Não faço ideia. A festa à fantasia mais assustadora que o mundo já viu?

— Ooh, bom ponto, você acha que eles trocam as fantasias todo ano? Talvez pudéssemos pegar algumas e usá-las no teatro. Temos um monte de criaturas de contos de fadas para vestir, e estas funcionariam muito bem.

— É claro que é para onde sua mente iria.

— Quando você é fanática por musicais, os figurinos se tornam uma grande parte do seu processo de pensamento.

Ele ri e sua camiseta roça meu braço esquerdo. Só então percebo o quão perto cheguei dele enquanto tentava ver cada vez mais o quintal. Estou praticamente deitada no colo dele agora. Olho para ele e respiro rapidamente. Se eu levantasse meu rosto mais um centímetro, nossas bocas ficariam perfeitamente alinhadas.

Luzes laranja piscam no quintal. Nós dois nos viramos, os olhos fixos na porta da frente.

— Você acha que tem alguém em casa? — eu sussurro.

— Não vejo nenhum carro na garagem e as janelas estão escuras. Provavelmente são apenas luzes de segurança...

Uma grande silhueta preenche de repente a porta da casa e eu pulo, caindo diretamente no peito de Nathan. Eu levanto e vou para o meu lugar antes que isso se torne ainda mais estranho.

— Você acha que ele pode nos ver? — eu pergunto.

Mas o homem responde à minha pergunta acenando para o nosso carro. Há algo em sua mão que não consigo decifrar. Então ele sai para o gramado e eu reprimo um grito.

— Isso é....

— Sim. É o Michael Myers vindo em nossa direção no meio do nada.

— O homem caminha rapidamente em direção ao nosso carro, e Nathan levanta o banco e gira a chave na ignição. — Eeeeeee ele está segurando uma faca.

— *Nathan!* É falsa?

Ele coloca o carro em movimento e seguimos pela estrada.

— Não estou ansioso para perguntar a ele.

— Vai! Vai! Vai! — eu grito enquanto corro para reapertar o cinto de segurança.

Nathan cai na gargalhada quando a casa aparece no espelho retrovisor, e eu faço o mesmo, apesar de meu coração estar acelerado.

— Ah meu Deus, isso foi bizarro! Ficarei acordada a noite toda com essa imagem na mente!

— Juro que ninguém saiu da última vez que estive aqui. — Nathan apoia a mão levemente no meu joelho. — Você está bem?

Calor irradia de mim, mas tento ignorá-lo.

— Sim, estou bem. — Olho por cima do ombro. — Nenhum assassino famoso de filmes de terror está nos seguindo. Outras pessoas sabem sobre este lugar?

— Nunca ouvi ninguém falar sobre isso. Pode ser o nosso segredo. — Ele olha pelo espelho retrovisor. — Os proprietários trocam em todos os feriados. Você deveria ver os coelhinhos da Páscoa.

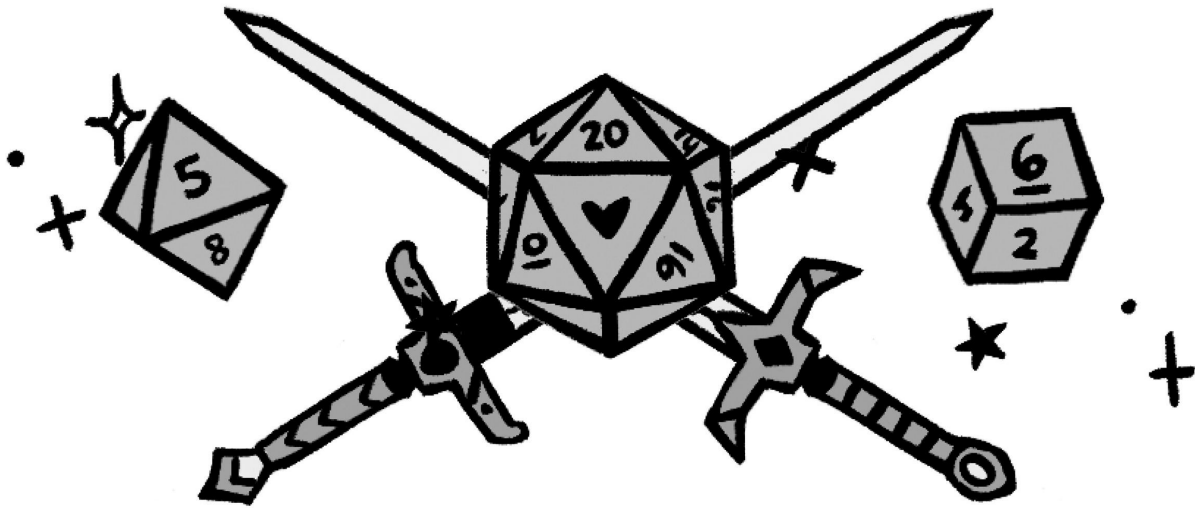
— Mais assustador do que os manequins de princesa?

— Cem vezes pior. Mostrarei a você na primavera, se ainda estiver disposta.

Ele olha para mim com um pequeno sorriso. É uma afirmação tão simples, mas que me abala. Falta meio ano para a primavera. Ainda seremos amigos então? Ainda vamos querer passar tempo juntos?

Cada vez mais, eu realmente espero que sim.

Capítulo Dezoito



Eu consigo garantir o auditório para um breve ensaio na tarde de sexta-feira, antes do jogo de D&D. Há algumas reclamações sobre ensaios extras, mas todos sabem que precisamos de tanta prática quanto possível.

— Ok, isso foi melhor, povo da cidade. — Aceno para um grupo de seis alunos. — Mas vocês ainda estão muito longe do palco quando o jovem Shrek vem até você. Preciso que vocês cheguem aqui quando Henry terminar a próxima parte da narração. — Caminho até o centro do palco e toco no local com o pé. — Podemos executar isso do início mais uma vez? E quando ele rugir para vocês, se espalhem e gritem de medo. Quero trazer um pouco de humor para esta cena para que vocês possam ser um pouco bobos com isso.

Concordo com a cabeça de forma encorajadora e Meera – a mais nova do grupo – dá um pequeno salto de excitação que traz um sorriso ao meu rosto. Estou realmente amando os calouros que se inscreveram

para ajudar nesta apresentação. Ainda não os conheço bem, mas eles estão tão entusiasmados e quase com os olhos arregalados no palco. Alguns deles nunca fizeram nada parecido antes.

Faço um gesto para que Henry comece sua narração do início. Ver a empolgação deles só me dá mais força para tornar esse desempenho perfeito. Eles precisam do musical tanto quanto os veteranos. Já posso ver Meera sendo a protagonista perfeita em seu último ano. Como ela é mais baixa, aposto que ela conseguiria interpretar Annie.

Depois de terminarem uma segunda tentativa, Hoshiko se aproxima dos dezesseis alunos que interpretam personagens de contos de fadas.

— Acabamos de revisar a coreografia de *'Story of My Life'*.

— Perfeito! — eu digo a todos no palco. — Vamos descansar. É ótimo trabalho. — Chamo o grupo seguinte. — Ok, estou animada! Vamos ver o que temos.

Hoshiko vem para o meu lado enquanto estou preparando a versão instrumental da música no meu telefone. Muitas mechas de cabelo saíram de suas tranças que emolduram seu rosto em um halo crespo, e isso é tudo que preciso para saber que ela está estressada. Ela está acostumada a trabalhar com dançarinos treinados em seu estúdio, e nosso grupo é exatamente o oposto.

— Ainda não chegou lá — ela sussurra. — Tentei dar alguns passos aleatórios para animar, mas Eileen e Jack continuaram literalmente caindo um no outro.

— Obrigada de qualquer maneira — respondo. — Você é um anjo.

Damos um passo para trás e meus olhos se arregalam enquanto vejo tudo se desenrolar. Felizmente, Jeremy interpretou Pinóquio e ele é ótimo. Mas não consigo ouvir metade dos personagens cantando suas falas sobre como é difícil ser uma criatura de conto de fadas, e uns

poucos praticamente ficam atrás de outra pessoa, então também não posso vê-los.

Mantenho um registro mental de todas as coisas em que precisamos trabalhar, mas começo a perder o controle. E depois há os figurinos. Achei que uma das coisas boas de fazer essa música é que poderíamos contar com diversas fantasias de Halloween para substituir o Chapeleiro Maluco, o Coelho Branco e outros. Para alguns papéis, podemos usar parte da fantasia – um par de asas de fada para a Fada dos Dentes e camisas rosa e orelhas de porco para os Três Porquinhos, esse tipo de coisa. Mas quem sabe se todos conseguirão obter a sua própria. Eu estava brincando na Casa de Feriados com Nathan, mas gostaria muito de poder voltar e tirar aqueles manequins. Todas aquelas lindas fantasias ao vento e à chuva. Que tragédia.

O grupo acaba se movendo com sucesso para uma fila na frente do palco para os compassos finais da música. E temos algumas vozes realmente lindas no grupo, apesar de alguns problemas de projeção. Eu concordo. Isso é viável. Significa que vai dar trabalho, mas será impressionante se conseguirmos limpá-las.

Paul aparece na minha visão periférica, mas não desvio minha atenção para reconhecê-lo. Se eu conheço o Paul, ele tem uma opinião sobre o desempenho, mas não há tempo para isso.

A música termina e eu bato palmas bem alto, apesar dos olhares desanimados e das caretas nos rostos de muitos dos atores.

— Foi um ótimo começo — digo a eles.

— Ou você não sabe o significado de ótimo ou é uma atriz *incrível* — Papai Ogro, isto é, Terrance, murmura de um assento na plateia.

Me viro para ele e estreito os olhos.

— Temos ensaios por um motivo. E todos nós precisamos de ajuda com as coisas. — Eu me viro e observo todo o grupo. — Ainda temos

uma semana e meia de ensaio e podemos fazer muita coisa nesse tempo. Por enquanto, a grande coisa que quero que todos se lembrem é de projetar quando cantam. Precisamos que a administração seja surpreendida. Finja que você está cantando para sua avó com deficiência auditiva, sentada naquela última fila. — Aponto para o fundo do auditório. — Se necessário, podemos simplificar ainda mais a coreografia. Mas vocês precisam memorizar suas letras e tocá-las. Seja divertido! Seja dramático! Vocês são personagens de contos de fadas irritados... não há problema em exagerar nisso!

Eu canto o refrão, fazendo um mau humor ainda mais dramático. Há algumas risadas no grupo. Uma pequena parte de mim sente falta dessa parte do teatro – estar no palco, aprendendo falas e aperfeiçoando personagens. Mas ser a diretora, assistir e ajudar em tudo, é estimulante. Eu amo isso. E isso me faz querer trazer ainda mais de volta o musical.

Hoshiko aponta para o telefone com as sobrancelhas levantadas.

— Ok, estamos sem tempo. Obrigada a todos. Continuem praticando e trabalharemos nisso na próxima semana!

Eles partem, acenando e me agradecendo. É difícil sair do auditório. Eu ficaria aqui a noite toda ensaiando se me permitissem.

— É um progresso — diz Hoshiko. Mas posso ouvir o ponto de interrogação em sua voz.

— Com certeza é. Nós chegaremos lá. Você já os ajudou muito hoje. Obrigada novamente.

Ela dá de ombros e coloca a mochila no ombro.

— Fiz o que pude.

— Não sei o que faria sem você. — Eu a abraço.

— Tem certeza de que não posso te dar uma carona até a loja? — ela pergunta. — Não é justo que você tenha voltado de carro com Nathan ontem à noite, mas não poder ir comigo.

Mande uma mensagem para ela assim que cheguei em casa ontem à noite para atualizá-la sobre as coisas com Nathan, e ela prontamente me enviou uma lista de reprodução de músicas de amor que eu deveria enviar para ele em nosso próximo passeio noturno. Eu *certamente* não vou fazer isso.

— Aposto que eles vão nos deixar dirigir juntas em breve, eles estão claramente ficando cansados de me levar para todos os lugares.

Ela faz beicinho.

— Vejo você na loja em alguns minutos.

Dou tchau e me viro, apenas para descobrir que Paul não saiu com os outros. Quase gemo alto.

— E aí? — pergunto enquanto reúno minhas coisas.

— Recebi minha máscara do Shrek.

Ele tira uma máscara de látex verde da mochila. Eu escolhi *Shrek* propositalmente porque sabia que o protagonista precisaria de uma máscara que cobrisse seu rosto e lhe deixasse com cabelo falso? Não. Eu amo esse resultado de qualquer maneira? Inequivocamente, sim.

— Vai precisar de algum trabalho — diz ele, e passa o objeto pela cabeça. Não consigo evitar, começo a rir.

— Hum... uau.

— Sim. É um pouco grande. — Sua risada é abafada.

Meu sorriso se transforma em uma carranca. Podemos cobrir seu rosto, mas sua voz precisa estar totalmente à mostra.

— Você pode cantar alguma coisa para ter certeza de que posso ouvi-lo?

— Claro.

Ele canta as primeiras linhas e fico irritada porque isso me dá arrepios. Ele até acerta o sotaque. Mas é definitivamente mais difícil ouvi-lo com a máscara.

— Você acha que poderia tentar abrir um buraco maior na boca? — pergunto-lhe. — Caso contrário você *realmente* terá que projetar, e eu já sei que você está fazendo isso.

Ele tira a máscara e seu cabelo voa para todos os lados com estática. Tento não rir de novo.

— Esse látex também é quente. Estou feliz por não precisar usar isso por muito tempo. Precisaremos de outra solução se fizermos o musical completo na primavera.

Fecho o zíper da minha mochila e vou até a porta do auditório, com Paul acompanhando. Lá fora, uma brisa fresca sopra em meu cabelo e eu aperto meu suéter mais forte em volta de mim. Inclino a cabeça para cima para observar as folhas de bordo que estão começando a ficar laranja-ferrugem. Ainda não é outubro, mas me lembro por que adoro esta época do ano. Folhas esmagadas, sol forte e todos os suéteres coloridos que posso usar.

— Com muita torcida, estaremos preocupados com a logística musical da primavera em breve — eu digo suavemente.

— Acho que isso vai acontecer.

Me viro para ele, surpresa.

— Sério? — hesito, mas ele parece genuíno. — Obrigada.

— Claro. Então, percebi que Nathan não fica para os ensaios.

Reprimo um suspiro. As coisas estavam oscilando no limite do prazer por um momento, mas então ele teve que continuar falando.

— Ele tem que trabalhar.

— Certo. — Ele acelera para ficar ao meu lado. — Eu só queria saber se, você sabe, talvez as coisas não estivessem funcionando tão bem.

— As coisas estão funcionando perfeitamente.

— Você não precisa ficar na defensiva.

Praticamente rosno, mas me forço a respirar.

— Eu não estou na defensiva. Eu estou dizendo a verdade. Nathan e eu nos divertimos muito juntos. Como você e Lainey estão?

— Perfeitos.

Há um momento de hesitação antes que ele diga isso, mas não vou insistir. Não há necessidade de sabermos sobre os relacionamentos um do outro.

— Fico feliz em ouvir isso. Bem, tenho que ir trabalhar. Vejo você depois.

— Ei. Riley?

Apesar do meu melhor julgamento, eu me viro.

— Sim?

— Você quer que eu te leve para o trabalho nos dias de ensaio? De qualquer maneira, tenho que passar pela loja.

Estou tão surpresa com a sugestão que levo alguns minutos para formar um pensamento coerente.

— Eu já tenho uma carona. Meus pais me buscam quando Nathan não pode me levar. E eu não deveria passear com meu ex-namorado de qualquer maneira.

Ele balança para trás nos calcanhares.

— Certo. Só queria ajudar.

— Bem... obrigada. Mas estou bem.

Ele demora, mas felizmente a Srta. Sahni vem andando pela calçada.

— Terminou o ensaio, Riley? — ela diz.

— Sim! — Eu respondo e corro em direção a ela, grata pela desculpa para deixar Paul, suas perguntas intronéticas e sua vibração estranha para trás. — Temos um longo caminho a percorrer, mas está melhorando.

— Se você tiver um segundo, gostaria de conversar com você sobre uma coisa.

— Ok.

Puxo minha mochila para cima do ombro e tento relaxar, embora pensamentos nervosos passem pela minha mente. Ela não gostaria de cancelar nossa apresentação depois de todo o trabalho que fizemos, certo?

— Eu não acho que você percebeu porque você tem estado tão focada durante os ensaios, mas estive espiando aqui e ali esta semana para ver como está indo. E devo dizer que estou muito impressionada.

— Ah?

Não há muito para ficar impressionado ainda. Ela ri como se soubesse exatamente o que estou pensando.

— Eu sei que os números precisam ser melhorados. E tenho certeza que você chegará lá. Mas estou impressionada com você. Não é fácil orientar seus colegas. Muitos alunos se distraem com os amigos ou ficam mal-humorados ou sobrecarregados. Mas você parece tão à vontade. E você tem um bom jeito com todo mundo, sério, sem ser dura.

— Uau, obrigada — respondo, minha tensão evaporando com suas palavras gentis.

— Claro que deixarei claro para a administração na reunião que apoio a volta do musical. Mas tenho outra coisa para passar por você. Você estaria interessada em me ajudar depois da escola com os ensaios do coral? O coral do ensino fundamental está programado para se apresentar no Rotary Club da cidade, e não estamos nem perto de onde precisamos estar. Eu não poderia pagar a você – isso seria estritamente baseado em voluntariado –, mas já posso imaginar o efeito que você poderia ter com eles.

— Então... — Faço uma pausa, meus pensamentos indo devagar e depois muito rápido enquanto processo suas palavras. — Então, quer dizer... você está perguntando se eu seria sua assistente?

— Exatamente. — Ela sorri para mim. — Mas não há pressão se não parecer interessante.

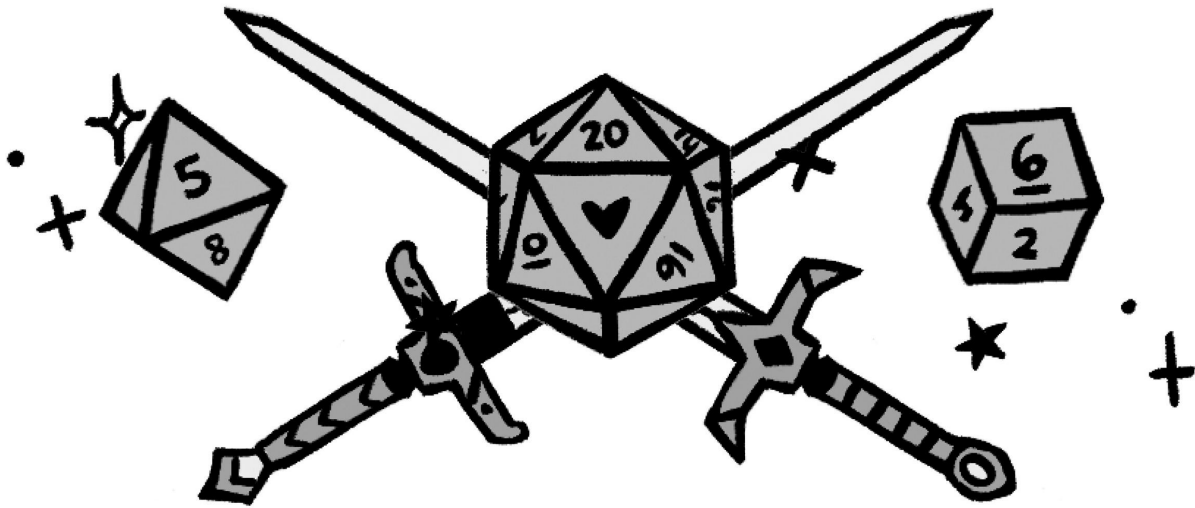
Eu balanço minha cabeça. Parece extremamente interessante. Só a ideia de trabalhar com a senhorita Sahni, de passar as tardes e noites realizando ensaios, já me enche de alegria. No entanto, não sei como equilibraria isso e ainda trabalharia na loja todas as noites.

— Bem, parece emocionante. Deixe-me, hum, falar com meus pais.

— Sim, claro. Espero que eles estejam de acordo!

Minhas entranhas murcham. É fácil convencer seus pais se você nunca contar nada a eles.

Capítulo Dezenove



Eu encontro mamãe no estacionamento, minha cabeça ainda girando com as palavras da Srta. Sahni. Hoje, entre todos os dias, eu realmente gostaria que Nathan pudesse me levar de carro. Então eu poderia pensar em paz ou possivelmente conversar sobre isso com ele. Ele me levou para casa na hora certa e minha mãe concordou em deixá-lo me levar de novo no futuro, mas ela queria me buscar esta tarde. Vou ficar no apartamento do papai neste fim de semana, então se mamãe não me ver agora, ela não terá outra chance até domingo à noite.

— Você tem tudo pronto para ir pro seu pai? — ela pergunta enquanto descemos a rua principal. Bandeiras com o mascote do colégio estão penduradas nos postes de luz, e cada canto é decorado com grandes potes de mães e abóboras. Scottsville tem um charme extra no outono.

— Sim. — Não quero parecer muito feliz ou triste por ficar com meu pai, mas é difícil esconder a empolgação em minha voz. Papai concordou

em deixar todo mundo vir no domingo à tarde para assistir ao filme do Monty Python. Acontece que descobri que ele os ama, o que não deveria me surpreender, e seu rosto praticamente iluminou a loja quando mencionei que estava interessada em assistir um filme deles.

— Eu acho que vocês dois estão se dando melhor? Eu costumava arrastar você para o apartamento dele.

Ela não está errada. Este fim de semana parece diferente. Estou animada para passar o domingo com todos, mas não é só isso. Todo esse tempo na loja com o papai tornou os fins de semana juntos muito mais divertidos. Conversamos sobre os clientes ou os produtos mais novos – até conversamos sobre D&D alguns dias atrás. Nunca pensei que seríamos capazes de fazer isso.

— Nós estamos. Mas sentirei sua falta neste fim de semana — respondo calmamente.

Ela me lança um olhar.

— Está tudo bem se você quiser passar um tempo com ele. Acho que é uma coisa boa.

Eu a examino com ceticismo. Não quero que ela pense que a amo menos ou que sou menos leal a ela só porque estou passando mais tempo com papai.

— Obrigada por concordar em me deixar receber pessoas na casa do papai.

Seus lábios formam uma linha fina.

— Bem, eu não estava empolgada pela idéia. Mas estou *orgulhosa* de como você tem agido durante seu castigo. Eu estava preocupada que isso seria uma batalha constante, mas você cumpriu sua parte no acordo até agora.

Suas palavras me deixam com coceira. Mamãe e papai ainda não têm ideia de que meus ensaios depois da escola são para a apresentação

musical. Eles acham que a senhorita Sahni é apenas uma capataz que continua pedindo mais ensaios do coral depois da escola. Cada vez que a culpa fica muito forte (como agora) lembro a mim mesma que não estou fazendo escolhas verdadeiramente irresponsáveis. Ainda estou (quase) fazendo meu dever de casa e trabalhando na loja... e a única razão pela qual estou mentindo é para poder cantar músicas de shows. Mas por mais que eu diga isso, ainda estou indo contra a vontade deles e não me sinto bem com isso.

— Na verdade — ela continua enquanto estaciona em frente à loja — tenho uma coisa para lhe contar. — Ela desafivela o cinto e se vira para mim, sorrindo amplamente. — Eu estava conversando com seu pai sobre como você lidou bem com isso e sua ética de trabalho na loja, e ele concordou que você tem sido um grande trunfo. Estou seriamente impressionada com sua mudança de atitude, Riley.

Eu me mexo no assento, a culpa me atormentando. Seria muito mais fácil racionalizar tudo isso se meus pais estivessem sendo horríveis.

— *Então...* — Mamãe faz uma pausa dramática, e me lembro de que não sou a única na família que adora um pouco de drama teatral. — Eu sei que dissemos oito semanas no mínimo na loja, mas sugeri que acabássemos com sua suspensão depois da próxima semana e seu pai não discutiu!

Eu fico boquiaberta para ela.

— Três semanas antes?

— O que você acha? Você pode recuperar sua vida.

Ela parece tão satisfeita que eu automaticamente retribuo o sorriso. Por dentro, porém, de repente sinto frio. Sem mais loja de jogos? Cinco semanas atrás, eu teria feito qualquer coisa para ouvir essas palavras, mas agora meu primeiro pensamento é que, se eu sair da loja, não passarei mais as noites com Nathan e os garotos. Mas... as coisas que eu

poderia fazer com todo esse tempo livre. Meus pensamentos voltam para a oferta da Srta. Sahni para se tornar sua assistente no coral. Isso não é exatamente o mesmo que uma estudante dirigir o musical, mas isso não significa que eu não me divertiria muito fazendo isso. E faltam menos de duas semanas para a reunião com a administração. Se essa reunião correr bem, quero dizer, *quando* tudo correr bem, haverá muito para organizar. Decidir sobre o musical, solicitar a licença, organizar e realizar audições. Minhas tardes seriam preenchidas imediatamente.

Sua expressão treme de confusão, provavelmente porque não estou pulando da cadeira com a notícia.

— E... — ela diz com mais hesitação — seu pai e eu também conversamos sobre o baile de boas vindas. Eu sei que falta apenas uma semana e você não tem vestido, então talvez não esteja mais interessada em ir, mas...

— Eu posso ir? — eu grito.

Ela ri e joga as mãos para o alto.

— Esse era o entusiasmo que eu esperava! Sim, você pode ir. Podemos dar uma passada no shopping e procurar vestidos esta semana, se você quiser.

Faltando apenas uma semana para o baile, os únicos vestidos que restam na cidade são aqueles que ninguém quer. Será como tentar conseguir um prato de comida decente logo depois que o time de futebol da escola demoliu o bufê chinês local (história verídica). Mas tanto faz, eu não me importo. Usarei um poncho cinza e tamancos se isso significar que vou para o baile.

— Mãe, eu te amo! — Eu avanço e a puxo para um abraço.

— *Agora* você me ama — ela reclama, mas sua voz é provocadora e seus braços estão apertados em volta de mim.

Eu vou para o baile! Não sei como vou lidar com o resto, mas isso caberá à Riley no futuro descobrir.



Papai e eu trabalhamos na loja no sábado, mas ele nos programa para sairmos mais cedo. Espero que ele mencione algo sobre o fim da minha liberdade condicional, mas ele não toca no assunto, então eu também não digo nada. Cada vez que penso nisso, meu peito se aperta de ansiedade e conflito. Como posso dizer não à senhorita Sahni? É uma oportunidade incrível. Mas como eu poderia dizer ao Nathan que estou saindo da loja? Como eu poderia contar ao papai? Eu nem tenho certeza se quero sair. É tudo muito confuso.

Para minha surpresa, papai sugere que, depois do nosso turno, dirijamos até uma das fazendas locais para comprar abóboras para a decoração da loja. Dado o amor da mamãe por todas as coisas de design, estive em muitos festivais de outono ao longo dos anos para comprar abóboras chiques, mas não é algo que fiz com papai. Eu me encarrego da escolha da abóbora e depois comemos donuts condimentados em um banco de piquenique enquanto crianças cheias de açúcar correm ao nosso redor. É tudo tão encantador que não consigo parar de sorrir para papai do outro lado da mesa. Sinto como se estivéssemos em uma comédia dos velhos tempos.

Quando chegamos em casa, ele sugere abrir o *Ticket to Ride* e, pela primeira vez, não recuso. Posso dizer pela sua expressão que ele está surpreso, mas tentando não agir assim. E o jogo é bem divertido. Não vai ultrapassar o teatro como meu passatempo favorito, mas talvez papai não estivesse *completamente* errado sobre toda essa coisa de jogo.

Durmo até tarde no domingo porque papai adora dormir e nunca me incomoda com isso. Quando finalmente coloco a cabeça para fora do quarto, por volta das onze, meu pai ri e me indica para a “sala de jantar”, que ele há muito tempo converteu em um espaço de pintura para seus modelos de Warhammer. Acho que nunca comemos lá. Apenas pegamos nossos pratos e sentamos no sofá.

— Ai está ela! — ele exclama. — Pronta para assistir a um dos melhores filmes já criados?

— Ooh, vamos assistir *Les Mis* hoje?

Ele ri. Ele tem um refrigerante e um saco de batatinhas ao lado dele, e isso me faz pensar no comentário de Nathan sobre como papai deveria estar atento ao que come. Espero, pelo bem do papai, que Nathan tenha ficado confuso porque sua cozinha poderia muito bem ser o corredor de junk food do supermercado. Mas papai está tão feliz que odeio tocar no assunto. Se algo sério estivesse acontecendo, espero que ele já tivesse me contado.

— Você é filha de sua mãe por completo. Exceto dormir até tarde. Mas espere até ver o *Santo Graal*.

Uma batida na porta da frente me alerta que Hoshiko está aqui. Seus olhos se arregalam quando ela entra. Ela só esteve na casa da minha mãe antes e este apartamento não poderia ser mais diferente da casa maravilhosamente decorada da minha mãe. Lá, cada canto, prateleira e mesa de canto foram cuidadosamente decorados com bugigangas de cores coordenadas. Há salas temáticas e iluminação artística, e você não deixa uma xícara na mesa a menos que tenha um porta copos embaixo dela.

Na casa do papai, há coisas por toda parte. É muito dormitório de faculdade. Na cozinha tem cereal e frango congelado e muitos sacos de batatinhas. A sala nada mais é do que um sofá de couro preto, uma

poltrona reclinável e uma TV tão grande que poderia muito bem ser uma tela de cinema. As estantes do meu pai estão cheias de romances de ficção científica, livros de D&D de antes de eu nascer e jogos de mesa. Honestamente, não consigo imaginar duas pessoas mais diferentes que meus pais. Estou chocada que eles tenham durado tanto.

— Hoshiko! — Papai entra vindo de outro cômodo. — É bom ver você novamente.

— Olá, Sr. Morris.

Ela acena e balança nos calcanhares como se não tivesse certeza do que pensar do lugar.

— Pai, vamos ficar no meu quarto até os meninos chegarem.

Eu aceno para ela em direção ao corredor. Temos um pouco mais de duas horas antes da chegada dos meninos e quero maximizar o tempo com ela. Não passamos um tempo sozinhas assim desde antes do início da minha punição.

— Desculpe, eu deveria ter avisado você — digo quando estamos no meu quarto com a porta fechada. — A casa do papai é um *pouco* diferente da de mamãe.

Hoshiko ri.

— Os meninos vão adorar aqui.

— Verdade. — É tão bom estar com ela novamente. Eu senti falta de sair. — Então, tenho a melhor notícia: ia mandar uma mensagem, mas decidi contar pessoalmente. Mamãe disse que posso ir ao baile!

Hoshiko dá um pulo e grita.

— Issoooo! Eu sabia que daria certo!

Começamos a conversar sobre vestidos e possíveis penteados. Mas quando menciono a possibilidade de dirigirmos juntas, Hoshiko se esquivava.

— Talvez. Vamos conversar sobre isso mais tarde.

Franzo a testa, mas acho que é verdade que da última vez que dirigimos juntas para algum lugar, fiquei de castigo por dois meses. Talvez seja melhor se mamãe ou papai me levarem.

— Então, quero ouvir mais sobre um certo nerd de óculos. Quais são as últimas novidades sobre vocês dois?

Eu caio de volta na minha cama.

— Nada de novo.

Para ser sincera, é difícil admitir para ela todos os meus sentimentos em relação a Nathan. É tão embaraçoso. Eu estava tão arrogante com meu plano infalível de flertar com ele sem quaisquer consequências, e agora estou me tornando a idiota apaixonada em vez de Sophia. Espio Hoshiko, me perguntando o quanto ela suspeita. Somos melhores amigas há tempo suficiente para que ela geralmente saiba quando estou tentando esconder alguma coisa.

Ela levanta uma sobrancelha, mas não me questiona mais.

— Acho que merecemos uma nova exibição musical antes que os meninos cheguem aqui. Hoje parece um dia de *Hairspray*.

— Sim.

Quando chegamos à cena final, Hoshiko e eu estamos paradas no pequeno espaço entre o sofá e a TV, fazendo twists e cantando as palavras como se estivéssemos no palco em Nova York. Papai entra na sala vindo da cozinha, mas eu o ignoro. Ele não vai me fazer errar as últimas notas de *"You Can't Stop the Beat"*.

Hoshiko gira ao meu lado e eu agarro a mão dela enquanto caímos de costas no sofá em uma gargalhada. Aplausos vêm de trás de nós... e há mais do que apenas papai batendo palmas. Nós nos viramos e encontramos os quatro garotos batendo palmas e rindo ao lado de papai.

— Ah meu Deus, quando vocês chegaram aqui? — eu pergunto.

— Mais ou menos na metade da música — papai diz com uma risada.
— Vocês duas estavam tão envolvidas que não ouviram a batida. Você é exatamente a mesma de quando era pequena.

Cubro o rosto com as mãos, pensando na escola primária e em todas as noites que passei cantando, dançando e me vestindo com fantasias elaboradas. Claramente, papai também não se esqueceu disso.

— Existem filmes caseiros disso? Eu adoraria ver isso — Lucas diz ansiosamente.

— Isso foi suficiente para mim — responde John. — Podíamos ouvir vocês do estacionamento.

Os meninos andam ao redor, pegando os bonecos de ação do papai e apontando para alguns dos quadrinhos que ele emoldurou nas paredes. Nathan exclama sobre um dos sistemas de jogos retrô no canto. Eu queria saber se haveria algum flerte ou estranheza entre nós aqui, mas ele está agindo como se eu fosse apenas mais uma amiga. O que faz sentido. Não há razão para fazer um show, pois temos certeza absoluta de que nem Paul nem Sophia aparecerão. Ainda assim, é estranho estar na mesma sala que ele e não ter sua atenção.

— E você tem um gabinete de fliperama — diz Anthony, dando uma batida reverente no console. — Baseado no jogo dos *X-Men* de 1992?

— Sabe. Todos são bem-vindos para jogar alguns jogos. Não são necessárias salas.

— Espere aí, precisamos nos concentrar — Nathan interrompe. — Estamos aqui por uma coisa e não são músicas de shows ou videogames retrô... por mais legais que pareçam. É hora de Monty Python.

— Eu vou mostrar o lugar depois. E a pizza estará aqui em breve. — Papai olha para o grupo. — Tenho que descer até a lavanderia, mas depois disso estarei na outra sala pintando meu exército da Horda. Mas as paredes são finas, então certifiquem-se de se comportar.

Ele pisca para Nathan e para mim antes de sair pela porta da frente com um cesto de roupa suja. Os outros trocam um olhar.

— O que foi isso? — Anthony pergunta.

Eu estremeço.

— Ele acha que Nathan e eu estamos juntos.

— E você não contou a verdade a ele?

— Foi muito estranho. Como explicaríamos sem parecermos totalmente patéticos?

— Posso prometer que não há como fazer isso — diz Anthony com um sorriso. — Embora eu possa argumentar que Nathan teve exatamente a ideia certa. Ele pode flertar com várias garotas sem se meter em encrencas.

Reviro os olhos.

— *De qualquer forma.* Acontece que papai tem Blu-rays para todos os filmes, então estamos bem.

— Antes de começarmos o filme, tem algo que eu queria mencionar — Lucas interrompe. — Bem... acho que não só eu...

Ele se vira para Hoshiko e eu engasgo quando vejo as bochechas de Hoshiko ficarem rosadas.

Ela acena para mim.

— Lucas e eu vamos para o baile juntos!

— Ahh! — Eu bato em Hoshiko. — Não *acredito* que você não me contou antes! Aquele tempo todo estávamos cantando com todo o coração e isso nunca veio à sua mente?!

— Sinto muito, eu sei, eu sei, sou uma péssima melhor amiga. Mas eu estava planejando contar a você assim que Lucas chegasse.

Ele dá um passo em minha direção.

— Não fique brava com ela. Foi minha ideia esperar até estarmos todos juntos. Eu sei que isso a estava matando.

Eu quero ficar brava com Hoshiko. Estou *brava*, pelo menos um pouco. Ela é minha melhor amiga – como ela pôde esconder isso de mim? Eu deveria ter recebido uma mensagem no segundo em que ela disse sim! Mas assim que olho para eles, a raiva desaparece. Ela está tão animada que está praticamente brilhando, e isso não é nada comparado ao jeito que Lucas está olhando para ela agora. É como se ele estivesse olhando para um anjo caído na Terra. Ou, você sabe, Idina Menzel.

Hoshiko inclina a cabeça para mim e eu estendo a mão e a puxo para um abraço.

— Estou muito feliz para ficar de mau humor!

— Eeee! — Ela me aperta. — Mal posso esperar! Vamos nos divertir muito!

— Você também conseguiu um par? — John me pergunta. — Isso não vai atrapalhar toda essa bagunça que vocês estão fazendo? — Ele gesticula entre Nathan e eu.

— Sem par, apenas permissão dos meus pais.

— Ela é minha acompanhante — diz Hoshiko, e inclina a cabeça no meu ombro.

Lucas franze a testa para Nathan.

— Ela não teria que ser seu par se alguém simplesmente se prontificasse...

— E aqui estamos! — Nathan praticamente grita e balança a caixa de Blu-ray acima de sua cabeça. — Sem mais falas. É hora de levar a sério.

Os outros não precisam ser informados duas vezes. Lucas reivindica a poltrona reclinável e acena para Hoshiko se espremer ao lado dele, o que ela faz com alegria. Ela está praticamente em cima dele. Ela vai precisar conversar seriamente na próxima vez que estivermos sozinhas. Preciso de todos os detalhes sobre Lucas. John e Anthony sentam-se no sofá de couro sintético preto, deixando apenas a almofada central aberta.

— Pode ir. — Nathan aponta para o assento.

— Não, eu não quero fazer você sentar no chão. Você ama esse filme.

— Já vi isso um bilhão de vezes. E seu pai vai pensar que sou rude se eu fizer a filha dele sentar no chão.

— Eu realmente não me importo.

— Riley...

— *Aqui*, vocês dois sentam nesse sofá idiota e eu sento no chão se isso significar que vocês vão calar a boca. — John acena para a tela, onde um cavaleiro finge galopar por um campo enquanto outro cara bate cascas de coco. — Vamos perder a parte da andorinha europeia.

Anthony dá uma risadinha e Nathan e eu trocamos um olhar estranho antes de nos sentarmos em silêncio. A casa do papai é pequena, o que significa que ele tem um sofá de tamanho adequado para um apartamento, e nossas pernas estão pressionadas uma contra a outra, do quadril ao joelho. Tento cruzar as pernas para nos dar um pouco de espaço e manter os olhos na tela. Lucas olha para nós antes de sussurrar algo para Hoshiko.

Felizmente o filme – embora totalmente bizarro – é engraçado e prende minha atenção. Ajuda que todos os meninos saibam ele de cor. Depois de um tempo, uma batida na porta anuncia que a pizza chegou.

— Eu peido na sua direção geral! — Papai grita ao sair de outro cômodo.

— Sua mãe era um hamster e seu pai cheirava a sabugueiro! — John cita automaticamente e pausa o filme.

— E vocês zombam de nós por sabermos as letras de *Hairspray* — diz Hoshiko.

Papai deposita as caixas de pizza na mesinha de centro à nossa frente. Eu pulo e me afasto de Nathan, mas com base no sorriso malicioso de papai, ele viu exatamente o quão perto estávamos sentados há pouco.

— Nós não tiramos sarro de vocês — argumenta Anthony. — Se não me engano, estávamos batendo palmas.

— Isso foi por pena — respondo, e pego uma fatia com cogumelo e salsicha.

— Ninguém bate palmas por pena pra gente! — Hoshiko diz.

— Exatamente!

Eu miro minha pizza nos caras como se fosse uma espada.

Todo mundo pega suas fatias e um Mountain Dew (a bebida de preferência do papai) e se acomoda para assistir o resto do filme. Penso em sentar na beirada do sofá para não ficar pressionada contra Nathan, mas ele me chama de volta. Todo mundo ri de alguma coisa sobre uma bruxa, mas é difícil prestar atenção quando sinto arrepios toda vez que Nathan se move ou outra parte de seu corpo toca o meu. Viro-me um pouco para poder vê-lo com mais facilidade.

— Eu estava me perguntando uma coisa. Se eu conseguir trazer de volta o musical, você abrirá uma exceção ao seu boicote de ficar depois da aula e virá assistir? Seria uma verdadeira vitória para mim se eu conseguisse que o notoriamente anti-escola Nathan Wheeler frequentasse.

Ele inclina a cabeça como se estivesse debatendo e depois se aproxima. Tão perto que sua boca está a poucos centímetros da minha.

— Eu poderia ser persuadido — ele sussurra — com as condições certas. Talvez eu até leve um buquê de flores para deixar Paul com ciúmes.

— Leve girassóis, então. Eles são meus favoritos.

— Isso soa como você.

— Caso vocês não saibam — Lucas diz alto o suficiente para que Nathan e eu pulemos. — Sophia não está aqui agora. E nem Paul. Então, vocês realmente não precisam manter o flerte falso para nós.

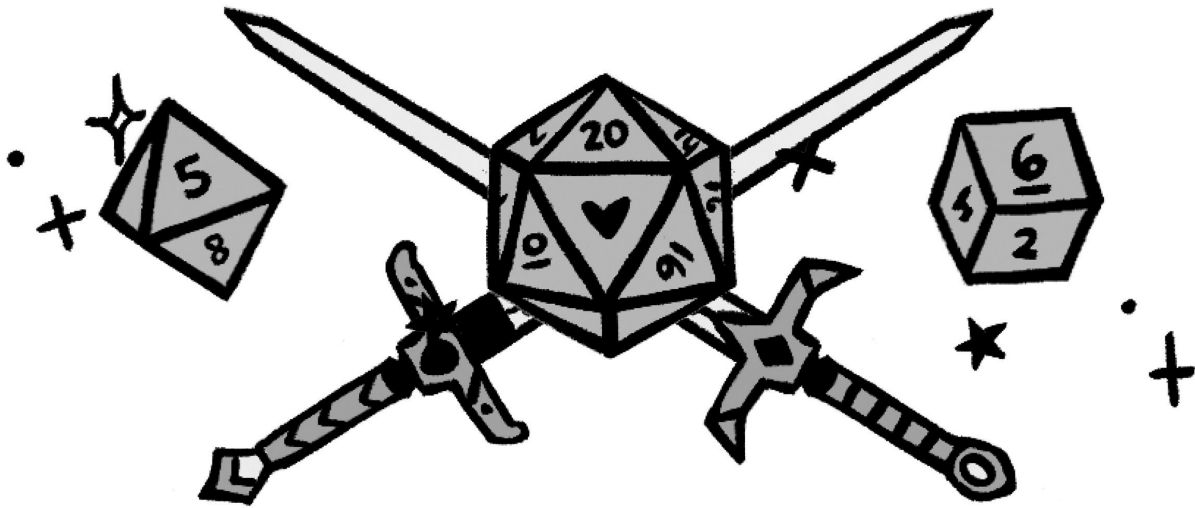
— Shhh! — Olho em volta para ter certeza de que papai não está escondido na porta. — Não estávamos trocando flertes falsos.

Ele e Anthony trocam um olhar conhecedor.

— Certo, desculpe. Flerte normal, é isso.

Minhas bochechas queimam e eu dou uma enorme mordida na pizza.

Capítulo Vinte



Pelos últimos dez minutos no almoço de segunda-feira, os meninos estiveram debatendo os super-heróis da Marvel versus os super-heróis da DC, e nunca pensei que um debate com o qual não me importasse pudesse ser tão hilário.

Quando o sinal toca, Hoshiko e eu nos despedimos, já que não temos nossa próxima aula juntas, e eu vou para o corredor sul. Uma mão desliza na minha e aperta. Eu aperto de volta antes de pensar sobre isso e olho nos olhos verdes de Nathan. Sua mão costumava parecer estranha na minha, mas agora parece estranho quando ele não a está segurando. Ainda assim, não sei por que ele está andando ao meu lado. Nathan e eu não vamos juntos para a aula depois do almoço.

— E aí? — Olho por cima do ombro em busca de Paul. — Você o viu em algum lugar?

Nathan balança a cabeça.

— Não.

Eu pisco em confusão. Se Paul não está por perto, o que Nathan está fazendo? Eu desacelero no meu armário. Preciso do meu caderno de inglês hoje mais tarde, mas também preciso de um momento para refletir eu mesma. Nathan não está ajudando nisso, no entanto. Ele solta minha mão, mas se inclina no armário ao lado do meu, parecendo tão calmo e lindo que tenho vontade de me jogar nele e beijá-lo até que ele esqueça o nome de Sophia.

— Você não precisa ir para a aula? — eu pergunto, minha voz vacilante.

— Ainda temos alguns minutos. Queria falar com você sobre algo em que estive pensando.

— Ok.

— Então, todo esse flerte falso que fazemos perto de Sophia e Paul... você já sentiu que é difícil acompanhar o que devemos fazer e quando? Estou ficando nervoso acompanhando Paul com minha visão periférica o tempo todo. Ele provavelmente pensa que *eu* tenho uma queda por ele pelo jeito que o observo.

Minha mão congela quando retiro o caderno. Posso prever suas próximas palavras antes que ele as diga. Ele vai sugerir que cancelemos. Fiquei me perguntando quando isso poderia acontecer.

Nathan se aproxima um pouco mais.

— Talvez devêssemos... quero dizer... E se parássemos de fingir e desfingir? E se apenas fingirmos isso o tempo todo?

O caderno bate no piso de linóleo e nós dois o pegamos ao mesmo tempo. Eu não devo tê-lo ouvido direito. Meu olhar se fixa no dele enquanto lentamente paramos em uníssono.

— Você quer... o quê?

Ele me entrega o caderno, com um pequeno sorriso aparecendo em seus lábios agora.

— É como um método de atuação, certo? Nos jogamos tão profundamente nos papéis que desempenhamos que não parece mais que estamos fingindo. E então não precisamos nos preocupar em ser pegos.

Minha boca fica seca. *Nos jogamos tão profundamente...* Aii, eu já me joguei tanto e não sei quando vou chegar ao fundo.

— Você está falando sério?

— Simplesmente faz sentido. Caso contrário, é apenas uma questão de tempo até baixarmos a guarda e Paul ou Sophia descobrirem que tudo isso é uma farsa. Do jeito que está, toda a nossa mesa está a uma piada de estragar nosso disfarce. E se Paul descobrir que você realmente inventou isso? Ou Sophia perceber que estamos apenas tentando deixá-la com ciúmes? Nenhum de nós jamais sobreviveria a isso. Precisamos fazer o que pudermos para vender isso.

Meus pensamentos giram como um tornado. É verdade que não haveria recuperação se algum deles descobrisse. Mas qual a probabilidade de isso realmente acontecer? Mesmo que Sophia ou Paul nos vissem quando não estávamos flertando ativamente, pareceríamos realmente tão suspeitos?

Ao mesmo tempo, quem sou eu para discutir se isso significa mais tempo com Nathan? Mais olhares acalorados, mais sussurros e dedos passando pelo meu cabelo... Talvez eu não me importe com o raciocínio dele. Talvez eu não devesse discutir com ele ou largar meu emprego na loja.

Ou talvez eu precise lutar com tudo o que tenho antes de ficar tão perdida nesse engano do qual não consigo encontrar uma saída. Não consigo decidir se esta é a melhor ideia do mundo ou se só vai levar à minha morte.

— E quanto a Sophia? — pergunto para ganhar tempo. — Não vamos afastá-la se ela nos ver juntos demais?

— Eu não acho. Se ela começar a achar isso, então poderemos recuar. Mas acho que ela gosta da competição. Ela gosta de vencer.

Meu corpo se apodera da ideia.

— O quê? — ele pergunta.

— Nada. É só que... quero dizer, eu sei que esse é o ponto, mas isso não te incomoda nem um pouco? Que ela pensaria que estamos juntos e depois tentaria nos separar de propósito? Ela estaria tentando fazer você me trair com ela.

Seus olhos se arregalam.

— *Trair* você?

Minhas bochechas esquentam e eu afasto as palavras.

— Você sabe o que eu quero dizer. Do ponto de vista dela, é isso que você estaria fazendo.

— E isso te incomoda?

— Isso me faz questionar se ela é boa o suficiente para você.

As palavras saem antes que eu possa enfiá-las de volta na minha garganta.

— Quando você começou a se preocupar com isso? Achei que tudo isso era um estratagema elaborado para enganar Paul.

— Isso é. Claro. Eu simplesmente odeio desperdiçar meus esforços por alguém que não vale a pena.

— É realmente muito esforço fingir que gosta de mim? — ele sussurra. Ele passa os dedos pelo meu cabelo. Ele deve saber como seu toque queima minha pele, apesar da minha respiração constante. Seu olhar é tão suave que é quase impossível acreditar que ele está atuando.

A questão surge em minha mente: será possível que ele também *não esteja* mais fingindo?

Estreito os olhos para ele, tentando discernir suas emoções através de sua expressão, mas ele não revela nada. E não serei eu quem perguntará. Se ele vai alegar que tudo isso é falso, eu flertarei de volta. Vou encontrá-lo cara a cara todas as vezes. E se finalmente for demais e ele quiser saber qual é a verdade, então será ele quem vai quebrar e me perguntar. De jeito nenhum vou me expor apenas para descobrir que ele realmente é um ator tão bom.

— Ei, Sr. Wheeler! Que tal você tirar as mãos da Srta. Morris e vocês dois irem para a aula antes que eu detenha vocês?

Nathan dá um pulo para trás como se o Sr. Stevens o tivesse chocado com um Taser.

— Sim, senhor. Estou a caminho. — Ele corre alguns passos para trás e olha por cima do ombro para verificar se nosso professor de história ainda está se afastando. — Você vai até a loja comigo, certo? Vejo você então!

Ele corre para mais longe e eu aceno para ele como se nada estivesse errado, mesmo que eu esteja prestes a desabar no meu armário.



Passo o resto do dia num torpor, repassando aqueles poucos minutos com Nathan e tentando descobrir o que está acontecendo com ele. É somente no ensaio depois da escola que posso finalmente me concentrar. As pessoas memorizaram suas letras e pequenos trechos de coreografia e está começando a parecer uma performance real. Mas os Três Porquinhos ainda não estão projetando, Papai Ogro está me incomodando por causa da máscara do Shrek que ele precisa usar e as fantasias são um desastre. Não posso acreditar como o tempo está

passando rápido. O baile de boas vindas é neste sábado e a grande reunião é na quarta-feira seguinte. Eu tenho que resolver isso.

Estou quase na saída da escola, ocupada repassando minha lista mental de tarefas, quando uma voz me tira dos meus pensamentos.

— Riley? Ei, espere!

Ugh.

É Paul novamente, parecendo cada centímetro um protagonista com seu cabelo perfeitamente cortado e sorriso branco e brilhante. Eu sei que o cabelo dele não ficou assim depois que ele tirou a máscara do Shrek no auditório minutos atrás, o que significa que ele deve ter entrado no banheiro antes de me encontrar. Por alguma razão a vaidade me irrita.

— Eu não tenho muito tempo. Nathan vem me buscar hoje. — Eu dou a ele um olhar aguçado.

— Foi um ótimo ensaio — ele retruca sem nenhum reconhecimento do que acabei de dizer.

Suspirando, abro a porta que dá para o estacionamento. É um dia frio de outubro, mas o sol está forte e tenho que proteger os olhos com a mão.

Mesmo assim, meu olhar imediatamente se fixa em Nathan à distância. Achei que ele estaria esperando por mim em seu carro, mas ele está encostado na porta do motorista. Por que os caras têm que parecer tão bonitos quando estão encostados nas coisas? É só uma forma de preguiça, toda essa inclinação. Isso não deveria fazer meu coração acelerar, mas cá estamos. Ele se afasta do carro e caminha em minha direção.

— Eu tenho que dizer, eu não entendo vocês dois. — Paul ainda está ao meu lado por algum motivo esquecido. — Vocês não têm nada em comum.

Eu olho para ele.

— Bem, você e eu tínhamos muito em comum e sabemos como isso terminou.

— Riley...

— Tudo bem? — Nathan me pergunta, sua voz cheia de preocupação quando ele vem para o meu lado.

Eu pego sua mão e ele facilmente a dá para mim.

— Estou melhor agora — digo principalmente para mim mesma. E eu quero dizer isso. Estou mais relaxada só de tê-lo por perto.

Paul nos examina.

— Então, vejo vocês no baile?

Nathan e eu nos entreolhamos. Ele pode ter dito que nós deveríamos fingir o tempo todo, mas sei que ele não quis dizer isso o tempo *todo*. Não quando se trata dos bailes da escola que ele detesta.

— Eu não sei... — eu começo.

A mão de Nathan aperta a minha e ele me puxa para mais perto, de modo que nossos braços se tocam do ombro ao pulso.

— Claro que estaremos lá. Já estou ansioso para ver o que Riley vai vestir. — Ele aponta para meu suéter enorme de morango. — Tenho certeza que vai atrair todos os olhares para ela. Embora isso aconteça não importa o que ela esteja vestindo.

Olho para Nathan em choque total. *O quê?*

Ele deve ver minha confusão porque beija minha têmpora como se quisesse me lembrar do que estamos fazendo.

— Ok, uh... legal. — Paul parece hesitante, como se pudesse sentir alguma tensão ou estranheza entre Nathan e eu e não tivesse certeza do que fazer com isso. — Vou procurar por vocês. Se precisarem de mim, estarei no BMW vermelho. Meu tio me emprestou para o baile. — Ele pisca e sai para o estacionamento.

— Você não deveria ter dito isso — digo a Nathan quando estamos em segurança em seu carro e saindo da escola. — O que vou dizer quando ele perceber que você não foi comigo? Vai ser ainda pior.

Ele bufa.

— Se Paul visse você no baile sem mim ao seu lado, você não precisaria se preocupar em explicar nada. Ele estaria muito ocupado implorando para que você o aceitasse de volta.

Eu olho para ele com horror.

— O que você está falando? Isso é ridículo.

— Uh, *você é ridícula*. Você realmente não percebeu a maneira como ele observa você? Ou as ondas de ciúme que saem dele sempre que chego ao seu lado?

— Nathan, *ele me largou*. Ele está namorando Lainey. Ele não quer namorar comigo de novo; ele só quer ter certeza de que eu sei o que estou perdendo.

Ele continua dirigindo pela Chestnut Street quando deveria ter virado à direita, depois vira abruptamente em um beco estreito e acelera. Acho que Nathan poderia ter sido piloto da NASCAR em outra vida.

— Ele está totalmente obcecado por você. Quando um cara realmente termina com alguém, ele não fica aparecendo assim. Ele não superou você.

Reviro os olhos exasperada, mas não consigo afastar a ideia. Relembro minhas interações recentes com Paul. Ele tem conversado muito mais comigo depois dos ensaios e perguntou sobre me levar até a loja. Mas ele ainda está namorando Lainey, pelo que sei. Mesmo que Nathan esteja no caminho certo, eu não poderia me importar menos. Toda a ideia de Paul me querer de volta é nojenta.

— Você está quieta aí. Você está debatendo a possibilidade de reatarem? — Nathan pergunta. Talvez eu esteja imaginando, mas ele

parece irritado.

— Ele é muito cheio de si para me convidar para sair novamente. Seria um golpe para seu ego. E você está me distraindo do verdadeiro assunto: como vou manter as aparências quando você não aparecer no baile comigo.

Ele vira em outro beco – um que eu nunca soube que existia. Estou prestes a perguntar para onde ele está nos levando quando saímos para a estrada em frente à loja. Então é assim que ele chega aqui antes de papai e eu. Ele encontrou algum segredo na cidade.

— Não sei por que você continua dizendo isso, eu não estava mentindo para Paul — ele responde. — Eu estarei lá com você.

— Mas você odeia eventos escolares. Você jurou que não iria.

Ele dá de ombros.

— O que posso dizer? Estou ficando viciado em calar Paul quando ele faz suposições. Estou começando a entender o que a levou a deixar escapar meu nome.

Sento-me no banco e olho para frente. Nós vamos juntos? Meu corpo sente um formigamento com a ideia, e tento me lembrar de que não vamos juntos *de verdade*. Ele não me convidou por vontade própria e não vai me levar como seu par. É apenas mais fingimento.

— Tudo bem? — ele pergunta quando eu não respondo. Suas sobrancelhas franzem em preocupação. — Eu simplesmente presumi que você gostaria que fôssemos juntos, mas se não...

— Sim, não, definitivamente está tudo bem. Obrigada por concordar com isso. — Eu sorrio. — Vai ser divertido.

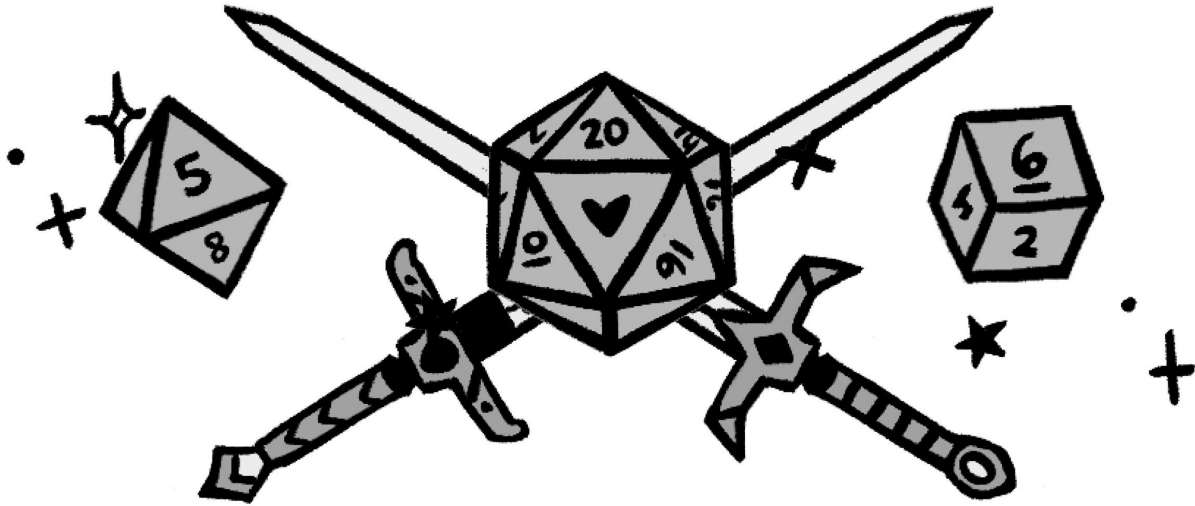
— Eu sou um dançarino horrível.

— Tudo bem. Vou te ensinar alguns passos.

Minhas emoções são um redemoinho suave de excitação e ansiedade. Uma noite inteira com Nathan ao meu lado, com as mãos em mim

enquanto dançamos – parece o paraíso. Mas sei que a dor está à espreita nos bastidores, esperando para me atacar. Nunca me considerei um masoquista e, ainda assim, não consigo evitar de correr direto para a dor.

Capítulo Vinte e Um



Nathan cumpriu sua palavra durante toda a semana e quando nosso jogo de D&D de sexta-feira chega, eu mal consigo me controlar. Não sei como ele consegue fingir tão completamente. Ele age como o namorado perfeito desde o momento em que o vejo no corredor todas as manhãs até o último minuto na loja à noite. Todo o meu corpo formiga com as lembranças. Nossas mãos se entrelaçavam com força enquanto caminhávamos entre as aulas, nossas pernas pressionadas juntas na mesa do almoço enquanto comíamos tacos, os lábios dele pressionados em meu cabelo e contra minha têmpora. Ah, seus *lábios*. Não pensei em muito mais durante toda a semana. A única maneira de lidar com isso é aumentar a aposta toda vez que ele o faz. Se ele pega minha mão, eu aperto e me inclino para ele. Se ele me abraça, aproveito para sussurrar insultos provocativos em seu ouvido. Até onde posso ir antes que ele finalmente recue em estado de choque? Mas nada que eu faça provoca essa reação.

Bem, eu ainda não o beijei. Imagino que isso resolveria o problema.

Continuamos dançando em torno disso, chegando mais perto, mas nunca indo até o fim, e isso está me deixando louca. Fico me perguntando: será esta a hora? Não. Talvez desta vez? Como ele não está arrancando os cabelos de agonia? Mas ele é tão tranquilo. Ele realmente não deve ter interesse em mim.

— Você está pronta para o jogo?

Eu pulo com a voz dele e quase derrubo os jogos de tabuleiro que estou segurando. Papai me pediu para reorganizar as prateleiras antes do início do nosso jogo de D&D, e aproveitei o tempo para ficar longe de Nathan e acalmar meus pensamentos. Eu não poderia falhar mais se tivesse rolado 1 em um d20.

Nathan pega os jogos das minhas mãos e os empilha na prateleira antes de se voltar para mim.

— Você está bem? Você parece um pouco estranha hoje.

Provavelmente porque não consigo parar de me imaginar beijando você até que ambos desmaiemos de exaustão e derrubemos todos os jogos destas prateleiras.

— Sim, desculpe. Só pensando no musical.

— Claro. No que mais você poderia estar pensando?

Eu não olho nos olhos dele. Pela primeira vez, o musical é a última coisa em minha mente.

— Olha só quem fala, Sr. D&D.

— Ah, por favor, tenho uma tonelada de coisas em mente. D&D, Magic, Warhammer. — Ele os pontua nos dedos. — Posso até ter algumas citações de Monty Python circulando por aí.

Tento sorrir e caminhar até a sala dos fundos. Anthony e John estão na nossa mesa habitual, mas estou surpresa que Lucas esteja desaparecido. Olho ao redor da sala, mas não há sinal dele. E nada de

Hoshiko também. Eu olho para o meu telefone caso ela tenha mandado uma mensagem dizendo que está atrasada, mas não há nada. É verdade que ela está sempre correndo da dança para cá, mas geralmente é boa em me avisar se acontece alguma coisa. E Lucas nunca se atrasa. Eu mordo meu lábio – talvez eles estejam juntos? Envio uma mensagem rápida para verificar.

Nathan está atrás de mim, mas uma olhada por cima do ombro para ele me diz que ele também percebeu a ausência deles. Só então, Sophia entra na sala dos fundos, parecendo uma fada etérea com seus cabelos ruivos ondulados e uma coroa de flores falsas. A atividade na sala diminui à medida que todos param para olhar para ela. Tenho certeza que ela adora.

Sinto Nathan se aproximar atrás de mim. Ele brinca com meu cabelo, afastando-o do meu rosto e descendo pelas minhas costas. É tão calmante que tenho que me educar para não ronronar como um gato.

— Você vai deixar o cabelo solto amanhã? — ele sussurra.

Eu sorrio presunçosamente. Ele continua tentando descobrir o que vou vestir no baile, mas mamãe e eu encontramos um vestido há dois dias e estou guardando-o como uma surpresa. Pelo menos posso mantê-lo em suspense sobre isso.

— Possivelmente — eu sussurro de volta. — Você gosta assim?

— Sim.

Ele o prende em um rabo de cavalo baixo e o solta.

— Interessante. Eu poderia soltar só para mexer com você, então.

— Isso é legal. — Suas mãos caem sobre meus ombros e depois deslizam pelos meus braços. Ele se inclina para frente e seu peito pressiona minhas costas. — Eu gosto quando você mexe comigo. Gosto de tudo que você faz comigo.

Seus lábios roçam minha nuca e arrepios percorrem minha espinha.

Mas em vez de desmaiar com suas palavras, eu travo. É demais. Mal consigo me controlar quando ele me toca, mas suas palavras? É impossível ouvi-las, sabendo que ele está sussurrando em meu ouvido porque Sophia acabou de entrar. Não aguento mais.

Eu giro, projetando meu queixo. Eu sei que todo mundo está assistindo, mas não me importo.

— Você não deveria dizer coisas assim. — Eu belisco seu braço.

— Ai! — Seu queixo cai em choque. — Você me beliscou.

— Você mereceu isso.

Ele pisca, claramente confuso. Hesitante, ele me chama para mais longe da mesa, onde tenho certeza de que todos estão tentando escutar com grande prazer.

— Ei, eu realmente sinto muito. Não percebi que estava ultrapassando os limites. Eu só...

Seus ombros se curvam e sua expressão é tão cheia de preocupação e remorso que não consigo manter minha raiva. Olho para meus pés.

— Diga-me o que fazer — ele continua. — Ou não fazer. Foi o cabelo? Ou o beijo...

Balanço a cabeça, sentindo abruptamente que vou chorar.

— Não sei. É... estranho quando você diz coisas legais como essa para mim. É demais.

Ele se endireita.

— Você não quer que eu diga coisas legais?

— Estou acostumada com piadas. Ou provocações. Apenas atenha-se a elas em vez de mentir.

— Eu não estava mentindo. Eu adoro quando você mexe comigo.

Ele pensa que está ajudando, mas na verdade não está. Ele só está tornando isso muito mais difícil.

Eu olho para trás. A mesa inteira está olhando para nós, até mesmo John. Os olhos de Sophia estão estreitados como se ela estivesse nos avaliando.

Eu gemo.

Nathan não parece se importar com o que todo mundo está vendo. Ele diminui a pequena distância entre nós.

— Você quer que eu recue? — ele pergunta em um sussurro. — Apenas me diga as regras e eu as seguirei.

Meu estômago revira. As regras...

Não olhe para mim como se quisesse me beijar, a menos que realmente queira.

Eu respiro.

— Estou bem. Apenas... sim, deveríamos recuar. Não tenho energia para continuar assim esta noite.

O rosto de Nathan brilha de dor e eu desvio o olhar. Lucas entra na sala naquele momento, Hoshiko alguns passos atrás dele. Nathan e eu nos viramos surpresos, nosso constrangimento esquecido momentaneamente por essa nova revelação. Desde quando eles começaram a chegar ao jogo juntos? E onde eles estavam antes disso?

Há algo mais acontecendo com Lucas que ela não está me contando, mas ainda estou desesperadamente feliz em ver Hoshiko. Nathan e eu voltamos para a mesa e ela me observa. Seu rosto brilha de preocupação, mas balanço a cabeça. Posso conversar com ela mais tarde.

— Certo, desculpe pelo atraso — diz Lucas. — Esta noite é uma grande noite para a campanha, por isso precisamos nos concentrar. Não há brincadeira se quisermos terminar esta parte da missão esta noite. — Ele tira seus livros e dados da bolsa e se senta, olhando ao redor da mesa com uma expressão séria. Pela primeira vez, estou aliviada por me concentrar apenas no jogo e ignorar Nathan e Sophia. — Em nossa

última sessão, vocês foram até a borda do pântano onde acreditam que a hidra está localizada. Vocês podem continuar a explorar as bordas ou podem se aventurar mais fundo.

— Chega de explorar. É hora de matarmos essa coisa — diz Nathan, e faz mímica de segurar a espada mágica que recuperamos para ele há duas sessões.

— E pegar nosso tesouro! — Anthony exclama.

Hoshiko e eu trocamos um olhar divertido e acenamos com a cabeça junto com os outros. Eu não tinha certeza se ela aguentaria mais do que algumas sessões, mas entre sair comigo e com seu novo mestre de RPG favorito, ela realmente se interessou.

A ladina de Sophia lidera alguns encontros aleatórios, e logo estamos todos em uma luta desesperada para permanecermos vivos contra a hidra. Rodada após rodada, lutamos contra ela, cada um sofrendo dano quando cortamos uma de suas cabeças, apenas para que duas voltem a crescer quando ela escapa do dano do fogo. Todos os outros estão sentados, falando mais alto e mais rápido do que o normal, comemorando quando um de nós consegue cortar a cabeça e gemendo quando os pontos de vida de alguém caem. Tento igualar o entusiasmo dos outros, mas estou distraída. Meus pensamentos ainda estão girando em torno do que aconteceu com Nathan, então é impossível entender meu personagem e o enredo. A situação é tão ruim que me pego espiando por cima do ombro, torcendo para que papai tenha problemas com um cliente e eu tenha que sair para ajudá-lo.

John termina seu turno lançando raios de fogo no monstro.

— Não sei por que perdemos tempo procurando aquela espada, Sole, quando sou eu quem está prestes a matar essa coisa.

— De jeito nenhum, a kill é minha. Não posso falhar com Elphaba para me inspirar como sempre. — Ele sorri para mim. — Sou inabalável

com você ao meu lado.

Meu coração dispara e olho para meus dados. Meus dados perfeitos que meu namorado falso perfeito comprou para mim. Eu sei que nós dois estamos interpretando personagens – agora e na vida real – e sei que isso é apenas um jogo. Mas acho que não posso jogar por muito mais tempo.

— Você é a próxima, Elphaba. O que vai ser? — Lucas pergunta.

— Eu vou curar Anthony.

— Ok.

— E isso é tudo.

Lucas pisca surpreso. Sophia me dá toda a atenção e Nathan se aproxima.

— Você se esqueceu de usar sua habilidade de inspiração para me fortalecer.

— Vou guardá-la.

— Guardar? — Nathan olha para mim como se eu tivesse acabado de dizer que pretendo dar um soco na cara dele mais tarde esta noite.

— Só posso usá-la algumas vezes por dia e o grupo pode precisar dela mais tarde.

— Eu sei, mas...

Eu mexo nos dados em vez de olhar para ele. Sem a minha ajuda, Sole não será páreo para a hidra. O resto do grupo aparece para ajudar, mas no final das contas é John quem a derruba. O grupo explode em gritos e cumprimentos quando percebemos que realmente ganhamos. Anthony dá um pulo e nos abraça antes de correr pela sala e abraçar outros clientes aleatórios. Até Hoshiko faz uma dança da vitória.

Depois de um momento, Lucas se inclina sobre a mesa, seu rosto subitamente ameaçador.

— Bom trabalho. Mas parece que Elphaba sabia de algo que vocês não sabiam quando ela decidiu salvar sua habilidade. Talvez ela possa prever o futuro além de ser uma cantora incrível porque... — Ele faz uma pausa e olha lentamente ao redor da mesa, certificando-se de encontrar cada um de nossos olhares confusos antes de prosseguir. — Vocês pensaram que a hidra fosse seu inimigo final, mas vocês estavam enganados. O que vocês não perceberam quando roubaram a espada mágica de Sole foi que perturbaram o local de descanso eterno do antigo rei de quem estava roubando... e ele está muito descontente. Ele retornou a este plano como um espectro e está esperando na beira do pântano para recuperar o que é seu por direito. E destruir aqueles que o roubaram. — Lucas se inclina para trás e cruza os braços sobre o peito, parecendo extremamente satisfeito consigo mesmo.

Nathan engasga e John salta da cadeira. Anthony e Sophia gemem e abaixam a cabeça na mesa. Não tenho certeza de quão difícil é matar um espectro, mas acho que não é fácil.

— Isto é impossível. Não podemos enfrentar um fantasma agora, nossos pontos de vida já estão dizimados! — João reclama. — Você quer ter certeza de que todo o grupo morra.

— É sádico, cara — diz Nathan. Seu corpo está virado para longe de mim, e não posso deixar de sentir que ele está me ignorando propositalmente agora. Não que eu possa culpá-lo.

— Não é sádico. — Lucas levanta o queixo desafiadoramente. — Bem, ok, talvez um pouco. É um dos benefícios de mestrar. Mas não é impossível. Há seis de vocês agora e se todos trabalharem juntos, há uma chance de o grupo sobreviver.

— A mesma chance de um de nós ganharmos os próximos números da mega, comprar um iate e levar o grupo em uma viagem de um ano ao redor do mundo — murmura Anthony.

— Isso é uma possibilidade? — Hoshiko pergunta. — Porque deveríamos trabalhar mais para isso.



O grupo ainda está animado com a reviravolta surpresa da campanha quando papai aparece alguns minutos depois para nos lembrar que a loja fechará em breve.

— Todos vocês precisam dormir esta noite para estarem prontos para o baile amanhã — diz ele com um sorriso. — Todo mundo animado?

Lucas sorri.

— Mal posso esperar.

— Teremos falta de pessoal — responde papai, acenando para mim e para Nathan — mas os clientes terão que esperar. Não vou perder a chance de ver duas das minhas pessoas favoritas indo para o primeiro baile juntos. — Ele sorri para nós.

Todo mundo se vira para olhar em nossa direção. Eu me forço a dar-lhe um sorriso fraco.

— Obrigada, pai. Irei na frente para ajudar a fechar em um segundo.

— Claro, não tenha pressa.

Ele aperta o ombro de Nathan e vai embora.

Sophia se inclina para trás, os olhos brilhando, e eu estremeço.

— Eu não sabia que vocês dois iriam para o baile juntos — diz ela.

— Sim... — Nathan se vira para mim.

Ele mal fez contato visual comigo desde que me recusei a usar minha habilidade para ajudá-lo, mas de repente seu olhar é intenso e ilegível. Ele quer que eu dê a Sophia alguma desculpa sobre por que estamos indo juntos? É perigoso para ele me deixar explicar em vez de se

intrometer. Tudo o que quero fazer é rosnar para ela como um animal ferido e rugir *meu*.

Mas ele não é meu e estou cansada de fingir o contrário. É oficialmente hora de se afastar.

— Vamos apenas como amigos — digo, e gesticulo ao redor da mesa. — Uma parte do grupo vai junta e não consegui arranjar um par. Nathan foi legal o suficiente para vir comigo, então eu não ficarei sozinha. Não há mais nada acontecendo além disso – papai só tem uma imaginação fértil.

Os olhos de Nathan se arregalaram em choque. Na verdade, todos na mesa estão olhando para mim como se eu tivesse acabado de anunciar que estou boicotando o Tony Awards deste ano.

Eu me levanto.

— Eu deveria ir ajudar o papai. — Aceno para Sophia e me afasto.

Pronto. Está feito. E só sinto um pouco de vontade de chorar.

Pego o limpador de carpete que está no armário da frente e começo a passá-lo no chão indiscriminadamente.

— Bem, *isso* foi interessante — diz Lucas alguns minutos depois. O resto do grupo, sem incluir Nathan e Sophia, se aglomera ao meu redor na frente da loja.

— Se eles realmente começarem a namorar, Sophia vai mastigá-lo e cuspi-lo — Anthony diz para ninguém em particular.

Eu dou de ombros.

— Já era hora. Começamos tudo isso para que ele pudesse namorar Sophia e ela está claramente interessada nele agora. Eu não queria barrar isso.

Eles trocam olhares.

— Eu teria gostado muito mais se vocês dois ficassem juntos de verdade — diz Anthony. John assente. Hoshiko passa um braço em volta

da minha cintura e me aperta.

— Sinto muito, Riley — Lucas diz calmamente. Seu rosto está tão cheio de simpatia que não aguento mais. Sei que minhas bochechas estão vermelhas e minha garganta está tão apertada e seca que mal consigo falar.

— Pelo que? — Empurro a varredora com mais força. — Este era o plano desde o início. Eu flerto por tempo suficiente para Sophia ficar com ciúmes e então ele fica com a garota. Na verdade, sua reação apenas mostra que atriz incrível eu sou.

Lucas parece cético.

— Sim, mas...

— Sem mas. Está tudo bem.

Hoshiko olha para o telefone e suspira.

— Sinto muito, papai está aqui para me buscar. — Ela me puxa para um abraço. — Conversaremos quando eu vier amanhã para me arrumar, ok? Amo você.

— Amo você. — Eu a aperto com mais força antes de soltá-la. Os outros a seguem. Eu desligo meu cérebro e varro sem pensar.

Sophia sai da sala dos fundos em seguida, os quadris balançando e o rosto radiante. Ela gira os dedos para mim em um pequeno aceno.

— Tchau, Riley!

Pisco para ela quando ela sai da loja e todo o meu corpo fica mais pesado. Só há uma razão para ela estar tão feliz.

Agora está feito.

Um momento depois, uma sombra surge ao meu lado direito e só poderia ser uma pessoa.

— Ei — eu digo sem olhar para cima.

— Todo mundo saiu tão rápido — diz Nathan. — Normalmente eles ficam por aí até que seu pai os empurre porta afora e a tranque.

Eu dou de ombros.

— Então, o que aconteceu lá atrás? Por que você disse a ela que vamos como amigos?

— Porque nós vamos.

— Eu sei. Claro que sei disso. — Ele solta um suspiro e passa a mão pelos cabelos. — Mas ela não sabia disso. Esse era o ponto principal.

Solto o cabo do limpador e me viro para ele, com as mãos nos quadris.

— *Não*, o objetivo era você sair com ela. Certo? E vi uma oportunidade perfeita para isso acontecer. Deixe-me adivinhar, ela te convidou para sair depois que eu saí?

Ele dá um passo para trás.

— Quão boa está a sua audição?

— Eu não precisei ouvir. Eu sei.

Ele coloca a mão na nuca.

— Ela me pediu para ir ao baile da escola dela. É no próximo fim de semana.

Eu não esperava essa parte. É irracional, mas dói mais do que se eles tivessem um encontro normal. Eu luto para controlar minha expressão.

— E você aceitou?

Ele hesita. Seu olhar varre meu rosto antes de descer para minha boca e depois para o chão.

— Eu aceitei.

— Bom. Estou feliz por você. — Minha voz está tão calma. Posso estar cansada, mas ainda consigo ter esta última conversa. — Então, nós conseguimos. Está acontecendo. Essa coisa que combinamos acabou fazendo muito sucesso, né? — Olho em volta, percebendo onde estamos. — E tudo começou aqui, neste corredor. Acho que este é um lugar adequado para terminar.

— Terminar o quê?

Eu franzo a testa.

— Tudo. O flerte, o fingimento, o baile.

Nathan balança a cabeça.

— Mas e Paul? E amanhã?

— Eu posso lidar com Paul. Eu nunca deveria ter deixado ele me afetar daquele jeito, mas não me importo mais com a opinião dele.

Presumo que Nathan vai parecer aliviado, mas em vez disso sua expressão endurece.

— Eu não vou abandonar você.

— Está tudo bem — eu digo, mas minha garganta está apertada e tenho que me virar antes que ele possa ler minha expressão. Na verdade, só estou chateada comigo mesma. Não tenho mais ninguém para culpar por entrar nesta situação ridícula. Fui eu quem o convenceu a começar isto.

— Não. — Sua voz é feroz agora. Agitada. — O baile é amanhã... não vou largar você na noite anterior. Seu pai nunca me deixaria pisar nesta loja novamente se eu fizesse isso.

— Ah... ponto justo.

Eu rio sem humor. Eu gostaria que ele tivesse um motivo diferente, mas ele não está errado sobre papai. Ele ficaria furioso se descobrisse que de repente eu estava sem um par.

Nathan coloca a mão no meu braço.

— Passarei amanhã às cinco para buscá-la, ok? Mas vamos abandonar todas as outras coisas e sermos apenas nós mesmos. Amigos. Supondo que você ainda pense em mim como um amigo?

— Você é meu colega de trabalho chato às vezes, mas sim. Nós somos amigos.

— Bom. E você ainda não vai me dizer o que vai vestir amanhã?

Isso me faz sorrir de verdade.

— Não, isso vai ser uma surpresa.

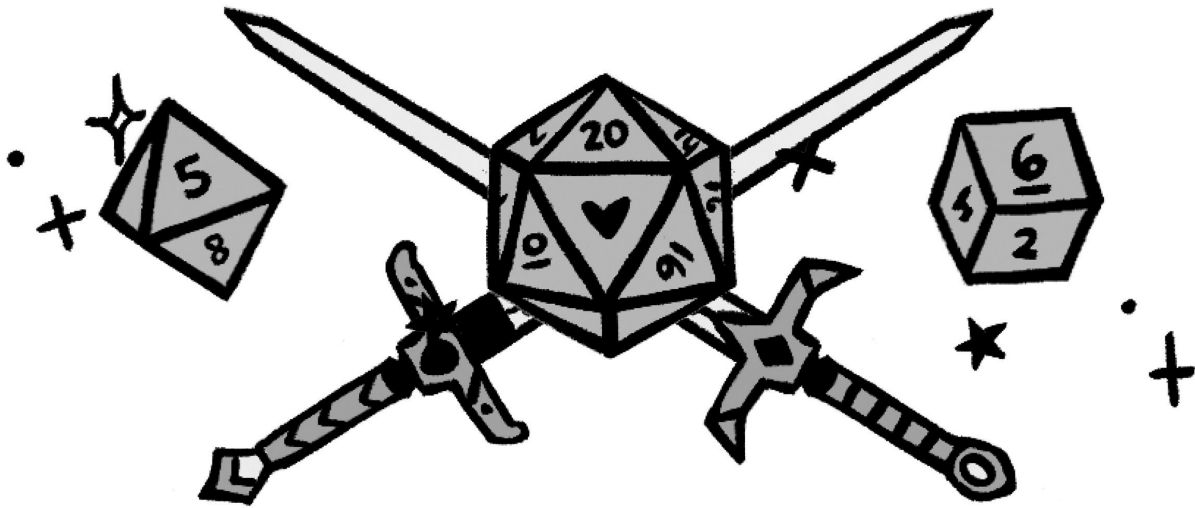
— Certo. — Ele olha para mim por mais um segundo e depois se vira. Ele só dá alguns passos antes de voltar. — Você pode não se importar mais com Paul, mas aquele cara ainda me irrita muito. Talvez eu tenha que voltar ao papel de namorado mais uma vez se ele começar a incomodar você amanhã.

Eu rio levemente.

— Não vou discutir com isso.

Na verdade, eu não me oporia a dar vinte dólares a Paul para que ele aparecesse só para Nathan dar mais um beijo em minha têmpora. Mas sei que não é disso que nenhum de nós precisa. Nathan vem sonhando com Sophia há meses e agora – por causa do meu plano – ele finalmente a tem.

Capítulo Vinte e Dois



— Pronto! Você está linda.

Hoshiko dá um passo para trás e me olha de cima a baixo. O baile é hoje à noite e meus pais concordaram que ela e eu poderíamos passar o dia inteiro juntos nos preparando. Fizemos as unhas e o cabelo uma da outra e passamos a última hora no meu quarto, dançando Taylor Swift enquanto fazíamos a maquiagem e terminávamos de nos vestir.

— Obrigada, mas você vai arrasar com o resto de nós — digo a ela.

Hoshiko sorri e dá um giro gracioso pela sala.

— Espero que sim.

Não há necessidade de ter esperança – ela escolheu um vestido de lantejoulas azul que é muito mais justo do que eu pensava que sua mãe permitiria. Isso acentua cada detalhe do seu corpo de dançarina e Lucas vai desmaiar ao vê-la. Como deveria.

Passo as palmas das mãos pelo vestido e engulo o nervosismo. Estou começando a desejar ter avisado Nathan sobre o que estou vestindo em

vez de manter isso em segredo. Ele deve saber que eu escolheria algo dramático, mas esse vestido é exagerado até para mim. Havia poucas opções quando mamãe e eu fomos às compras há alguns dias, mas então eu vi este e não pude deixar passar... embora outras pessoas obviamente pudessem, já que estava com um grande desconto.

É um vestido curto sem alças completamente coberto de penas de avestruz tingidas de rosa, azul e roxo, com um cinto largo rosa neon apertado na cintura. Combinei com os saltos verdes brilhantes da mamãe, porque posso, e depois de muito debate, mantive meu cabelo solto em ondas suaves. Fiquei tentada a colocá-lo em um coque alto só para irritar Nathan, o que Hoshiko era a favor, mas... bem, quero que ele se arrependa amargamente de estarmos indo como amigos. É mesquinho e lamentável, mas é tudo que tenho agora.

— Ainda não consigo acreditar que ele concordou em ir com Sophia
— Hoshiko murmura no espelho enquanto mexe nos brincos.

— Não sei por que você e Lucas estão tão chocados com isso. Claro que ele ia dizer sim.

— Você não teve que sentar à mesa e observar Nathan por semanas como nós. Você não sabe como ele fica quando está olhando para você. *Ninguém* é um ator tão bom.

Eu bufo fingindo aborrecimento.

— Nem mesmo eu?

Ela me dá um meio sorriso.

— Eu te amo, mas não vamos fingir. Quando se trata de Nathan, você é uma péssima atriz.

— Ai! Que maneira de arrancar meu coração. — Eu agarro meu peito dramaticamente.

— Eu sei que não era assim que você esperava que o baile fosse, mas ainda vamos nos divertir muito. Estamos usando vestidos lindos e

podemos passar a noite dançando juntas. Esta noite foi feita para nós.

— Verdade. E então podemos voltar aqui e analisar cada detalhe. Como poderia ser uma noite ruim?

— Exatamente!

— Os meninos estão aqui! — Mamãe chama lá de baixo. Sua voz está tão animada que ela mesma parece uma adolescente.

Hoshiko e eu sorrimos uma para a outra e seguimos para as escadas. Por um segundo, enquanto descemos, é como se a sala estivesse cheia de paparazzi. Muito mais pessoas do que eu imaginava ocupam o espaço e todos eles estão com seus telefones ligados enquanto fazem ooh e aah. Vejo a mãe, o pai e a irmã mais nova de Hoshiko, junto com os pais e avós de Lucas. Papai está ao lado de mamãe. Esta é a primeira vez que os vejo juntos desde que me deixaram de castigo. Felizmente, os dois estão sorrindo desta vez.

Lucas dá um passo em direção a Hoshiko e seu rosto está exatamente como eu imaginei que estaria: boquiaberto e surpreso. Estou tão absorta observando-os que não noto Nathan até chegar ao último degrau e ele estar bem na minha frente.

— Riley.

Uma olhada para ele e fico tonta. Ele está... devastadoramente bonito. Mais do que pensei ser possível. Ele sempre foi fofo com seu cabelo desgrehado e óculos de aro preto, mas agora é como se ele fosse uma pessoa totalmente diferente. Achei que ele usaria uma calça cáqui e uma gravata que pegou emprestada do pai, mas ele está de terno. Um lindo terno cinza escuro que faz com que ele pareça que está indo para a estreia de um filme em vez de um baile do ensino médio no meio de Ohio. E a expressão dele... se eu não soubesse, diria que ele estava tão boquiaberto quanto Lucas. Talvez ainda mais? Como se ele mal pudesse acreditar que sou eu.

— Ei. — Minha voz sai como um sussurro. — Eu acho que o tempo todo eu quem deveria estar perguntando o que você iria vestir – esse terno é incrível. Eu nem sabia que você tinha uma camisa de botão.

Ele olha para baixo conscientemente.

— Minha mãe me levou para comprar tudo. Eu não me arrumo muito.

— Não me diga.

Ele sorri com tristeza.

— Você parece... Uau. Esse vestido.

— Sim.

Esfrego as mãos nas penas, me sentindo boba. O que eu estava pensando usando um vestido assim? As pessoas vão fazer piadas sobre pássaros a noite toda.

— Você se importa? — Ele hesita e estende a mão para tocar uma pena. — Ah, elas são tão macias! — Ele ri. — Achei que poderia ser pontudo, pinicar ou algo assim.

— É bastante incomum, eu sei. Você não deveria ter esperado nada menos de mim.

Eu dou de ombros.

— O vestido é perfeito. Você está perfeita.

Nossos olhos se encontram e eu sinto aquela faísca que me faz pensar se Hoshiko está certa. Ele realmente acha que estou perfeita? Os amigos dizem coisas assim para outros amigos? Então percebo que as pessoas ainda estão tirando fotos e vídeos de nós, e dou um passo para trás.

— Onde está sua mãe? Preciso elogiar o estilo dela.

Ele esfrega a nuca sem jeito.

— Eles não puderam vir. Você sabe... trabalho e outras coisas. Acho que ela se sentiu muito culpada, e é por isso que gastou tanto dinheiro com essas roupas.

Olho ao redor da sala. Nathan é o único sem família aqui. Ninguém para se preocupar com ele ou fazê-lo posar para fotos ou falar sobre como eles não conseguem acreditar em como ele parece adulto agora. Meus pais podem ser superprotetores e frustrantes, mas eles estão sempre aqui, não importa o que aconteça. Eu considerava isso um dado adquirido: o fato de mamãe e papai comparecerem a todas as apresentações e eventos. Mas parada aqui, fica claro que nem todo mundo tem isso.

Deslizo minha mão na de Nathan sem pensar e aperto.

— Dê a ela meus elogios – é muito legal que ela tenha feito isso. Agora vamos terminar essas fotos para podermos comer.



Nos encontramos com Anthony e sua namorada, Kenzie, em um dos únicos restaurantes não franquizados da cidade. Os pais de Nathan devem ter lhe dado um sermão sobre boas maneiras porque ele puxa minha cadeira para mim. Faço uma pausa quando vejo todos os talheres.

— Estou surpresa que eles nos colocaram em uma mesa tão grande.

Estamos em uma mesa grande o suficiente para oito pessoas, mas somos apenas seis e tenho certeza de que outros grupos maiores ainda estão esperando por assentos.

Lucas, Anthony e Nathan trocam olhares entusiasmados. O que faz com que Hoshiko e eu troquemos um assustado. O que eles estão planejando?

Isso se torna evidente cerca de vinte minutos após o início do jantar. Acabamos de pegar nosso pão e saladas quando uma comoção soa atrás de nós. Eu me viro e suspiro. John está caminhando em nossa direção, parecendo ter acabado de sair de um filme do Senhor dos Aneis. Ele

veste uma túnica azul marinho e calças pretas, com uma capa pesada preta ondulando atrás dele. Ele pendurou várias garrafas de vidro e uma bolsa de couro em um cinto de couro. E ele não está sozinho. Ao lado dele está um menino negro alto vestido como um cavaleiro, completo com uma armadura que faz barulho e uma espada superlonga na bainha.

— Isso, vocês conseguiram! — Anthony exclama. O restaurante inteiro fez uma pausa no meio da refeição para olhar.

Eu grito e começo a bater palmas.

— Ah meu Deus!

John revira os ombros para trás. Você pensaria que ele ficaria constrangido por estar vestido de bruxo no meio de um restaurante chique, mas ele parece mais confiante do que eu jamais o vi. Os meninos sentam-se nos assentos restantes, embora tenham que mexer em suas capas e espadas para caberem confortavelmente.

— Oi. — O outro garoto acena para a mesa. Ele parece um pouco mais nervoso. — Eu sou Jordan. O namorado.

Meu sorriso fica ainda maior. Eu não me importo com o que mais aconteça, eu amo esta noite.

— Oi! Eu sou Riley.

Hoshiko se apresenta, e acontece que os caras convenceram John e Jordan a jantar antes do RPG ao vivo, já que eles se recusaram categoricamente a faltar para ir ao baile.

— Tem certeza de que não podemos convencê-los a ir? — Hoshiko pergunta. — Eu realmente preciso ver uma foto de vocês dois com essas fantasias fazendo uma pose clássica no baile de boas vindas.

Jordan levanta as mangas e passa manteiga em um pãozinho.

— Eu disse a mesma coisa, mas John leva muito a sério o RPG ao vivo.

Ele dá a John o tipo de olhar amoroso, mas exasperado, que os casais lançam quando estão juntos há muito tempo.

John devolve. Ele nasceu para usar esse traje porque sua personalidade é elevada a dez vezes a potência nele.

— É impossível dançar com essas vestes de qualquer maneira. Prefiro matar alguns monstros.

— Onde você comprou isso? — eu pergunto. Minha mente já está voltando para o possível musical. Provavelmente não teremos orçamento para comprar fantasias elegantes, e duvido que precisemos de algo parecido com o que eles estão vestindo, mas talvez a empresa de fantasias tenha algo que possamos pagar pelos protagonistas.

— Ah, estamos muito duros para comprar essas coisas. É muito caro e minha mãe insiste que é um desperdício de dinheiro. Felizmente, existem muitos tutoriais por aí.

Deixo cair minha faca e ela bate no prato.

— Você fez essas roupas?

Jordan sorri e faz uma pequena reverência.

— Horas e horas de trabalho. Nossa amiga Marjorie é uma especialista em máquinas de costura, então isso ajuda.

Nathan ri e eu me viro com os olhos semicerrados.

— O quê?

— Eu deveria ter dito a John para pedir que *você* se juntasse ao grupo de RPG ao vivo em vez de mim. Uma olhada nas fantasias e você estaria perdida.

— Eu adoro uma boa fantasia. — Suspiro com desejo ao ver o forro de pele sintética da capa de John.

Nathan se inclina em minha direção e me lembro de que, por mais legal que seja uma placa prateada no peito, nada fica tão bom quanto ele de terno. Sinto uma vontade repentina de agarrar sua gravata e puxá-lo ainda mais para perto.

— Sempre posso nos levar de volta para a Casa de Férias depois do baile — ele sussurra. — Talvez possamos roubar algumas fantasias dos manequins antes de sermos pegos.

— Combinado.

Ele pisca e um arrepio percorre minhas pernas. É realmente difícil ser apenas amigos quando ele está assim.



Meus nervos aumentam quando Nathan entra no estacionamento da escola depois do jantar. Por toda parte, casais caminham em direção às portas da frente, de mãos dadas e rindo. À nossa esquerda, Paul sai da BMW do tio e pega a mão de Lainey. Ele está usando um terno azul bebê – ele sempre teve meu talento dramático – e ela está usando um longo vestido prateado que poderia muito bem ter sido derramado sobre ela. Paul me vê e acena com a cabeça. Os olhos de Lainey se arregalam quando ela percebe o que estou vestindo.

— Ei, Riley. Natan. — Paul me dá uma olhada. — Ótimo vestido.

Ótimo, o discurso do vestido já está começando. Eu não vou deixá-lo me afetar, no entanto. Eu faço um pequeno movimento para que todas as penas se agitem.

— Perfeito para dançar.

Nathan olha furioso para Paul e pega minha mão.

— Vejo vocês lá dentro — ele diz rispidamente. Caminhamos em direção à entrada, Nathan murmurando para si mesmo.

— O quê?

— Eu simplesmente odeio esse cara.

Sua lealdade me aquece.

— Obrigada.

Nathan olha para nossas mãos entrelaçadas e respira fundo.

— Sinto muito, eu não deveria estar fazendo isso. Eu sei que você me disse para parar com tudo isso esta noite. — Ele solta minha mão e o ar está frio em minha palma.

— Está bem. Eu nem percebi. — Eu dou a ele um pequeno sorriso. — Acho que adquirimos alguns hábitos, hein?

— Sim. Mas não quero incomodar você de novo.

— Eu já tirei a noite passada da minha mente.

— Bem, eu não. Eu não cruzei os limites porque disse algo legal para você mais cedo? Eu estava um pouco preocupado que você me desse um tapa depois de elogiar seu vestido.

O brilho em seus olhos é meio provocador, meio cauteloso.

— O tapa está ficando mais próximo.

Ele ri.

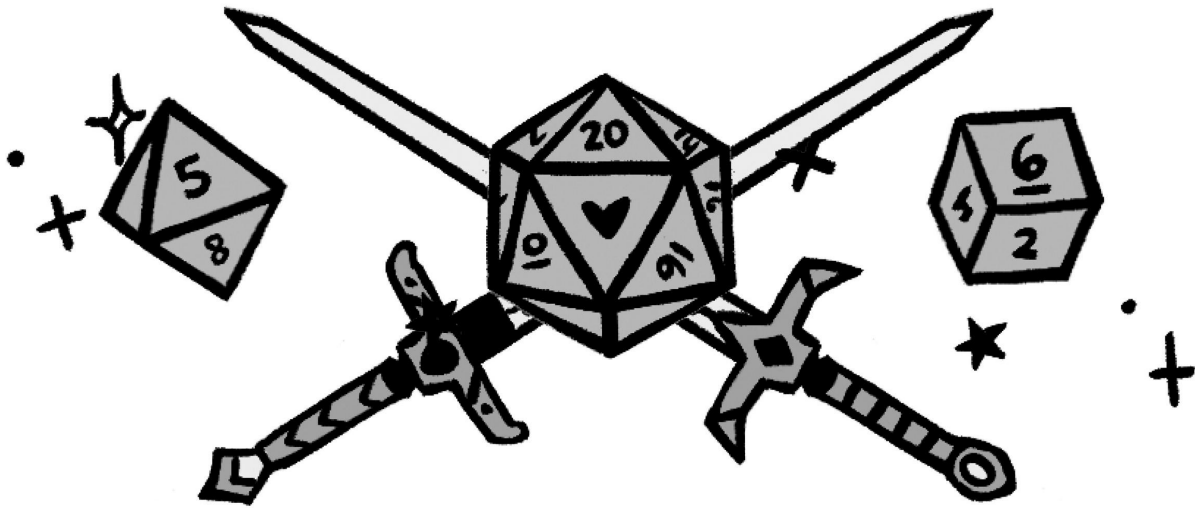
— Sério, Riley.

— Pare de se preocupar. Eu estava cansada. Vamos esquecer tudo e nos divertir. Sem regras esta noite.

Ele me observa, como se estivesse avaliando minha veracidade.

— Ok. Sem regras.

Capítulo Vinte e Três



Entramos na escola e encontramos nossos amigos reunidos em torno de uma mesa na beira do ginásio. O tema do baile é “Solstício de Inverno”, o que é um pouco estranho porque ainda é outubro, mas pelo menos o ginásio está bonito. O espaço está escuro, exceto pelas luzes de Natal penduradas no teto. Alguém fez uma tonelada de flocos de neve de papel que ficam pendurados acima de nossas cabeças, e há uma cabine fotográfica coberta de balões brancos e flocos de neve de papel também.

— Sinto que preciso de um casaco de inverno — diz Lucas.

— E alguém precisava de um calendário — Nathan responde revirando os olhos.

Ok, então ele ainda não foi conquistado pelas funções escolares.

— Esqueçam a decoração. O que estamos esperando? Vamos dançar!

— Hoshiko puxa Lucas em direção ao centro do ginásio, onde as pessoas começam a se reunir.

Eu olho para Nathan.

— Pronto para começar a se divertir?

— Isso significa que vamos dar um passeio agora? Podemos comprar mais Pop-Tarts.

Pego sua mão e o arrasto em direção à pista. Anthony e Kenzie nos seguem e formamos um círculo pequeno e um pouco estranho, dançando e se movendo ao som da música.

— E a próxima é um pedido especial do Diretor Holloway — anuncia o DJ. Reconheço sua voz como a do homem de meia-idade que dirige a estação de rádio local da cidade. Não é exatamente a escolha mais legal para um DJ, mas somos limitados por aqui.

Viro-me para Nathan enquanto *“Beat It”* de Michael Jackson toca nos alto-falantes. Ao nosso redor, a maioria das crianças geme e caminha até a mesa de bebidas, enquanto algumas batem palmas e começam a dançar.

Nathan se anima.

— *Eat it!* — ele grita com Lucas, que claramente também conhece a versão do Weird Al.

— Você está cantando a versão errada! — Eu grito por cima da música.

— Não. Esta versão é boa, mas não é tão boa quanto a original.

— Você inverteu isso.

— Você está invertida — ele chama, e me gira em um círculo.

Estamos todos dançando freneticamente agora, pulando e gritando todas as palavras que conseguimos lembrar. Michael Jackson se transforma em Beyoncé e estou muito ocupada rindo e dançando para prestar atenção na hora ou no que está acontecendo com os outros alunos. Hoshiko está fazendo alguns movimentos de salsa, Anthony está ao lado dela fazendo uma versão horrível de passinho, e eu tenho que me curvar de tanto rir. A cãibra na minha lateral vale totalmente a pena.

Eventualmente a música para que o Diretor Holloway possa fazer um anúncio e todos nós nos sentamos em uma das mesas. Elas estão cobertas com toalhas de plástico azuis com confetes em forma de floco de neve espalhados por cima. É evidente que os problemas orçamentários da escola vão além do musical, mas a pouca iluminação torna tudo um pouco mágico.

— Você quer que eu pegue um pouco de água para você? — Nathan pergunta.

— Sim, obrigada.

Lucas sai ao mesmo tempo e presumo que ele também vá buscar bebidas, mas segue na direção oposta.

Viro-me para Hoshiko.

— Você está se divertindo com Lucas? Vocês dois ficam fofos juntos.

Seus olhos brilham tanto quanto as luzes do palco na noite de estreia de um novo show. Ela olha ao redor, verificando se ele ainda não voltou, e se inclina.

— Riley, eu gosto dele. Tipo, *realmente* gosto dele.

Meu coração se enche com suas palavras. Não há nada mais maravilhoso do que ver sua melhor amiga feliz.

— Bem, claramente o sentimento é mútuo. Ele não conseguia tirar os olhos de você lá atrás.

— Você acha que? Eu... — Ela para e se endireita.

Olho em volta confusa.

— O que está errado?

— Essa música...

Lucas corre pela sala em nossa direção, com a mão estendida. Ele para na frente de Hoshiko.

— Vamos?

Ela vibra – literalmente vibra – e pula da cadeira.

— Tem certeza?

— Cem por cento de certeza.

Eles correm de volta para o ginásio e eu olho para Anthony, mas ele dá de ombros, confuso. Eu não tenho ideia do que está acontecendo.

— Estou tendo alucinações agora? — Nathan me pergunta enquanto ele volta para o meu lado. Ele me entrega uma garrafa de água sem tirar os olhos da pista de dança.

E então eu vejo o que ele está olhando.

— Você está vendo Lucas e Hoshiko fazendo um número de dança coreografado de *'Uptown Funk'*?

— Sim.

Eu começo a rir.

— Então sua visão e senso de realidade estão intactos.

Não consigo parar de olhar. Eles estão fazendo passinhos, chutes, jazz hands, a coisa toda. Lucas claramente não é um dançarino – ele mal consegue acompanhar a graça fácil de Hoshiko – mas ele está tão entusiasmado que não importa.

— Uau, esse garoto deve estar realmente apaixonado para fazer papel de bobo na frente de toda a escola — diz Anthony do meu outro lado.

Levo a mão à boca. Ele tem razão. Não acho que alguém faria isso, a menos que estivesse desesperado para impressionar a pessoa com quem está dançando.

O ombro de Nathan encosta no meu e eu me inclino para ele.

— Uau... — eu sussurro.

— Sim... ele é um dançarino *horrível*.

Olho para Nathan e nós dois rimos. Ele realmente é. Mas ele também é adorável e, de repente, fico imensamente grata por ter pegado o carro da mamãe, trabalhado na loja de jogos, entrado no D&D e trazido Hoshiko comigo. Porque se isso a levou a encontrar alguém que olha

para ela com tanta adoração enquanto dá um passo muito instável de Charleston, valeu a pena cada momento.

Nathan ainda está rindo e coloca a mão no meu braço para se firmar. O calor queima através de mim com seu toque. Valeu a pena por vários motivos.

A música se torna lenta. Espero que Hoshiko e Lucas voltem para nós para que possamos ouvir cada detalhe de como isso aconteceu, mas Lucas passa os braços pela cintura dela e eles começam a dançar lentamente, alheios ao resto do mundo.

Nathan e eu nos entreolhamos e depois desviamos o olhar. Cruzo os braços na frente do peito. Dançar com o resto do grupo é uma coisa, mas dançar lentamente parece muito íntimo.

Ele bate seu ombro no meu.

— Quer?

Eu esperava que ele fosse resistente a todas as formas de dança, mas ele está sorrindo calorosamente. Ele estende a mão.

— Hum, está bem.

Eu engulo e o sigo até a pista. Depois de um momento de constrangimento, coloco minhas mãos em seus ombros e ele coloca as suas em meus quadris. Respiro fundo.

— Então, você não tinha ideia do que iria acontecer? — ele pergunta.

— Nenhuma. Estou chateada por eles terem mantido isso em segredo.

Nathan congela no meio do caminho.

— Espera, é onde ele esteve! — Ele olha para mim, seu rosto chocantemente próximo. — Todas aquelas vezes em que ele me dispensou ou chegou atrasado à loja de jogos. Ele devia estar praticando aquela dança com Hoshiko! Porém, depois de ver isso, ele provavelmente deveria ter me dispensado com mais frequência.

Nossos olhos se encontram e rimos novamente.

— Ele deve gostar *muito* dela para abrir mão de todo aquele tempo de jogo — digo.

— Definitivamente. — Nos balançamos para frente e para trás por alguns momentos. Sua voz fica mais suave quando ele fala novamente. — Caras não tendem a largar suas coisas favoritas, a menos que realmente gostem de uma garota.

— Eu não sei sobre isso. Você desistiu de uma noite na loja para estar aqui.

— Eu desisti disso, não foi? Embora eu não tenha certeza se a loja seria mais divertida sem você lá.

— Isso é uma mudança. Aposto que no começo você estava contando as semanas até eu partir.

— Eu estava contando os dias. — Seu sorriso é perverso. — Na verdade, a certa altura eu estava contando os segundos.

Eu rio e suas mãos apertam em volta de mim até que estamos pressionados um contra o outro.

— Deixe-me adivinhar, foi no dia em que coloquei você na confusão com Paul?

Ele olha para longe de mim e olha para a pista de dança.

— Não. Foi um bom dia. — Ele passa as mãos pelas minhas costas e pelos meus cachos. — Você deixou seu cabelo solto. — Seus olhos suavizam e ele inclina a cabeça para baixo. — Você quis dizer o que disse sobre esquecer as regras esta noite?

Ele está...

Estamos prestes a...

Tiro meus olhos dos dele e olho ao redor da pista de dança. Paul está aqui? É por isso que Nathan está agindo dessa forma – por conta de Paul?

Porque eu realmente quero beijar Nathan agora, mas não quero que seja falso. Não quero mais que nada sobre nós seja falso.

Examino a multidão enquanto andamos em círculos lentos, mas não vejo Paul em lugar nenhum. Meu peito se expande de alívio e expectativa.

Eu olho de volta para ele.

— Eu quis dizer isso.

Ele se aproxima, dolorosamente lento, como se esperasse por um sinal de hesitação de minha parte, então me levanto até que meus lábios alcancem os dele. Ele me puxa ainda mais para ele e eu passo meus braços em volta de seu pescoço. Fogos de artifício flamejam atrás dos meus olhos e através do meu cérebro. Nenhum beijo que tive foi assim. Como se eu estivesse flutuando, em queda livre e totalmente sem peso, tudo ao mesmo tempo. Como se eu pudesse fazer isso por um milênio e ainda assim não fosse suficiente.

Eventualmente nós nos afastamos e eu abro meus olhos para encontrar seu olhar. Ele deve ter sentido isso também, certo?

Mas algo atrás dele chama minha atenção. Nós continuamos girando lentamente enquanto nos beijávamos, e agora estou olhando na direção oposta da que estava antes. E parado no final da pista de dança, olhando para mim, está Paul. Ele deve ter estado lá o tempo todo, nos observando. Nathan o viu antes? Foi por isso que ele me beijou – porque Paul estava nos observando?

— Paul! — Eu exclamo e me afasto. De repente me sinto mal. — Paul está aqui. Você o viu?

Nathan recua.

— O quê? Quero dizer, sim.

Dou mais um passo para longe e esbarro no casal ao nosso lado.

— Eu não percebi... que ele estava perto de nós. — Eu balanço minha cabeça. — Eu preciso correr para o banheiro.

— Riley, espere. — Nathan estende a mão para mim. — Você está bem? Isso foi demais?

Eu balanço minha cabeça.

— Eu já volto.

Afasto-me dele e atravesso a multidão em direção às mesas que circundam a pista de dança. Nathan deve ter voltado ao seu falso “modo namorado” quando viu Paul espreitando na beirada da pista de dança. Meus olhos se enchem de lágrimas e tento afastá-las. O que eu estava pensando? Que Nathan realmente gosta de mim? Se isso fosse verdade, então ele não iria ao baile com Sophia no próximo fim de semana. Eu fiquei tão envolvida com o momento que não percebi o que devia estar acontecendo.

Quero ficar brava com Nathan, mas isso não é justo. Ele está desempenhando seu papel... e fazendo um trabalho de atuação muito melhor do que eu. Solto um soluço abafado e de repente me vejo na frente de Paul. Ele deve ter me seguido para fora da pista de dança até a beira do ginásio.

— Você está bem? — ele pergunta.

— O que isso importa para você? — eu retruco. — Por que você está me seguindo?

Ele dá um passo para trás.

— Eu vi você e Nathan, hum, bem... e você pareceu chateada depois, então pensei que deveria checar você.

Minhas mãos se fecham em punhos. Então, isso não estava na minha cabeça – ele realmente estava observando.

— Paul, não sou mais sua para checar. Vá dançar com Lainey e me deixe em paz.

Ele encolhe os ombros, parecendo envergonhado.

— Lainey terminou comigo há vinte minutos.

— Talvez porque você não consegue parar de me incomodar.

— Sim, talvez...

Cubro meu rosto com as mãos. Eu absolutamente *não* posso ter essa conversa agora. Afasto-me, mas Paul coloca a mão no meu braço para me impedir.

— Espere, ouça, estou com saudades de você, Riley. Terminar com você foi a coisa mais estúpida que já fiz. — Seus olhos percorrem meu corpo. — Você fica tão bonita nesse vestido.

Eu pronuncio palavrões em minhas mãos enquanto horror e compreensão surgem em mim. Acima de tudo, Nathan estava certo sobre Paul o tempo todo.

Paul tira minhas mãos do rosto.

— Lembra de todos os momentos divertidos que tivemos no palco e brincando nos bastidores? E quando andamos de caiaque e passamos a tarde cantando e irritando todo mundo no rio? Éramos tão bons juntos, Riley. Você também deve sentir minha falta, pelo menos um pouco?

Eu aperto meus olhos fechados. Não estou nem remotamente interessada em voltar com ele. Mas a vida não seria mais fácil se eu estivesse? Eu poderia esquecer Nathan. Eu poderia parar de trabalhar na loja sem arrependimentos. Tudo seria muito mais fácil.

Paul parece interpretar minha falta de resposta como afirmação e me puxa para um beijo.

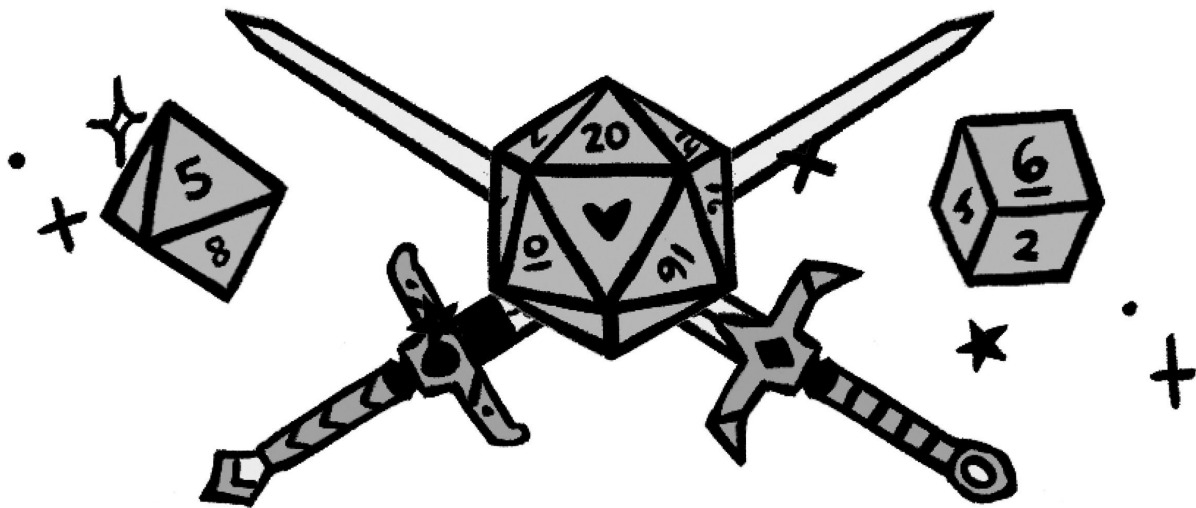
Absolutamente não. Eu me viro bruscamente e ele beija minha bochecha.

— Para! Me solte, Paul. Eu não posso fazer isso. Nós terminamos.

Eu me afasto e corro para o banheiro como se fosse o olho de um furacão. Mas não antes de ver Nathan, amontoado com Anthony e

Kenzie, nos observando do canto da sala.

Capítulo Vinte e Quatro



Ainda estou no banheiro dez minutos depois quando Hoshiko entra correndo.

— Riley? — ela chama.

Abro a porta da minha cabine. Seus olhos se arregalam quando ela me vê.

— O que está acontecendo? Acabei de encontrar Paul e ele me disse que vocês dois poderiam voltar a ficar juntos? Achei que você o odiava! Tentei falar com Nathan, mas ele está sendo extremamente rude esta noite. Ele realmente não deve gostar de bailes.

— Ele não disse nada?

— Nathan? Eu mal consegui arrancar duas palavras dele. Vocês dois brigaram?

— Não. Não sei. — Há outras duas garotas aqui conosco, mas elas são veteranas e não parecem estar prestando atenção. Puxo Hoshiko para o espelho mais distante. — Ele me beijou — eu sussurro com urgência.

— Paul ou Nathan?

Eu grunho.

— Paul tentou me beijar, mas eu me esquivei.

— Então, vocês não vão voltar?

— *Não*. Ele é o pior. Eu não quero falar sobre ele. *Nathan* me beijou.

— E você não se esquivou disso? — ela pergunta com os olhos arregalados.

— Não. — Eu respiro fundo. — Mas não foi real. Ele estava apenas fingindo porque Paul estava nos observando.

— Tem certeza? Lucas e eu juramos que há algo acontecendo entre vocês dois.

Ocorre-me que Hoshiko e Lucas estão próximos o suficiente agora que estão saindo para bailes secretos e conversando sobre o resto de nós.

— Você acha que Lucas sabe de alguma coisa?

Ela balança a cabeça.

— Ele tentou arrancar isso de Nathan, mas ele não quis falar. Eles realmente não têm esse tipo de amizade.

— O que está acontecendo entre você e Lucas, afinal? Essa dança! Há quanto tempo vocês dois praticam?

— Ele começou a vir ao estúdio há duas semanas. — Ela balança a cabeça e sorri com um olhar distante, como se ainda estivesse imaginando. — Fiquei muito surpresa quando ele pediu para fazer uma aula comigo. Achei que ele poderia estar cheio disso, mas acho que ele realmente gosta das aulas. Eu me diverti muito dançando com ele e ele já está falando sobre o baile de formatura e... — Sua boca se fecha e ela bate no meu braço. — Ei, pare de tentar me distrair! Estou aqui para conferir você, não para falar sobre mim!

— Mas você é muito mais interessante do que eu.

— Com certeza, mas teremos a noite toda para isso.

Eu sorrio e uma onda de alegria passa por mim ao lembrar que não importa o que esteja acontecendo agora, Hoshiko voltará para minha casa depois para passar a noite. Os meninos vêm e vão, mas as melhores amigas são insubstituíveis.

Um grupo de garotas da nossa prática do Shrek entra no banheiro naquele momento e grita de excitação quando nos vê. Passamos alguns minutos elogiando vestidos e penteados e discutindo a próxima apresentação. As meninas vão até as cabines e Hoshiko puxa minha mão em direção à porta. Ela deve saber que não quero falar sobre Nathan de jeito nenhum quando há a possibilidade de alguém nos ouvir.

— Chega de banheiro — diz ela. — Você não pode ficar aqui a noite toda.

— Claro que eu posso. — Eu me inclino para frente e abaixo minha voz. — Estou recebendo todas as informações. Parece que Emily Harris vai ter um ataque de raiva em sua casa depois do baile... os pais dela vão estar lá e até compraram bebida alcoólica! E Sara decidiu ir até o fim com Eli. Bom para eles.

Ela geme.

— Não é legal. Vamos.

Ela me puxa em direção à porta, então para e me inspeciona. Ela usa o polegar para esfregar meus olhos e ajusta uma das mechas de cabelo que emolduram meu rosto.

— Perfeito. Você também pode fazer com que todos esses garotos desejem você.

— Todos os garotos, exceto Lucas — provoco.

Ela pisca e voltamos para o ginásio, que perdeu a magia do país das maravilhas do inverno que senti esta noite. Voltou a ser uma quadra de basquete que não é reformada há vinte anos. Um hino de dança J.Lo está

tocando e a grande maioria dos alunos está pulando junta no centro do chão. Há alguns retardatários: um grupo de garotas em uma das mesas, um casal se beijando no canto. Procuro Paul, mas felizmente ele não está esperando por mim. Espero que ele já tenha ido para casa ou esteja de volta com Lainey. Não tenho mais paciência para lidar com ele.

Sigo Hoshiko até o outro lado da sala, onde Lucas e Nathan estão sentados em cadeiras dobráveis com Anthony. O rosto de Anthony está vermelho e ele respira pesadamente.

— Aí estão vocês duas! — ele exclama quando nos vê. — Vem comigo e Kenzie.

Lucas se levanta tão rápido que a parte de trás das pernas bate na cadeira de metal e ela é jogada para trás. Ele olha entre Hoshiko e eu.

— Você quer?

Hoshiko morde o lábio.

— Eu não sei...

Posso praticamente sentir o espírito dela se dividindo em duas direções. Dançar é uma de suas coisas favoritas no mundo, mas ela não me abandona quando sabe que estou chateada.

Eu a empurro em direção a Lucas.

— Vai!

— Venha comigo. — Ela acena para Nathan, que está sentado como uma estátua. — Vocês dois deveriam vir dançar.

— Estou bem — Nathan murmura.

— Vá em frente. Encontro vocês em um segundo.

Ela franze a testa, mas segue Lucas e Anthony até a pista de dança. Depois de um segundo estranho, puxo a cadeira de Lucas e sento ao lado de Nathan.

— O que aconteceu lá atrás? — Nathan pergunta. — Eu vi Paul tentando beijar você?

— Sim.

Sua expressão escurece.

— Eu sabia que o odiava por um motivo. A menos que... vocês dois estejam...?

— Não. Ele só levou um minuto para descobrir isso.

— Fico feliz em dar a notícia se ele ainda estiver confuso.

Ele olha ao redor do refeitório.

— A situação de Paul está oficialmente encerrada. E tenho que lhe dar crédito: você desempenhou seu papel melhor do que jamais imaginei que pudesse. Você não apenas o convenceu de que estávamos juntos, você o deixou com tanto ciúme que ele realmente voltou para mim implorando.

Ainda não consigo acreditar que isso aconteceu. Eu deveria estar me deleitando com a alegria de ver meu ex rastejar diante de mim. Eu deveria estar pulando de excitação ao lado de Nathan na pista de dança. Eu venci.

Mas sentada ao lado de Nathan agora, tentando não notar o quão incrivelmente lindo ele está em seu terno levemente amassado e com os óculos tortos, não parece que ganhei nada. Tudo o que esta noite fez foi me mostrar que bagunça absoluta fiz com tudo. Meu coração vai desabar se eu tiver que passar mais um momento com Nathan enquanto ele finge que gosta de mim e eu finjo que não o amo.

Porque eu o amo. Não me permiti admitir ou sequer pensar nisso até agora, mas não posso mais negar as emoções. Adoro a maneira como ele me aceita como sou, o quão leal ele é aos amigos, à loja e ao meu pai, e que ele veio comigo esta noite, apesar de seu desdém pelas funções da escola, porque queria ter certeza de que eu seria bem cuidada e feliz. Ele é uma das melhores pessoas que já conheci. Quero que ele pense o mesmo de mim. Quero que ele me escolha acima de tudo e de todos,

porque não há nenhum lugar onde ele preferisse estar. Mas ele ainda está interessado em Sophia, e preciso fazer as pazes com isso.

— Riley?

Fiquei o encarando, então me balanço pra sair do torpor.

— Precisamos cancelar agora de verdade — eu digo. — Sem mais modo namorado. Você não precisa mais agir dessa maneira para o benefício de Paul.

Nathan pisa no chão.

— Ok.

Respiro fundo para me preparar para a próxima parte. Sinto-me mal, mas sei que, em última análise, é o melhor. Esta noite tomou minha decisão por mim.

— Além disso, queria lhe contar que meus pais estão me liberando da loja. Não há mais liberdade condicional. Então não vou mais roubar suas horas.

Tento dar um pequeno sorriso, como se isso fosse uma boa notícia, mas Nathan faz uma careta.

— O que? Você está falando sério? Você vai parar de trabalhar?

— Sim. Acho que é melhor eu me afastar da loja e do jogo.

— Não, precisamos de você para o jogo, principalmente depois que o Lucas deu aquela besteira com o espectro na última sessão! Não sobreviveremos sem a sua personagem. E precisamos da sua ajuda na loja também.

— É demais, Nathan. Não vou conseguir equilibrar tudo com o coral e compromissos musicais.

— Há quanto tempo você sabia que iria sair?

Eu me encolho e olho para o chão.

— Eu não tinha exatamente decidido sobre isso, mas... mamãe me disse há uma semana que eles iriam suspender a punição.

— *Uma semana?* Você só pode estar de brincadeira comigo. Isso significa... você sabia quando assistimos Monty Python juntos? Você sabia durante todos os turnos que trabalhamos desde então e nunca me contou? Você nunca contou a nenhum de nós?

Ele está sentado ereto agora, com a voz mais alta e os olhos arregalados. Eu me encolho mais na minha cadeira. Eu não consigo aguentar o jeito que ele está olhando para mim. Mais um exemplo de como eu baguncei tudo.

— Desculpe. Eu deveria ter dito algo antes. Eu só... não tinha certeza do que queria fazer.

Ele se recosta.

— Mas agora, esta noite, você de repente tem certeza de que quer sair.

Torço a pulseira que estou usando e aceno lentamente. Estamos ambos em silêncio e, à distância, me ocorre o quanto devemos parecer estranhos. Ao nosso redor, as pessoas estão rindo e dançando. “YMCA” toca tão alto que mal consigo ouvir Nathan durante o refrão e o canto resultante. E tudo que eu quero fazer é ir para casa com Hoshiko e me enrolar em cobertores.

— O momento faz sentido — digo para preencher o silêncio entre nós. — Será muito estranho jogar com Sophia agora. E ainda estou muito esperançosa em trazer de volta esse musical e, quando o fizer, o trabalho será exaustivo. Não há nada mais importante para mim do que fazer esse musical acontecer.

— Nada?

— É o que eu amo — eu sussurro.

Meu coração se partiu no momento em que vi Paul nos observando na pista de dança, e essa conversa o quebrou ainda mais. Não posso mais ficar aqui com Nathan. Seu olhar poderia muito bem estar derramando

óleo quente em uma queimadura recente. É possível que ele me odeie neste momento. Ele certamente não gosta de mim.

Hoshiko e Lucas acenam para que nos juntemos. Sou grata por uma desculpa para escapar. Aponto na direção deles.

— Parece que estamos sendo convocados.

Ele olha e faz uma careta.

— Você vai sem mim. Não estou com vontade de dançar mais.

Fico de pé, desesperada para fugir dessa conversa, mas odiando a ideia de ficar longe dele. Ele levanta a mão para me impedir.

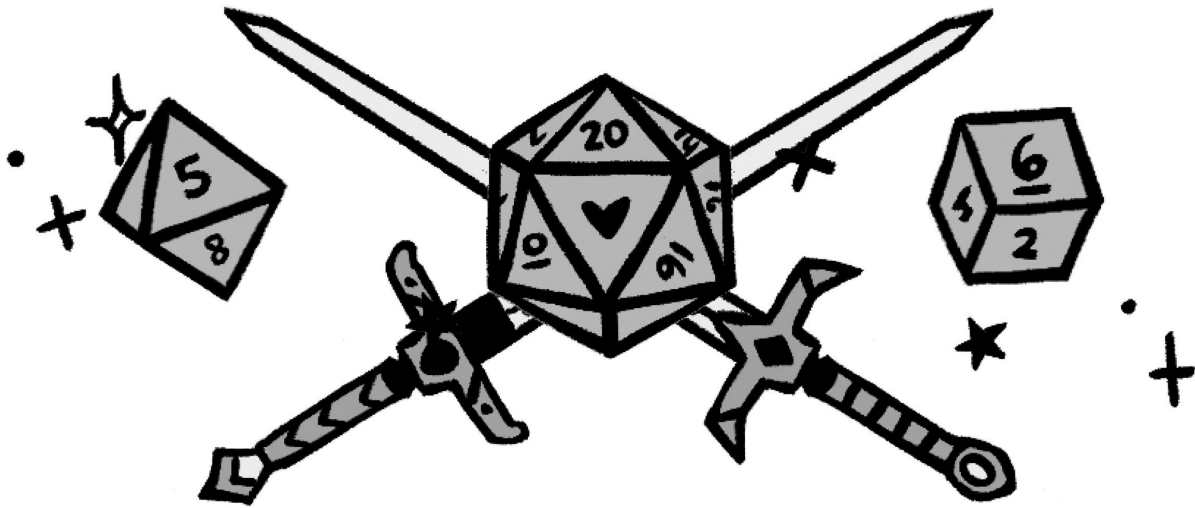
— Na verdade... — A voz de Nathan corta a música e meu peito. — Hoshiko está de carro esta noite também, certo? Para que ela possa te dar uma carona de volta para sua casa? — Ele passa a mão pelo cabelo. — Acho que estou pronto para ir para casa. Acontece que eu estava certo sobre os bailes de escola. — Ele olha para a cena ao seu redor.

Meu coração despenca no peito.

— Ela pode me levar — eu digo fracamente.

— Legal. — Ele levanta a mão em despedida, sua postura rígida e expressão de dor. — Foi bom fingir com você. Você realmente é uma ótima atriz, Riley.

Capítulo Vinte e Cinco



Hoshiko e eu ficamos no baile por mais uma hora porque não quero tirá-la de Lucas e Hoshiko argumenta que ficar pode me fazer sentir melhor. Ela está errada, mas pelo menos sua alegria exuberante distrai a atenção de quão horivelmente esta noite implodiu. Eu caio no meu assento assim que entramos no carro dela. Ela olha para mim com simpatia.

— Sinto muito por você e Nathan.

Eu gemo.

— Vocês previram que isso terminaria mal desde o início.

— Se ele for ao baile com Sophia na próxima semana, em vez de implorar de joelhos para você sair com ele, ele não merece você. Na verdade, ele está oficialmente morto para mim.

Eu rio. Nada supera a lealdade da melhor amiga.

— Sei que isso provavelmente é impossível, mas vou tentar não pensar nisso até depois da reunião terminar na quarta-feira. Embora eu

também não esteja mais me sentindo bem com isso. Espero que o desempenho corra bem, mas mesmo que corra, é apenas parte da batalha. E se o orçamento que estou propondo for muito alto? Ou estiverem querendo mais patrocínio da comunidade?

— Eu sei que seu cérebro está lembrando você de todos os possíveis resultados ruins na vida agora, mas vamos tentar ser otimistas. Você fez um trabalho fenomenal reunindo tudo para a apresentação e vamos acabar com isso. Já tenho meu instrutor de dança a bordo para ajudar na coreografia quando eles concordarem em trazer o musical de volta. E aposto que você também poderia fazer com que seus pais se voluntariassem ou doassem se os administradores estivessem procurando por isso, isto é, se você realmente contasse a seus pais o que tem feito ultimamente.

Ela levanta uma sobrancelha.

Esfrego as mãos nos olhos, não mais preocupada com a maquiagem.

— Talvez. Supondo que meus pais não surtem quando eu deixar isso cair no colo deles.



Mamãe praticamente sai correndo da cozinha quando chegamos na minha casa.

— Garotas! Como foi? — Seus olhos passam por mim. — Grande noite?

Código para: *Você está uma bagunça.* Acho que estou exibindo minhas emoções no rosto junto com meu rímel borrado.

— Nós dançamos muito. — Tento sorrir.

— Bom! Bem, venham ver o que estava fazendo. — Ela nos chama para a cozinha. — Posso ter exagerado um pouco.

Nossa ilha de cozinha imaculada está coberta de lanches. Há uma tigela grande de pipoca com queijo cheddar e caramelo, Twizzlers, biscoitos, bebidas... e uma tábua inteira de charcutaria porque minha mãe não pode deixar de ser exagerada.

— Uau! — Hoshiko pega um punhado de pipoca. — Isso é incrível.

— Obrigada, mãe! Isso deve ter dado um trabalho.

Ela encolhe os ombros, mas posso ver que ela está satisfeita consigo mesma.

— Eu sei que você só tem algumas experiências como essa na vida, então pensei em tornar a festa do pijama um pouco mais divertida. — Ela se inclina contra o balcão e me lança um olhar astuto. — Eu não sabia que Nathan era tão fofo. E diga o que quiser, mas certamente pareceu ao seu pai e eu que vocês dois estavam namorando. Você precisa trazê-lo de volta para que eu possa avaliá-lo para valer. — Ela pisca.

Pego um pedaço de queijo da tábua e enfio na boca em vez de responder. Não há como responder algo que não leve a mais perguntas relacionadas a Nathan e à possibilidade de lágrimas. E, bônus, se eu me encher de queijo, talvez isso amenize a dor latejante que surge toda vez que o nome dele é mencionado. Vale a pena tentar, pelo menos.

Hoshiko pega meu cotovelo e me leva até as escadas.

— Isso parece ótimo, Sra. Morris, mas acho que precisamos trocar nossos vestidos para que possamos realmente comer.

Mamãe acena com a cabeça e nos afasta.

— Quero ouvir tudo sobre Nathan mais tarde! — ela chama atrás de mim.

Abafo um gemido e Hoshiko me puxa mais rápido.



Ficamos acordadas até as duas da manhã, mastigando o bufê de lanches da mamãe e dissecando cada detalhe da noite de Hoshiko com Lucas, quando ela sabia que gostava dele, e das aulas de dança que tiveram juntos. Ela menciona Nathan e Paul algumas vezes, mas rapidamente volto a conversa para Lucas e ela não discute. Não estou pronta para mergulhar fundo em meus sentimentos em relação a Nathan ou em como vou agir perto dele agora.

Dormimos até tarde e depois passamos o início da tarde dando os retoques finais na proposta musical. Uma onda de náusea toma conta de mim sempre que penso na reunião de quarta-feira, depois da escola. Tudo depende deste encontro. Era quase impossível encontrar um momento em que a senhorita Sahni, o diretor Holloway, um membro do conselho escolar e um dos pais dos Music Boosters pudessem se encontrar, então, se eu estragar tudo, estará tudo acabado. Espero ter feito o suficiente.

— Vai ser incrível — diz Hoshiko. — Eles não serão capazes de dizer não!

Eu sorrio fracamente.

— Esperemos que sim.

Folheio meus papeis novamente. Pelo menos posso dizer que fiz o máximo que pude para me preparar.

Depois que Hoshiko sai, mamãe me segue escada acima.

— Como vai?

— Bem. — Sento na cama e coloco um travesseiro no colo.

— Sério? Você parecia bem pra baixo depois do baile. Correu tudo bem?

— Foi divertido. Na maior parte.

Ela vagueia distraidamente pela sala, olhando fotos e pôsteres que viu um bilhão de vezes. Ela está tentando ser casual, mas eu não caio nisso.

— Aconteceu alguma coisa com Nathan? — ela pergunta. — Relacionamentos no ensino médio podem ser muito difíceis.

— Ele não é meu namorado, mãe. Eu sei que papai continua falando sobre isso, mas ele está exagerando. Nathan e eu somos apenas amigos.

— Hum-hmm.

Ela claramente não está convencida.

Ela entra mais na sala e para na minha mesa, onde deixamos a maquiagem verde do palco e as quatro pastas pesadas que juntei com detalhes do orçamento do musical proposto. Argh, eu pretendia guardar tudo antes que ela os visse, mas minha cabeça está confusa e esqueci completamente.

Ela estuda a maquiagem. Ela sabe o suficiente sobre teatro para reconhecer o que é.

— Você e Hoshiko estavam trabalhando em algo para a escola?

— Hum...

Por um momento penso em inventar uma história, mas se nossa apresentação for um sucesso esta semana, terei que confessar tudo sobre o musical de qualquer maneira.

— Na verdade, esse é um projeto em que estou trabalhando... para o musical da primavera. — Entrego a ela uma pasta e conto sobre as informações que reuni para a administração antes de iniciar a apresentação. Sua cabeça se levanta quando chego aos ensaios depois da aula.

— Você está trabalhando neste musical? E você disse que eram ensaios de coral. Você estava mentindo sobre isso?

Minha respiração fica superficial, mas não nego.

— Sinto muito por não ter contado tudo a você. A senhorita Sahni nos deu permissão para usar o espaço e estávamos ensaiando músicas, mas não eram para coral. Eu sabia que você e papai não concordariam que eu

me envolvesse em alguma coisa depois da escola, quando eu ainda estava de castigo, mas eu simplesmente... eu não podia desistir do musical, mãe. Eu tinha que ir até o fim. — Estou estranhamente chorosa e desafiadora ao mesmo tempo. Eu junto minhas mãos na minha frente. — Tenho dirigido os números da apresentação e acho que com eles temos uma chance de convencer a administração a mudar de ideia. Por favor, tente entender.

As últimas palavras saem como um apelo. Espero que as sobrancelhas de mamãe se juntem, como fazem quando um empreiteiro diz a ela que precisam reagendar, mas sua expressão permanece impassível. Ela folheia as informações na pasta e olha de volta para mim.

— Quantos alunos estão nesta apresentação?

— Vinte e cinco.

— E você os está dirigindo? E você reuniu todas essas informações sobre orçamentos e licenciamento musical? — ela pergunta baixinho.

Eu aceno e mordo meu lábio. Ela está reprimindo sua raiva para poder explodir depois de me questionar minuciosamente? Ela nunca grita, mas há uma primeira vez para tudo.

Em vez disso, ela suspira.

— Eu odeio que você mentiu para mim. Mas... talvez eu quase consiga entender por que você sentiu necessidade disso. Para ser sincera, estou impressionada que você tenha encontrado uma maneira de trabalhar na loja, acompanhar os estudos e realizar esses ensaios. Isso mostra que você encontrou uma maneira de criar algum equilíbrio em sua vida.

— Sério?

Ela ri e balança a cabeça.

— Sim. Se você consegue lidar com tantas coisas com sucesso, então definitivamente está se tornando mais responsável. Então, você não está em apuros de novo, pelo menos não comigo. Mas chega de mentir, ok?

— Ok — eu digo imediatamente. Eu balanço sobre os calcanhares. — Hum, nesse caso...

— Riley. — Sua voz é mais nítida desta vez.

Estendo a mão.

— Não surte. Mas a senhorita Sahni ficou tão impressionada com a apresentação que me ofereceu uma posição para dirigir os ensaios do coral do ensino fundamental e ajudar em outras tarefas. — Não posso deixar de sorrir com isso. — Ainda não começou, mas parece muito divertido.

— Uau — diz mamãe. Ela larga a pasta e me puxa para um abraço. — Parabéns, isso é maravilhoso. Então você quer aceitar a posição?

Concordo com a cabeça, minha bochecha esfregando em seu ombro.

— Ok. Posso presumir que seu pai não sabe nada sobre isso?

Concordo com a cabeça novamente, com medo do que ela está prestes a dizer.

Ela se afasta e me estuda.

— Então essa é a próxima coisa que você precisa fazer. Principalmente se você está planejando parar de trabalhar na loja, o que presumo que você esteja.

Eu olho para o chão.

— Sim, estou planejando em sair — eu sussurro. Os pensamentos sobre Nathan e nossa terrível conversa no baile da noite passada voltam. Contar ao papai pode ser ainda pior, se isso for possível.

— Então eu vou te levar agora para que você possa contar a ele. E não, uma mensagem não resolverá isso. Ele precisa ouvir isso de você.

É uma viagem sombria até o apartamento do papai. O pavor se avoluma em meu estômago ao pensar em conversar com ele sobre tudo isso. No domingo passado eu estava lá com meus amigos, saindo e assistindo Monty Python, e ele parecia muito feliz por ter todos nós lá.

Detesto ter que arruinar todo conforto que construímos nas últimas semanas.

A expressão de papai muda de surpresa para medo quando ele encontra mamãe e eu em sua porta.

— O que aconteceu?

— Riley tem algumas coisas para compartilhar com você — diz mamãe suavemente. Ela dá a ele um sorriso triste, o mais próximo que já vi de gentileza entre eles, e dá um passo para trás. — Eu queria dar a vocês algum tempo para conversar. Talvez você possa dar uma carona para ela de volta para casa quando terminarem.

Ela me lança um olhar significativo e volta para o carro.

Papai me chama para entrar, claramente ainda nervoso.

— Tudo isso parece muito terrível, então deixe-me ver.

Sentamos na sala e repito a conversa que tive com mamãe sobre trazer de volta o musical e dirigir a amostra. Na verdade, papai está ainda menos preocupado com isso do que mamãe.

— Entendo por que sua mãe queria que você admitisse o verdadeiro motivo dos ensaios, mas não me importo. Dirigir sem carteira é uma coisa, mas ficar depois da escola para cantar? Sua mãe e eu deveríamos estar gratos por esse ser o nosso maior problema. — Ele ri. — Mas agradeço que você nos conte. Você quer uma bebida? Tenho o sabor mais recente de Mountain Dew na geladeira.

Por alguma razão, um comentário de Nathan de semanas atrás surge na minha cabeça.

— Você não deveria estar monitorando sua ingestão de açúcar?

Ele estremece de surpresa.

— O médico sugeriu. Como você soube disso?

— Nathan me contou.

Ele sorri com conhecimento de causa e isso me deixa mais nervosa.

— Claro, eu deveria saber que vocês dois estariam conversando sobre tudo agora. Mas não se preocupe com isso. — Ele acena com a mão com desdém. — Na verdade, conte-me sobre o baile de boas vindas. Como vão as coisas com Nathan?

— Por que você contou a Nathan sobre seus problemas de saúde e não contou para mim? — eu pergunto em vez de responder. Meu corpo está tremendo um pouco e deslizo as mãos sob as coxas para mantê-las imóveis. — E não entendo por que você conversou com todo mundo na loja sobre meus recitais e apresentações, mas nunca falou comigo.

Ele se senta mais ereto, sua atitude descontraída desaparece com meu tom.

— Nós já conversamos sobre isso. Queria contar aos meus amigos que tenho uma filha talentosa.

— Mas você não queria me contar?

Estou chocada porque as lágrimas brotam nos cantos dos meus olhos. Não sei de onde vem toda essa emoção, mas de repente estou explodindo de frustração e tristeza pelo pouco que conversamos ao longo dos anos. Todas as oportunidades perdidas de compartilhar histórias ou de ouvir seus pensamentos sobre o que estava acontecendo em minha vida. Mesmo agora ele não está me contando tudo. E, claro, também não tenho sido boa em contar coisas a ele, mas é difícil ficar motivada quando se trata de uma via de mão única. Principalmente quando não tenho certeza do quanto ele está interessado na minha vida fora da loja.

— Eu disse o quanto adorei suas performances — diz ele, com o rosto intenso e sério.

— Não, você não disse. — Enxugo uma lágrima e cruzo os braços. — Talvez você goste de me ver cantar na loja, mas você nunca falou comigo sobre minhas apresentações ou... ou minha vida. Presumi que fosse

porque você não se importava, mas então ouvi dizer que você estava conversando com todo mundo sobre isso e eu simplesmente não entendi, pai! Será que você não gosta de falar comigo? Ou passar tempo juntos? Tenho certeza de que você preferiria passar os fins de semana com seus amigos na loja do que comigo entediado.

— Riley, *não*. — Ele estende as mãos como se fosse tocar meu joelho ou talvez me puxar para um abraço, mas eu me levanto e me afasto. — Não, nunca foi isso. Eu sempre adoro passar tempo com você. Eu te amo. Eu só, não sei, acho que sou péssimo em falar sobre as coisas.

— Bem, então acho que herdei isso de você, porque estou saindo da loja. — Eu envolvo meus braços em volta de mim. — Foi por isso que mamãe me trouxe aqui, para que eu pudesse te contar isso. Minha professora de coral me pediu para ajudar nos ensaios à noite e, com sorte, também irei trabalhar no musical nesta primavera, então não vou ter mais tempo para trabalhar.

Ele se inclina para trás como se eu tivesse dado um tapa nele, e a tristeza cresce dentro de mim.

— Você está se demitindo? — Sua voz é calma.

— Não terei tempo para fazer tudo — sussurro.

— Mas... pensei que você tivesse gostado. Você parecia tão feliz e tem seus amigos lá... — Ele fala devagar, como se estivesse tentando montar um quebra-cabeça sem todas as peças. — Estávamos nos divertindo muito. Eu queria continuar construindo um relacionamento mais forte com você.

Mais lágrimas vêm, mas eu limpo meus olhos e engulo em seco.

— Por que você não tentou antes, então? E por que tenho que trabalhar na loja para termos um relacionamento? Poderíamos sempre ter tido um, mas você nunca pareceu tão interessado.

Ele se levanta agora.

— Isso não é verdade.

— Você nem queria me levar da escola até a loja. Você fez com que Nathan fizesse isso.

Ele parece incrédulo.

— Você está falando sério? Eu fiz isso como um favor para você. Achei que você gostaria de um tempo extra com ele. Sempre quis passar mais tempo com você... para conhecer você melhor. Mas você e sua mãe construíram um pequeno forte e me mantiveram do outro lado do fosso.

— Ele respira fundo. — Estou feliz que você seja tão próxima de sua mãe, mas tem sido difícil encontrar maneiras de se conectar.

A culpa me atravessa, seguida imediatamente pelo desafio. Não posso ficar perto da mamãe?

— Se a única maneira de você se conectar comigo é me fazer sentir culpada e me fazer ficar na sua loja para que tenhamos algo em comum, então você não está se esforçando muito.

Papai se encolhe e se afasta. Assim que as palavras saem da minha boca, me sinto mal – não vim aqui para machucá-lo. Mas também não consigo puxá-las de volta. Elas estão esperando para sair há muito tempo.

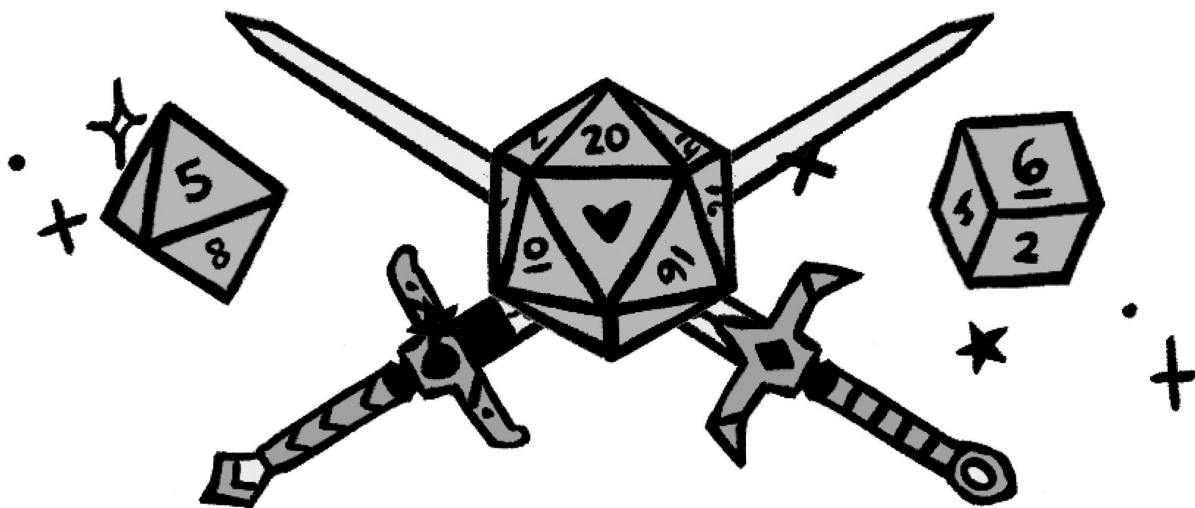
Ficamos em silêncio e então ele pigarreia.

— Mensagem recebida. Sua demissão foi entregue.

Eu olho para o chão. Um momento depois, as teclas chacoalham.

— Eu vou te levar de volta agora. Parece que você tem uma semana agitada pela frente.

Capítulo Vinte e Seis



Não posso deixar de procurar por Nathan enquanto ando pelos corredores na manhã de segunda-feira. Uma pequena parte de mim esperava vê-lo parado na entrada, esperando por mim. E quando chego ao meu armário, prendo a respiração para o caso de ele ter descoberto a combinação e o preenchido com corações de papel que cairão no chão quando eu abrir a porta. Ou uma nota presa nele sobre como ele está desesperadamente apaixonado por mim.

Claro, não há nada disso. Nathan nunca me pareceu um cara particularmente romântico. E se fosse, não estaria usando suas habilidades comigo, especialmente depois de como deixamos as coisas no sábado.

Faltam apenas dois dias para a reunião com a administração. Eu me convenço a concentrar nisso – e somente nisso – enquanto vou de aula em aula. Quando chega a hora do almoço, passo o tempo na sala do coral com a senhorita Sahni, em vez de encarar Nathan em nossa mesa

habitual. Sou uma covarde, eu sei, mas digo a mim mesma, cuidarei de tudo depois da apresentação do *Shrek*. Só preciso passar pela amostra na quarta-feira.

— Tem certeza de que não posso convencê-la? — Hoshiko me pergunta depois do ensaio de Shrek na tarde seguinte. É nosso último dia de ensaio e vou manter todos mais tempo do que o normal. As músicas se encaixaram, mas as pessoas ainda perdem as deixas. Precisamos que isso seja perfeito.

— Não é uma boa ideia — digo com uma voz que espero que dê algum caráter definitivo à decisão.

— Você não pode perder o D&D esta noite — ela argumenta. Acho que meu tom não foi suficiente. — Vamos enfrentar o Rei Espectro esta noite. Os meninos passaram o almoço inteiro conversando sobre isso. O que você saberia se tivesse comido conosco. — Ela me lança um olhar penetrante.

Eu estremeço.

— A senhorita Sahni precisava conversar comigo sobre a próxima apresentação do coral. Eles estão lutando com suas harmonias.

— Riley, você pode mentir para Nathan o quanto quiser, mas não minta para mim. Eu sei que você está evitando todo mundo por causa do baile.

— Eu não estou evitando você.

— Bem, obviamente. — Ela inclina a cabeça no meu ombro. — Você não conseguiria se tentasse. Eu localizaria você.

Eu rio levemente, mas meu peito dói. Uma pequena parte de mim pensava que Nathan poderia fazer o mesmo. Que ele sentiria minha falta o suficiente para vir me encontrar.

Hoshiko levanta a cabeça e me estuda.

— A propósito, tenho quase certeza de que ele pensa que você o odeia.

— Nathan ou Paul?

Felizmente, Paul manteve distância desde o baile e eu fiz o mesmo. Se há uma coisa boa que resultou do baile de boas vindas, foi que Paul não quer mais nada comigo.

— Pare de tentar mudar de assunto. Você sabe de quem estou falando. Se você pudesse falar com Nathan...

— É muita coisa. Cedo demais. Ele vai dar uma olhada em mim e saber exatamente o que sinto por ele.

— E isso seria uma coisa tão ruim? Talvez isso finalmente o desperte para o que está perdendo.

— Se ele não consegue perceber isso sozinho, não vou ajudá-lo. Ele pode ficar com Sophia.

Nós duas fazemos cara feia para o nome dela.

— Apenas venha e sente-se ao meu lado e do Lucas hoje à noite no D&D. Vou mantê-la entretida e distraída. Os caras sentem sua falta.

Meus ombros caem. Eu também sinto falta deles. Eu sei que não posso continuar assim para sempre – me escondendo na hora do almoço e evitando todo mundo, exceto Hoshiko. Preciso ficar bem com Nathan e Sophia. Mas também há o fato de que não falei com meu pai desde que lhe contei que estava pedindo demissão. Não tenho certeza se posso voltar para a loja agora.

— Vamos terminar amanhã e depois veremos — digo a Hoshiko. Ela me olha com tristeza, mas não discute.

Bato palmas duas vezes e chamo o grupo.

— Podemos executar isso de novo?



Acordei cedo na manhã seguinte. Em vez de ir para D&D, passei a noite passada mandando mensagens de texto para Hoshiko pedindo atualizações (Sophia não apareceu, Nathan mal falou a noite toda, e eles terminaram cedo depois de matar o tempo no pântano para evitar o fantasma) e vasculhei meu armário por uma roupa que diga ao Diretor Holloway que estou falando sério, mas com humor, pronta para trabalhar, mas não de forma abusiva. Infelizmente, não tenho certeza se tenho essa roupa. Principalmente porque minhas roupas parecem que uma fábrica de tintas explodiu sobre elas. Então fiz o melhor que pude: calça azul marinho e camisa de botão rosa com pequenos corações vermelhos por toda parte.

Hoshiko me encontra antes da minha primeira aula. Ela me olha de cima a baixo e acena com aprovação.

— Amei sua roupa. Mas temos alguns problemas.

Eu congelo.

— O quê?

Ela suspira e me puxa para a aula de História Mundial.

— A mãe de Sara não conseguiu as fantasias como ela disse que faria, então parece que o público precisará usar a imaginação. E... acabei de ouvir que Henry está em casa doente hoje.

O horror voa através de mim e eu giro em direção a ela.

— Você está me dizendo que metade das criaturas dos contos de fadas não tem fantasias? E não temos narrador. — Olho para o teto e gemo. — Ele não pode estar doente! *Precisamos dele!* — Henry é um dos pilares da nossa apresentação. Começamos a primeira música com ele narrando a jovem vida de *Shrek*, com um sotaque escocês bastante convincente, devo acrescentar, e sem ele o show não fará tanto sentido. — Podemos convencê-lo a vir depois da escola? Ele pode ficar longe de todos para não espalhar nada.

Ela balança a cabeça, parecendo desamparada.

— Laringite.

Deixo cair a cabeça nas mãos. Tudo que eu precisava era que um dia tudo corresse bem, e nem isso consigo. O que mais vai dar errado? Paul esquecerá sua máscara de Shrek? A laringite de repente vai contaminar toda a escola até que ninguém tenha voz?

Já estávamos à beira do abismo. Eu estava tão ocupada com os ensaios que nunca encontrei patrocinadores comunitários, e sem eles o orçamento é muito alto para o Diretor Holloway e os *Music Boosters*. Não podemos permitir que mais nada dê errado.

Ela fica na minha frente e coloca as mãos nos meus ombros, impedindo meu progresso pelo corredor.

— Tudo vai dar certo. Ok? Faremos um plano de jogo no almoço. Você estará conosco para almoçar, certo?

Hesito e depois aceno. Para ser honesta, eu usaria qualquer desculpa para não enfrentar Nathan hoje, mas ela está certa. Precisamos de tempo para debater soluções. O sino toca.

— Vamos fazer isso funcionar — ela me diz novamente. Seu rosto se abre em um pequeno sorriso. — O show tem que continuar.

Engulo um nó na garganta e vou para a aula. O primeiro período vai e vem sem que eu pense em nada além da apresentação. Ainda estou nervosa em geometria quando a porta se abre e um funcionário de escritório entrega um bilhete ao nosso professor.

O Sr. Fleishman franze a testa e olha para mim.

— Riley? Você recebeu uma ligação da sua mãe no escritório.

Uma pontada de medo passa por mim, afastando meus pensamentos teatrais obsessivos. Mamãe está ligando? Às nove da manhã? A escola tem uma política rígida de não usar celular durante as aulas, então não tenho conseguido verificar as mensagens ultimamente, mas

normalmente ela apenas manda uma mensagem e eu posso responder entre as aulas ou durante o almoço. Se ela não pode esperar, algo deve estar seriamente errado.

Hoshiko olha para mim com os olhos arregalados.

— Eu já volto — eu sussurro. Eu tropeço para fora da cadeira e saio pela porta, sabendo que toda a turma está olhando. Atravesso rapidamente o corredor, desço as escadas e atravesso outro corredor, praticamente correndo até o final. Meu corpo estava tremendo de ansiedade antes disso, e agora sou como um fio energizado. Quando entro no escritório, a assistente me passa o telefone sem dizer uma palavra.

— Mãe?

— Riley. Sinto muito por ter chamado você para sair da aula, mas seu pai... — Ela faz uma pausa e o medo aperta meu peito. — Ele está no hospital. Acabei de receber uma ligação do Curtis da loja. Os dois chegaram cedo para colocar o estoque em dia e acho que seu pai começou a sentir dores no peito e dificuldade para respirar, então chamaram uma ambulância e...

— Papai ainda está vivo? — Mal consigo pronunciar as palavras... elas arranham dolorosamente o fundo da minha garganta.

— Sim. Sim, ele está vivo.

Eu relaxo um pouco. Todos os olhos no escritório estão voltados para mim. Eles não estão fingindo me dar privacidade ou agindo como se estivessem trabalhando. Mantenho meus olhos colados nos post-its sobre a mesa.

— Foi um ataque cardíaco? Ele vai ficar bem?

— Não sei. Só sei o que Curtis me contou: que uma ambulância veio buscá-lo e ele está internado no pronto-socorro. Pensei em não ligar até saber mais... sei que você tem seu projeto depois da escola hoje e sinto

muito... mas não parecia certo não te contar. Estou indo para o hospital agora. Você quer que eu...

— Venha me buscar. Eu quero estar lá com você. — Eu engulo as lágrimas. — E o papai.

— Estarei aí assim que puder.

Acho que entrego o telefone para alguém e me sento. Quando mamãe entra no escritório, estou segurando um copo d'água e não sei como ele foi parar na minha mão. Só consigo pensar em papai. E se fosse um ataque cardíaco? E se eles não ligassem para o 911 a tempo e ele morresse a caminho do hospital? E se mamãe me disser que não fomos rápidas o suficiente e agora ele se foi? Memórias da última vez que estivemos juntos giram em minha mente. A expressão dele quando eu disse a ele que estava me demitindo... a aspereza das minhas palavras quando o acusei de não se esforçar o suficiente para passar tempo comigo... Por que eu disse essas coisas? Por que não fui à loja ontem à noite? Eu deveria ter ido. Em primeiro lugar, eu nunca deveria ter saído – foi egoísmo da minha parte. Eu nunca vou me perdoar se alguma coisa acontecer com ele.

Agarro as mãos de mamãe assim que ela se aproxima e procuro em seu rosto sinais de notícias mais horríveis.

Ela aperta suavemente e balança a cabeça.

— Não há mais notícias ainda, o que é uma coisa boa.

Eu exalo. Ainda há tempo para vê-lo e consertar isso.

A viagem de carro é silenciosa, mas meu peito aperta ainda mais quando paramos no estacionamento e entramos na sala de emergência. Como esse estacionamento pode parecer tão normal? Como as pessoas podem passar de carro como se nada estivesse acontecendo? Eles não sabem que meu pai está aqui? Todos deveriam parar e pensar um momento nele.

Mamãe se senta ao meu lado depois de conversar com a pessoa na recepção.

— Ele está fazendo alguns testes. Ela me avisou que poderia demorar um pouco e que deveríamos ficar confortáveis.

Eu sei que isso não é uma “boa” notícia, mas parece que sim. Se eles estão fazendo testes, significa que ele não está morto ou perto disso, ou eles estariam de pé em frente à cama dele com aqueles grandes aparatos que esfregam no peito nos dramas do hospital.

Ela dá um pequeno aperto no meu ombro. A sala de espera está quase vazia e silenciosa a esta hora da manhã. Este hospital é pequeno e um pouco degradado, com abóboras falsas e folhas de outono nos cantos da sala de espera e uma TV antiga exibindo um programa matinal. É o oposto de caloroso e acolhedor.

Mamãe pega o telefone e eu sigo o exemplo. Não olhei para ele desde antes do segundo tempo e agora vejo que está inundado de textos. Hoshiko enviou pelo menos dez e uma rápida olhada me mostra sua preocupação crescente. Ela geralmente usa muitos emojis e pontos de exclamação, mas sempre que está chateada suas mensagens ficam muito mais moderados.

As pessoas estão dizendo que seu pai está no hospital. Isso é verdade? Você está bem? Eu sinto muito

Estamos todos pirando. Os caras estão falando sobre matar aula.

Meu coração aperta ao ver suas mensagens. Eu respondo, contando a ela tudo o que sabemos.

Torço que a resposta dela seja imediata, mas é claro que ela está na aula e não poderá verificar suas mensagens até o intervalo das aulas. O pensamento me traz de volta à realidade de hoje. A apresentação – a reunião – acontecerá esta tarde. Estamos programados para ensaiar uma última vez logo depois da escola e então apresentarei minha

proposta a todos, e nos apresentaremos às quatro. Balanço a cabeça distraidamente. Não tem como prever quanto tempo papai vai ficar aqui. Pode levar horas, talvez pela noite ou até mais, dependendo do que os médicos descobrirem.

Espero que o desgosto tome conta de mim com a ideia de perder a apresentação. Em vez disso, mal consigo sentir alguma coisa por isso.

Enviarei uma mensagem novamente quando soubermos mais. Sinto muito por ter faltado hoje. Talvez dizer à senhorita Sahni para cancelar a reunião valha a pena?

Para minha surpresa, a resposta dela chega em segundos.

Não, não vamos cancelar. Você já fez muito, Riley. Nós cuidaremos do resto.

Eu olho para o meu telefone, minha garganta fica apertada. Quero abraçar Hoshiko e puxá-la com força. Há tantas coisas grandes e pequenas em que eles podem pensar. Quem vai narrar? E se Mitchell esquecer a letra e procurar as palavras em mim? Como funcionará se apenas algumas pessoas estiverem fantasiadas? Respiro pelo nariz e fecho os olhos. Está fora das minhas mãos agora.

— Riley? — Mamãe sussurra. Ela olha para o meu telefone e volta para o meu rosto. — O que está acontecendo? O que seus amigos estão dizendo?

Balanço a cabeça e guardo meu telefone.

— Nada. Eles estão apenas preocupados.

— Ok. — Ela franze os lábios. — Sabe, está tudo bem se você precisar sair para sua apresentação esta tarde. Seu pai vai entender.

— Não. — Minha voz é alta e ecoa no linóleo da sala vazia. — Não, eu não vou embora.

Eu olho para ela, e ela balança a cabeça lentamente e dá um tapinha na minha perna. A reunião da escola vai acontecer ou não. A

apresentação irá bem ou será um desastre. De qualquer forma, é apenas um show. Terão outros. Neste momento, o mais importante é ver papai.

Olho para o relógio durante a próxima hora. É mais fácil desligar meus pensamentos se eu observar o ponteiro dos segundos passar continuamente. Outro grupo entra na sala de espera, um casal mais velho, e isso me tira do transe. Abro meu telefone e noto outra mensagem – uma única de Nathan. Chegou logo depois da de Hoshiko, mas eu tinha perdido.

Acabei de entrar na aula de História Americana e ouvi falar de Joel. Estou a dois segundos de matar aula e ir te encontrar no hospital. Eu devo?

Meu estômago embrulha. Imagino Nathan entrando por aquelas portas a qualquer momento. Imagino-o passando os braços em volta de mim e me apertando com tanta força que os pequenos pedaços quebrados em meu peito voltam a se unir. Eu quero tanto que é físico.

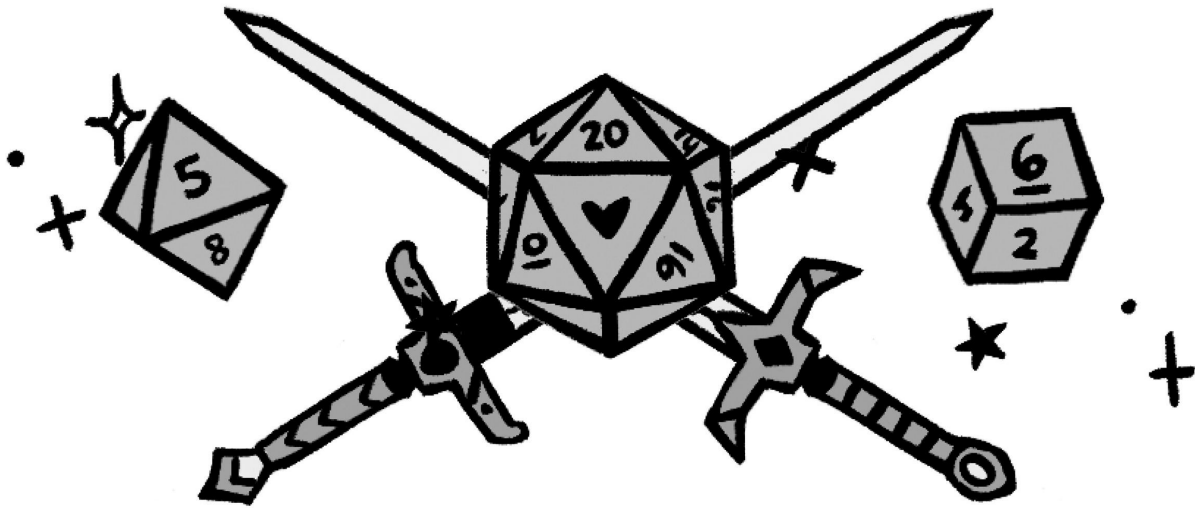
Enxugo algumas lágrimas dos meus olhos. Por que eu pensei que poderia ignorá-lo depois do baile e fingir que minha vida não tinha sido alterada permanentemente por ele? Faz apenas alguns dias e já sinto muita falta dele. Fui uma tola por deixá-lo sair do baile daquele jeito – eu estava com tanto medo que ele não me visse do jeito que eu o vejo, que não consegui pronunciar as palavras. Mas não quero perdê-lo. Quero-o aqui ao meu lado, segurando minha mão e me dizendo que papai vai ficar bem. Quero que ele me mande mensagens de texto, me leve por estradas rurais e me olhe como se mal pudesse esperar para me beijar novamente. Não tenho certeza se já estamos distantes demais para que isso aconteça, mas sentar em uma sala de espera fria de um hospital é um jeito de pegar todos os limites confusos da vida e aumentar o foco até que as coisas importantes apareçam em primeiro plano.

E o que vejo é Nathan.

Eu tenho que dizer a ele como me sinto. Ele merece saber, mesmo que não dê em nada. Mesmo que ele me diga que nunca vai se apaixonar por mim do jeito que eu me apaixonei por ele.

Meus dedos se contraem para responder e pedir para ele vir. Eu adoraria ceder contra ele agora. Mas, em vez disso, respondo a Nathan com algo vago e educado. Preciso desesperadamente falar com ele, mas terei que esperar até saber sobre papai.

Capítulo Vinte e Sete



Mamãe me dá uma xícara de chá quente e ficamos sentadas na sala de espera por mais duas horas. Eventualmente, alguém chega para nos dizer que vão manter papai durante a noite para observação e transferi-lo do pronto-socorro para um quarto no quinto andar. Mamãe tem que responder a perguntas sobre seu histórico médico e as horas são intermináveis até que finalmente possamos vê-lo. Tento me preparar na subida do elevador, mas não consigo respirar quando entro no quarto dele. Ele está sentado na cama vestindo uma bata de hospital com várias máquinas acopladas a ele. Não tenho certeza se já vi papai sem uma de suas camisas de jogo. Mas antes que eu possa perder completamente o controle, ele nos vê e nos chama para entrar na sala.

— Riley! Shannon!

Ele estende os braços para um abraço. Eu o observo, procurando por alguma ponta de raiva ou ressentimento em nossa última conversa, mas ele parece feliz em nos ver. Eu cuidadosamente me inclino.

— Como você está se sentindo? — Minha voz falha e seus braços me apertam.

— Já estive melhor, mas só de ver você já fico mais feliz. Se ao menos eu não tivesse pessoas vindo me cutucar e me fazer mais perguntas a cada dois minutos.

— Pai, você está no hospital. — Eu me afasto para dar-lhe um olhar de reprovação. — É claro que você terá pessoas cutucando você. Eles disseram o que aconteceu? Você teve um ataque cardíaco?

— Não, não foi um ataque cardíaco. Não exatamente... apenas um susto de ataque cardíaco. Disseram que precisarei começar a tomar remédios para colesterol e fazer mais mudanças em minha vida, mas ficarei bem.

Mamãe e eu trocamos olhares preocupados.

— Sua médica vai aparecer em breve? — Mamãe pergunta.

— Ela veio e saiu, mas tenho certeza que as enfermeiras voltarão. Agora, como mudo esse canal? É tão chato aqui.

Mamãe dá um suspiro e levanta um enorme controle remoto que está preso à cama. Possui botões para a TV e outros para elevar a cama até a posição sentada.

— Obrigado.

Os olhos do papai demoram-se por um momento no rosto da mamãe e tenho a impressão de que ele está agradecendo por mais do que mostrar o controle remoto. Eu me movo, me perguntando se devo pedir licença para que eles possam conversar, mas mamãe chega antes de mim.

— Vou correr até o refeitório e comprar alguns lanches — diz ela. — Estou morrendo de fome.

Papai e eu sentamos em silêncio e assistimos a um episódio de Seinfeld por alguns minutos. É tão surreal estar aqui assistindo TV, como

se meu mundo inteiro não tivesse quase implodido. Reúno coragem para falar.

— Pai... você realmente acha que vai ficar bem? — Minha voz está trêmula, embora eu tente parecer forte.

Ele estende a mão e eu aperto.

— Sim, eu vou ficar bem. Sinto muito por fazer você passar por tudo isso.

Eu dou de ombros.

— Obrigado por estar aqui. Isso realmente significa muito.

Palavras não ditas pairam entre nós. Nós dois sabemos que alguns meses atrás eu talvez não estivesse ao lado de sua cama chorando.

— Riley, sinto muito por qualquer coisa que fiz nos últimos anos que machucou você. Você estava certa, eu deveria ter me esforçado mais para falar com você. Eu deveria ter dito o quão luminosa você fica toda vez que está no palco, porque você é. Você é incrível.

Eu balanço minha cabeça.

— Você não precisa fazer isso. Não importa. Estou feliz que você vai ficar bem.

— Isto é importante. — A voz do papai está mais séria do que eu já ouvi. — É verdade que não sei falar de teatro. Eu não conheço o jargão. Além disso, isso foi algo que você compartilhou com sua mãe. Mas isso não significa que não fique impressionado ou orgulhoso de você. Você sempre foi a melhor coisa da minha vida. Eu deveria ter feito um trabalho melhor para garantir que você soubesse disso. — Ele coloca a mão no meu ombro e lágrimas ardem em meus olhos. — Posso te contar um segredo? — ele continua.

Eu concordo.

— Estou feliz que você pegou o carro da sua mãe em agosto.

Eu bufo e o som me tira da minha tristeza.

— Vocês dois pareciam muito furiosos na época.

— Bem, claro. Você poderia ter morrido, poderia ter matado Hoshiko, você violou uma tonelada de leis. Você nem mesmo teve um castigo a altura.

— Quanto drama — murmuro.

— Mas ter você na loja foi... bem, foi a melhor coisa que já aconteceu comigo em muito tempo. Eu simplesmente adorei.

As lágrimas estão de volta, mais fortes do que nunca. Eu as limpo e me viro na cadeira até ficar de costas para a TV.

— Me desculpe por ter dito que estava me demitindo. Sinto muito por todas as coisas que disse antes, por não me esforçar mais para passar mais tempo com você e por ser uma filha má em geral. Vou cortar as outras atividades extracurriculares para ter tempo.

— Por que você se sente culpada?

— Não — eu digo com uma voz totalmente pouco convincente. — Mas não quero fazer nada que lhe dê mais estresse ou preocupação ou algo assim. Eu estava sendo egoísta antes.

— Riley. — Papai desliga a TV e me dá um sorriso triste. — Nada que você fez me fez estar aqui. As únicas causas são genes ruins e um amor eterno por alimentos fritos. E você não está sendo egoísta. Eu fui egoísta... querendo mantê-la na loja quando você tem outras coisas que adora fazer. Eu só quero que você seja feliz.

— Mas adoro estar na loja.

Ele aperta os olhos confuso.

— Bem... ok, estou feliz em ouvir isso. Mas o importante é que você não precisa vir até a loja para passarmos um tempo juntos. Há muitas coisas que podemos fazer. Podemos comprar mais abóboras para a loja – ou decorações festivas! Poderíamos tentar cozinhar alguns dos

alimentos saudáveis que comerei em breve. Talvez você possa até me levar a um dos musicais que você tanto ama?

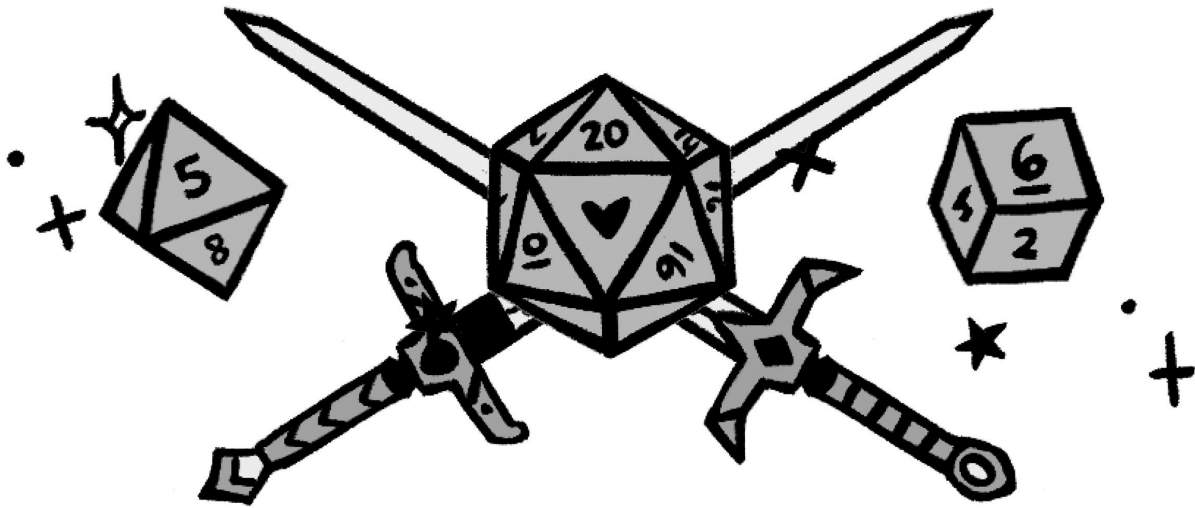
— SÉRIO?

— Absolutamente. Vamos conseguir os melhores lugares da casa assim que eu tirar a bata do hospital. Enquanto isso, você deve passar as noites fazendo o que te deixa feliz. Se isso não for a loja, tudo bem. Mas você é sempre bem vinda.

Olho para papai com seu vestido de hospital e cabelos amassados e meu coração infla. Passei anos mantendo distância dele por causa da amargura e de algum tipo de lealdade mal interpretada para com minha mãe. Perdi tanto tempo e estive perto de perder muito mais. Eu estava sendo ridícula. Eu amo ele. Ele é meu pai.

Eu me inclino e o abraço com mais força do que quando entrei na sala. Ele faz um pequeno som e me aperta de volta. Pela primeira vez em horas, respiro fundo.

Capítulo Vinte e Oito



Papai liga a TV novamente e ficamos sentados juntos até o final do episódio de *Seinfeld* e o início de um novo. É o da Camisa Puffy, e é bom ouvir a risada do papai. Fico esperando mamãe voltar, mas ela claramente está fazendo hora em algum outro lugar do hospital.

Uma enfermeira chega para ver como está o papai, e a maratona de *Seinfeld* se transforma em um talk show. Olho de relance para papai. Ele limpa a garganta.

— Sabe, você nunca me contou como foi o baile. Você e Nathan se divertiram?

Sei que papai está se esforçando, então faço o mesmo, embora esse não seja um assunto agradável. Conto a ele sobre John e Jordan vindo jantar em suas fantasias de RPG ao vivo e sobre a dança coreografada de Hoshiko e Lucas e ele ri em todos os lugares certos. Se ele percebe que não mencionei Nathan, ele não aponta. Eu penso em deixar isso de lado

já que estamos indo muito bem, mas preciso ser sincera com papai se quisermos ter uma chance de um relacionamento melhor.

— Na verdade, preciso esclarecer tudo sobre Nathan. Eu sei que deixamos você acreditar que estávamos namorando, mas isso não era verdade. Estávamos apenas... fingindo... por motivos que prefiro não abordar, a menos que você realmente precise saber. Mas ele realmente não gosta de mim.

— Claro que gosta — papai diz imediatamente.

— Pai. — Reviro os olhos. — Foi atuação.

— Riley, eu conheço o garoto há anos. Eu ensinei D&D a ele e ele não é bom atuando. Ele pode ter dito que não era sério, mas ele gosta de você.

A esperança vibra em meu peito enquanto tento esmagá-la mentalmente até o esquecimento. Papai está sorrindo daquele jeito que os pais sorriem quando acham que seus filhos são adoráveis, e eu sorrio de volta. Aceitarei seus sorrisos condescendentes todos os dias se isso significar que ele está aqui comigo.

— Quero ouvir mais sobre o musical que você mencionou antes. Em que pé ele está?

Olho para o relógio. A esta altura, as aulas do dia terminaram e o grupo estará encerrando seu último ensaio antes que a administração chegue para a reunião. Eu me sinto culpada por abandoná-los depois de todo o trabalho que colocamos na apresentação, mas espero que eles entendam por que preciso estar aqui.

— Acho que veremos o que vai acontecer — digo em um tom indiferente que não sabia que possuía. — Hoje há uma reunião com professores e administradores para apresentar o plano e fazer uma apresentação, mas obviamente não posso estar lá. Hoshiko disse que cuidaria de tudo e que poderia fazer qualquer coisa que quisesse. Então, talvez tudo dê certo.

Suas sobrancelhas espessas sobem alto em sua testa.

— Sua reunião é hoje e você está sentada aqui comigo assistindo *Seinfeld*?

— Claro. Eu não iria ficar na escola depois que descobri que você estava no hospital.

— Mas você não precisa estar aqui agora. Olhe para mim, estou bem!

— Ele balança o braço e seu soro cai.

— Pai! — Eu grito, irritada. — Você não está bem! Curtis teve que ligar para a emergência esta manhã. Você está falando comigo enquanto está deitado em uma cama de hospital. Você está tão longe de estar bem quanto eu já vi!

— Ah, por favor, estou estável. Eles só vão me manter durante a noite para que possam fazer um teste de estresse pela manhã. No momento, minha maior preocupação é se eles vão me dar o menu de jantar sem açúcar e sem sal esta noite. Para que horas foi marcada sua reunião?

Olho novamente para o relógio.

— Em cerca de dez minutos.

Papai geme.

— Você tem que ir. Você vai se atrasar, mas espero que consiga chegar lá para fazer parte disso. Ligue para sua mãe e diga a ela para vir buscar você.

— É tarde demais, não se preocupe com isso.

— Não, se você está trabalhando nisso há semanas, então precisa estar lá hoje. Use-me como uma história triste se alguém estiver chateado com o seu atraso... eles não serão capazes de dizer não.

Tento ignorá-lo, mas quando mamãe volta alguns minutos depois com wraps de frango e Cocas Diet, papai insiste em que ela me leve de volta. Surpreendentemente, ela concorda.

— Não há nada que você possa fazer no hospital agora e a enfermaria disse que a médica só estará de volta de manhã, então não faz sentido esperar por mais notícias. — Ela me entrega meu xale e pega as chaves da bolsa. — Mande uma mensagem para Hoshiko e diga a ela que estamos a caminho.

Quero lutar mais para ficar no hospital, mas é difícil quando meus pais estão na mesma página e me expulsam do quarto. E, agora que tenho certeza de que as coisas entre papai e eu estão bem e que ele não vai desmaiar, estou ansiosa para ver todos.

Tento ligar para Hoshiko do carro, mas ela não atende. Ou eles estão prestes a começar os números da apresentação ou ela está correndo como uma louca porque tudo está desmoronando. Estou com medo de que seja a opção dois. Estou com náuseas e gostaria de poder me teletransportar para a escola, mas são quinze minutos de carro. Pelo menos posso estar presente para apoio moral, não importa o que aconteça.

— Posso pegar uma carona de volta para o hospital ou ligar para você quando terminar — digo a mamãe quando ela finalmente entra no estacionamento.

— Não, eu vou com você — diz mamãe. — Dessa forma, se alguém tiver dúvidas sobre o que aconteceu esta tarde, estarei lá para respondê-las. — O olhar da mamãe é feroz e eu pisco de surpresa. Eu não estava imaginando que ela se importaria tanto, especialmente considerando tudo o que aconteceu hoje. Ela deve ler minha expressão porque continua. — Percebi que você não hesitou nem uma vez em ficar no hospital.

Meus olhos se arregalam de horror com a alternativa.

— Eu não ia deixar o papai. E se algo tivesse acontecido?

— Estou tão feliz que você tenha suas prioridades em ordem. — Mamãe pega sua bolsa. — Agora vamos convencer esses administradores!

Corremos pelo corredor em direção ao auditório. Meu plano é entrar pela porta lateral dos bastidores para descobrir o que está acontecendo e como posso ajudar, mas então um som de voz amplificada chama minha atenção. Está passando pelas portas principais do auditório. E o sotaque é escocês. Mas eu pensei que Henry estava doente? Hoshiko o convenceu a vir mesmo assim?

Abro as portas, mamãe logo atrás. Para minha total surpresa, Lucas está parado na beira do palco com um microfone, narrando a abertura de Shrek . E ele é muito bom.

Minha mão voa para meu rosto. O auditório está completamente vazio, exceto por uma pequena fileira de adultos no centro. Consigo identificar a senhorita Sahni e o diretor Holloway, além de outras duas pessoas que devem ser membros do conselho escolar e presidente do Music Boosters. Hoshiko e Terrance começam sua seção, cantando como Mamãe e Papai Ogro, e eles soam lindos. Hoshiko direciona todo o foco para ela. Sua voz é forte e cristalina, e sua peruca e maquiagem verde estão perfeitas.

Mordo os lábios, debatendo o que fazer. Não quero distrair ninguém no palco correndo para a frente, onde normalmente ficaria como diretora. Em vez disso, desço pela lateral do auditório. Se alguém errar sua entrada ou as coisas começarem a falhar, eu entrarei em ação. Mas nada disso acontece.

O desempenho não é perfeito, é claro. Não temos iluminação profissional, então é difícil ver todo mundo dependendo de onde eles estão no palco, e parece um pouco esparsos sem cenários reais, mas ainda assim é cativante. Paul, como o Shrek adulto, até arranca uma

risada alta do diretor quando finge usar um gambá de brinquedo como desodorante. Fecho os olhos com alívio. Talvez isso realmente funcione....

A segunda música começa e prendo a respiração. Este sempre foi o maior risco. Temos dezesseis pessoas com papéis de canto. E como metade delas não terá fantasias, será significativamente mais difícil para os administradores entenderem do que se trata a música. Exceto que, quando o elenco sobe ao palco, todos têm fantasias. Algumas são bem simples – orelhas marrons para sugerir que são os Três Ursos ou asas elaboradas para a Fada do Dente. Mas eles têm alguma coisa. Faço uma dança animada e nervosa e mamãe aperta meu ombro. Eles resolveram de alguma forma!

Ando na ponta dos pés silenciosamente pelo auditório, caminhando em direção a uma fileira vazia de assentos no centro. Quando o elenco marcha para a frente do palco para o final da música, levanto as mãos como se estivesse dirigindo um coral. Eles me avistam um por um e todos projetam um pouco mais alto, suas vozes se harmonizando e enchendo o auditório. Lágrimas enchem meus olhos até que os membros do elenco se transformam em versões borradas em aquarela de si mesmos.

A música termina e aplausos ecoam no auditório. Não é uma quantidade enorme, já que somos poucos na plateia, mas mamãe bate palmas alto o suficiente por uma dúzia de pessoas. Corro para a frente enquanto os membros do elenco da primeira música saem para fazer uma reverência. Paro bruscamente quando vejo não apenas Lucas sair, mas também Anthony, John e até mesmo Jordan. John e Jordan estão novamente com trajes completos de RPG ao vivo. Algumas pessoas gesticulam para eles em agradecimento e eles acenam modestamente. Não tenho ideia do que está acontecendo, mas já estou emocionada e ver

tantos amigos meus inesperadamente lá em cima traz mais lágrimas aos meus olhos. Não passou despercebido para mim que Nathan não está em lugar nenhum, mas não posso pensar nisso agora.

Continuo batendo palmas e acenando para todos no palco antes de me voltar para o grupo de adultos. O senhor Weaver, um homem branco vestindo calça cáqui e camisa pólo, acena seriamente para mim. Ele é do conselho escolar. Ao lado dele está a senhora Fairfax, uma mulher negra corpulenta com um rosto amigável que é presidente da Music Boosters. Ela é a mãe de Dawn, e como Dawn acabou de sair do palco com as outras criaturas dos contos de fadas, acho que ela será a mais fácil de convencer.

Eu os examino e tento parecer o mais profissional possível.

— Muito obrigada por terem vindo hoje. Lamento muito ter perdido o início do nosso horário de reunião.

Mamãe se aproxima de mim.

— Olá, sou a mãe de Riley. Tivemos uma emergência familiar hoje, por isso precisei tirá-la da escola. Mas posso garantir que ela leva muito a sério o musical de primavera.

— Ela não é a única — diz o Sr. Weaver baixinho.

A senhorita Sahni fica de pé, com a cabeça inclinada para o lado com uma expressão preocupada.

— Sim, fiquei sabendo de tudo sobre seu pai por Hoshiko e os outros. Eu sinto muito. Como ele está? Não esperávamos ver você hoje.

— Obrigada. Ele parece estar melhor. Na verdade, ele é a razão pela qual estou aqui. Ele insistiu que eu viesse.

O diretor Holloway acena com a cabeça para o palco.

— Esse foi um ótimo desempenho.

Excitação percorre meu corpo, mas me forço a manter a calma.

— Estou feliz que você pense assim. Temos tantas pessoas talentosas na escola que são apaixonadas por isso. Queríamos mostrar do que somos capazes.

— E não é só disso que vocês são capazes — continua a senhorita Sahni, com a voz carregada de energia. — Este grupo reuniu essa performance completamente por conta própria, sem orçamento e apenas algumas semanas para ensaiar. — Ela se vira para o diretor. — Imagine o que podemos realizar com algum tempo e recursos.

Ela levanta as sobrancelhas e o diretor assente rispidamente e olha para a pasta em sua mão. Essas são as pastas que juntei. Eu tinha me esquecido completamente delas, mas depois que saí da escola às pressas Hoshiko deve ter pegado minha mochila e os encontrado. Vou comprar tantos chai lattes para ela quando tudo isso acabar.

— Riley, você vai nos explicar isso? — A senhorita Sahni pergunta, segurando uma pasta.

— Sim, claro.

Explico a eles os meus planos, incluindo os diferentes orçamentos propostos, taxas de licenciamento e números de elenco que precisaríamos, dependendo do musical que escolhermos. A seguir, reviso meus pensamentos sobre como poderíamos cortar custos em comparação com os últimos musicais e algumas arrecadações de fundos que poderíamos pensar em fazer. O grupo não diz nada, mas a Srta. Sahni está sorrindo abertamente enquanto eu falo e a Sra. Fairfax balança a cabeça de forma encorajadora.

— Isso foi bem pensado — diz o Sr. Weaver.

— Obrigada. — A esperança me preenche a ponto de poder explodir.

— Mas acho que precisaremos de algum tempo para conversar — diz o diretor Holloway. Seu rosto é uma máscara. — Por que você não parabeniza seus amigos pelo desempenho?

Concordo com a cabeça, dou um rápido abraço lateral em mamãe, que agora está parada perto da parede, e vou para os bastidores pela coxia com os pés trêmulos.

Todo o elenco está circulando nos bastidores. É um mar de risadas nervosas e sorrisos largos. Paul fica na parte de trás. Ele me nota e dá um rápido aceno de cabeça antes de se virar.

Vejo Lucas e Hoshiko conversando com John, Jordan, Anthony e seu par do baile de boas vindas, Kenzie.

— *Vocês...* — Minha voz está cheia de admiração.

Lucas gira e mexe o braço de Hoshiko para chamar a atenção dela. Ela se vira, grita e me puxa para um abraço enorme.

— Riley! Ai meu Deus, não pensei que você estaria aqui! Como está seu pai? O que aconteceu no hospital?

— Ele ainda está lá, mas sim, parece que ele terá uma recuperação completa. — Eu balanço minha cabeça. — O desempenho foi incrível. Hoshiko, sua voz. E sua maquiagem está perfeita. — Viro-me para Lucas. — Eu não sabia que você conseguia fazer um sotaque escocês! E vocês dois perderam o RPG ao vivo para estar aqui? — pergunto, virando-me para John e Jordan.

— Ainda espero chegar lá, mas queríamos ver isso primeiro.

— Eu só... — Paro, ficando emocionada novamente. — *Muito* obrigada a todos por estarem aqui. Significa muito para mim.

Hoshiko me abraça novamente.

— Houve um momento em que pensamos em desistir, sinceramente. Parecia que tudo estava contra nós, com seu pai no hospital e sem narrador ou fantasias, mas então Nathan sugeriu...

— Nathan? — eu interrompo. Olho ao redor novamente para ter certeza, mas ele definitivamente não está aqui.

Ela assente.

— Nathan nos convenceu de que ainda poderíamos fazer isso acontecer. Lucas estava animado para narrar...

— Nunca consigo usar meus sotaques em D&D, já que sou sempre o Mestre — acrescenta Lucas — e John e Jordan apareceram para ajudar com as fantasias.

Jordan assente.

— John me mandou uma mensagem na hora do almoço e eu dirigi para cá assim que as aulas terminaram. Mandamos uma mensagem para outros amigos do RPG que tinham algumas coisas que poderíamos emprestar e juntaram algumas outras peças.

— Se houvesse mais tempo, poderíamos fazer muito mais — acrescenta John.

Ah, então foi daí que vieram as intrincadas asas de fada. Balanço minha cabeça em descrença.

— Não tenho nenhuma habilidade útil, mas disse ao Nathan que poderia ajudar a pintar conjuntos ou algo assim e ele disse que eu deveria ficar por aqui também — explica Anthony.

Kenzie passa o braço pelo dele.

— Fico feliz em ajudar.

Estou pasma com tudo isso. Os meninos não sabem quase nada sobre musicais ou teatro, mas mesmo assim estão aqui, oferecendo-se como voluntários, como se não fosse grande coisa. Hoshiko se adiantou, reunindo toda a performance sem pestanejar. Realmente, todo o elenco se destacou hoje. Agradeço a todos novamente e vou até os outros membros do elenco, elogiando-os e agradecendo por fazerem parte disso. Todos estão alegres, como só ficam quando acabam de sair do palco depois de uma apresentação, e também preocupados com o papai. Eles são um grupo incrível.

Ao mesmo tempo, porém, há um pequeno zumbido doloroso no fundo do meu cérebro, lembrando-me de que a pessoa que estou mais ansiosa para ver não está aqui. Verifico meu telefone, mas não há mensagens perdidas de Nathan. Onde ele está? Talvez ele esteja dando cobertura na loja já que papai e eu saímos. A ideia diminui um pouco minha ansiedade, mas não me impede de sentir falta dele.

Estou prestes a perguntar sobre Nathan quando a Srta. Sahni me chama de volta. Algumas pessoas me dão um sinal de positivo e eu retribuo. Eu saio dos bastidores, apenas para perceber que Hoshiko e o resto dos meus amigos estão atrás. Não tenho certeza se isso é apropriado, mas eu realmente poderia usar o suporte, então não discuto.

Os adultos piscam quando chegamos na frente deles. Acho que somos um grupo bem estranho, visto que Hoshiko atualmente está verde e John e Jordan acabaram de sair da era medieval.

— Incrível — sussurra a Srta. Sahni, e inspeciona a fantasia de John.

Ele dá um passo à frente com indiferença, embora sua capa esteja enrolada em suas pernas.

— Feito à mão. Estamos felizes em ajudar com o musical. Não sabemos muito sobre vestidos de baile e esse tipo de coisa, mas tenho certeza de que nossos outros amigos também podem ajudar.

A Sra. Fairfax passa o tecido da capa pelos dedos.

— Os detalhes...

— Vocês ainda não viram nada — responde John, completamente imperturbável pela reverência delas. — Nosso grupo é muito sério.

— Oi — diz Anthony, e ele e Kenzie acenam para os adultos. — Não sabemos costurar. E também não cantaremos, dançaremos ou atuaremos, mas se vocês precisarem de alguma coisa da equipe de bastidores, poderemos ajudar com isso.

— Sim, precisaremos de uma equipe — responde a senhorita Sahni.
— Você acha que poderia recrutar mais pessoas?

Ele concorda.

— Posso encontrar pessoas.

— E aposto que a sociedade de honra ajudaria — acrescenta Kenzie, e sorri para o diretor. — Poderíamos contar com isso para o nosso serviço escolar.

A senhorita Sahni acabou de dizer que *precisaremos*, como quem indica que algo está realmente acontecendo? Minha frequência cardíaca dobra a velocidade. Mamãe bate palmas silenciosas e animadas atrás de suas cabeças.

O Diretor Holloway limpa a garganta.

— Tudo bem, já conversamos mais sobre isso e...

As portas do auditório se abrem naquele momento e meu coração dá um pulo na garganta. Nathan caminha em direção ao palco com o pai de Lucas e Fred e Arthur, os dois clientes aposentados da loja. Eu fico surpresa. Estou emocionada por ter Nathan aqui, mas não consigo entender por que os outros teriam vindo.

O pai de Lucas se aproxima de mamãe e aperta a mão dela.

— Rapaz, o Joel deu um susto na gente. Como ele está? Tudo certo?

— Sim, acho que ele vai ficar bem — ela responde, assustada. — Embora ele precise fazer algumas mudanças no estilo de vida.

— Ah, tenho certeza que ele vai adorar. — Ele se aproxima e me dá um tapinha nas minhas costas. — E você está bem?

Concordo com a cabeça, ainda confusa. Lanço um olhar de desculpas à senhorita Sahni e ao diretor Holloway. Esta não é a reunião profissional que eu imaginei. Está se tornando um circo neste momento.

— Estou bem, mas, uh, o que está acontecendo? — pergunto-lhe.

— Estamos aqui por causa da peça — explica Fred.

— É um musical — Nathan responde calmamente. Balanço a cabeça para ele, perplexa, e ele responde com um sorriso incerto que faz meu coração disparar.

— Nathan foi até a loja e perguntou se poderíamos vir para mostrar nosso apoio a você — diz Arthur. Ele se volta para o diretor. — Fico feliz em construir cenários ou fazer outro trabalho se você precisar de mim. Meus filhos estudaram aqui. Fico sempre feliz em retribuir.

— Meu filho herdou de mim o Ace Hardware na quinta rua — acrescenta Fred. — Podemos doar madeira.

O pai de Lucas coloca a mão no ombro de Nathan.

— E posso projetar o programa, trabalho com design gráfico. Eu adoraria apoiar.

Olho para Nathan com olhos enormes e seu sorriso se alarga.

— Eu tenho contatos — ele sussurra.

Mamãe fica ao meu lado.

— Minha empresa de design pode doar tintas e materiais para os figurinos. E tenho certeza que o pai de Riley também vai patrocinar.

Os olhos da senhorita Sahni se arregalam enquanto ela olha ao redor do grupo e para seus colegas.

— Eu... bem... Uau. Estou muito impressionada. Na verdade, estou um pouco surpresa, para ser honesta.

— Este tipo de apoio comunitário é exatamente o que precisamos — diz a Sra. Fairfax.

O Sr. Weaver balança a cabeça.

— Absolutamente.

— Eu estava muito cético — diz o Diretor Holloway. — Não há muito dinheiro no orçamento e eu não tinha certeza se haveria o interesse necessário para que isso acontecesse. Mas não posso contestar o apoio nesta sala.

— Eu não poderia concordar mais. — A Sra. Fairfax sorri para mim.

Os outros acenam com a cabeça e a antecipação faz minhas mãos tremerem.

— Sério? — Olho para Hoshiko, depois para Lucas e Nathan, e tento não gritar. — Então... temos sua aprovação? Vamos fazer um musical de primavera?

— Sim! — A senhorita Sahni diz e bate palmas. — E vou precisar de muita ajuda, então espero que você esteja pronta.

— Sim, estou muito pronta!

— Bom. — A senhorita Sahni dá um tapinha em meu ombro e posso sentir seu orgulho irradiando em mim enquanto ela se despede e sai com os outros.

Mamãe me abraça depois que eles vão embora.

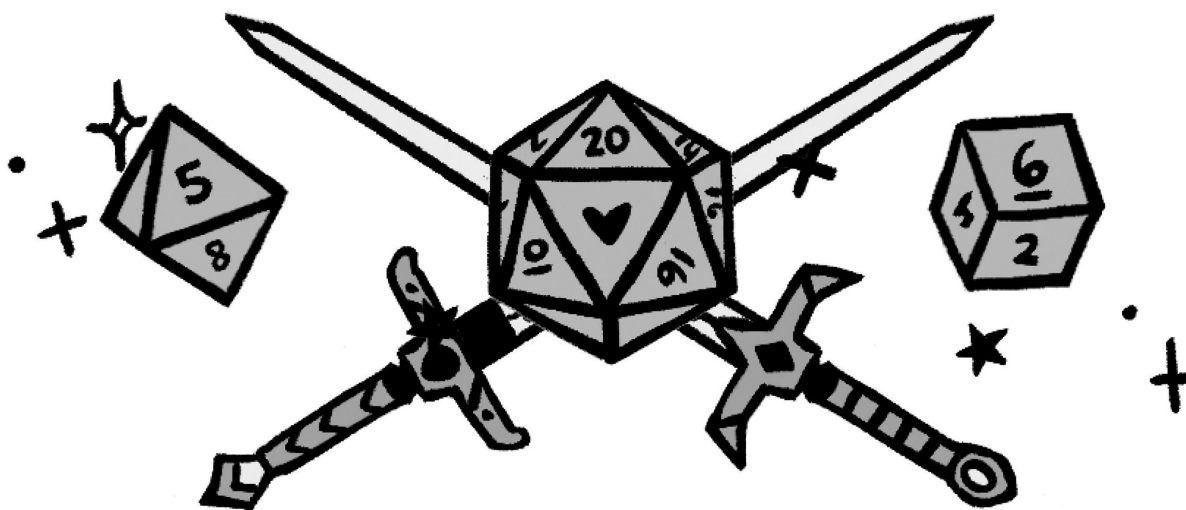
— Estou tão orgulhosa de você. — Ela olha para meus amigos, que circulam ao meu redor. — Vou voltar para o hospital e avisar seu pai. Presumo que você possa pegar uma carona de volta?

Meus olhos se voltam para Nathan por um momento.

— Tenho certeza de que alguém pode me levar.

Ela me aperta mais uma vez e depois sai, gesticulando para que os amigos do papai a sigam.

Capítulo Vinte e Nove



Eu rio vertiginosamente, mal acreditando. O resto do elenco – que claramente estava escutando nos bastidores – sai correndo e meu mundo se torna um borrão de gritos e abraços. Há tanto a dizer e tantos agradecimentos a dar, mas mantenho meus amigos na minha visão periférica. Tenho medo de que eles possam fugir antes que eu possa agradecê-los novamente, mas eles ficam por aqui até que os outros vão embora e fiquemos sozinhos.

— Isso não poderia ter acontecido sem todos vocês. Não consigo agradecer o suficiente. — Puxo Hoshiko para um grande abraço. Então dou a volta no círculo apertando Lucas, John, Jordan, Anthony e Kenzie. Nathan é o último e hesito apenas por um momento antes de abraçá-lo também.

Lucas balança a cabeça.

— Você já tinha tudo organizado. Nós apenas seguimos em frente. Embora eu ache que Nathan merece algum crédito por nos pressionar

para que isso acontecesse. Ficamos muito arrasados com o seu pai para pensar com clareza.

— Eu também — eu digo. Eu amo que todos eles se importem tanto com ele. — Ele vai ficar bem, de verdade. Ele estava conversando e brincando comigo e reclamando da comida do hospital. Eu não o teria deixado se achasse que ele estava em perigo.

Eles acenam com a cabeça, parecendo aliviados.

Hesitante, viro-me para Nathan. Ele está um pouco afastado, como se não fizesse parte do grupo tanto quanto os outros. Hoshiko balança o braço de Lucas.

— Hum, deveríamos ir. Já estamos atrasados para o sapateado.

— Hum? — ele diz. Ela dá uma cotovelada nele. — *Ah*, certo, deveríamos ir.

Hoshiko sorri conscientemente para mim e imita mensagens de texto. Concordo com a cabeça e eles se dirigem para a saída.

John se mexe e os frascos de vidro do boticário em seu cinto tilintam.

— Devíamos ir também. O RPG não espera por ninguém. Que bom que seu pai vai ficar bem.

— Sim, diga a ele que todos dizemos oi — diz Anthony.

Todos acenam e se afastam, exceto Nathan. Assim que estamos sozinhos, posso sentir o crepitar da energia entre nós. Há tanta coisa que preciso dizer a ele, mas ainda estamos no auditório e a Srta. Sahni e os outros podem voltar a qualquer momento.

— Acho que você vai fazer seu musical — ele diz calmamente.

— Com sua ajuda, pelo que ouvi.

Ele ignora o reconhecimento.

— Não, sério, Nathan, obrigada. Nunca pensei em perguntar às pessoas da loja de jogos se elas poderiam ajudar, isso foi inspirador.

— Eu tinha que fazer alguma coisa. Você investiu demais nisso para deixar tudo passar sem lutar. Como você disse, isso é o que você mais ama no mundo. Eu precisava ajudá-la a conseguir isso.

Ele me dá um pequeno sorriso e eu praticamente desmaio. Terminamos as coisas de forma tão horrível no baile que fiquei preocupada que ele nunca me perdoasse totalmente, apesar da mensagem anterior sobre papai, mas agora posso ver o quanto estava errada. Eu sorrio de volta para ele, tentando colocar toda a emoção que tenho nisso. Ficamos parados por alguns momentos, sorrindo e olhando um para o outro como idiotas.

— Então, uh... — ele diz, quebrando o momento. — Estou feliz por ter ajudado, mas estou ficando incomodado por ficar muito tempo na escola.

Eu rio levemente.

— E acabou que conseguimos fazer aquele passeio depois do baile. Posso levá-la de volta ao hospital... pelo caminho mais longo?

Meu coração infla.

— Sim. Por favor.

Saímos do auditório, nossos passos inicialmente lentos antes de ganhar velocidade. Estamos praticamente correndo quando saímos. Eu me jogo no banco do passageiro do carro dele e ele faz o mesmo de lado. Nós nos voltamos um para o outro.

— Riley...

— Nathan...

Nós dois paramos e rimos. Meu Deus, isso é estranho. Preciso pronunciar as palavras agora, antes que fiquem presas na minha garganta para sempre.

— Sou totalmente louca por você — deixo escapar, e me inclino para trás para avaliar sua expressão. Seus olhos enrugam nos cantos e ele não

tenta me impedir, então eu continuo. — Tenho sido há... nem sei há quanto tempo. Você vai para o baile com Sophia, e não sei o que isso significa para nós, mas preciso que você saiba que sou louca por você.

A última frase sai apressada e eu engulo em seco, meus nervos prestes a explodir e se desfazer.

Nathan inclina a cabeça.

— Você roubou meu discurso. Eu sou louco por *você*.

Sua voz é tão calma que levo um segundo para compreender. Ele se aproxima de mim.

— Eu não tinha ideia do que estava acontecendo no baile. Num momento eu estava beijando você – *finalmente*, depois de querer beijar você todos os dias durante semanas – e no momento seguinte você estava fugindo e se escondendo em um banheiro e agindo de forma super estranha. — Ele balança a cabeça. — Achei que devia ter o pior beijo do mundo. Ou que de alguma forma você ainda sentia uma queda por Paul. Você não pode imaginar como me senti mal quando você disse o nome dele logo depois de me beijar.

Deixo cair a cabeça nas mãos.

— Eu sinto muito. Eu o vi nos observando e me convenci de que o beijo era falso. É por isso que eu surtei daquele jeito.

— Eu sei disso agora. Lucas e Hoshiko me explicaram isso esta manhã quando me encontraram deprimido no corredor. Mas eu prometo a você, ele foi a última coisa que passou pela minha cabeça naquela noite. Eu nem sabia que ele estava nos observando até você apontar. — Ele coloca um dedo sob meu queixo e levanta meu rosto. — Nada do que fiz foi em benefício dele. Bem, ok, foi divertido deixá-lo com ciúmes. Mas, na verdade, ele foi apenas uma desculpa para passar o máximo de tempo possível com você.

— E Sophia?

Ele cai para trás.

— Ela foi um erro. A coisa toda foi complicada desde o início. Eu nunca deveria ter concordado em ir ao baile com ela. Deixei você na escola no sábado, voltei para o carro e liguei para ela para cancelar.

— Mas você estava com tanta raiva de mim quando saiu do baile.

— Eu só estava... magoado. E com raiva de mim mesmo por ter estragado tudo de forma tão horrível com você. De qualquer forma, eu sabia que tinha que terminar as coisas com Sophia.

— Eu sinto muito.

— Você estava tentando se proteger. Entendo.

Observo seu rosto, seus enormes olhos verdes e seus óculos que caíram novamente em seu nariz. Hoje foi tão cheio de todas as emoções possíveis que mal consigo me controlar. Todo o meu corpo está tremendo e lágrimas estão se acumulando atrás dos meus olhos. Nathan se encosta na porta do motorista e me puxa para seu assento com ele. Inclino minha cabeça contra seu encosto para poder olhar para ele.

— Eu amo seus óculos — eu sussurro. Eu gentilmente os levanto de volta em seu nariz, e ele pega minha mão na sua. Ele a leva aos lábios e ri como se eu tivesse acabado de contar uma piada.

— Sabe, comecei a torcer para que Sophia viesse à loja todas as noites só para que eu pudesse fazer isso. — Ele escova meu cabelo atrás da orelha. — E isto. — Ele dá um beijo na minha têmpora.

Eu me embolo para ficar ainda mais perto dele. É glorioso estar ao lado dele sem me preocupar em fingir nada.

— Ok, eu preciso saber: há quanto tempo você se sente assim? Há quanto tempo estamos nos mantendo em agonia?

— Desde aquela noite você me beijou na bochecha quando eu estava procurando dados — ele responde imediatamente. — Você foi embora como se não fosse nada, mas se tivesse se virado, teria visto que era

como se tivesse virado meu mundo inteiro de cabeça para baixo. — Ele balança a cabeça. — Pensei que talvez fosse esquecer você assim que Sophia deixasse claro que estava interessada, mas isso não aconteceu. Tudo o que isso fez foi me fazer perceber o quanto eu queria estar com você, só que não tinha certeza de como você se sentia. Você sempre falou sobre ser uma atriz tão boa, o que você é, então imaginei que tudo o que estava acontecendo entre nós era apenas inventado por você. Eu estava com tanto medo de ser enganado. E... bem, não tenho orgulho de admitir isso, mas decidi que ter algo falso com você era melhor do que não ter nada. Eu teria fingido para sempre, em vez de desistir de você.

— Nathan... — Coloquei minhas mãos em cada lado de seu rosto. — Eu gosto tanto de você. Vergonhosamente até. Se eu pudesse passar cada minuto de cada dia apenas beijando você e falando sobre Pop-Tarts, ainda assim não seria suficiente.

Ele se afasta um pouco.

— Beijando *e* conversando sobre Pop-Tarts? Essa possibilidade é válida? Porque eu gostaria de começar a fazer isso agora mesmo.

Eu me sento, sorrindo.

— Posso adicionar ensaios musicais? Porque parece que terei muitos deles chegando.

— Definitivamente. E quanto ao D&D? Alguma chance de adicionarmos isso de volta à sua agenda?

— Sim — eu digo, de repente séria. — Eu sei que disse que estava saindo, mas não quero. Mesmo que não tenha tempo à noite para continuar trabalhando, não vou desistir do jogo.

— Estou tão feliz que você chegou a essa conclusão sozinha porque, se não, eu estava totalmente preparado para convencê-la por qualquer meio necessário — ele responde com um sorriso malicioso. — Estou falando de súplicas, choro e até subornos.

— Subornos, você diz? Estou intrigada, mas não será necessário. Ainda precisamos matar aquele espectro e as músicas do meu show não vão se cantar sozinhas. Espere até ele ouvir minha versão de *'Memory'*. Será absolutamente destruidor.

Todo o seu corpo treme de tanto rir.

— Uau, eu te amo.

Ele diz isso tão abruptamente que me pergunto se ele não quis dizer isso. E deixou escapar isso. Mas sua expressão fica nervosa e esperançosa, e quero envolvê-lo e nunca mais soltá-lo. Meu coração explode em uma névoa de brilho, arco-íris e músicas de shows. Eu o beijo com tanta força que ele cai de costas contra a janela antes de me puxar com mais força para aprofundá-lo.

— Eu te amo demais — consigo dizer depois de um momento.

Ele abre um sorriso tão radiante que corro o risco de me queimar com o calor. Parece o paraíso. Ele me beija novamente.

— Vou precisar de um jeito de ver você, já que você não estará na loja todos os dias agora. Talvez você precise de um 'assistente de diretoria estudantil'? Posso preparar café antes do meu turno de trabalho. E busco você depois. Eu conheço todos os atalhos.

Eu me recosto, espantada.

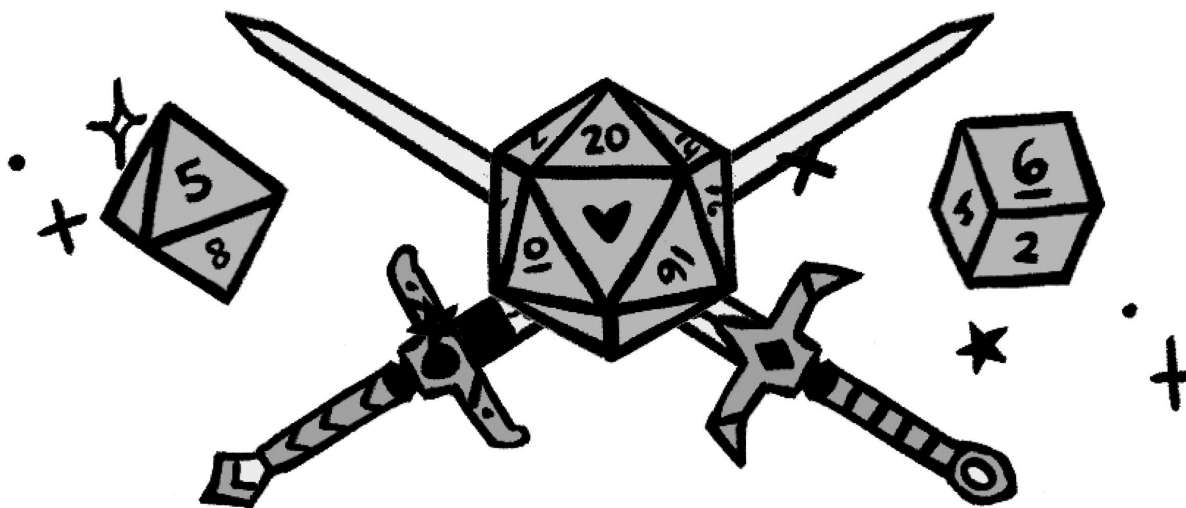
— Você estaria disposto a ficar depois da escola? Por minha causa?

— Estou disposto a tentar muitas coisas novas por sua causa, Riley.

Eu absorvo as palavras.

— Vamos nos divertir *muito*.

Seis Meses Depois



— Eu não posso acreditar que as pessoas vão pisar em nossa arte — Anthony reclama enquanto se afasta para examinar sua obra. — Tem certeza de que não poderia fazer com que o elenco andasse ao redor do cenário?

Levanto-me do chão do palco, esticando as pernas.

— Considerando que estamos pintando um lance de escadas, acho que as pessoas vão precisar subi-las.

Ele funga.

— Bem, é uma farsa.

Espero que Hoshiko comente, já que sua personagem estará subindo e descendo as escadas, mas ela está muito ocupada rindo com Lucas para prestar atenção na conversa ou na pintura. Depois de muito debate, decidimos por Legalmente Loira para o musical deste ano, e Hoshiko está arrasando como Elle Woods. Faltam apenas algumas semanas para o nosso primeiro show e definitivamente foram alguns meses caóticos,

fazendo malabarismos com ensaios, ajudando a Srta. Sahni, além de jogos de D&D e trabalhando na loja uma vez por semana. Mas também tem sido incrível. Eu não quero que isso acabe. Até está tudo bem trabalhar com Paul. Não que eu tenha tempo para pensar nele quando tenho muitas pessoas mais importantes na minha vida.

— Você gostou do resultado? — Nathan me pergunta baixinho. Ele vem por trás de mim e passa os braços em volta da minha cintura.

Eu inspeciono as escadas. Provavelmente colocamos mais trabalho na pintura da moldura do que o estritamente necessário, já que o público não conseguirá ver, mas nem sempre é isso. Quanto mais tempo dedicarmos ao set agora, mais real o palco parecerá para o elenco.

Além disso, é divertido passar a tarde pintando com meus melhores amigos.

Viro-me nos braços de Nathan e fico de frente para ele.

— Parece lindo. Obrigada por ajudar.

— De nada. — Ele me beija levemente nos lábios. — Tenho que admitir que o trabalho detalhado foi muito mais fácil do que pintar meus modelos de sete centímetros de altura.

— Ei, você se lembra, no outono, quando você me perguntou sobre minha cor favorita? E nós dois concordamos que a nossa favorita era o vermelho?

Seus olhos se estreitam ligeiramente. Ele aprendeu a ler minhas expressões e tom muito melhor desde setembro.

— Sim...

— Bem, eu queria confirmar que ainda é minha favorita.

Levanto minha mão direita e passo uma mancha de tinta vermelha em seu nariz. Então eu sorrio inocentemente para ele.

— Ah, você *não* quer começar esta guerra.

— Sua voz é um rosnado enquanto ele ri. Ele faz cócegas na minha lateral, e eu grito e me afasto.

— Guerra de tinta! — Lucas liga, mas Hoshiko levanta as mãos.

— De jeito nenhum, *diretora*. Teremos muitos problemas se colocarmos tinta no palco.

— E, por mais que eu adore fazer trabalho manual de graça, precisamos fazer as malas e ir para a loja — acrescenta John, e coloca a tampa na lata de tinta mais próxima. — Vocês não estão prontos para o que planejei esta noite.

Nathan e eu sorrimos um para o outro, a pintura esquecida por um momento. John recentemente substituiu Lucas como mestre do nosso grupo de D&D, e se pensávamos que Lucas era sério, é porque não tínhamos ideia do que iríamos enfrentar com John. Felizmente trocamos de dia para que Jordan também pudesse entrar no jogo. John é sempre mais tranquilo quando ele está por perto.

Limpamos o material de pintura e Nathan só deixa uma mancha de tinta na minha bochecha antes que eu consiga fechar as outras latas. Eu realmente não posso reclamar porque logo depois disso ele me dá um beijo que me deixa sem fôlego e todo mundo reclamando.

No estacionamento, abro as portas do meu novo sedã de quatro portas. Nathan sobe no lado do passageiro enquanto eu verifico meus espelhos e ajusto meu assento, embora ninguém tenha movido meu carro desde esta manhã. Eu o sinto me observando e faço uma pausa para encontrar seus lábios pressionados em um pequeno sorriso, como se ele estivesse tentando manter uma expressão neutra e falhando horivelmente.

— O quê?

— Nada. Você é simplesmente fofa.

Minhas bochechas esquentam. Só tirei minha carteira de motorista no mês passado e tudo ainda é novo o suficiente para que eu goste de verificar as coisas antes de dirigir.

— Não tire sarro de mim! — eu aviso. — Fique feliz por estar economizando gasolina hoje, já que estou dirigindo para você.

— Eu não estou zoando você. — Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — É bom ser conduzido por aí de vez em quando. Me dá mais tempo para mexer na playlist. Embora eu ainda esteja nos levando ao baile, certo?

Eu concordo.

— Porque seu vestido é tão longo que você não consegue dirigir?

Eu rio e faço mímica de fechar os lábios.

— Porque ele é tão apertado que você não consegue mover as pernas?

Eu empurro seu braço.

— Pare de futucar em busca de pistas. Você verá meu vestido quando me buscar no sábado e terá que viver em suspense até esse momento. Estou muito feliz em torturar você para lhe contar uma coisa.

— E você reclama de mim! — Ele fica de mau humor e ajusta os óculos. — Isso é totalmente injusto. Não há como mantê-la em suspense quando você já sabe que vou de smoking.

Meu corpo aquece ao pensar em Nathan parado na minha frente em um smoking preto justo. Estou tão ansiosa pelo sábado que mal consigo controlar minha respiração. Não vou deixar seus braços a noite *toda*.

Quando entramos na loja, dou um beijo rápido na bochecha do meu pai e recapitulo o ensaio de hoje para ele. Ele resmunga um pouco sobre o jantar – ele fez algumas mudanças em seus hábitos alimentares nos últimos meses, mas ainda reclama diariamente – antes de nos mandar para a sala dos fundos. Depois de uma rodada de cumprimentos aos

clientes habituais, tomo meu lugar usual à mesa em frente a Lucas e Hoshiko.

Ela me dá uma expressão de pânico e acena para John, que está examinando nosso grupo de D&D por trás de sua tela com uma expressão muito maquiavélica no rosto.

— Por favor, seja a voz da razão com ele esta noite, Jordan, ou ele ficará fora de *controle* — implora Hoshiko.

— Não faço promessas — ele responde, e pisca para John.

— É hora de jogar sério — entoa John, com a voz baixa e ameaçadora.

— Ah, cara... — Lucas sussurra.

Nathan aperta minha mão por baixo da mesa.

— Você não pode dirigir porque seu vestido é tão volumoso que não cabe no banco do motorista? — ele sussurra.

Eu rio e coloco a mão na boca antes de John lançar um dragão em meu personagem. Inclino minha cabeça no ombro de Nathan, a alegria pulsando através de mim por estar tão perto dele. Não consigo imaginar nenhum lugar onde eu preferiria estar do que ao lado de Nathan, provocando-o.

— Só o tempo dirá — sussurro de volta. Eu olho para cima e encontro seu olhar. — Mas vou te dar uma dica. É vermelho.

Agradecimentos

Tenho muita sorte de poder realizar o sonho de toda a minha vida de escrever livros e compartilhá-los com os leitores, e tenho muitas pessoas a quem agradecer por me ajudarem e apoiarem nesta jornada. Sou muito grata às editoras Wendy Loggia e Hannah Hill por ajudarem esta história a brilhar e por rirem nos lugares certos. Wendy, estou muito feliz por ter a chance de trabalhar com você. Obrigado por ver o potencial deste livro! Também sou grata a toda a equipe da Penguin Random House, incluindo Alison Romig, Casey Moses, Tracy Heydweiller, Kenneth Crossland, Tamar Schwartz e Sarah Lawrenson. Liz Parkes, obrigada por fazer uma capa tão incrível e por dar vida a Riley e Nathan dentro da loja de jogos!

Nunca deixarei de ser grata a todos os escritores maravilhosos que me animam durante os altos e lamentam durante os baixos. Obrigada, Diane Mungovan, Becky Gehrisch, Holly Ruppel, Leigh Lewis e Laurence King, juntamente com meus amigos da SCBWI. Obrigada a Keely Parrack pelos check-ins, Sabrina Lotfi e Carrie Allen por serem pessoas e leitoras beta incríveis, e Kathryn Powers pelos gifs do MLP e pelas saídas ridiculamente longas do bufê chinês. Debbi Michiko Florence, que bom que nos conhecemos no Highlights todos esses anos atrás e que continuamos a ser amigas íntimas. Obrigada por me encorajar a continuar trabalhando neste livro quando tive vontade de desistir.

Eu precisava pesquisar vários aspectos deste livro e, felizmente, muitas pessoas atenderam gentilmente ao chamado. Obrigada ao meu paciente marido por responder a todas as perguntas sobre jogos.

Obrigada aos funcionários das minhas FLGS (lojas de jogos local amigáveis) por abrirem suas portas e me fornecerem informações privilegiadas sobre como administrar uma loja de jogos. Rajani LaRocca, obrigada por ligar para conversar sobre medicina e por ser uma líder de torcida desde o início. Obrigada também a Leigh Bauer por responder às minhas perguntas sobre teatro, junto com Mary Yaw McMullen e ao programa de teatro da River View High School por me receber de volta à minha alma mater. Quem diria que quando eu era caloura e estava naquele palco fantasiada de freira algum dia escreveria um livro sobre isso!

Por mais que adore escrever, preciso de pessoas que mantenham minha vida equilibrada. Obrigada aos meus pais e sogra por seu amor e apoio, e aos amigos Melissa Beers, Kristy Reel, Courtney McGinty, Rosalee Meyer, Anna Yocom, Kristin Supe e Beth e David Camillus por sempre estarem entusiasmados com minha escrita. Ninguém mantém o equilíbrio na minha vida como meu filho, Liam. Eu te amo, meu pequeno jogador.

Sou extremamente grata a cada leitor que pegou um de meus livros, mencionou-o a um amigo, revisou-o ou postou uma foto dele. Cada um de vocês ajuda esse sonho de escrever a continuar, e eu daria um abraço em todos vocês se pudesse.

A inspiração para este livro começou no ensino médio, quando minha melhor amiga e eu nos juntamos a um grupo de D&D, sem saber como jogar... ou que nós duas nos casaríamos com membros desse grupo mais tarde na vida. Não consigo imaginar como seria o meu mundo se nunca nos tivéssemos conhecido. Obrigada, Maggie, Emmett e Mike.